

O ATILA

Semanario



N.º 1



PAN



Sabbado 5 de Dezembro

Summario — *Ao leitor* — Eu os beije, eu os vi, poesia. — *Contemporaneos illustres*, — Julio Cesar Machado, por R. V. — *Amor, poesia* por Rodrigo Menezes. — *Exotica*, por G. F. — *A minha vida, poesia* por Aleixo dos Sanctos. — *Fragmento*, por Teixeira Coelho. — *Scenas Academicas, proezas d'um calouro*, por R. V. — *Chronica*. — *Expediente*.

Ao Leitor

Leitor e amigo! Eu, o *Attila*, semanario cordato, sisudo, ordeiro e cabelleira, te envio muito saudar, como áquelle de quem tudo espero, e a quem, como tal, muito amo e reverenceio.

— Dispensa mais cumprimentos e lê attento o que te vou dizer: —

A epocha, por que passamos, é toda de dúvidas e provações... É uma ponte balebaleante que liga, separando-os, o passado de trevas com o futuro de luzes. É um immenso laboratorio, onde se trabalham os germens de uma nova civilisação, germens que amanhã fecundarão todas as sciencias e sobre todas, a sciencia do porvir — a politica. É o crepusculo matutino, que tenta despir de todo as sombras que deixa, para se cambiar n'um dia radiante de esplendores.

Os obreiros d'esta metamorphose estão na geração nova. É ahí que a *Idea*, fecundada pelas aspirações e vida dos dezoito annos, deve encontrar alentos, florescencia e realisação.

Sendo assim, o desalento e a desunião na mocidade é mais que uma falta, é um

crime, crime de que a posteridade lhe poderá pedir severas contas.

(Esta seriedade e severidade de periodos causa-me. Um instante de repouso).

E que faz a Academia, a vanguarda obrigada do progresso no nosso paiz?

Confrange-se-me o coração por ver o corpo Academico, esperanças do presente, partido do futuro, obreiro do progresso, apostolo da *Idea*, conquistador fadado da illustração; (e muitas outras cousas que por brevidade omitto) custa-me a ver o corpo Academico, desconjuntado, partido, esphacelado em mil individualidades caprichosas e atoadas, só propugnadoras do egoismo e do *eu* intratavel!..

(Nova pausa e novo descanso).

Que quer dizer—o haver na Academia dous partidos?! duas parcialidades politicas!..

Se não fôra verdade contestada, duvidaria de tal!..

Pois que! vós que nunca vedes o facto, que nunca olhaes ao homem que o practica, mas só olhaes á *Idea*!.. vós que nunca vos importaes com o campo practico e só viveis no especulativo!.. — haveis de consentir que no vosso seio se abram dous campos e dous campos politicos — dous partidos que por muito avançados que estejam, serão atrazadissimos comparados com o partido do futuro de que sois os legitimos representantes!..

A *Idea* não se coaduna com taes pequenezas.

A *Idea*, germen sublime, que ha de re-

9
(3)
20
11

bentar, quando maduro, as flores d'uma civilização brilhante... a *Idea* sujeita-se a um papel ridículo, mesquinho e parvulo!!..

A *Idea* consente em apellidar-se *Traça* ou *Sópa* — *Raio* ou *Lazaro* — *Historia* ou *Regeneração* — *Sombras* ou *Luz*!!..

Pobre *Idea* que tão raza te trazem na intriga e na lama!

Pobre *Idea* que corres as ruas até ás quatro da manhã á busca de *pão com manteiga*! (Terceira e ultima pausa).

O *Attila* é a bandeira da paz. A sua missão é toda de conciliação.

Seja o estandarte em volta do qual se alistem todos os obreiros do futuro, e oráculos da *Idea*.

E com isto fecho, leitor, o meu cavaco.

ATILA

A poesia, que em seguida publicamos, foi achada por um dos nossos primeiros escriptores, n'uma das Bibliothecas de Lisboa. Ignora-se o seu auctor. É admiravel de graça, singularidade e como tal é por ainda não publicada, a damos aos nossos leitores no *Attila*. R. V.

Mote

*Eu os beijei, eu os vi
Os peitos da minha amada;
Eram de neve coalhada
Não sei como os não bebi.*

1.º

«Sabes, Nerino, o que vae
«De novo na nossa aldeia?
«= Que vae, Fabio? » «Vae que Altêa
«Já com seus peitinhos sãe!»
«= Amigo Fabio, deixae,
«De me vir mentir aqui;
«Altêa... que eu conheci
«Inda ha dous dias mamando!..»
«= Não tens que estar duvidando,
«Eu os beijei, ou os vi!»

2.º

«= Pois se Altêa é donzella,
«Deixa-os beijar, deixa-os vêr!»
«= Foi por mais não poder ser...»
«= Não dou cinco reis por ella!»
«= Amigo, a muita cautella,
«As vezes, não prova nada...»
«= Eu perca toda a manada,
«Ou d'ella não tenha cria,
«Se tu vires, algum dia,
«Os peitos da minha amada!»

3.º

«= Pois, Nerino, os d'Altêa

Eu os vi, eu os beijei!
Outros eguaes não verei,
Inda que os busque á candêa!»
«= Não gabes tanta essa estrea,
Que a pôde haver melhorada!»
«= Amigo, não viste nada!»
«= Nem que o visse, consentira!»
«= Pois, Nerino, sem mentira,
Eram de neve coalhada!»

4.º

«= Havias ficar gelado
Quando os beijaste tão frios!»
«= Fiquei chêo d'arrepios
E pateta confirmado!»
«= Não merece acreditado,
Quem ficou fora de si...»
«= Nerino, juro que os vi
Tão de neve a branquejar,
Que quando os fui a beijar,
Não sei como os não bebi!»

CONTEMPORANEOS ILLUSTRES

CONTOS A VAPOR

de Julio Cesar Machado

*Esse passado doloroso de folhetins e de livros.
Contos a vapor, pag. 6.*

Uma nova producção do fecundissimo romancista.

É o nono ou decimo volume que o nosso bom Julio dá á estampa e, justiça lhe seja, não é dos peiores.

Leiam-no, leitores, leiam-no. Não será tempo perdido.

Desafio todas as pharmacias para que manipulem mais somnifera droga.

Leiam-no, leitores, leiam-no. Não será tempo perdido.

Os começos litterarios do nosso bom Cesar, perdem-se na noute das bagattellas. Não ha memorias de tal.

Sabe-se só, que apenas chegado da Durrui-vos, ignorado e ignorante, d'entre aquellas giestas tão suas queridas, pôde dizer, como o heroe que lhe herdou o nome e tão só o nome... *Veni, vidi, vici.*

Maravilhas são estas, incompreensíveis para quem desconhece o como nascem, d'um dia para outro, os litteratos em Lisboa.

Outro que não eu conte os milagres do grande thaumaturgo — o *elogio mutuo*.

Festejado por todos como o primeiro folhetinista de Portugal, digno emulo de Lopes de Mendonça a quem succedera na realza, o nosso

bom Machado não quiz — e fez bem, ou bem mal — que a sua gloria fosse d'um dia.

Ser hoje victoriadissimo e amanhã olvidado é a sorte do litterato de folhetim.

Julio Cesar Machado tentou pois vencer o destino cruel, que por meio d'ephemeras ovações o conduzia direitinho ao mais cerrado esquecimento, e jurou pelo luar, justificar perante a posteridade dos porvindos jornalophilos as vozes e applausos do presente.

E eis o nosso bom Julio empreiteiro de volumes.

Não sei se ainda apparecem no mercado algumas das poesias com o que nosso bom Cesar adormeceu a humanidade na primeira phase da sua nova face litteraria. Creio que não. Aquellas preciosidades perderam-se nas lojas de merciaria.

Inda bem que o nosso bom Machado não se contentou com os triunfos colhidos no Parnazo, e dignou-se descer ao campo dos romancesinhos e das novellas.

Entre os meus poucos livros figuram de Julio Cesar oito volumes. D'estes os primeiros são os dous tomos da *Vida em Lisboa* — romance de costumes que elle publicou em 1858, e o ultimo os *Contos a vapor* — motivo principal d'este artigo.

A *Vida em Lisboa*, que eu em verdade não tive paciencia de levar a cabo, morreu sem ter vivido.

Não succedeu o mesmo com os *Contos ao luar* — os celebrados *Contos ao luar*, que dentro d'alguns mezes correram tres edicções.

É d'este livro que eu fallarei mais demoradamente, não que elle o mereça, mas porque por algum tempo excitou vivamente a attenção.

(Continúa)

R. V.

AMOR

A. L. J.

Amor, veneno que entre gosos mata
Onde engolpar-se a mocidade vae,
Doce miragem que o prazer retrata,
Que nosso peito de continuo attrae.

Amor, abysmo sem cessar aberto
Da curta vida no caminho atroz;
Agudo espinho que na rosa inserto
É d'alma, crenças, e da vida algoz.

E eu amo... e o fogo que a paixão derrama
Sinto da mente corromper-me a paz,
A vida esvae-se da paixão na chamma,
Morro... qu'importa? se morrer me apraz.

É triste a vida do que amando morre
Sem um sorriso receber d'amor,
É como o pobre que o deserto corre
Buscando o oasis que lhe acalme o ardor.

E' como aquelle que sentado em frente
D'arida fonte que sem agua vê,
A vida prestes a fugir-lhe sente
Sem gotta d'agua que vigor lhe dê.

Viuvo a esposa o passarinho chora
De ramo em ramo solitario além,
Seus prantos nascem co'o luzir d'aurora,
Seus prantos findam quando a noite vem.

E triste fina o visor sedento
Sem grato oasis encontrar alfim,
Sem gotta d'agua que lhe dê alento
Depara o pobre, negregado fim.

E o passarinho de gemer cansado
Sem que lhe volte a companheira irmã,
Fugindo a dor em verdejante prado
Recebe os prantos da gentil manhã.

E' triste a vida que sem gosos passa
Amando sempre sem amado ser;
As negras fezes exauri da taça
Oh! venha o fim d'abrasador soffrer.

Só dura instantes o ligeiro fumo,
Que vae em ondas elevar-se ao Ceu;
Orfão d'esperanças o baixel sem rumo
Morre nas vagas elemento seu.

Assim em breve vourei do mundo,
Minh'alma extincta no crisol da dor;
Baixel perdido n'oceano fundo
D'amor vivendo morrerei d'amor.

RODRIGO DE MENEZES

Exotica

Roberto de Sousa nasceu com uma alma fadada para os amores olympicos, e no correr dos annos viu-se de feição pujante a sobressahir nos combates da força bruta, unica harmonia que notou entre o espirito e o corpo.

Roberto era bem apessoado, apesar da obesidade em começo, e galanteava uma menina sylphidica, mulher de versos e cantatas, cousa fabulosa na cintura, mão e pé, e mais impossivel ainda no theor dos habitos da sua vida, que ella guindava á existencia nebulosa dos espiritos, sonhando sempre para um ideal maravilhoso.

Visava-o luminoso e bello, através das prosaicas exigencias d'este mundo, onde a poze-

ram humildemente, de todo ao reverso da sua indole angelica e mimosa.

Ora Roberto de Sousa tinha a felicidade de possuir um coração jazerino e um abdomen poderoso.

Por isso a vocação da supposta amante intimidava-lhe o galanteio.

— Porque diabo não amarei eu uma mulher que possa galhofar comigo entre o repasto de uma perna de vitella, e a deliciosa libação d'este copo de vinho, dizia elle ao commensal d'aquelle dia, rapaz de gordas letras, que o defendia no jornal da terra dos aleives assacados á sua reputação de fidalgo e senhor de pergaminhos immaculados.

— Porque? porque V. Ex.^a não quer.

— Não quero? Ora essa! Eu quero tudo; mas o que me custa, meu caro Luiz, é vel-a tão bonita e appetitosa, e chuchar no dedo. Se eu não fosse Barão, palavra de honra, que me importava pouco; mas aquella resistencia ao meu nome, titulo e dinheiro, espicaça-me. Demais a mais trocar-me por aquella sêmsaborão que faz versos — só porque faz versos, e é um esqueleto, como ella... Que te parece, Luiz?

— V. Ex.^a tem razão, disse o apologista do fidalgo, atarefado com o esburgamento d'um osso.

— Já me deu a veneta de consultar os medicos a ver se ha um remedio para esta gordura colossal, porque eu estou colossalmente gordo, não achas?

— Nutrido, senhor, alguma cousa nutrido.

— Mais do que isso, lisongeiro, estou obeso, e Virginia é como este palito. Mas tem uns olhos e uma boquinha, que é o meu sonho de todas as noutes, Luiz, o meu estímulo de toda a sensualidade. Preciso d'aquella creança por alguns mezes, mas desespere-me de vencel-a.

— V. Ex.^a vae esta noite ao theatro; ella não falta á primeira representação do grande drama do João José: deve ser uma noite cheia para V. Ex.^a e para todos. Lá, continue o assédio, e teime, que a victoria a mais difficil é tambem a mais agradável e a mais gloriosa.

— Esta sentença do conselheiro aguçou-lhe o valor e a paciencia, e o fidalgo mais socegado adormeceu sobre a meza, entre os vapores do vinho. Acordou aos berros do criado, que lhe gritava aos ouvidos, que eram horas de ir admirar o drama de João José.

— Qual João José?... perguntou elle estremunhado, e de má catadura.

— Aquella peça que se representa logo a noute lá na casa das comedias, que é do senhor...

— Sim, sim; traz-me as botas e a sobreca-saca.

O fidalgo aparelhou-se condignamente para ver o drama, e sobretudo a bella Virginia; e

foi para o theatro, cousa assim chamada lá no seu burgo, por certo digno de ter um casebre baptisado com aquelle nome pomposo.

João José — o auctor do drama, que estimulava a curiosidade de tantos burguezes hourados era uma pessoa gorda e avermelhada, que principiára a sua carreira litteraria intra muros d'aquelle reducto, onde vivia, rimando broa com proa, e escrevendo locaes sobre os arboricídios, que os gaiatos lhe fizeram a umas romanzeiras, plantadas pelo bom do homem para lhe aformozearem a entrada da casa.

Andava pelas betesgas d'aquelle obscuro capitolio dos seus triumphos, de lenço encarnado na mão, caixa de rapé na outra, passo grave e medido, compondo o rosto com ares de escriptor sisudo e de pensador profundo, que lhe ficavam menos mal, mas que não lhe destruíam de todo os traços pronunciadissimos de tolo, ainda que elle teimasse sempre em atibial-os com bem intencionadas attitudes.

Fallo de attitudes, porque o homem, quando imaginava que podia ser observado, parava no meio da rua, traçava o capote, e atirava com o braço esquerdo para um ponto do espaço, para onde elevava os olhos, como em extase medonho, e segredava aos mundos da sua intuição mysteriosa algumas notas roucas, que se pareciam com um grunhido suino, mas que n'aquella boca deviam ser apostrofes magnificas a certos genios invisiveis.

Em outra qualquer parte tomavam-no por doido, e de certo tinham razão; alli não lhe succedia assim. Desbarretavam-se, e diziam uns para os outros:

— Anda a compor alguma nova comedia dos theatros...

Estava João José arroubado nas mellifluas esperanças d'uma noite de ovação. O rapazio da terra que sabia soletrar as suas rabiscas, encarregava-se de levar á scena uma nova composição do dramaturgo. As collarejas assistiam-lhe á gloriosa representação. Nada lhe faltava para o triumpho.

Chegon a hora, e a musica que tinha de vir de uma aldeia proxima, porque na terra só havia um cantor arripiado e dous rabequistas de *charivari*, tardava extraordinariamente.

Já se viam no ceu as primeiras estrellas, estavam os actores no palco, guardando as devidas posições, o ponto adormecia, a plateia cabeceava, as damas bocejavam, e musica... nem esperanças.

— Começe o espectáculo sem musica, gritou uma voz da plateia.

— Tambem sou d'essa opinião, disse João José, mostrando a cara detraz da caixa do ponto, esfregando os olhos, e arreganhando a bocca n'um tremendo ah... — Pano acima.

Principiou a coisa. A primeira scena, senão

exagerou um dos espectadores, que me contou a historia d'aquella noite, era um dialogo amoroso entre uma donzella campezina, que viera á cidade vender cebolas, e se deixára requestar d'um boticario, onde ia comprar banha e cominhos.

Dizia ella:— Ó senhor Antoninho, dá-me dez réis de banha?

— Já se não diz assim agora, Maricas; lá por fóra nos grandes cientros chama-se a isto pomada conservativa dos cabiêllos. Aqui te dou esta caixinha, e dentro d'ella o meu coração.

— Muito obrigado, dizia a moçoila, fazendo uma mesura, e sabindo.

Acabava a primeira scena. A segunda e as outras do primeiro acto consistiam na affluencia dos freguezes á botica, a comprarem diversos ingredientes, mais ou menos importantes para a saude publica.

Abria-se o segundo acto. Representava o theatro uma saleta com duas cadeiras de couro, uma meza de grandes dimensões, e um espelho pregado na parede, onde estava o boticario a barbear-se. Aparecia a donzella, que o fora no principio do chamado drama, e que então já era mulher de casa montada, e dizia para o seu feliz esposo:

— Rodriguinho, vou cantar-te ao piano a Marianita, em quanto tu fazes a barba.

— Pois sim, mulher, canta-me lá isso.

Seguia-se então o primeiro couplet. Era pouco mais ou menos assim:

A Marianita do campo
Está mulher da cidade,
Mas tem ao seu Rodriguinho
Muito amor, muita amisade.

Diga-se de passagem, que isto era cantado com acompanhamento de viola, tanjada fóra da scena; e que a actriz ou comedianta, como elles lhe chamavam, fingia tocar piano com os dedos em cima da meza.

O espectador deixava-se illudir porque ou dormia, ou resomnava.

N'este acto apparecia um tentador da virtude de Maria.

Fazia mil protestos de ternura lorpa, e no fim roubava a mulher do seu proximo. Principiava agora o drama e a tragedia na vida do boticario.

O homem corria mundos e mundos, viajava para se esquecer da mulher ingrata, atravessava os desertos e as cidades, e vinha a parar n'uma solidão triste e medonha, coberta de rochedos, á beira-mar.

Era o que representava o terceiro acto:— vista de mar!!

Apparecia o boticario, vestido de cavalleiro

da idade media, declamava n'um monologo estiradissimo, e resolvia suicidar-se.

Subia acima d'um rochedo, e dizia assim em verso:

N'este rochedo altivo e sobranceiro
A solidão das aguas...
Vou exalar o alento derradeiro
Das minhas tristes maguas.
Mulher! que eu tanto amei! d'este deserto
Te digo o extremo adeus!
Vive tu n'esse mundo, que eu vou certo
De viver n'outros ceus.

E ao acabar esta exclamação dolorosa hia-se a precipitar, quando se formava uma trovoada de repente, fuzilava um relampago, dava um raio sobre o rochedo, e o pobre do boticario em vez de cahir no mar, cahia de costas em pleno palco, a tempo que um padre apparecia entre os bastidores, de sobrepelliz e estola, com os braços e os olhos levantados para o ceu, bradando:

— Milagre! milagre!

E assim acabava o terceiro acto; e disse-me o paciente narrador d'estes successos, que a plateia urrava com enthusiasmo medonho, e que nunca ouvira um estrondo de palmas e bravos, como ao apparecer do padre e ao cahir do raio.

(Continúa)

G. F.

A MINHA VIDA

Por mais qu'eu distraia esta tristeza
Que no meu coração está gravada!..
Impossivel!.. a vida é tão cansada!..
Inda tão cedo!.. é triste a natureza!..

Em minha alma não raia uma belleza,
Não vegeta uma esp'rança bem fadada!..
Meo porvir!.. minha vida!.. é desgraçada!..
Na desgraça ella só possui firmeza!..

Avisto a longa estrada a percorrer!..
E tenho por bordão esta amargura!..
Para a sede fartar-me só vinagre!..
Por marco milliario a sepultura!..

(Continúa)

ALEIXO DOS SANCTOS.

Teixeira Coelho, o esperançoso escriptor que a morte ceifou na flor de sua idade, ainda não ha um anno, entre os seus escriptos (a) deixou alguns fragmentos — pagi-

(a) Estão-se dando á estampa na Imprensa da Universidade.

nas intimas—que como modelos d'estylo e sentimento nós iremos publicando no *Attila*

A quem leu as paginas admiraveis de Alvares d'Azevedo, roubado á gloria das letras Brasileiras tão moço, saltarão aos olhos os pontos de contacto que se dão entre Teixeira Coelho e o grande poeta da America.

Ambos — talentos de primeira plana — ambos mortos no verdor dos annos — ambos vates de uma vida amargurada e breve.

R. V.

FRAGMENTO

Depois d'uma leitura de Jacintho Freire

Eram limpos os mares da minha vida... mas prompto surdiu d'elles o cachopo, e já não podia ser valido no naufragio que me enguliu... Enguliu-me... e para sempre!!

Ventos de servir não mais voltaram; para marear só me rugiam tufões; governar á esperanza, não o podia eu em vagas de procella, como as que só me mandavam descrecr... E descri, porque fui só!.. E descri de tudo porque descri d'ella!..

Só Deus me era o fanal do porto, de que almejava haver vista! Vista, que me não abriu a realidade, quando principiei a sonhar só no marco do martyrio, nos consellos da Eternidade! Vista, que não será meu lograr de cêdo, que eu quando vi pesar a desgraça sobre o homem, vi-a pesar forte e duradoura!

Ai de mim!!!... Fallece-me já toda a força da vida, vou pedil-a á alma, e encontro-a vergada ao lado da campa sobre goivos, esquecida do mundo mergulhada no infinito..

Pergunto ao coração pelo alento e o coração ouço-o gemer em magoas! O espirito, esse sinto-o ás vezes rir-se do mundo, e se procuro alentá-lo para a crença, parece dizer em sarcasmo—ainda!—Ainda! é a sentença, que me traduz a impossibilidade da vida do coração!—ainda!—é uma palavra que encerra em cada letra milhares de torturas, de que o mundo rira se eu tivera voz para dizer-lh'as.

Mas voz, para dizer os padecimentos que

me esbravejam no peito, não a tem o homem, e se a tivesse era só para fallar d'elles a Deus e á campa.

TEIXEIRA COELHO.

SCENAS ACADEMICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

I

De como José Tinoco, heroe d'esta historia, veio para Coimbra

José Tinoco, morgado não sei de que aldeola da Beira, nunca d'ella sahira antes da sua vinda para Coimbra. A vida deslisava-se-lhe alli gostosa e não sentida, entre as moças, as matilhas e os cavallos.

Com umas e outros era no seu elemento favorito e congénere.

De dia corria montes e valles como Nemrod e á noute ou se assentava ao borralho ouvindo a uma creada velha historias de fadas e lobis-homens, ou percorria as esfolhadas e serãos, onde era sempre bem acolhido, dando tréla ás raparigas da aldeia.

Com tal educação, nunca o nosso José assistira a um baile, nunca calcára umas luvas e nunca lera, (senão por desenfado o Carlos-Magno) obra alguma de sciencia ou litteratura.

Que admira pois que em tempo algum houvesse passado pelo bestunto do meu heroe o transpor os montes tão seus conhecidos e vir formar-se a Coimbra!..

Não sabia elle mais que o preciso para um morgado d'aldeia?! De certo. Lia mal, escrevia pessimamente, sommava e diminuia pelos dedos, e nunca no latim passára *d'hora horae*. Estes pasmosos progressos haviam custado ao abbade annos e annos de insano trabalho e incansavel paciencia.

N'este mundo porém, o homem põe, Deus dispõe e o diabo sempre faz das suas.

N'uma eleição das mais guerreadas, o Pae de José, que não ia muito além do filho, proposto pelo Governo, que tem dedo para cousas taes, sahio deputado pelo seu circulo, e chegado a Lisboa, em pouco se tornou um distinctissimo representante da Nação. Conscio do que valia e podia, Tinoco senior deliberou entrar em todas as questões momentosas. «Querria, dizia elle, que os povos soubessem pelas Gazetas a parte activa que elle tomava na direcção dos negocios parlamentares.»

Justiça lhe seja, Tinoco cumpriu seu propósito, e em todas as legislaturas além de se distinguir pela sua assiduidade, figurou sempre como apagador official nas questões de compromisso governamental e isto durante muitos annos seguidos.

Este zelo e assiduidade não desmentida no exercício de suas nobres e elevadas funções careou-lhe a estima e gratidão do Ministerio que para lhe recompensar os serviços tão denodadamente prestados á boa causa e á felicidade publica o cosinhou Par do Reino na primeira fornada.

N'esta nova posição tem o nobre Morgado continuado a proteger todos os Governos, pois é decidido defensor do poder constituido, com o apoio do seu costumado requerimento—«Requerio, Sr. Presidente, que se consulte a Camara sobre se a materia está ou não sufficientemente discutida.»

Esta constancia deu-lhe entre os collegas a alcunha do *Trevas*—e não é conhecido por outro nome em Lisboa. É, creio eu, uso corrente entre os pares e deputados crismarem-se uns aos outros com appellidos a proposito, e d'ahi vem os *Cadastrons* os *Magnificos* e tantos.

(Ora aqui para nós, que ninguem nos ouça, Tinoco com a seu sacramental requerimento não irá muito além da maior parte dos seus collegas, que juraram não abrir bico l. Se elle é o *Trevas* que serão os outros?)

Voltemos á nossa narração.

O nobre tronco do formoso José vendo-se em posição com que nunca sonhára, e querendo legar ao filho os arminhos e o titulo honrosissimo de apagador official, resolveu envial-o para Coimbra a formar-se na Faculdade em que menos difficil lhe fosse conseguir umas *cartas*. Admiravel providencia paterna l..

José não gostou nada da intimação do Pae.

Uma paixão desabalada por Maria Joaquina, a mocetona mais forçosa e apessoada da aldeia, trazia-o mesmo pela beica.

Quando o nobre par ordenou definitivamente ao nosso heroe que se apossasse para marchar, José oppoz-lhe os seus arrasoados. O pae instou e José continuou a recusar. Novas instancias do pae e novas recusas do filho. Maria Joaquina era o pomo da discordia lançado entre Tinoco Senior e Tinoco Junior.

Um e outro eram casmurros e haviam ferado os pés á parede e difficil nos é o aventar de que lado seria a victoria, se o nobre pae não houvesse, pela vez primeira, recorrido ao argumento irresistivel de um ennodado carvalho.

Que responder áquelle *ultimatum*?.. José ce-deu.

Houve muitas lagrimas na despedida dos dous amantes, juramentos de mutua e eterna

fidelidade, dous beijos cantados nas solidas bochechas da moça, e com o coração atassalhado pelas saudades eil-o de partida para Coimbra o bom Tinoco Junior—esquerdo de maneiras como um basbaque, estúpido como um sobreiro, e incivil como um burguez de Braga.

(Continúa) R. V.

CHRONICA

Eis-me n'uma posição bem pouco d'invejar. Sou obrigado a fazer uma chronica, e não sei por onde hei-de começar. É cousa esta, me parece, de summa difficuldade.

Ha oito dias, em verdade, que estudo esta parte obrigada dos Semanarios Conimbricenses, e vejo-me na dura necessidade de confessar, com a franqueza que me é propria, que lhe acho mais durezas que a um exame *privado-publico*.

Consultei as melhores obras n'este genero. Creio que me não escapou um só tratadista.

E vejam como são as cousas, ainda não vim a fim de me traçar um caminho a seguir.

Sem fallar nos jornaes de Lisboa e Porto, li as chronicas do *Atheneu*, e pareceram-me bem. Mas que brincos d'estylo e que gallas d'elocução! Nunca poderei aspirar aquillo.

Li as chronicas do *Phosphoro*, cheiraram-me porém a semsaboria chapada.

Das do *Tira-Teimas* nem fallo, que o não merecem.

As da *Chrysalida*—bem escriptas e talvez modelo a seguir-se—acho-as um pouco salgadas ás vezes, e eu sou um ente inoffensivo e por extremo prudente. Receio mais uma questão d'imprensa que uma sessão de pugilato.

Que fazer pois em taes apertos?

Entrego-me ao accaso, e elle fará de mim o que quizer.

—No dia 27 do passado recebeu o grau de licenciado o nosso amigo José Joaquim Fernandes Vaz.

Estudante dos primeiros, durante todo o seu curso Universatario, será, cremol-o, um dos mais distinctos ornamentos da Faculdade de Direito.

A leitura rapida que fizemos da sua Dissertação Inaugural, deixando-nos admirar a viveza e opulencia d'estylo, castigado e classico, não consentiu que profundassemos mais intimamente a importante questão que alli agita—*Credito Predial*—o que fazendo mais d'espago, emitiremos nossa opinião n'um proximo numero.

Desde já, receba, o nosso amigo, parabens sinceros.

No domingo, 28, reuniu-se a Comissão Académica, que foi nomeada para cumprimentar SS. MM., e approvou por unanimidade a felicitação que ha de ser dirigida ás Augustas Personagens.

Fora incumbida a Vieira de Castro, e dizem-nos, que é digna da Academia.

—A companhia dos Meninos Florentinos continua a dar-nos deliciosas noutes em D. Luiz; notamos só a pouca concurrencia que por vezes alli se dá.

Esta gente de que gostará?

Santo Antonio, e mais Santo Antonio e só Santo Antonio!!.. É santo milagroso.

Natalina é a flor, a perola da companhia. Graça, encantos e arte — tudo alli reunido.

A plateia é frenética d'applausos pela sua carina.

Flori, a encantadora Flori, tem sido sempre muito victoriada.

Se ella é tão linda e dança com tanto donaire!..

Que bonita cousa não é aquella *Meleganha* dançada pelas duas galantes Florentinas?!

Liberti merece tambem aqui honrosa menção.

De Valdechi — o festejado — de Tiroco — o gracioso — e do estimado Pons, que poderei dizer que lhes não hajam dicto as palmas e bravos da plateia?

A vinda de SS. MM. é a ordem do dia.

Falla-se em muitas festas. O Rei popular é digno de tudo quanto possam fazer-lhe.

No Theatro Academico proseguem os ensaios de *Maria de Lencastro* — producção de Mendes Leal (José).

Dizem-nos que este drama será posto em scena com todo o apparatus.

O Conselho d'aquelle Theatro resolveu por unanimidade offerecer o diploma de Socio Honorario do mesmo ao Sr. Mendes Leal.

Em D. Luiz está igualmente em ensaios para ser levado á scena na presença de SS. MM. a comedia-drama — *As cartas do Conde-duque*. Será desempenhado pela antiga companhia, enchendo os intervallos o corpo do baile dos Meninos Florentinos.

Continúa a desunião na Academia, fomentada por uma sociedade que ahi se levantou ultimamente e cujas armas são o aleive e a calumnia. É forçoso dizer-se que meios taes além de baixos e vis, só colhem resultados entre os innocentes e levianos. A que fins tendem ellas, e qual será a traça que hão em vista?

Das sombras, do mysterio e da intriga nunca poderá sahir ideia nobre e elevada.

Abra a Academia os olhos, e conheça que são os que invocando sempre, em ocós discursos, os interesses e direitos da mesma, os primeiros a trahil-a e a renegal-a.

Na terça feira foi festejada na Sé Nova, com solenne *Te-Deum* e Oração, a commemoração do grande dia da nossa Independencia — o 1.º de Dezembro de 1640.

Honra seja á Commissão Académica de quem partiu a iniciativa, e a quem se deve tão honrosa festa.

Assistiram o digno e estimado Prelado da Universidade, corpo cathedratico, auctoridades civis, judiciaes e militares, e grande parte da Academia, a cujas expensas foi feita aquella funcção.

Orou o conego da Sé da Guarda, Francisco Soares Franco.

Coimbra, 2 de Dezembro de 1863.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Sahiram á luz

FOLHAS AO VENTO

Contendo

Scenas Academicas — Impressões de viagem de Coimbra a Condeixa.

Ensaio Critico — O Ultramontanismo na Instrucção Publica em Portugal.

A Instrucção Publica em dous Capitulos — I Magister Ludovicus. — II Magister Simonides.

Um vol. em 8.º de perto de 200 paginas

por Rodrigo Velloso

Preço..... 500 réis.

Vendem-se em todas as lojas de livros.

Expediente

O ATILA — assigna-se:

Em Coimbra

Na Imprensa Litteraria

Na loja de livros da Viuva Moré

Na Livraria Central

Na loja de livros do Sr. Sanches

E na loja de livros do Sr. Mesquita

Em Lisboa

Na Livraria Central — Rua do Oiro

No Porto

Na loja de livros da Viuva Moré

Preço por trimestre | Coimbra 500
| Provincias..... 560

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte á Redacção do — ATILA, — Couraça dos Apostolos, n.º 30.

O ATILA

Semanario

N.º 2

PAN

1863

Sabbado 12 de Dezembro



Hontem alegria e jubilos — hoje tristeza e dor!

D. Luiz I., o filho querido d'este bello Portugal, e Maria Pia de Saboia, a formosa filha d'Italia, são já longe de nós.

Hontem festejavamol-os com nossos vivas e aclamações, hoje seguimol-os com nossas saudades!..

De um Rei livre a um Povo livre, se ha a distancia do respeito, ha a união do amor.

Amor e respeito casam-se no coração: não ha arrancar um sem arrancar o outro.

Ao orgulho, nobre e sancto, de ser um Povo livre, só pôde haver um superior — o de ser Rei d'esse Povo!

Aqui no nosso Portugal, desde D. Pedro IV, o Immortal Rei-Soldado, amam-se os Reis como se ama a Patria.

Rei e Patria são no coração de todos. Rei e Patria são cultos que se não podem desunir.

A formosa arvore da Liberdade cobre um e outro — a ambos ampara das tempestades — e a ambos estende abrigo, sob seus

ramos, para as flores do amor e da dedicação.

Quem ahi diz Rei, diz Patria. Quem diz Patria, diz Rei.

Em Côimbra, Rei e Academia comprehenderam-se. As festas d'Esta acharam echo e gratidão no coração d'Aquelle. União de crenças e principios, amor e dedicação mutua, disse-o aquelle abraço que o Rei deu a um nosso irmão na sua partida de Côimbra.

Ave, Rex! Ave, Academia!

R. V.

Summario — *Aos tumulos, poesia por Junqueira Freire.* — *Ezolica, por G. F.* — *Um canto á Polonia, poesia por Rodrigo Menezes.* — *Emilia, fragmento, por Teixeira Coelho.* — *Scenas Academicas, proezas d'um calouro, por R. V.* — *Chronica.*

São tão pouco conhecidos entre nós os poetas Brasileiros, entre os quaes muitos ha de primeira ordem, que as mais das vezes até os nomes lhes ignoramos.

E' isto sobre desleixo e estranheza, uma vergonha.

O *Attila* reagindo contra tal ignorancia, irá dando logar em suas columnas a algumas poesias dos grandes vates do Brasil.

Hoje, a, com que presentea os seus leitores, é de Junqueira Freire, o poeta do claustro e dos tumulos; o poeta que, como elle mesmo diz, uma «linda imagem» um «sonho contente» lançou ao claustro para em pouco desilludido e perseguido pelos que lhe deviam ser irmãos, fugir de novo para o mundo.

R. V.

Aos tumulos

Pobre, grosseiro, não numerozo,
que importa isso? Para pregar as
taboas d'um ataúde qualquer pe-
quena força basta.

ALEXANDRE HERCULANO.

Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!
Choremos sobre a lapida esquecida
Dos homens que já foram.

O ceu aceita o pranto dos pequenos.
Não te acobardes, não. Vamos, minh'harpa,
Depôr tambem na lousa dos finados,
Como a viúva, um obolo mesquinho,
Mesquinho só na terra. Além das nuvens
Um thesouro se torna aos pés do Eterno.
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo-nos á morte.

Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Da grimpa do mosteiro atrôa o bronze,
E de funebres sons os ares peja,
Como a tremenda voz da eternidade,
Que ás nuvens baixa, e perde-se no immenso.
Bem!—este som diz—morte!—e apraz aos tris-
— Apraz a nós, minh'harpa! [tes,

Não te assuste, por tanto, a voz amiga,
Que ha de chorar por nós, mau grado aos vivos,
Quando não formos mais!

Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo-nos á morte.

Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Pobre instrumento, — as tuas aureas cordas,
Onde pulsavas o prazer e a vida,
Estalaram por si! — Estas que sobram
Sejam sagradas á tristeza e ao lucto.
Máguas sómente restam-te. Immudece,
Ou canta, soluçando, as maguas mesmas.

Estás cançada de chorar tão joven?
Já não são tua essencia as grandes dores,
Teu alimento as lagrymas?

Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo-nos á morte.

Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Não vês aqui este sepulchro aberto,
Como si a terra se estivesse rindo,
Para abraçar seus filhos?

Vamo-nos junctos debruçar sob'elle.
Nossos primeiros paes, cheios de susto,
Templos aos manes levantaram quasi.
Tinham razão, talvez. Christãos mais sabios
Amemos com recato a tumba ao menos.
Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo-nos á morte.

Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Assim, minh'harpa, a nossa vida inteira

Deveramos passar cantando em threnos
Esse jazigo, onde se esconde a ossada
Dos seculos que passam.

Aqui tambem na podridão, nos vermes
Ha de o futuro em esqueleto immenso
Cahir, esvaecer-se.

Aqui tambem inspirações se bebem
No halito dos mortos.

Aqui se encontra inexgotavel messe
De solidas ideias.

Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo-nos á morte.

Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Sim: fiquemos aqui. — Aquelle arbusto,
Que das frestas da lapida desponta,
Nasceu talvez do peito d'um cadaver.
A seiva humana em suas hasteas corre.
Aquella flor inda transpira sanie.

Lá para o meio da soidão nocturna
Talvez falle do ceu, talvez do inferno.

Sim: fiquemos aqui. D'aquellas folhas
Talvez saia uma voz precisa ao mundo,
Talvez algum recado aos vivos traga,
Talvez de nós careçam.

Sim: fiquemos aqui solurnos ambos,
Esperando seu brado.

Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo-nos á morte.

Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Não te apavore o aspecto das tumbas.

Esta bócca sarcophaga que a terra
Aqui a nossos pés abriu medonha
Não é para ingolir-nos.

O nosso calix de abundantes dores
Não trasbordou ainda.

Tua missão, minh'harpa, é grande, é grande:
— Sagremo-nos á morte.

Aos tumulos, aos tumulos, minh'harpa!

Exotica

(Continuado do n.º 1.º)

Estamos no intervallo do terceiro para o
quarto acto do drama de João José.

A ultima scena tinha deixado profundas im-
pressões e Roberto de Sousa aproveitou o en-
sejo de se ver extraordinariamente sensibili-
sado e enternecido para dizer duas coisas ma-
viosas á sua querida Virginia.

Entrou no seu camarote com o rosto leve-
mente ensombrado da tristeza geral, e saudou-a
com esta pergunta insulsa:

— Que lhe parece do final d'este acto, minha
senhora?

— Defestavel, respondeu ella, com um gesto

de enfado e aborrecimento. Aquillo é uma burla que nos impingiram, promettendo-nos um drama decente.

— Mas, minha senhora, o auctor... objectou timidamente Roberto de Sousa.

— O auctor fazia melhor, se rezasse no breviário, ou rouquejasse no côro qualquer oração rotineira. V. Ex.^a gosta do entremez?

— Eu, minha senhora... sigo a opinião publica...

— O que? perguntou espantada D. Virginia. A opinião publica! Pois isso que ahi está pôde formar uma opinião, isso é por ventura algum publico fazedor de reputações? Onde estão ahi os corypheus da opinião? Mostre-m'os, senhor Barão, disse a espirituosa menina entre frouxos de riso.

— Está ali o Visconde, que acha o drama excellente, segundo elle diz.

— Ah! o Visconde... sim? perguntou ella com um ar de zombaria diabolica. Elle tambem mette a sua lóu no theatro, e faz a sua quadrinha... pôde formar opinião, pôde.

Pois eu destão completamente do juizo do dramaturgo Visconde. Se o drama fosse d'elle já eu não tinha o incommodo de vir a este theatro de petas. Enganaram-me desgraçadamente.

— V. Ex.^a está hoje muito severa...

— Não estou, não, atalhou a deliciosa censora; estou muito agastada contra mim mesmo, por ter vindo aqui aturar as tolices do Sr. João José.

— Pois olhe, minha querida senhora, eu gosto d'aquella ultima scena, porque o estado da alma d'aquelle pobre rapaz, que se queria suicidar, mostra-me bem o soffrimento de quem ama, e vê fugir-lhe a mulher dos seus intimos suspiros...

Aqui o Barão deu á gorda cara uma expressão de internadas amarguras, e aos largos olhos uma dolorosa tristeza, fitando-os no rosto mimoso de Virginia, a ver se ella comprehendia a paixão do seu adorador...

— Então V. Ex.^a já soffreu d'amores?

— Soffro ainda, minha senhora, e soffrerei sempre, em quanto que o anjo tutelar das minhas felicidades me não cobrir com a sua aza do ceu.

O anjo tutelar e a aza do ceu fez sorrir levemente Virginia, que perguntou ao pobre namorado com uma zombeteira curiosidade:

— E onde está esse anjo celeste que lhe inspira um tão fervoroso amor?

— V. Ex.^a sabe-o de ha muito tempo. Quem havia de mover-me o coração a não ser a formosura sublime da mulher incomparavel, que eu tenho a ventura de ver agora ao pé de mim?

— Ah! sou eu... julgava que a sua primeira declaração d'amor não passava de um galan-

teio de baile, distracção d'uma noite, que desaparecia da lembrança, como um leve sonho, como um passatempo trivial a todos os elegantes, de que V. Ex.^a é um invejavel modelo.

— Oh! minha senhora, continuou elle sem perceber o escarneo, é um grande e profundo amor, que eu não poderei nunca arrancar do coração. Desejava ter para V. Ex.^a todas as perfeições humanas, por que algum dia se dignasse volver olhos piedosos sobre mim, levantar este desgraçado a todos os arrebatamentos da felicidade, que elle em vão procura na escura noite da sua vida, onde o resto angelico de V. Ex.^a lhe apparece sempre, como a sua unica estrella a irradiar-lhe nos sonhos d'uma presentida ventura.

O Barão ao terminar este esforço de apaixonado sentir, limpou o suor que lhe reguava da testa afogueada, e aguardou uma unica resposta aos seus desentranhados suspiros.

Virginia ficou pensativa e muda. Elle julgou aquelle silencio de bom agouro e continuou:

— V. Ex.^a acredite, que eu sou capaz dos maiores sacrificios para lhe agradar. O meu pensamento de todos os dias e de todas as noites é acordar as dulcissimas harmonias do seu coração, e...

Interrompeu-o uma desenvolta gargalhada á porta do camarote, que se abria para dar entrada ao amante preferido, que no paracer do Barão era mais feliz por ser magro e fazer versos.

Roberto de Sousa cahiu do setimo ceu do seu devaneio amoroso, defrontando com aquelle homem, que era o seu rival afortunado, e que era incontestavelmente um bonito homem.

Para se equilibrar entre o ridiculo vergonhoso d'um sahida cobarde, e o martyrio de se ver alli — alvo das risadas dos dois amantes, disse para elle:

— Tarda muito o ultimo acto; fazem-nos esperar mais do que valerá o desenlace da comedia.

— O desenlace d'esta pequena comedia, disse D. Virginia, é pedir eu ao Sr. Eduardo d'Almeida, que me dê o braço para sahir d'aqui. Estou enfadada. Desejo ao sr. Barão uma agradável noite.

O infeliz Roberto não estava prevenido para aquelle pessimo despecho das suas ardidias esperanças.

Soltou um ah!.. que era uma exclamação de pasmo doloroso, e foi depois vociferar com o jornalista Luiz contra o despejo das mulheres romanticas.

O drama de João José acabou pouco depois entre os berros da plateia endemoninhada; e o auctor foi chamado ao proscenio, e coroado de rosas vermelhas, presente de um especieiro da

terra, que as havia colhido com o intuito de premiar o peregrino engenho.

Houve dois poetas que recitaram a João José uma versalhada, em que se fallava muito em genio, glorias de Portugal, luminar da scena, esplendor das letras, e outras parvoçadas.

O dramaturgo ao sahir do theatro dizia entre o sórvo de uma pitada e um sorriso de triumpho:

— Foi uma noite gloriosa. Desbanquei o Visconde.

(Continúa)

G. F.

UM CANTO Á POLONIA

Liberdade — esforçada nas alas
Despertando a Polonia bradou;
Liberdade — sorrindo entre as balas,
Liberdade — clamando expirou;
E foi livre! qu'após a batalha,
Das ruinas deitado entre o pó
Lá se viu co'o pendão por mortalha
Da Polonia o cadaver tão só!

E foi livre! não podem cadeias
O cadaver vergar d'um heroe;
Essa injuria não cõa nas veias,
Essa injuria na campã não doe;
Essa injuria não chega ao gigante,
E se chega, covardes, tremei,
Tremei qu'elle do pó se levante,
E venha inda no mundo dar lei.

O guerreiro, que livre vivendo,
Viú um dia sua patria cahir,
Viú na morte do jugo tremendo
Uma porta por onde fugir;
Crava o seio, que a morte sómente
Liberdade lhe pôde tornar,
E não fica o guerreiro valente
Preso á campã onde foi repousar.

Ó punhal, liberdade do escravo!
Liberdade na morte lhe dás,
Tu dos ferros desprendes o bravo
E da morte lh'envias a paz.
Um escravo viu rouxos seus pulsos
E de ti lançou mão, e feriu,
E da morte nos transe convulsos
« Vou ser livre, bem livre! » rugiu.

Que cadeia, que ferro, qu'algebra,
Prende um bravo que a campã já tem?
Esse... o pêso do ferro não tema,
Qu'elle á campã prendel-o não vem;
É a campã p'ra o livre um abrigo,
Sobre o peito é a lousa um arnez,
É a espada que o livra do p'riço
Que a Catão as algemas desfez!..

Prende o ferro a vontade qu'impera?
Prende a mente que pensa sem lei?
Prende a ideia que n'alma se gera?
Prende o espaço no espaço só rei...
A materia só prende a materia,
A vontade é o espaço sem fins,
Livre, livre, qual nuvem aerea
Que s'eleva do mar nos confins.

É covarde o que pulsos off'rece
Aos grilhões sem o pejo sentir;
E no somno d'escravo adormece
Para o somno da morte fugir;
Não aquelle que os ferros d'escravo
Com a morte recebe tão só;
Em contacto co'os pulsos do bravo
Esses ferros desfazem-se em pó!

Ai! Polonia, na liça mais pobre
Recebeste na morte o grilhão;
Mas o crepe, que a campã te cobre,
Roto embora, é teu livre pendão;
Que de bravos teus muros não viram?
Que brilhantes não foram teus sóes?
E, s'alfim esses muros cahiram,
Foram lousas de muitos heroes.

Derrubado p'los ventos do norte
Velho tronco por terra cahiu;
Foi-se a seiva; e das sombras da morte
Suas folhas o róble cobriu:
Mas os ventos do norte esqueceram
Os rebentos pequenos então;
E os filhinhos, que as fronte ergueram,
Não as querem curvar para o chão.

Mas a lousa da campã quebrada
Deixa ignoto phantasma surgir;
A alegria na fronte estampada
É a estrella d'esp'rança a luzir:
São por terra teus ferros partidos,
Já lampejam da guerra os signaes;
Nova lucta... teus filhos crescidos
Vão nas bravas pisadas dos paes!..

Livre sangue nas veias lhes corre;
Livre sangue é o nosso tambem;
N'este solo p'la patria se morre,
Pela patria elles morrem além.
Irmãos somos. Prestemos-lhe os peitos,
Nossos braços valentes sem par,
A nação, que foi grande nos feitos,
Não deixemos assim baquear.

Novembro de 1863.

RODRIGO DE MENEZES.

A EMILIA

Fragmento

A hervinha sequiosa, a que um ceu de fogo só dá fogo a beber, tem depois gôta d'orvalho, que a venha beijar nas manhãs; a humilde florinha, encostada ao tronco d'arvore, tem folhas, que lhe cortem os raios queimadores; tem ás vezes a nudez das penhas encantos verdes, que a vistam... e o homem tem sua ideia, que abraçar no desconforto, tem crença sempre, que lhe enleie a alma... tenho-te eu a ti, gôta d'orvalho, folha, que abriga, musgo, que se enreda sobre a aridez do coração, que já bem se me fundia em magoas!

Mas para que te não deu o Senhor ás minhas vistas, ao rebentar das flores do coração, para lhe abrigares os perfumes que, tantos, se perderam na amplidão esteril? a norte sabido não mareavam até agora os meus anhelos, e para que m'ó não deu de mais cedo, ao despertar do amor?

Queria alegrias sem lagrimas, prantos sem gôzos, presente sem saudades, vida sem almêjos, aguas sem crystaes, sem frescuras, sem murmurios, sem brilho? Elle... que incendei o sol quando o relampago se recolhêu ao seio da nuvem e a nuvem ao seio da terra!.. não, que além do areal torrado bordou o oasis! não, que além da vaga que rebrame transes, ergueu a collina, que só suspira socêgo, não que ao descido á campadôe a vida d'alem — tumulo!

E ao coração deu-me fito, deu-me á alma norte, deu-me ao espirito crenças!

Fito em ti, em ti norte, crenças em ti, em ti, em ti só, e depois em Deus e depois em tudo.

Bemfadado foi este amor, veiu de Deus e faz quasi um Deus a quem o sente; soltou-se do ceu, e resume um ceu para quem o logra; bafejaram-o os anjos, e faz vêr anjos em todos, que pareciam filhos do mal...

.....
Dá-me mais perfumes ainda, violela, mais doçuras ainda, madresilva, mais encantos

ainda, archanjo, mais arrôbos, meditação celeste, mais harmonia, voz dos ceus!.. quero perfumes, que me inebriem; quero doçuras, que me enlevem; encantos, que me deslumbrem; arrôbos, que me extasiem; harmonias, que me arrebatem, quero tudo isso, quero que a alma se me afogue em gôzos, o coração em delicias, o espirito em extasis para ir dormir somno quieto no campa, para levar saudades mesmo ao seio de Deus!

Coimbra 6. de Dezembro de 1860.

TEIXEIRA COELHO.

SCENAS ACADEMICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

II

De como José Tinoco esqueceu Maria Joaquina e tomou novos amores

Em Coimbra, o nome de familia, que desde o Rossilhão figura na historia das glorias nationaes, os titulos do nobre progenitor e sobretudo a fama de opulento morgado, abriram a Tinoco Junior os salões de aristocracia e os da alentada burguezia, alentada pelo dinheiro, que em nossos tempos dá aristocracia e pergaminhos de melhor toque e superiores quilates.

Ridiculo foi o papel que José Tinoco representou desde o comêço, n'aquelle novo campo aberto ás suas proezas.

O pobre rapaz era o ludibrio de todos. As suas maneiras selvagens e grotescas, as suas declarações mais que bucolicas, a sua linguagem rude, a sua nenhuma elegancia no vestir, tudo prestava largas margens aos risos e sarcasmos.

Tinoco, de principio, não conheceu os remoqueos, e nenhum caso fez dos risos e ditinhos; quando, porém, depois de mais lido nos costumes da cidade, palpitou que a sua pessoa era o alvo de todo o ridiculo, sentiu incendiar-se-lhe sua natureza bruta, e inhabil para combater os seus cabriões no campo do espirito, nos salões, chamou-os ao campo da força, ao pugilato, jôgo em que era por demais forte; por favorito seu, e quebrando alguns queixos soube fazer seccar os risos e calar os ditinhos.

O alento e forças do pulso foram-lhe remedio soberano para dominar a tempestade e encadeial-a.

Desde então ganhou Tinoco o direito, direito pela força — n'este era José partidario de

Proudhon — de ser sandeu a seu bom grado. Todos aquelles marinheiros das salas deixaram o campo livre ao famoso soccador.

Mas que valeu a Tinoco o ficar rei nos salões Conimbricenses l...

O mau tratamento infligido pelo heroe aos amantes das damas, as grosserias e brutalidades com que elle lhes fazia a cõrte a ellas, foram motivo mais que sufficiente para ser mal visto de todos os olhos femininos.

O pobre rapaz tentou subir a corrente, mas não houve forças para o fazer...

Desprezado, e o que mais é, ludibriado pelas damas, sem d'isso poder tirar vingança memoravel, Tinoco jurou abandonar para sempre os salões da aristocracia e da burguezia endinheirada e acolher-se a outra classe de mais faceis amores.

José ainda se lembrava por vezes de Maria Joaquina; mas era um lembrar que de dia para dia se ia apagando. A ausencia curava-lhe saudades.

Foi por este tempo que o bom rapaz n'uma missa do Collegio Novo, sentiu uns arrepios no coração, uma necessidade n'alma, e uns desejos de completar a sua individualidade truncada de homem (na phrase dos philosophos) pela individualidade truncada da mulher. Cousas eram estas que nunca José sentira nem mesmo na maior força dos seus amores, nas esfolhadas patrias.

Lá foi de todo esquecida Maria Joaquina l...

Pela vez primeira se viu o nosso heroe só no mundo, quando longe da sua bella.

A mulher que assim lhe ferira as cordas mais sensiveis da alma era bella como um sorriso d'amor virgem (expressão favorita d'um papalvo, que conheço, para pintar toda e qualquer cascata).

Contar todas as peripecias da paixão de Tinoco, as cavaqueiras, alta noute, da rua para a janella, a facilidade com que elle soube introduzir-se em casa d'ella, o muito amor que a dicta mostrava dar-lhe com esperanças de o prender nos laços matrimoniaes, os repetidos arrufos causados pelo ciume, seriam largos contos e que muito nos afastariam do nosso proposito e por isso apenas diremos um episodio d'este amor, o ultimo e que o lançou nas agonias.

III

Onde se dizem uns longes d'uma pepineira do Carnaval em Coimbra

O Carnaval em Coimbra, no anno da Graça de 1863, epocha em que se deram as primeiras scenas d'esta veracissima historia, começou muito mais cedo que de usança.

A inauguração dos bailes de mascaras no

theatro de D. Luiz, foi o motivo principal d'esta innovação extraordinaria nos sisudos e bordalengos costumes da preguista Coimbra.

Antes d'aquelle bemaventurado anno, apenas nos tres dias consagrados pelos evos ao deus Entrudo, se foliava na cidade das letras-mortas.

Mas, *alteri tempi, alteri pensieri*. O theatro de D. Luiz levava em vista grandes interesses, e o burguez contava com grandes transacções e ganhos, para que o uso fizesse lei...

Abençoado sejas ó burguez Coimbraõ! sempre honesto e sempre honradissimo, e sempre amante, menos á tua custa (1), de bailes, theatros, festejos, pepineiras l.. O prégo medra-te com taes cousas...

Começou pois o Carnaval logo depois das Janeiras, no theatro da cidade.

A embriaguez e delirar das mascaras em D. Luiz, estendeu-se pouco a pouco a todas as casas em que soia haver pepineiras e *batuques* (2) nos tres dias do antigo estylo. Coimbra, em vespera de feriado, era uma bacchante grega (3) louca e delirante de semsaboria — o peor e o mais usual dos delirios Conimbricenses.

A boa cidade n'aquelles dias esquecia a borla e o capello e atirava-se soffrega de gosar, nas pepineiras e *batuques*.

D'esses ultimos eram os que se deram em casa da sympathica Joanna. A de que vamos fallar, foi, se me não erram os dados, n'um sabbado do mez de Janeiro.

Tinoco alugára a mestre Sá um vestuario de *pierrrot*, que lhe ficava a matar, comprára uma mascara de tostão, pedira d'emprestimo umas luvas de antiguidade, mais que duvidosa e apresentou-se em casa de Joanna a tempo que já era empenhada a primeira walsa no cochicholo do baile.

Tres velhas mães fallavam do seu bom tempo

(1) A *Liberdade* de 29 de Novembro de 1863 na sua *Revista local* noticiava: — «Reuniu-se hontem a associação commercial d'esta cidade para entre si decidir como receberiam SS. MM. na sua proxima visita.

Sete votos apenas houve para festejos, concordando-se a final que se nomeasse uma commissão, ou antes deputação que fosse comprimentar SS. MM. em nome da classe commercial.»

Que prodigo commercial!.. Sete votos em favor dos festejos l.. A *Liberdade* de verá transmittir á posteridade o nome d'esses heroes l..

(2) *Batuque* é palavra Academica para significar o ultimo grau descendente da pepineira.

(3) Notem que digo bacchante grega e não bacchante só. Aos lidos na historia, que o são de certo todos os meus leitores, escusado é dizer o porque assim me exprimi. A bacchante entre os Gregos não era, como o foi depois entre os Romanos, o exemplo da devassidão e desordenadas paixões.

a um canto; em diagonal opposta jogavam a bisca quatro velhíssimos ginjos; no meio walsava, cada qual por sua vez pela exiguidade da saleta um dos quatro pares, que para mais não havia gente.

As quatro raparigas — não digo, donzellas — vestidas a capricho com *costumes* de phantasia chilravam e desfaziavam-se em denguições com os seus pares, ora em animado cavaco, ora em segredeiras confidencias.

Com Joanna dançava João Braz, de quem Tinoco muito desconfiava por medo de que lhe fosse rival.

O nosso heroe não gostou de ver João Braz tão de dentro com a sua amante, e apenas acabada a walsa, durante a qual despeitado e irroso arrancára a mascara soffrendo a custo a cólera, disse a Joanna, que com meiguice lhe perguntava a razão das nuvens que lhe sombreavam o rosto:

— Amal-o!!.. riste-te para elle!!.. apertaste-lhe a mão!!.. walsaste!!.. estou com vontade...

— Mas, que tem isso, Joséinho!!.. que tem que eu walsasse com elle!? Esperei tanto por ti, meu filho... Para que tardaste tu?!.. os deveres de dona de casa é que me obrigaram a dançar com o João Braz.

— Que tem?! respondeu Tinoco, que só ouvira as primeiras palavras de Joanna.— Que tem?!.. quero-te só para mim!!.. ouviste?! prohibo-te pois...

— Mas, menino...

— Não quero mas, nem meio mas. Onte serve assim o meu amor ou não!!.. Tenho zêlos de todos os bonifrates que te fazem vistas!!..

E um relampago de ciúme á Othello fusilou nos olhos de Tinoco.

IV

De como José Tinoco foi quasi um Othello

— Uma contradança! uma contradança!!.. tirem pares!!.. gritou da cosinha, que era contigua, a voz constipada do director da orchestra. Esta compunha-se de uma flauta e d'uma banza, ambas desentoadas.

— Com quem vaes tu dançar esta contradança, Joanna? perguntou com voz tremula Tinoco.

— Estou comprometida, meu Joséinho... Agora, não posso fallar... Mas tu não me has de querer mal por isso, não?..

— Então com quem danças...

— Com o João Braz...

E dizendo isto, Joanna deu o braço a João, mui contente por não ouvir a resposta do seu amante, tão ciumenta a agourava ella.

Quem visse o nosso heroe, desesperado durante aquella nuca acabada contradança, morder os punhos de raiva, meneiar enfurecido o barrete de *pirotot*, fusillar olhares co-

ruscantes e apertar com força uma bengala de largo castão a que se encostava, não poderia deixar, conhecendo-o, de prever terrível tempestade.

Esgotadas todas as marcas e variantes, depois de alguns passeios pelo braço de seu par, Joanna veio sentar-se juncto de Tinoco.

Este tentou sopear a ira, o que não podendo, pois lhe ia lá por dentro em medonha tempestade, grunhiu roucamente para a sua bella, rasgando-lhe com mão convulsa umas poucas de prégas no seu vestido de pastora:

— Despreso-a, minha senhora! Já a não quero para minha amante!!.. Um dia talvez que... Agora nunca... Será outra a esposa de Tinoco Junior...

Fujo d'aqui para lhe não escarrar na cara... vingar-me-hei no seu adorador...

— Mas, sr. Tinoco!!.. mas menino...

— Não estou para lérias... Adeus, demonio!!.. Maldicto sejas!!..

E atravessando enfurecido a pequena sala, não sem fazer tombar um serviço de copos d'agua, sahio José da casa da mulher que tanto amára, esbravejando de raiva e louco de ciúmes.

Durante quatro longas horas, passeiou Tinoco na rua, defronte da porta de Joanna, á espera do seu imaginario rival, que mal pensava, dansando e folgando á larga no *batuque*, que á sahida as costas lhe folgariam e dançariam debaixo dos punhos do novo Othello.

José Tinoco apenas lombrigou João Braz no patamar da escada, acercou-se d'elle e descarregou-lhe meia duzia de valentes murros bastantes a derribar um touro, acompanhando-os em tom sarcástico das palavras:

— Namora-a agora, biltre!!.. Fica-te em bom preço!!..

João Braz já não pôde ouvir estas delicadezas. Cahira no chão como um tordo e soltava abafados gemidos.

(Continúa)

R. V.

CHRONICA

Vastissimo campo se abre hoje aos chronicistas. As festas da Academia a SS. MM. são thema para longas paginas.

Mas que novidade, pergunto eu, haveria para os leitores do *Attila*, em lhes contar o que todos sabem e tão bem tem relatado os nossos collegas da imprensa!!..

Não fomos nós todos, actores e actores do coração, nas ovações e alegria, com que por toda a Coimbra foram acolhidos SS. MM?

Outra e mais modesta tarefa é a que sobre mim tômo.

Fallarei dos acontecimentos da semana, que ainda que ligados á estada de SS. MM. aqui, pequeno logar hão occupado nas noticias dos jornaes.

As pequenas cousas desaparecem nas grandes.

No domingo, dia da chegada de SS. MM., tivemos recita de gala no theatro Academico. Foi á scena, como noticiáramos, *Maria d'Alemcastro*. Assistiram os illustres viajantes, demorando-se até o fim do espectáculo, sempre entre vivas e palmas.

Já de ha muito que nos não lembra de vermos, no theatro Academico, um drama de tamanho apparatus e ao mesmo tempo tão bem desempenhado.

Todos os actores, o que raras vezes se dá, comprehenderam e desempenharam com consciencia os seus papeis.

Valle, Guedes, Tello e Nuno mostraram o muito que valem e podem.

Mendes Leal, n'um dos entreactos, foi ao palco cumprimentar os actores.

Na segunda feira abriu o theatro de D. Luiz as suas portas a SS. MM.

Subiram á scena as — *Cartas do Conde-Duque*, comedia-drama em 2 actos, enchendo os intervallos o corpo do baile dos meninos Florentinos.

SS. MM. não poderam assistir senão até meio do espectáculo, por incommodo de saude.

Foi feliz a lembrança que teve a Direcção d'este theatro de mandar cantar pelos Florentinos, apenas SS. MM. entraram no seu camarote, o hymno de D. Luiz e o de Maria Pia.

As *Cartas do Conde-Duque* tiveram bom desempenho por parte de José Novaes, e soffivel e mau pelos outros actores.

Na terça feira, houve espectáculo em ambos os theatros, não assistindo a nenhum SS. MM. por estar El-Rei incommodado.

No Academico representou-se o *Anjo da Paz*, e a Comedia — *A mulher deve acompanhar seu marido* — em que teve o primeiro logar *Parente*, o nosso sempre querido *Parente*.

No de D. Luiz os meninos Florentinos deram a aria do Barytono no Trovador, que já allí tinha ido, a *Flauta Magica* e o lindo baile a *Malagenha*.

Natalina e Flori, as lindas e sympathicas Italianas, prenderam como sempre a attenção.

Na quarta feira, dia da partida de SS. MM. tivemos outra vez espectáculo pelos Florentinos.

No fim do 1.º acto — semsaboria impertinente — comedia sem sabor e sem sal, em vasconso — houve uma tremenda pateada — tremenda e bem merecida — ao Director da Companhia, *Mestre Soldaini*.

O *Rumbo Hespanhol* — lindo bailado — e os

tres actos da *Catalina* foram muito applaudidos, sobresahindo como sempre e sempre, *Innocenti, Flori* e as lindas *Liberti e Conchita*.

Porque será que o mestre *Soldaini* não consente que venham fóra, quando chamadas, as lindas artistas?..

É necessario que a auctoridade competente obrigue o dicto mestre a cumprir com os seus deveres, senão, tristes poderão ser algum dia as consequencias, quando a paciencia for esgotada.

Porque será ainda, que o mau mestre castiga e maltracta com tanta aspereza as pobres meninas, mesmo quando o panno em cima, a ponto de por vezes yirem a chorar para a scena!..

Nas tres noites em que houve espectaculos de gala, a concurrencia foi espantosa aos dous theatros. Camarotes e plateia eram apinhados de gente. N'aquelles havia lindas damas, lindas a fazer delirar... Nunca vi eu tantas tentações reunidas!..

A outro, ao meu collega da *Chrysalida*, deixo o prazer de as cantar, que eu não posso... e quasi que d'isso tenho saudades...

Na segunda feira foi a distribuição dos premios pela mão d'El-Rei. Esteve festa brilhante, e brilhante e eloquente foi o discurso que S. M. pronunciou.

Na terça tomaram capello os nossos dous amigos — Vaz e Macario. Os nossos parabens a ambos. Do primeiro foi padrinho o Sr. D. Luiz e do segundo o Sr. D. Fernando.

Na sahida de SS. MM. para Lisboa, foi immenso e indiscriptivel o enthusiasmo, sendo SS. MM. acompanhados até Condeixa por mais de trezentos Academicos, grande parte d'elles com bandeiras.

Seríamos justamente accusados se não fallassemos aqui do jantar dado a 150 pobres, no jardim, pela Academia, e das festas que a mesma fez a El-Rei na rua larga, tudo devido, ou a maior parte, á iniciativa dos estudantes de Medicina.

Agora uma innocente pergunta. Em que ficaram os boatos assustadores, que antes da vinda de SS. MM. por ahí espalhavam os mal-intencionados ou os parvos? Valha-lhes Deus!..

Sahiu á luz na Bibliotheca Popular o lindo romance, *Tres amantes infelizes*, do nosso amigo, esperançoso e incansavel escriptor, o sr. José da Silva e Sousa.

Seja o bom acolhimento do publico incitamento bastante a o joven romancista não desanimar na carreira que com tanta felicidade encetou.

Coimbra, 10 de Dezembro de 1863.

O ATILA

Semanario

N.º 3

PAN

1863

Sabbado 19 de Dezembro

Summario — *Missão do Attila*. — *Saudação*, poesia por Junqueira Freire. — *A virtude de dous anjos*, por G. F. — *A minha vida*, poesia por Aleixo dos Santos. — *O louro no circo*, fragmento, por Teixeira Coelho. — *Exotica*, por G. F. — *Scenas Academicas*, proezas d'um calouro, por R. V. — *Chronica*. — *Expediente*.

MISSÃO DO ATILA

Já dissemos, e não nos cansaremos de o repetir — a criação do *Attila* não teve em vista, senão o agrupar a Academia em torno de uma mesma bandeira — a fraternidade — fazendo quanto n'elle fosse para acabar com a desunião que n'aquella lavra.

Alguns mal-intencionados não quizeram reconhecer-lhe tal missão, e tem-o apre-goado por ahí como órgão da *sópa*.

Seja assim. Aceitamos a denominação, se é que ella quer dizer — anti-*traça*.

Traça e *sópa* — são as duas parcialidades em que a Academia se diz contada.

A primeira é sociedade organizada na noite — tem ritos maçonicos — juramentos terríveis — fim proveitoso, nenhum.

A segunda não tem organização alguma — ritos nenhuns — juramentos ainda menos — fim — a união da Academia. Para o conseguir trabalha á luz do dia, porque entende que as *trevas*, negação da luz, quando muito podem affirmar a existencia d'esta.

Assim posta a questão nos seus verdadeiros termos, o *Attila* é anti-*traça*, não

o *nega*. E o é porque conhece na *traça* o inimigo mais terrível da Academia — o que a scindiu em dous campos oppostos — scisão, que se a *traça* não fôra haveria de ha muito desaparecido n'um abraço fraterno.

Pois que quer dizer, senão desunião, o levar a Academia para o campo da politica?.. o appellar para as sympathias ou antipathias de cada um para este ou aquelle partido?.. e, finalmente, tentar fazer da Academia *degrau* para lograr desejados intentos?..

Que quer dizer, senão desunião, o levantar a aleivosia e a mentira da lama para a lançar no rosto a uma parte da Academia, tornando-a assim odiosa aos parvulos?..

Que quer dizer, senão desunião, o fundar sociedades secretas, a que não é chamada a Academia inteira, mas só uma fracção d'ella?..

Inda bem que a verdade por mais que a comprimam, tarde ou cedo apparece.

A vinda de SS. MM. a Coimbra, a ovação calorosa e dedicada que lhes fez a Academia inteira, já desnudou parte das falsidades e aleives, que a *traça* lançava sobre a chamada *sópa*.

O futuro desnudará o resto, e a Academia reconhecendo, que era enganada em discursos vãos, e só bons a encobrir *intentos*, renegará para sempre de *caudilhos officiosos* e *egoistas*.

O *Attila* repete-o de novo, é, e será anti-*traça*, em quanto a *traça* significar des-

união na Academia; em quanto a

.....Viva traça,
Faminta harpia, que por quasi nada
Alma, que livre é, presa andar faça!

como dizia, ha tres seculos, Heitor da Silveira (a).

(a) Heitor da Silveira, o Drago, foi poeta contemporaneo e amigo de Camões. As suas obras perderam-se, e apenas vieram até nós alguns fragmentos. O que vae acima, tirámol-o do tomo 4.º, pag. 433—das Obras de Camões — edição do Sr. Visconde de Jeromenha.

SAUDAÇÃO

ao natalicio do meu amigo Olympio Maximo Chaves

O mundo antigo está ás gar-
ras com o moderno.

LACORDAIRE.

I

Quebrae a lousa impura que vos fecha,
Phantasmas do passado.
Surgi da cinza, ó seculos d'outr'ora,
Ouvi, ouvi meu brado.

Deixae na campá esse sudario immundo,
Essa toga da morte.
Tomae da vida, do prazer, das galas
O sobranceiro porte.

Vinde saudar a obra qua sonhára
Vosso espirito ardente.
Vinde baixar a frente respeitosa
Ao seculo presente.

Có os olhos longos ao porvir que vemos
Nobre tortor soffrestes.
E os louros immortaes que não cingistes,
Olhae aqui, — são estes.

Novos Baptistas, na soidão clamastes,
Chamastes na cidade.
E a vosso brado os cardines, rangindo,
Soaram — Liberdade!

Honrosa lucta, sublimado anheló
Foi toda a vossa vida.
Mas não entrastes, ai! Moyses modernos,
Na terra promettida.

Assistiu-vos cruel o desespero
A última extorsão.

Déstes ainda o derradeiro espiro
Nas mãos da escravidão.

Não podestes pizar o bronzeo collo
De despotas colossos.
Mas armas de outra tempera forjastes
Para os vindouros vossos.

Esse phantasma atroz — vestido a crimes, —
Seu nome... Assolação, —
Cahiu depois de vós, — e livre assoma
Do Christo a redempção.

Resuscitae: vosso ideal sublime
Venceu, triumphá agora.
E o semblante dos despostas que restam
Atterra-se, descóra...

II

Este seculo ditoso
Resume os bens do passado.
Bebe a seiva dos arbustos
Que mil campinas têm dado.

Tem a sciencia dos tempos
Juncta com outro ideal,
Como um tope variado
De um jardim universal.

Tem um futuro mimoso
Visão de felicidade
Tem dous verbos incarnados
— O Progresso e a Liberdade.

III

E foi, Olympio, em seculo tão grande
Que te deu o Senhor.
Deu-te com elle um coração ativo
Cheio de patrio amor.

Deu-te a vida n'um seculo de vida,
De luz e de verdade.
Deu-te a missão de athleta denodado
Da sancta Liberdade.

Encheu-te o coração de amor da patria
No mais subido excesso.
Encheu-te o coração das sympathias
Dos crentes do Progresso.

Assim teu peito inteiro apenas basta
Para tão grande Nome.
Alli não cabe mais. Tudo o que sóbra
Extingue-se em seu lume.

Mas si acaso em seus intimos refolhos
Um vacuo ainda existe,

Grava-lhe alli co'a patria o pobre nome
Do trovador tão triste.

O trovador tambem ama o progresso,
Respeita o patrio amor.
Si não queimasse-lhe esta chamma o peito,
Não fôra trovador.

JUNQUEIRA FREIRE.

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

PRIMEIRA PARTE

I

Eram duas gentis crianças Albertina e Violante.

Quem as visse ao amanhecer erguerem-se n'um abraço amoroso, beijarem-se com uma doçura celeste, remirarem-se com um sorriso suavissimo, e correrem depois doidas de alegria a amimar as suas queridas flores, a alegrar as suas avesinhas bem amadas, via o doirar do sol na face de Albertina, e o irradiar d'um estrella no rosto de Violante.

Uma era a fada dos jardins; as flores recendiam em mais doces perfumes, e matisavam-se de mais bonitas cores ao pé d'ella: adoravam-na todas as mais mimosas.

A rosa branca era a que furtava os melhores beijos de Albertina. Ella conchegava-a ao seio, e sorria de o ver mais alvo, e mais delicado ainda.

A Violante soltava todas as harmonias de sua alma com o gorgear das aves, suas irmãs aladas, que lhe entendiam a voz e o suspiro, e lhe miravam o sorriso e o meneiar aereo.

E as aves e as flores, e o doirar do sol e o esmaiar da estrella alva eram Albertina e Violante.

A poesia do ceu, que é o scismar delicioso da infancia, quando o mundo é um mysterio, escondido ainda nos veus da esperanza, batia as azas d'ouro e purpura sobre os cabellos dos dois anjos.

Ellas nasceram ao sopro da Providencia, como o infante divino; na solidão ignorada dos bosques e das campinas. A musica do infinito embalou-lhes o berço; toada melancolica do arvoredo e da catadupa, côro universal das perenes harmonias, rumorejar da selva e do rio, abraço do ceu nos raios do sol e nos suspiros da tarde, vaga inspiração do amor n'aquelle delicioso esmorecer dos alvôres da lua por entre as franças da alameda, quando passeiavam sosinhas á noite, noite das visões e dos sonhos, irmanadas n'um intimo gemido.

D'onde vieram aquelles amores de Deus? Que nuvem branca, illuminada da auréola dos serafins, que vêllo de espuma boiando á flor d'um mar de leite, que berço d'estrellas, fugindo do seio da belleza eterna as trouxe ao paraizo das serpentes? Quem sabe! Nasceram, como o lyrio na encosta do monte, como a violeta por entre o relvado da sebe, como a lagrima debaixo do ceu azul!!

II

Albertina e Violante nunca beijaram o seio materno, nunca leram na alegria de pae o sorriso da sua formosura, nunca desfolharam um goivo de saudade sobre a campa dos primeiros amores do coração.

Eram filhas de Deus.

Apenas abriram as flores d'alma aos calores da vida encontraram-se no mundo sós e tristes! A sua infancia fôra um véo luminoso, semeado de sonhos e d'esmaecimentos; pallido reverbero do somno n'aquelle oceano infinito, onde se formaram as duas pombas formosas! Mandou-as o Senhor aqui, como outr'ora o seu braço despedira a ave innocente a levar a doçura da vida e do amor ao mundo, sepultado no abysmo.

Mas como devia ser bella a arca, d'onde sahiram aquelles anjos! Que molde primoroso formou aquellas cabeças soberanas! Que luz tão doce, e tão suave, e tão esplendida alumiou aquelles olhos peregrinos! Que sorriso beijou aquelles labios amorosos! Quem espalhou as rosas n'aquellas faces desmaiadas no seio de Deus? Quem poude coroar aquellas fronte do diadema das estrellas? Que mão afagou aquelles colos de alabastro, e espelhou em ondas aquelles cabellos d'oiro! Quem amimou aquelles seios com os gemidos do amor e com os suspiros do extasi? Quem estreitou de joelhos aquellas cinturas de fada? Qual foi o cinzel delicado, que aprimorou aquellas columnas de jaspe? E quem concebeu o supedaneo impossivel d'aquellas estatuas do ceu?

Oh maravilha suprema do poder de Deus! Que mundos jorraram mais brilhantes do seio da Omnipotencia! Que sós queimaram assim as mãos do Creador da luz! Que oceano d'estrellas esconde o manto infinito nos abysmos da sua eternidade, que illumine assim em raios de perenne gôzo, de suavissimo deleite, de profundo amor, de sancta inspiração, de elevada poesia, de indefinivel esperanza, de virtude divina, as almas, que morrem feridas por aquelles suspiros dos olhos d'ellas!

Os filhos dos esplendores do céu, que afrontaram a colera da soberania increada, deviam ser assim, antes de cahirem nos horrores da noite immensa. O iris da imaginação não tem

cores, nem matizes, para desmaiarem na tela com o retrato da formosura divina: o mais que pôde é presagiar o seu berço — a nuvem do sol e o thalamo da estrella.

As vezes afigura-se-nos, pobres desgarrados do seio da verdade e da perfeição do bello, que este mundo não é a patria d'aquelles peregrinos: — diz-nos a doença da alma, paradoxos estranhos, e entram-nos a seu talante convicções dolorosas!

Pois no mundo das desharmonias, onde a vida é um continuo sacrificio da vida, o bem estar da piedade, o corpo o maior verdugo do espirito, a consciencia, somno onde a verdade sonha, e o mal manto de trevas, que não só cobre, mas talvez agazalha o bem, no mundo assim positivissimo, real, velho de seculos, mas velho impenitente, lutador ou fragil e desgraçado, ou mal experimentado e nescio, — pôde lá germinar e florir uma rosa do ceu?

Pois não será esta escura estancia das lagrimas do homem uma corda quebrada da cithara dos orbes, dos mundos da luz, dos mundos do seio de Deus, a qual esquecer para sempre ao concôrto eterno, á psalmodia das espheras?

E quando vóa algum metéoro sobre este abysmo negro não será, raio ou suspiro do amor da Providencia, outra escada de Jacob, outra columna de fogo no deserto, outra vara a abrir o oceano de sangue, emfim a voz de Deus, verbo da patria ao exilado, saudades da amante, ou saudades de mãe?..

Estes são os taes paradoxos estranhos, grandissima doença da alma humana.

III

Porque te miras no tremó doirado?
Porque desatas o cabello ondante,
E porque afagas a cintura linda?
És mais formosa vendo retratado
O rosto branco no crystal nas aguas,
Quando os raios do sol beijam ainda
As rosas do teu rosto e as outras gemeas;
Ou quando ao desmaiar n'aquellas fragoas
Da montanha deserta tu lhe dizes
Um extremo adeus! o teu gemido
Vae no raio do sol; lagrima sentes
A saudade da luz? ai tão sentido,
Branca filha das aguas, é mais doce
E mais intimo d'alma? Quando sonhas
Nas estrellas do céu, e nas campinas,
E no roble do monte sobranceiro
Aos rochedos a pique, e nas divinas
Harmonias do canto derradeiro
Da avesinha da noite, e quando banhas
Teu alvo rosto n'esse alvor do mundo
Do mundo dos amores, suspendido
Nos páramos do azul, no céu profundo;

Porque te desce o balsamo ás entranhas
Dos seios teus, e soltas um gemido
A luz eterna, ao doce, augusto raio
D'outros seios, onde Elle se escondêra
No seu immenso amor? filha dos valles,
Ai! solta o hymno de tua alma, solta
O nectar escondido no teu calix
Antes que venha além vaga revolta
Do oceano, que Deus enegrecêra.

Eu amo o sol no ocaso, despedindo-se
Dos olhos meus, n'um raio desmaiado;
E amo a luz da manhã entreabrindo-se,
Como o alvo seio meu ao beijo amado.
Eu amo a verde relva das campinas,
Tosada pela grei do pegureiro;
Amo a fronde mimosa das boninas,
E a pyramide verde do pinheiro.
A coma susurrante da floresta
Ao vento da montanha sacudida,
E da noite a soedade doce e mesta
No mysterio do amor adormecida.
Amo o rumorajar da fresca fonte,
Perdida pelo valle matizado,
Como um suspiro de donzella insonte
Fugindo-lhe do labio nacarado.
Amo o roble agreste do deserto,
E o templo de rochedos nevoentos
Erguido ao pé de Deus, sacrario aberto
Da solidão aos timidos lamentos.
Amo o véspero fuscuro, descendo aos valles
Da crista das montanhas altaneiras,
Como o véu do Senhor, que vela os males
Do sonho nas visões doces, fagueiras.
Quando me vejo no crystal das aguas,
Amo os cabellos d'ouro, que me solta
A viração da tarde,
Como as ondas do mar, galgando as fragoas
Quando o sol no oceano arde.
Porque peço me esconda o mar as lagrimas,
E porque me entristece o sol e as flores,
As harmonias da noite, e a voz suave
Dos canticos de Deus, e dos amores?

(Continua)

G. F.

A MINHA VIDA

(Continuação)

Depois descansarei, darei aos vermes,
Pela dôr descarnado este esqueleto.
Aborrecido dormirei meu somno
Na minha sepultura!
Sobre estes olhos descêrão as trevas,
E depois o silencio, o esquecimento.
Sobre essas cinzas de meu corpo debil,
Incerto, e tr'mulo esse lume lento,
Gasta a materia, que será? quem sabe?

A luz apaga-se?... e depois, as trevas?
 E aquelles sonhos, e esta sêde intensa,
 Que nos seccou o coração exausto
 De lagrimas, Senhor, que derramamos,
 Mas que a aridez da dôr seccava logo?
 E aquelle chão de brazas que pisámos
 Em procura de patria? E' só, só, morte,
 Depois de gastas forças, e tormentos?!
 Deitar-se em fria pedra!.. ali dormindo
 Co'a a roupagem de trevas por abrigo,
 E as lages do tum'lo por encôsto?
 Dêste a sêde, Senhor, não dás a fonte?
 Dêste o impeto, Senhor, não das as azas?
 A tua mão vem arrancar as pennas
 Entre lagrimas, preces, e gemidos?!
 E quando o coração s'eleva em preces
 Mostrando a cicatriz que o atormenta,
 Aniquilas teu erro? Que t'importa
 A maldicção d'aquelle que creaste,
 O grito desvaireado de quem morre?
 Tocou-me o coração, Senhor, eu soffro!
 Ah! mas que vejo tu mostraste ao mundo,
 Só n'hum traço de luz que a creatura
 Teve um sorriso no cahir da noite,
 E que um raio de luz desceu ás trevas!
 «Ergue-te alma do justo em teu sorriso,
 Em tua alma lavada ao soffrimento!
 Agora que um sorriso abriu-te os Céus
 Dirás á humanidade — existe Deus!»

ALEXO DOS SANTOS.

O TOURO NO CIRCO

(Fragmento)

Largadas as portas do encerradouro re-benta por ellas o animal em louquejada carreira; baixel, que de pôpa arrazada disferisse rumo, não lhe hia d'avante, que mais que de natureza tinham aquellas forças, em que se despediu. Parou. Olhos incendiados, crava-os n'arena; ninguém. Rola-os ao amphitheathro, quietação.

Ninguém que lhe paire as iras?! Alguem lhe provará a pujança?.. Ha, que o capinha de leste já saltou... O touro estremece de todos os membros; os pés estacam-se-lhe; os olhos chispam-lhe; o bôjo apoucado arfa-lhe; a cauda, corre-a uma crispação, eil-o que dispára. Phantasma, que se esquivava a olhos dormidos, tal se esvae elle ao fitar pasmado do animal, que quedou attonito. Mas aquella paragem esque-

cida de tudo em que se fizera, rompe-a em saltos furibundos que calcam pisadas profundas no solo, e em urros atroadores, que amedrontram, só d'ouvil-os; o sangue ia-lhe em fio pelo collo nervudo da jorradora ferida, que lhe encravára a farpa...

E não é desesperar de vencimento, e esmigalhada vingança esse rebramir, que o estorce, não.

Vêde-o. Restaura-lhe forças o sentir dolorossimo, todo o estremecer lhe acorda dores, todo o abalo lhe rasga assomos violentos, todo o saltar lhe profunde desesperos. — E n'um movimento vê quem elle cuidára tragado no pó para seu ludibrio. — De novo se despega n'aquelle correr a estalar de sanha, mas de novo ninguém ante elle, o desespero só nos brios, a dor laceradora só no corpo, foi sombra enganosa, mas a dor é segura, e a vingança? em quem a despenhar?..

O chão bebe a solto já o sangue, as dores redobram, mas cada dôr é uma força de fresco e tambem uma illusão de mais, em que o faz embeber...

Ao cabo a espada vae-lhe sorver os derradeiros alentos. O seu alvo de nuvem, acerca-se.

Na extrema furia, que pôde empenhar, eil-o que treme, eil-o que se despenha, eil-o que ondula no ar em cega arremetida, mas pelo lado a espada ia-se-lhe rapida no sangue do coração.

Sustenta-se no tenue vigor, que a pouco lhe vae despejando a ferida, que borbulha torrentes, os olhos vão-se-lhe deslustrando com o desafogo de forças, os membros saltados de convulsões vergam-lhe, fraqueou á terra... E o bravo de robustez tão crescida fraqueja humilde e prostrado agora na terra humilde que tanto arrôjo lhe viu, e que na morte mesmo se espavorir-se pôdera, tremêra em susto d'altivez, em que se prostrava ainda.

TEIXEIRA COELHO

Exotica

(Continuado do n.º 2)

Roberto de Sousa chegou a casa, atirou consigo para cima de uma cama, e começou a vociferar contra o destino, que o fizera tão estúpido.

— Andar eu a damejar uma preciosa ridícula, que se pôde comprar com o meu ouro, dizia elle, arrependendo-se enfurecido contra si mesmo.

Vou propor-lhe um contracto, que não é vergonhoso senão para ella. Offereço-lhe toda a minha fortuna, mas hei de satisfazer este capricho, amor, paixão, ou o que o diabo quizer que seja. Vou escrever-lhe; já não posso dormir sem lhe escrever.

— Minha querida Virginia, eu não quero viver mais tempo n'esta horrivel anciedade.

V. Ex.^a aceite o meu nome e a minha fortuna, mas seja minha amante, minha esposa, a minha vida n'uma palavra.

Estou afflictiissimo, e não posso dizer-lhe mais nada, senão que morro se V. Ex.^a recusa».

Virginia quando recebeu esta carta estava lendo uns versos de Eduardo, sagrados ao delicioso amor da sua alma, e todos banhados d'aquelles intimos perfumes que recendem das palavras suspiradas pela felicidade.

O contraste da poesia e do dinheiro feriu-a profundamente a ella, criança pobre, e que mais do que ninguem precisava dos esplendores do ouro para povoar o mundo de todas as galas e prazeres, que a imaginação aquecida ao fogo do ideal tão profundamente aneia.

— Lê esse bilhete do barão, Eduardo; que te parece da proposta?

Eduardo leu, e não pôde arrancar um gemido, nem desentranhar uma resposta.

— Não dizes nada? Nós somos pobres e amamos-nos muito; mas não poderá a mulher sacrificar o corpo ás exigencias d'este mundo, e deixar a alma para os gozos do ceu?

— Eu vou responder ao Barão por ti, Virginia, disse Eduardo com as lagrimas nos olhos, procurando uma penna, e entregando-a depois á sua amante. Escreve tu estas duas palavras:

— Sr. Roberto de Sousa, acceito o seu nome e a sua fortuna.

— Só isto? perguntou a pobre menina, vacillando entre a grandeza d'aquelle sacrificio, e as imperiosas exigencias da pobreza.

— Essas duas palavras são a morte de nós ambos, e ainda queres mais?

— Não quero nada, Eduardo, disse ella rasgando a resposta, e abraçando enternecida o seu amante. Não quero nada. Sabes o que ha-

vemos de responder ao barão? — Que o amor não se vende por titulos nem fortunas, sim?

— Virginia, tu disseste ainda agora uma grande verdade: — não poderá a mulher sacrificar o corpo ás exigencias d'este mundo, e deixar a alma para os gozos do ceu?

Tu podes ser virtuosa e pura, como os anjos, casando com um homem como Roberto de Sousa, que só exige de ti a formosura do corpo, o gozo dos sentidos; mas que te deixa livre a alma e o coração, porque são cousas que elle não conhece, se não por ouvil-as todos os dias aos outros que não são seus semelhantes.

— Todos aqui levamos a nossa cruz; e o grande milagre é escolher uma menos pesada. Poderão com essa os teus hombros delicados. Virginia?

(Continúa)

G. F.

SCENAS ACADEMICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

V

*Em que figura pela vez primeira
o Sr. Antonio Vagas*

Assim findaram aquelles amores por um louco ciúme, louco e sem fundamento algum. Joanna era-lhe fiel, como uma mulher, para quem o casamento é um calculo, e nem por sombras se lembraria de namorar outro.

Tambem, se por um lado a pobre pequena perdeu a esperanza de armar áquelle papalvo o laço matrimonial, lucrou por outro, o ver-se livre das sandices de um basbaque, e do famoso bloqueio que o dicto lhe fazia á porta da casa, de dia e de noite, sem um unico instante de interrupção.

Que de vezes o não vimos nós todos, de varapau ás costas, rondando alta noute a rua de** a espera de algum rival?!

Quebrando relações com a mulher que lhe era a menina dos olhos, José, o pobre José Tinoco, confiára demasiado em suas forças.

Como a frecha, que arrancada á ferida, mais larga e funda a abre, rasgando as carnes, assim a louca temeridade de querer matar de repente aquelle amor, mais forte o ateiou em novas chammas e fogo novo.

Que d'exforços não fez Tinoco, exforços infructiferos, para dar cabo da maldicta paixão que tinha tão arraigada no peito, como dente mollar arraigado está nos queixos?!

Pobre moço!.. ignorava o ditado popular, chulo, mas verdadeiro — *Ferida de cão cura-se com o pelo do mesmo cão* — e em vez de lançar

o coração a monte em pista d'outro amor que lhe afogasse o que o queimava, deu em fugir das mulheres como o demo da cruz!

E assim ia definhando a olhos vistos...

Despido de carnes, cavadas as faces, encovados os olhos, agrestes os cabellos, amortecido e sem brilho o olhar, vacillantes os passos, Tinoco nem sombra era do alentado, forçoso e repolhudo morgado d'outros tempos.

Enfraquecido o corpo, o espirito anouteceu-lhe, e o pobre moço cahiu, por alguns dias, nas trevas da loucura...

— Joanna! Joanna!.. infeliz de mim!.. o meu rival... ah patife!.. quero-lhe os figados para prato de meio...

Assim delirava o moço.

N'aquelles dias de provação cruel, além do abbade da sua freguezia que a toda a pressa viera assistir ao menino de quem fóra mestre, foi-lhe inseparavel enfermeiro, um amigo seu, primo em decimo grau, pessoa respeitavel pelo dinheiro do pae, e pelos pergaminhos comprados por um seu avô á custa de muita onzena, no commercio do bacalhau. Antonio Vigas é o seu nome.

É morgado como Tinoco, mas com dupla estulticia e triplíce presumpção. Dá-se n'elle a matar a sentença de Johnson — *O morgado é sempre tolo* — Este é-o e dos maiores.

No physico, Vigas é um guindaste sem affeioamento de homem, de membros desalmados, cabeça enorme e cara atoucinhada, nariz temerario e temeroso pelo comprimento, e cabellos asperos, sedosos e tão crespos e curtos que mal disfarçam as gigantescas orelhas.

No moral, Vigas é a pederneira mais diamantina, que admirar se possa.

A natureza fez os nossos dous heroes, morgados, e primos; o acaso tornou-os amigos e inseparaveis como Niso e Euryalo:

Junto d'um penedo outro penedo.

— Estás melhor? perguntou n'uma manhã Vigas ao seu amigo; — já esqueceste aquella lesma que nem um caracol te merecia?

— Sei eu lá como estou?!.. Tenho tido vontade de me esganar por ahí n'algun barão.

— Sancto Deus!.. o menino tem cousas que fazem arrepiar as carnes... A Virgem das Dores lhe valha!.. *Abrenuntio!*.. querer esganar-se?!.. *Ave Maria purissima!*..

Isto disse o abbade, benzendo-se.

Antonio Vigas gritou-lhe:

— Estás doudo, Tinoco! doudo de pedras. Admiro-me, eu o filho do barão de ***, que tu a vergontea mais viçosa da casa mais nobre de quantas tem brazões, (depois da minha) tu, o legitimo e unico herdeiro dos Tinocos, admiro-me, eu, Antonio Vigas, que assim falles!.. Animo, amigo!..

Lembra-te que a nossa vida e o nosso futuro

pertence, não a nós, mas á patria, ás camaras, ás cadeiras ministeriaes!.. Teu pae é já par do reino, e o meu, como galopim eleitoral, não está longe de o ser... Animo, Tinoco!.. O amor para nós deve ser uma colher d'ervas, e quando umas nos amargarem, passemos a outras...

— Mas, Vigas, eu queria dar o nó indissolúvel do matrimonio, prendendo-me para sempre áquella mulher...

A isto accudiu o abbade:

— Que diz, Sr. Morgado?!.. Coitadinho, está delirado!.. Casar-se com uma plebea, o filho, o filho dos Tinocos!.. Nunca os meus ouvidos ouçam outra assim!..

— Vae-te, José, vae-te!.. és indigno da minha amisade... Que bonita cousa...

— Mas, Antonio!.. olha que seria um casamento de mão esquerda...

— Embora... Se me não juras aqui, e já, o esquecel-a, deixo-te para sempre, legando-te a maldição d'um nobre!..

VI

Em que o leitor ouve fallar no grande Thomé da Silva

No capitulo antecedente deixámos o nosso Tinoco mettido em talas sem saber o que responder á invectiva de Vigas.

O pobre rapaz, receiava tanto o jurar esquecer Joanna!.. sentia-se com tão pouca força para o fazer!..

Bem conhecia elle que aquelle amor devia acabar por todas as razões, mas pobre natureza humana! — em cousas d'amor, como em tudo, o coração é sempre em lucta com a cabeça...

N'esta collisão Tinoco não sabia que responder e guardava silencio, havia bons cinco minutos, quando Vigas impaciente lhe perguntou de novo:

— Então?!.. esquecel-a e ficamos amigos; ou continuas a amal-a e quebramos para sempre as nossas relações?..

O coitado de Tinoco levantou um olhar de meiguice e lagrimas para Vigas, poz as mãos em acção de quem implora, moveu os labios para soltar uma supplica... mas viu o seu amigo de tão feia catadura, que não teve alma para pedir compaixão...

— Pois bem, — disse o misero entre duas lagrimas que eram desmentido ás palavras; — pois bem, farei tudo por esquecel-a... Juro-l'o pelo *javalí rompente* das armas da minha familia...

— Muito bem, Sr. Morgado. Isso é que é fallar... disse o abbade, sorvendo duas pitadas.

— Bravo! gosto de te ver tão bem disposto... Saíes a meu visavô Constantino Magno, quarto rei de Galiza...

— Obrigado, Antonio. A coragem na minha familia é proverbial desde minha sexta thia a grande Helena, que com uma pá do forno deu cabo de cinco mil Philisteus...

O abbade adormecêra de contente por ver o Sr. Morgado curado da tarantula, e resonava harmoniosamente.

Vigas aproveitou tal ensejo para dizer a Tinoco a meia voz, com medo d'acordar o sancto velho:

— Agora, uma proposta, José. Aceitas?..

— O que?..

— Jura-me aceites, e eu t'o direi depois. Só te affianço que has de destrahir-te e...

— Aceito, já que o queres. Dou-te a minha palavra d'honra.

Aquelle—aceito—foi dicto sem enthusiasmo o como por demais.

Tinoco ficára sem forças para ter uma vontade, depois que jurára esquecer a sua amante.

— Has de entrar n'uma sociedade secreta.

— Uma sociedade secreta?! e para que?..

— Para anticipares o futuro; para seres um dos obreiros do progresso; para prégares a ideia; para... o Thomé te dirá o resto, que eu já o esqueci... São cousas l..

— Não percebo nada do que me dizes... mas aqui estou á tua disposição. É-me indifferente tudo.

— Quando tiveres ouvido o grande Thomé, tu me dirás...

— Quem é esse Thomé?..

— Thomé da Silva é um homem sublime, e uma dos primeiros na *Sociedade das Sombras*. E' o iniciador dos neophytos. Se queres, ainda hoje te levarei a casa d'elle, e já á noute poderás ser introduzido no seio dos escolhidos.

— Irei lá quando fór tua vontade. Já... se assim o quizeres.

— Pois sim; aproveitamos o somno do abbade, e escapamo-nos. Será um meio de te distrahir e de esqueceres aquella mulher. Veste-te.

Tinoco obedeceu ao seu amigo, e em pouco foram na rua, seguindo para casa de Thomé. Era a primeira vez que o pobre moço sahia de casa, depois da sua perigosa doença.

Pelo braço de Vigas foi-se o morgado arrastando até á rua de T. onde morava o iniciador das *Sombras*, havendo-lhe aquelle, por um longo desvio, evitado a passagem pela rua de Joanna para não lhe avivar saudades.

Entrados na porta, gritou Antonio:

— O Thomé?..

— E's tu, Vigas?..

— Sou.

— Podes subir.

No cimo da escada era a nova personagem que vamos pôr em scena no capitulo seguinte

(Continúa)

R. V.

CHRONICA

Pouco ha que dizer. Coimbra depois dos festejos reaes, entranhou-se de novo na costumada pasmaceira.

Tivemos, no sabbado passado, Theatro Academico, e na quarta feira Theatro de D. Luiz. São os maiores acontecimentos da semana.

N'aquelle repetiu-se a *Maria d'Alemcastro* e o *Anjo da Paz*. O desempenho d'um e d'outro drama, foi completo.

Em D. Luiz deu-se pela vez primeira em Coimbra a *Exilda* pela companhia dos Florentinos.

A *Exilda* que tanto agrádara no Porto, onde já a haviamos visto, teve em Coimbra boa acceitação.

Natalina, a galantissima *Flori*, a sympathica *Liberti* e a querida *Conchita* foram como sempre applaudidas, e sobretudo as primeiras, de cujos beijos a plateia é sempre sófrega.

Valdecchi foi tambem applaudido, e em geral toda a companhia, se exceptuarmos o mesmre *Soldaini* que se metteu a desempenhar a parte de pae de *Exilda*. O digno director houve-se como um semsaborão e chapadissimo cágado.

Tiveram lugar no domingo as eleições para o Conselho do Theatro Academico.

Venceu uma lista, mixta das duas principaes, que se pleiteavam na urna.

Cinco protestos apresentados contra a validade das eleições levaram o Conselho vigente, a julgar-as nullas, e a convocar para depois do Natal, a Academia Dramatica a novo combate.

Trabalha-se com todo o empenho. E' um tirocinio para a vida publica.

As ferias estão a bater-nos á porta. Felizes festas e gostosa consoada deseja o *Attila* aos seus leitores e d'elles se despede, até depois do Natal.

Coimbra 18 de Dezembro de 1863. R. V.

Expediente

Como o maior numero dos assignantes do *Attila* são filhos da Academia, e muitos d'elles vão para ferias, entendeu a redacção dever sobre-estar na publicação d'este semanario até o fim das ferias, para evitar transtornos e desvios.

Os nossos leitores nada perdem com isso, pois que em Janeiro receberão junctos os n.^{os} de que lhes ficarmos em debito.

A mesma declaração fazemos aos nossos collegas da Imprensa que se dignaram trocar connosco as suas acreditadas folhas, favor que muito agradecemos.

O ATILA

Semanario



Sabbado 16 de Janeiro

Summary. — *A carne a 100 réis, por R. V.* — *Puisqu'ici bas toute âme...*, poesia por João de Deus. — *A mulher, fragmento por Teixeira Coelho.* — *Anjos do mar, poesia por Alvares de Azevedo.* — *Scenas Academicas, proezas d'um calouro, por R. V.* — *A virtude de dous anjos, por G. F.* — *Da origem e formação das epopeias nacionaes, por R. V.* — *Soneto.* — *Chronica.* — *Troca de Jornaes.* — *Expediente.*

AOS PAES DE FAMILIA

OS TEMPOS D'HOJE

ou a carne a 100 réis

Coimbra deu o que tinha a dar. Os bons tempos passaram, fugiram, não ha o voltarem! A idade d'ouro da vida Academica succedeu a idade de ferro.

A Universidade não póde, não deve continuar em Coimbra nem mais um dia... A sua transplantação e já, ou a morte para o estudante ou a pobreza para o Pae de familia...

Esta terra é desprotegida de Deus!..

Acaba de sumir-se a ultima, a *suprema ratio* a favor da conservação da Universidade aqui. — A carne está a 100 réis! — Ajuize-se do resto...

Que bons tempos aquelles em que Joanna Pedra dava um jantar — um lauto jantar — um jantar homerico — o jantar das classicas latas por 80 réis!..

N'aquellas eras o estudante que gastasse por mez mais de 4\$000 réis era um prodigo ou um Cresco.

E os Paes de familia julgam os tempos d'hoje pelos tempos que foram!..

Que são no estado presente 12\$000 réis ou 14\$400 de mezada!?

A menos que não se repitam os milagres do deserto, e não chovam codornizes é maná, a Academia amanhã estará toda no Pio!..

Mas como poderá o Pae de familia sobre-

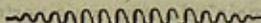
carregado de tributos e de encargos, subir as meçadas?..

A illustrada sollicitude do nosso Governo deixámos a resolução d'este problema.

E vós, Academicos, se nos não derem remedio a tanta penuria, reuni vossos haveres e... Valha-nos a sópa economica...

— Manuel Queixadas toma o meu ultimo vin-tem, o derradeiro suspiro da minha bolça, e compra-me um ovo para o almoço... Vae ligeiro, que talvez já encarecessem... Hoje ainda estão pela taxa do Codigo Pharmaceutico, amanhã?..

R. V.



Havendo alguns dos nossos assignantes pedido a inserção no *Attila* das poesias do grande lyrico João de Deus, que não houvessem sahido no *Tira-Teimas*, da melhor vontade começamos hoje a acceder áquelle desejo — porque n'isso, nos parece, vae grande serviço aos leitores e ao *Attila*.

R. V.

Puisqu'ici bas toute âme...

(v. hugo)

Pois se o homem, se anjo e nume,
Planta e flor
Dá seu canto, luz, perfume,
Crença e amor.

Pois se tudo sobre a terra,
Que ame alguém.
Rosa ou espinho, quanto encerra,
Dá se o tem;

Se os carvalhos, nós, medonhos
Veste Abril,
Se inda a noite presta aos sonhos
Gozos mil;

Se onde ha ramo, voz uma ave
Desprende;

Se onde ha folha, gôta suave
Cahe do céu;

Se na praia, quando a onda
Vem de lá,
Beijos, antes que se esconda,
Mil lhe dá;

Tambem, anjo meu saudoso,
Dar-te emfim
Ah! vou quanto de precioso
Sinto em mim!

Dou-te o nectar que me acalma,
Toma-o tu!

Sim... meu pranto! mais uma alma,
Que eu possuo!

Do que ha lindo, tudo, quanto
Me seduz!
D'esta vida... riso e pranto
Noite e luz!

Dou-te os sonhos meus ferventes
Mais leaes!
Dou-te as notas mais cadentes
Dos meus ais!

Dou-te o sopro meu, que á sorte
Vês fluctuar;
Sem mais vela, sem mais norte
Que esse olhar!

Dou-te a musa que me inspiras,
Sonho meu!
Que suspira se suspiras
Flôr do céu!

Dou-te, acceita! tudo é sancto
Tudo, oh flôr!
Dou-te uma alma, toda encanto,
Toda amor!

JOÃO DE DEUS

A MULHER?

(Fragmento)

Que és, mulher? aspide ou rosa, aguia
ou pomba, cypreste ou madresilva? que és,
mulher?

És um verme seductor, a que o homem
se aperta d'amores por contradicções da sua
natureza, em que ella é larga!

Aspide ou rosa?

Aspide!.. que tens da rosa? a frescura,
as côres. Mas és refsalsada! abrigas o aspide
atiral-o... a rosa senão avisa, é porque as
folhas se lhe não moldaram para vozes.

Aguia ou pomba? Pomba, insulto!!.. e
da aguia tens só enxergar a preza, medil-a,
pairar-lhe em sobre, dal-a ao nada.
Demais não! a aguia solta-se sublime aos
ares, tu rojas humilde pelos lugares humil-
des, mais humildes do mundo. Pomba,
insulto!!!..

Cypreste ou madresilva?

Tens luctos, que dar só como o cypreste,
saudades, não! — Mulher de mais compre-
hensivel, por que te dizem mysterios no
coração? para que dizem estultos que te não
comprehendem?

Estás demais comprehendida, pensada e
desenhada. És um verme no fundo, mas
um verme de lindas côres. És um juguete
destinado ao homem para elle descer das
abstracções do espiritualismo ás regiões
impuras da materia! Que recordas? Um
sonho do inferno!!!. Que saudades deixas?
Se o verme pôde ter saudades do seu im-
mundo abrigo, pode-as ter o homem de ti!!

Que vales? Dous dos momentos perdi-
dos da vida!!

Que podes tu meditar? Horrores, e cri-
mes!!

Que te desenha? que te representa? A
volubilidade estúpida d'um espirito aca-
nhado!

Que és mulher? Um verme desprezível!!

8 de Abril de 1861.

TEIXEIRA COELHO

ANJOS DO MAR

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitam, banhados de luz:
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito d'escuma revolvem-se nós!

E quando de noite vem pallida lua
Seus raios incertos tremer, pratear,
E a trança luzente da nuvem fluctúa,
As ondas são anjos que dormem no mar?

Que dormem, que sonham—e o ventos dos céus
Vem tépido á noite nos seios beijar!
São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
Que ao fresco se embalam do seio do mar!

E quando nas agoas os ventos suspiram
São puros fervores de ventos e mar:
São beijos que queimam... e as noites deliram,
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flôr
Os ventos e vagas gemer, palpitar,
Porque não consentes, n'um beijo de amor,
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

ALVARES DE AZEVEDO (1)

(1) Prosequimos a realisação da promessa que fizemos — fazer lembrados a Portugal os poetas Brasileiros.— Na brilhante pleiada, de que são chefes Magalhães, Gonsalves Dias, Junqueira Freire, Casimiro d'Abreu e Alvares de Azevedo, — este ultimo, o mais moço de todos e de todos o mais cedo roubado ao mundo, aos 21 annos, foi e é talvez o maior.

É-o de certo e não só nas lettras Brasileiras, como na historia das lettras, o seu nome será sempre um dos primeiros a pedir admiracão e amor.

Em 21 annos conquistou Alvares de Azevedo mais corças e glorias que fronte alguma... R. V.

SCENAS ACADEMICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

VII

Em que se tenta o retrato de Thomé da Silva

Descrever a figura do Sr. Thomé da Silva, se eu o podéra conseguir, não seria tarefa ingloria. Ao futuro passaria o retrato do grande homem, como memoria viva de um dos primeiros vultos dos nossos tempos.

Vá a tentativa e se o não conseguir, suppra o leitor com a sua phantasiadora imaginação o que houver de menos saliente no retrato, que por mais que d'elle accuse os traços, nunca ultrapassará a realidade.

Thomé da Silva tomado em globo é esguio a perder-se de vista, tanto que eu jurára ser elle uma sombra fugida a Caronte, se não houvesse a certeza de que, se é alma do outro mundo ao menos se lembrou ao entrar n'este, de vestir meia duzia de magrissimos ossos e uma resequida pelle, alguns cabellos, não pouca porcaria, e mais alguma cousa de pouco valor e pêso, tudo bagatellas esquecidas pelo seculos em algum monturo.

Esta descripção, no todo, completo-a eu dizendo o que a Thomé da Silva, com muita e inteira verdade, applicava um meu amigo: — «Vê-o... é uma aranha preta!»

O mais facil do meu trabalho está feito. Eis-nos agora chegados ás minudencias e n'estas não sei como haver-me airosamente.

Comecei eu pela cabeça que tem a configuração d'um badalo de sino, ou pelas pernas que se não foram tortas, accusariam com todo o rigor a linha recta geometrica?

Vá por aquella que o merece como laboratorio que tem sido, é, e será de grandes ideias.

A cabeça—badalo de Thomé é defendida dos tempos por um matagal de cabellos eriçados e crespos, que semelham até a illusão os espinhos d'um ouriço-cacheiro. São admiraveis no seu genero, e dão prova manifesta da providencia da natureza, que nunca enganada, dá a cada classe o que a cada uma pertence.

A testa, espelho não enganoso do interior, desce ondulosa, em curto intervallo, desde a raiz das sedas até a nascença do nariz, de vinca em vinca, cavadas alli talvez pelo muito e continuo agitar de grandes questões.

As sobrancelhas—uma a da direita é de todo ausente; a da esquerda ameaça fugir breve.

Os olhos são os de um gato assanhado, chispando do fundo das entradas olheiras sem um só pestana a defendel-os e adoçar-lhes a chamma.

O nariz corre em grandes dimensões, adunco e manhoso como o de uma fuinha.

As faces chupadissimas e ocreadas, se não foram os molares, colar-se-hiam em estreito aperto.

A bôcca abre-se breve entre dous beijos arrebitados, tenuissimos e decorados, deixando por vezes ver os esverdeados dentes, que disseres de cão damnado.

O queixo é ponteagudo e petulante.

Alguns magros pellos vegetam aqui e alli n'aquella cara funebre.

Thomé não ha peseçoço, possui dous braços enormissimos e delgadissimos, acabados em mãos espalmadas como as bases de um pato, tem um tronco igual e sem fórmãs distinctas, pernas de pavão e pés d'elephante.

Custou-me a ver-me livre de tal descripção. Foi-me precisa para a fazer paciencia que de certo os leitores não terão para a ler.

Tambem agora fica-me tranquilla a consciencia. O futuro já não poderá pedir-me contas d'esquecido ou irreverente. Para os Cuviers futuros do nosso Thomé ahí ficam senão esclarecimentos completos, umas sombras do que é o grande homem.

Voltemos ao curso dos acontecimentos.

— Eis aqui o amigo em que te fallei:— disse Vigas para o Silva.

— Ah! este é que é o Sr. José Tinoco!..
 — O mesmo. Vem para aquillo que sabes. Inicia-o e se o julgares digno de pertencer... marca o dia da apresentação. Verás, ou eu me engano, que o meu amigo não ha de ser dos mais fracos sustentaculos da sociedade.
 — Creio-te. Esta cara não engana, e promete muito.

A nós não nos falta numero, o que nos mingam, são homens de talento e coragem. Um e outra lêem-se no Sr. Tinoco...

— Isso são favores... disse o calouro — neophito.

— Qual favores, José!.. estás tolo. Quem tem *elmo aberto* (1) nas armas, possui por geração todas aquellas bagatellas. Em quanto eu vou dar um giro, conversa ahi com o Thomé, e fixa bem o que elle te disser. Virei ao anoutecer para te levar se quizeres, ao theatro Academico. Adeus.

R. V.

(Continúa)

(1) *Elmo aberto* nas armas é mostra de nobreza de quatro gerações.

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

(Continuado do n.º 3)

IV

Sente em manhã d'estio
 Doçura, luz, e amor...
 E banha o rosto a flôr
 No crystalino rio;
 E corre mansamente
 A lympa em torno d'ella,
 Qual flue na donzella
 A lagrima innocente;
 Embala-se a florinha
 No leito que a adormece,
 E a sêde em fim esquece
 Do gôzo, que a definha;
 Mas surge a luz brilhante
 Do sol banhando o raio
 Em languido desmaio
 Na onda suspirante;
 Acorda ancia e desejo
 No labio a flôr perdida,
 E á custa d'ancia e vida
 Quer dar na luz um beijo;
 Da margem foge em breve,
 O seio d'amor tremente
 E a vida na corrente
 A confiar se atreve
 E morre-lhe a esperança
 Nas aguas suspirando!
 Da luz o enlace brando

Jámais a flôr alcança.
 Correndo o alvor das aguas
 Na onda após fugiu
 E nem o sol ouviu
 As suas pobres maguas.

V

Cinge-a o branco vestido — a corôa de açucenas,
 Tão alvo como o lirio em sua fronte pallida!
 Descahe-lhe no hombro a trança, a trança d'oiro

[e medida

Dos orvalhos do ceu, das perolas da luz;
 E vóa-lhe o perfume á rosa entreaberta
 Nas azas d'um gemido aos pés da humilde cruz!
 Erguida na collina a filha dos amores,
 Das lagrimas de Deus! alguém lhe vae sorrir
 Pousando no rochedo a corôa d'alvas flores;
 E d'entre o musgo verde a roxa violeta
 E a candida saudade um anjo ao céu pedir;
 Ai que saudades tinha a filha d'estes valles
 Do berço das estrellas!
 Como ella fugiria a delibiar o calix
 Se Deus podesse vêl-as,
 As lagrimas do amor, do amor saucto, infinito
 Nos raios d'este sol, nas folhas d'este lirio
 No verbo do Senhor em toda a parte escripto,
 E nos lumes da tarde, e nos lumes do empyreu.

Mas ella desce triste a humida collina
 Dos orvalhos da noite, a flôr abre um sorriso
 Ao beijo de manhã, e o seio d'Albertina
 Porque não abre ainda á luz do paraíso?

Porque estremêces,
 Pomba ferida?
 Porque esmaeces?
 No sonho ainda
 Sonhaste a vida
 Etherea infinda
 Das illusões?
 Soltas na sombra
 Dos teus amores
 Outros suspiros
 Outras canções?

Soltas!.. ai o Deus ouviu-te
 O teu intimo gemido!
 No teu regaço cahiu-te
 Esse pomo prohibido,
 Todo ouro e rosa por lóra,
 E fogo do abysmo no centro!
 Não delibes anjo o nectar,
 Que elle finge ter lá dentro.
 Ama as varzeas esmaltadas,
 E os cerros nevoentos das quebradas
 E a cruz erguida e o paramo dos lumes,
 E a rocha nua das alpestrês sombras,
 E os ventos da montanha e os seus perfumes!
 Amor, aza branca, voando, voando...

Nas trevas profundas do immenso mysterio...
 Um anjo que foge da noite abraçando
 A luz da esperança no sonho do céu !
 Amor, seta ervada das flores eternas
 A flecha de fogo por Deus despedida,
 A voz do infinito, o nume da vida,
 Ainda escondido dos mundos no véu !
 Amor o sorriso da aurora splendente
 Dos raios eternos, dos raios do sol,
 A flamma das noites, a estrella nascente,
 O ouro que mana do eterno crisol.

Amor—braço divino, aurea escada que eleva
 Ao gôzo soberano, ao soberano bem !
 Trança da virgem sancta, aureola primeva
 Dos sonhos do Creator—o sol que a todos cega,
 A voz que a todos chama, a luz que a todos vem.

VI

Emelou-te esse beijo estremecido
 O labio aberto do intimo suspiro ?
 E pousaste o raminho bemquerido
 No altar da gruta, no ermo do retiro,
 E pousaste na mão gentil, nevada,
 A fronte pensativa, desmaiada ?
 Ai filha d'estes valles,—branca sombra
 Das noites de luar !
 Lê se pódes, na lagrima cabida,
 Na folha da perpetua resequida,
 Na saudade, vergando entristecida
 Os seios a abraçar
 D'aquelle amor perfeito, que se esconde,
 Lê a vida do amor, sonho ligeiro,
 Que se esconde no mar
 Das illusões, que o dia desvanece,
 Como a luz d'uma lampada esmorece,
 E vae na luz morrer !
 Como o sol no oceano arde
 E vae no oceano jazer.

— E as quinze primaveras
 Da minha idade viçosa ?..
 E os meus olhos côr da noite
 E a minha corôa de rosa ?..
 E os meus seios aquecidos
 Aos raios da luz de Deus,
 E os meus labios incendiados
 Pelo sorriso dos céus ?
 E a minha fronte beijada,
 Pelos astros do Senhor ! ?
 E a minha cinta abraçada
 Pelos abraços do amor ?..
 E os meus sonhos suspirados
 E a minha lagrima solta,
 E os meus peitos ondeados,
 Como a onda, quando volta ?
 E o meu collo onde desmaiam
 Os raios da lua cheia,

Onde uma estrella semeia
 Menos raios,—menos luz ?
 Não poderei abraçal-o
 Como abraço a minha cruz !
 Quando lhe ponho aos pés a humilde flor ?
 Ai ! sonho d'esta doce primavera
 Quem me déra
 Gemer-te n'um suspiro todo o amor.

Entre penhascos sombrios,
 No ermo do bosque undoso
 Às ventanias da serra,
 Era um lugar solitario
 Cercado dos murmurios
 Do crepusculo mimoso.
 N'esse dia amor cerrava-o,
 Como n'um doce sacrario.
 Era a gruta dos amores
 Com seu altar de conchinhas,
 E seus assentos de cedro
 E suas pobres florinhas.
 A deusa d'aquelle templo
 Desmaiava em terno abraço,
 Quando o sacerdote o incenso
 Lhe mandava n'um suspiro !
 Não sei que doirado laço
 Os prendia alli tão bem,
 Que d'este mundo ninguem
 Quebrava o doce feitiço...
 Gemiam ambos sosinhos
 N'aquelle lindo sorrir
 Do sol, que nasce entre arminhos
 E póde o céu colorir !
 As comas do arvoredó,
 O branco raio da tarde,
 E da avesinha o segredo
 E o saudoso esmaecer
 D'aquelle fogo divino,
 Que vae nas aguas morrer,
 Quando a montanha deserta
 N'uma hora de luz incerta
 Indecisa—vacillante,
 Vê o mesto alvorecer
 Da lua, sonho do amante ;
 As deliciosas loucuras
 D'um primeiro e sancto amor
 Banhado d'estas docuras
 Da primavera, do albor !
 Tudo o céu mostrava alli.
 — Como me foge dos seios
 O coração para ti...
 Gemia n'um sorriso, luz da aurora,
 E lagrima de flôr que o valle chora ;
 Porque o valle despido da sombra
 Do suave passeio amoroso
 Da formosa, sonhando ontro gôzo,
 Já perdêra o celeste matiz ;
 E chora a saudade sentida
 Da que fôra sua luz e sua vida.

— Dá-me tu, filho, os amores,
Que eu perdi!
Eu amava a selva e o prado,
E agora só te amo a ti.
Eu amava estes segredos
Da montanha e da floresta
E a coma dos arvoredos
A esconder-me a face mesta,
E tão bellos
Ao doirar de cada dia
No seu abraço profundo,
Quando o sol os accendia,
Como de Deus os cabellos
Espalhados pelo mundo.
Eu amava a irmã do berço,
A minha doce Violante;
O labio do meu amante
Era a rosa entreaberta,
Alva como a neve pura,
Matisava-a o meu sorriso:
Era a vida um paraíso
Não havia noite escura!
Uma estrella me doirava
A face de minha irmã,
Quando a luz nos acordava
— Alva estrella da manhã.
Um abraço me prendia
Nos jardins, na fonte clara
Onde o sol me retratava
E áquella que eu tanto amei,
Se não fosse. — «engano d'alma»...
Tudo por ti perderei?
A paz, a sancta poesia
Das saudades do céu!
O sonho, o pallido veu
Das esperanças infindas
Da rosa a perenne fragancia,
E áquellas imagens lindas
Da minha fada da infancia!
Tudo, tudo... eu vejo agora
No teu rosto desmaiado,
Nos meus intimos suspiros.

Deixo alli o meu berço abandonado,
O thalamo dos sóes, o leito amado,
Onde dorme o amor de mãe!
O throno erguido sobre o roio immenso
Dos astros e dos mundos
Onde repousa a dextra de meu pae!

— Filha do céu, da luz, estrophé sancta,
Harmonia, oração, suspiro d'alma,
Oh cantico de Deus!
Eleva-me da terra entre agonias,
E deixa-me que eu volva, sembra errante,
A um sorriso dos céus.

(Continúa)

G. F.

Sobre a origem e formação das epopeias nacionaes, tem-se, n'este seculo, debatido tão encontradas opiniões, sem que a questão se ache ainda de todo resolvida, que julgo fazer, senão a todos, a grande numero dos leitores, um serviço, dando nas columnas do *Attila* uma parte da magnifica introdução de Émile de Laveleye á sua traducção franceza dos *Nibelungen*—Paris — 1861.

Poucos ha de certo entre os leitores do *Attila* que não tenham leitura do magnifico poema de que acima vác o nome, estou porém que nem todos conhecem a traducção alludida, e este é o motivo de extractar para aqui a parte da introdução que versa sobre epopeias nacionaes, accrescendo ainda o julgar, em meu entender, as paginas de Laveleye em nada inferiores ás que Edgar Quinet publicou sobre o mesmo assumpto.

R. V.

DA ORIGEM E FORMAÇÃO DAS EPOPEIAS NACIONAES

(Traduzido de Émile de Laveleye)

Tal como se discute hoje em dia, é nova a questão da origem e da formação das epopeias nacionaes (1). O seculo dezoito pensou de modo diverso. Assim como então se phantasiava de bom grado, que as religiões eram inventadas pelos padres para armar á credulidade dos povos, que as sociedades tinham por base um contracto, e que as linguas eram o resultado de estudadas combinações, do mesmo modo se cria que todo o poema epico era necessariamente a obra individualissima de um poeta mais ou menos inspirado, que soubera revestir

(1) Devem-se entender por estas palavras, as epopeias que, apesar de haverem recebido do genio de um só homem a sua forma acabada, foram comtudo concebidas e elaboradas pelas facultades poeticas de todo um povo. Taes são a *Iliada* e *Nibelunge*—not. As paginas que se seguem applicam-se unicamente ás produções dos tempos litterarios, taes como a *Eneida*. Os poetas que compõem estas inspiram-se ordinariamente, é uma verdade, das tradições legendarias ou historicas, assim como o fizeram Virgilio e o Tasso; são porém elles que criam os caracteres e dispõem a acção segundo a sua imaginação. A epopeia nacional é primeiro que tudo uma obra collectiva e democratica. É um monumento do genio de um povo inteiro que falla até ao coração das classes mais haixas. O poema litterario é essencialmente uma obra individual e aristocratica; não revela senão o genio de um poeta e não se dirige senão aos espiritos cultivados. É necessaria esta distincção para os leitores não estenderem as nossas affirmações a casos em que ellas deixariam de ser verdadeiras.

com as côres brilhantes da sua imaginação, quer um facto ceifado na historia, quer uma fabula colhida no dominio da ficção. Discutiam longamente pontos secundarios, taes como o emprêgo do verso e do maravilhoso, sem duvidarem que taes cousas são reguladas por uma especie de lei natural. Queriam encontrar em toda a parte, mesmo na mais remota antiguidade, os modos d'obrar do homem moderno, que, nas suas produções litterarias, tem um plano determinado, e que emprega os meios proprios a fazer-lhe attingir o fim que se propoz. Não tinham então nenhuma ideia das faculdades de poesia instinctiva, do poder de composição collectiva que, nos tempos primitivos, dão origem aos symbolos da linguagem, aos mythos religiosos e ás tradições epicas.

Voltaire, por exemplo, que escrevia a historia da epopeia no prefacio da *Henriada*, e que n'outra parte se obstinava em não ver nas conchas achadas no cimo das montanhas senão cascas d'ostras alli levadas pelos perigrinos, não pensava melhor sobre o modo de formação lenta e progressiva de certas creações do espirito humano nas idades ante-historicas, que sobre o modo de formação successiva e espontanea das creações da natureza nas grandes épocas geologicas. Se hoje, por um excesso opposto, se dá ás vezes uma importancia demasiada exclusiva á acção anonyma dos povos, então attribuia-se tudo á acção individual e reflectida dos grandes homens.

É verdade que, mesmo hoje, depois das investigações da mais vasta e engenhosa erudição, temos alguma difficuldade em nos figurar claramente o como a imaginação popular produzia outr'ora as mythologias e as epopeias. A humanidade deixou para sempre o periodo infantil das fabulas para entrar na idade viril das sciencias. O nosso tempo já não produz nem theogonias, nem tradições epicas: as faculdades poeticas dos povos já não criam nem divindades nem heroes.

Tem-se dicto e com razão, o maravilhoso é proprio ás verdadeiras epopeias, como o sobrenatural o é aos cultos antigos; porém do mesmo modo que os milagres contemporaneos se esvaeem á luz da publicidade, quando se não mallogram diante da repressão judiciaria, do mesmo modo o maravilhoso nos poemas modernos não é mais que uma figura de rhetorica, um meio de convenção que não illude nem o auctor, nem o leitor. A muita luz que reina em o nosso tempo, impedindo as vaporosas figuras do mytho de tomar corpo e de se agigantar nas crenças dos povos, faz com que nos seja tão difficil estudar ao vivo o modo de formação da epopeia como o das linguas. Habituaados a considerar factos claramente determinados e personagens reaes, não conseguimos o avan-

çar com passo seguro n'essas idades crepusculares, em que o possivel e o impossivel se confundem, em que a realidade e a fabula se unem para produzir seres phantasticos e acontecimentos extraordinarios. A difficuldade que experimentamos em nos transportar á época mythica e a falta de testemunhos antheticos sobre estes tempos remotos, ha tido por resultado a produção de muitos systemas para explicar a origem das epopeias nacionaes (2), sem que nenhum d'elles tenha podido reunir em seu favor provas assás completas para arrastar uma adhesão unanime.

(Continúa)

(2) Ler-se-ham sempre com fructo os artigos que M. Edgar Quinet publicou sobre este objecto na *Revista dos Dous Mundos* em 1836 e 1837, artigos brilhantes e ousados, cujas ideias pela maior parte tem sido antes confirmadas que destruidas pelos trabalhos posteriores da critica.

SONETO (1)

Em diversa estação do alegre dia
de Venus nasce a flôr, e mais a estrella
pois a flor logra ser na manhã bella
e o astro vida tem na tarde fria:

De opposto occaso, igualdade impia
contra as mesmas bellezas se disvella
que se na tarde fria morre aquella
esta na manhã logo a luz infla.

Mas quem de hum gosto nas delicias ledo
vê a flôr que então brilha, a estrella que arde,
não concebe de sua morte medo.

Pois entre tão gentil, de ambos, alarde
para cuidar na tarde ainda he cedo
para que a manhã lembre ainda he tarde.

(1) De um livro manuscripto que possuímos, e que tudo nos faz crer ser obra de pandego fradalhão — uma especie de livro intimo — em que o bom do homem registava as suas boas horas — copiamos o soneto supra, que destoando completamente de quasi todo o resto do manuscripto, onde a lubricidade mais fradesca tem o primeiro lugar, nos pareceu digno da publicidade. R. V.

CHRONICA

Quanto em outros tempos amava a chronica, tanto hoje a aborreço. Os ventos nem sempre sopram do mesmo horizonte. Os annos e as vicissitudes da vida dão de dia em dia nova feição ao homem.

Vae pois a chronica por dever do officio.

Os meninos Florentinos deixaram-nos, e deixaram muitas saudades. Ainda hoje estão mal enxutos muitos olhos, que as lagrimas velaram no adeus da despedida.

As galantes crianças foram para Braga esperançados em enfeitigar aquellas boas almas dos minoristas e prebendados, mas creio que pouco felizes tem sido.

Mestre Soldaini lá levou já uma pateada.

O tacho persegue o barbaro por toda a parte.

Dizem os jornaes de Braga, que as damas Bracharenses resolveram tomar debaixo da sua protecção toda a Florentinada. O tempo confirme tal noticia, é o que desejamos — pois mesmo longe — o chronista segue com olhos de sympathia as lindas Flori, Natalina, Conchita e Liberti.

Parece que sempre teremos, em D. Luiz, a companhia de Zarzuella, que ora está fazendo as delicias dos diletantis do Baquet. A assignatura para 10 recitas já vae crescida.

Venham as sympathicas Hespanholas, venham, que serão recebidas de braços abertos.

No theatro Academico já se distribuiram os papeis para a *Fabia*, que ha muitos annos não ia á scena. Será desempenhada pelo curso do quinto anno de Direito, como isso é de usança. Deve ser funcção acceada.

Os bailes de mascaras continuam em D. Luiz, menos animados porém que no anno passado. Falta o enthusiasmo que lhes dava a Sociedade dos *Tatiras*.

Domingo teremos recita no theatro da Graça. Vae á scena o — *Moedeiro Falso* — drama em 3 actos, original do nosso amigo Antonio Francisco Barata, auctor muito apreciado do publico.

Esperámos um enchente completo, e uma ovação animadora e verdadeira ao auctor.

As bexigas grassam com grande força n'esta boa cidade. Estam atacados muitos Academicos, nenhum porém, segundo ouvimos dizer, em perigo.

Falla-se em refórmas na Faculdade de Direito. Veremos.

Coimbra — 13 de Janeiro de 1864.

TROCA DE JORNAES

Temos recebido em troca do nosso semanario, os seguintes Periodicos:

De Lisboa — Gazeta Medica, n.º 23 e 24. — Revista Agronomica, n.º 10 do tomo 1.º da 3.ª serie. — Bem Publico, n.º 28. — Boletim do Clero e Professorado n.º 37. — Chronica dos Theatros, n.º 9 da 2.ª serie. — Monitor Portuguez n.º 20. — Portugal Illustrado n.º 6. — Asmodeu n.º 264.

De Beja — Bejense.

De Evora — O Pharol do Alemtejo.

De Leiria — O Leiriense.

De Coimbra — Chrysalida — Liberdade — Comercio de Coimbra — Conimbricense — Instituto.

Do Porto — Jornal da Associação Industrial Portuense — Archivo Juridico, n.º 29, vol. 5.º

De Braga — Clamor do Povo.

De Vianna — Viannense — Amora do Lima.

De Guimarães — Vimaranesense — Religião e Patria — Gloria.

De Valença — Voz do Minho.

A todos os nossos collegas — agradecemos a attenção.

Expediente

O ATILA — assigna-se:

Em Coimbra

Na Imprensa Litteraria

Na loja de livros da Viuva Moré

Na Livraria Central

Na loja de livros do Sr. Sanches

E na loja de livros do Sr. Mesquita

Em Lisboa

Na Livraria Central — Rua do Oiro

No Porto

Na loja de livros da Viuva Moré

Preço por trimestre { Coimbra 500
 { Provincias..... 560

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte á Redacção do — ATILA, — Couraça dos Apostolos, n.º 30.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

Sahiram á luz

FOLHAS AO VENTO

Contendo

Scenas Academicas — Impressões de viagem de Coimbra a Condeixa.

Ensaio Critico — O Ultramontanismo na Instrucção Publica em Portugal.

A Instrucção Publica em dous Capitulos — I Magister Ludovicus. — II Magister Simonides.

Um vol. em 8.º de perto de 200 paginas

por Rodrigo Velloso

Preço..... 500 réis.

Vendem-se em todas as lojas de livros.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA.

O ATILA

Semanario



Sabbado 23 de Janeiro

Summario. — *Mosteiro e Sombra*, poesia por João de Deus. — *Ella*, fragmento por Teixeira Coelho. — *A virtude de dous anjos*, por G. F. — *Scenas Academicas*, prozas d'um calouro, por R. V. — *Da origem e formação das epopeias nacionaes*, por R. V. — *Chronica*. — *Expediente*.

MOSTEIRO E A SOMBRA

Como em erma e funda gruta
Gôta e gôta filtra e cõe,
Sem que saiba o que isso escuta
Quanto lá por dentro vae;

Como ao longe, incerta e baça
N'uma igreja alveja a luz,
Que da lampada esvoaça
Que a vidraça reproduz;

Eu — volátil borboleta
Que uma lagrima aspirou,
Sem saber quem a violeta
D'essa lagrima orvalhou:

Mal te vi! — moura encantada!..
Mas á luz dos olhos teus,
Murcha a lampada sagrada
D'um altar no nosso Deus!

Mal te ouvi! — mas as suaves,
Lindas notas que te ouvi.
São de moura a sete chaves!
São de fada! são de hurí!

Que eu nem preso, ao menos, viva
Nas prisões que te alguem deu!
Preso a ti, linda captiva...
Se inda é livre um escravo teu!

Fada! ós cofres do thesouro,
Com que ha muito sonho em vão,
Li eu n'alma, em letra d'oiro,
Que os tens tu, no coração!

JOÃO DE DEUS

ELLA

(Fragmento)

Que maior parecer divino deste á terra
produzir, meu Deus? que maiores encantos
deste a sonhar a homens? que maiores per-
feições, que melhor pureza a amar a anjos?
É unica, meus Deus, nas puras bellezas da
creação, é uma viva prova da infinita per-
feição de teu poder infinito; é a incarnação
ephemera d'um raio sempre infindo de tua
gloria, ella, de que a terra se orgulha ter
em si os vestigios dos passos, ella, de que
o sol se ufana irradiar-lhe a fronte, ella,
que a lua se ensoberbece fazer meditar nas
horas caladas de seu rotar eternal, ella, a
synthese da bellezas humanas, a approxi-
mação das divinas!..

Homens, nos momentos arroubados de
vossa juventude, nos ardentes sonhos de
vossa mocidade, não tendes entrevisto des-
prendidos do mundo, librados em illusões em
espaços, não do mundo, não terrenos, per-
feições só d'anjos, como as da phantastica
virgem do Dante? como as das promettidas
houris do paraíso musulmano? como o re-
flexo do bello ideal, que vos agita a mente?..

Mulheres, concebeis da terra, quem na
terra fizesse empallidecer encantos não
egualados d'alguma d'entre vós? quem d'es-
sas bellezas fizesse meros-satellites? quem
esses encantos arrastasse á indifferença, de
quem os contempla? quem essas perfeições
fizesse estremecer duvidosas?..

Homens a realidade da idealidade de vossa phantasia é ella...

Mulheres, é ella, quem deslumbra e sufoca n'um triste desengano a mais bella d'entre vós?..

O...

TEIXEIRA COELHO

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

(Continuado do n.º 4)

E Violante? Quatorze primaveras! candidas, como o vello de espuma; docemente suaves, como o esmaecer da tarde d'estio... Violante! quem a poderá acordar do sonho do berço?

Que imagem, a não ser a da Madona do céu, que tem o coração traspassado das espadas do amor, illuminará aquelles olhos adormecidos ao gorgoeio das avesinhas bem-amadas?

Que sópro inclinará aquella hastea solta dos jardins ethereos ao vento do Senhor, haurindo sempre do coração infinito a seiva da sua formosura, da sua vida, das suas flores, das suas lagrimas, dos seus fructos, das suas esperanças?

Que sacrificio fará o amor humano para estremecer aquelles seios, inclinados no derradeiro ésto da tarde á cruz da montanha, em abraço piedoso e sancto, como o beijo dos ultimos raios do sol, que se despedem do symbolo da abnegação divina, e dos olhos da formosa do valle?

Que mundo dos ephemeros brilhantes, comprados ao suor do desgraçado, desentranhados do estertor da victima, mortalias de sangue no purpura dos reis, maldições do pobre na corda dos barbaros; fome e nudez e frio dos infelizes na sumptuosidade dos ricos; lagrimas e desespero, e blasfemias na alegria dos insensatos... que mundo abandonado da mão de Deus povoará de sombras e desejos aquelle coração, formado do perenne fogo da bondade eternal?

Que serpente lhe mostrará a poesia da vaidade, ou o orgulho da impotencia humana? Qual será a arvore do bem e do mal, onde Violante colherá o primeira e ultimo pomo, o lume do abysmo infinito que queima, devora, sepulta e aniquila.

VIII

«A cruz, a estrella, o desmaio,
O sonho, o amor, o meu Deus!
Da lua o candido raio,
Da avesinha o mesto adeus!
Da fonte, do valle, do lirio

Matiz, alvura, frescôr...
Da oração o branco cirio,
A virgem, rosa do empyreu,
Da manhã o roseo albor.
A tarde com seus mysterios,
A noite, os sonhos aereos,
E as melodias do céu!
Vaga sombra do infinito
O mar dos astros, o véu
Dos mundos da omnipotencia;
E depois a humilde essencia
Da florinha, que nasceu,
Á sombra do cedro annoso
E na montanha esquecida
Espera o ultimo gôzo...
Quando soprar o nordeste
E o cedro amarellecer
Onde irá a pobresinha
No dorido esmaecer?
Lá onde vagam as flores
De mil fórmãs, de mil côres,
Sempre bellas, e vicosas...
Ao mar das perpetuas rosas,
Ao foco de eternos lumes,
Ao seio da infinda luz!
Lá onde só vive a crença
Do verbo da religião immensa
Do sancto verbo da cruz!
Lá desmaie o seio puro
Do meu amor por Jesus!
Como eu te amo, oh peregrino
Da romagem do infinito!
Cançaste ao beber o calis,
Mas Deus levou-t' o! onde páras
Coração do immenso amor?
Em que mundo a eterna gloria
Te abraçou, filho de Deus?
Onde ganhaste a victoria?
Em que plagas, em que céus?
Eleva-me ao sanctuario,
Onde não flua o teu pranto!
Quero a dobra do teu manto
P'ra me esconder os gemidos!
Um raio da tua corôa,
O raio do teu poder!
Quero um beijo dos teus lablos,
Quero em teu seio morrer.

IX

Porque choram? que lagrimas hypocritas.
Derrama a turba em frente d'um sepulchro?!
Porque se entoam lá carmes sacrilegos,
E vozes de prophetas mentirosos?
Que vulto se levanta d'entre as ondas
Do povo, que enxameia; ergue a cabeça
De tristeza assombrada!.....
.....
Insulto acerbo
Á memoria do justo! a natureza

Indignada abafa-lhe os gemidos
Da lamuria villã; sopra com furia
Da noite a ventania, e a chuva innunda
O atrio do templo aberto á força ingente
Dos ventos da montanha! as luzes baças
Tremem, oscilla a lampada do centro;
A nortada rugiu! o candelabro
Cahi despedaçado, as trevas funebres
Espalharam-se longas no recinto
Profanado dos homens! ai sorveu-o
A fauce immensa do medonho abysmo.

X

Se me vires á noite reclinada
Languidamente no rochedo erguido
Sobre as ondas do mar;
Saudando a casta diva, a namorada,
E o cortejo luzido
No throno azul, onde eu não sei voar...
Vem até mim, quero dizer-te cousas,
Que só tu has de ouvir...
São cá do velho mundo; se t'as conto
Has-de chorar e rir.
Esta comedia humana, meu amigo,
(Que foi p'ra ti negrume de tragedia)
Vale uma breve, e tosca narração...
Escuta-a paciente, depois vinga-te,
Abandonada-a ao negro turbilhão.
A escura morte, aos raios despedidos
De tua ira... Espera!
Filha do meu abraço, eu amo-o ainda!
Elle ha de abrir o seio aos meus gemidos!
Aqui no solio immenso d' estes ermos
Do mal e da vingança, a gloria infinda
Não me apaga a memoria do berço!
Tenho alli, a meu lado, a tua cruz
E beijo-a eu!... e n'este oceano immerso
Ondas da etherea luz
Não m'a escurecem, não!

XI

Salve, filha do sol, da noite brando lume,
Quem pôde caminhar além das trevas densas
Onde te escondes, anjo?...
Ai se toda me banho em teu doce perfume!
Se a tua dôr me innunda, alma das agonias,
D'amarguras immensas!
Que prantos, oh mulher, que lagrimas chovias
No teu calvario erguido! ao ceu erguida a face,
Velaça por amores!
Onde repousa a dextra, abençoando as dôres
Harpejo da harmonia
Das lagrimas do amor, do coração rasgado
Onde vives, Maria?
O ferro do martyrio, em seios teus cravado

Ainda dilacera o espirito do céu?
E o martyr de tua alma esconde a corôa augusta
No amor do seio teu?

.....
Lá no fundo das trevas, que te cercam,
Aceita o adeus mais triste!
Sem esperanças, Maria,
De te abraçar na hora
Da ultima noite, quando a voz ardente
Abrir do nada o abysmo, a treva, o mar profundo
Quando os eixos do mundo
Deixarem de rolar no immenso espaço!
Ai quem ha de abraçar pó disperso
Da virtude e do amor!
Quem ha de alevantar o humilde berço
Da lagrima ou da flor?
Eu vivo além dos sóes, aos pés d'Aquelle,
Que fez rugir o nada!
Psalmo da minha gloria é o canto d'Elle
A sua voz amada!
Sobre os astros erguida a cruz da morte
Brilha na mão do Eterno!
Filha do meu amor, solta o teu hymno
Tens a grinalda d'este amor divino
Nas settas de Maria...
Adormece no thalamo dos sonhos,
Hei de abrir o teu dia!

XII

Mas a alvorada de Violante era apenas o suspiro mavioso do crepusculo.
A antemanhã do seu dia adivinhava-a ella talvez no palido reflexo do lume de Deus, aquelle esplendido fogo, que se levanta entre labaredas de purpura, e arde na montanha sagrada, no bosque mysterioso, no prado brotando em perolas as lagrimas do céu, no lago sereno espe lhando no seio a coma do arvoredo, e a ave que suspira o seu hymno, na selva sussurrante aos abraços da viração amorosa, no canto da zagala, no rugido do leão, que vae acoutar-se na profundeza de sua mysteriosa noite, em tudo o que vóa e se arrastra por esta vereda tenebrosa da vida.

Adivinhava-o Violante o grande dia, que para ella assomava deslumbrante e bello na doirada orla do horizonte da terra.

Como seria bonito o acordar d'aquelle anjo!
Ao cerrarem-se-lhe as palpebras no somno immenso, que balsamos de celeste voluptuosidade lhe derramaria nos cabellos o halito do esposo amado! Ao subir com o passo tremulo da emoção das esperanças o degrau do seu leito frio e mysterioso, mas ermo, ermo das angustias humanas, que beijos de luz na sua face desmaiada, que nuvem d'estrellas sobre a grinalda da escolhida, que suspiros a abraçar-lhe o collo em perolas do céu, que veredas alas-

tradas de flores a amimarem o pé alvo e nu, como o desbrochar da açucena, que templo immenso sobre columnas de diamantes a abri-lhe as suas portas de cedro, que harmonias soberanas á entrada da esposa de Deus!... que noite infinita depois sem astros, nem sonhos, nem esperanças! ai o adormecer da morte!

Vôa para o céu, borboleta doida, ha de queimar-te a luz. Porque o somno da virgem, que dorme além na faldá da collina, nem o sussurro dos cyprestres da sua campa te diz segredos d'elle. Porque a aveinha expira ás rajadas do norte, e a folha perdida vôa nas azas do turbilhão para os ermos da escura noite! Porque o sol ha de sumir-se um dia entre as ondas do oceano das trevas, e não virá depois dourar a montanha, onde vês ainda a Cruz das tuas esperanças, que se despenhará ao estampido do trovão e ao fragor do raio sobre a voragem do abysmo. Porque o throno do infinito não é do barro mesquinho da creatura, que passa na immensidade, como a duração do momento na longa cadeia dos seculos!

Vôa para o sol, borboleta douda; ha de queimar-te a luz!

(Continda)

G. F.

SCENAS ACADEMICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

VIII

Em que José Tinoco começa a aborrecer-se da maçonaria

Depois da sahida de Vigas, Thomé convidou José a sentar-se, e fazendo o mesmo, fallou-lhe assim:

— O nosso irmão Vigas manifestou-nos desejos de que o sr. Tinoco se filiasse n'uma loja maçónica, a ver se será possível o distrahir-se completamente d'uma paixão mundana que, nos disse elle, mui doente o tem trazido. Com o maior prazer accede a loja R., a que elle e eu pertencemos, a este desejo, não só porque leva muito em gosto obrigar um tão respeitavel irmão como Vigas o é, mas porque espera haver no sr. Tinoco mais um valente sustentaculo. Antes porém de lhe dizer alguma cousa da origem, doutrina e fins da maçonaria em geral, e da nossa loja em particular, objectos sobre que, pelos nossos Estatutos e como um dos dous irmãos *vigilantes*, tenho obrigação de illustrar os neophytos—é dever meu inquirir do sr. José se é por livre e propria vontade que está

resolvido á dar este passo, ou se alguma influencia estranha a isso o levou. Na maçonaria não se querem corações constrangidos e vontades vacillantes. A grande obra que empreendemos necessita de vontade firmes—de homens inteiramente devotados á sua missão.—Responda-me pois se é por sua livre vontade que deseja entrar para a nossa loja...

— A mim são-me cousas, essas, inteiramente indifferentes. Vigas pediu-me que entrasse para a maçonaria, e eu respondi-lhe «sim», como lhe teria respondido «não».

— Mas então o sr. Tinoco não tem um desejo firme de se iniciar!.. não é *sua sponte* que vem a filiar-se entre nós?..

— O segundo período da sua pergunta não o percebi eu bem... É o mesmo; responderei ao primeiro. Já lhe disse e repito, entro para a loja, visto que o Vigas assim o quer... Faça isto com inteira indifferença...

— Pois o sr. José não sente em si um não sei que, que o chama para nós?.. não experimenta uma vontade insuperavel de querer associar-se aos nossos augustos trabalhos, á nossa sancta empreza?..

— E esta?.. o sr. Thomé não ouviu já duas vezes o que lhe respondi?.. Pão pão, queijo queijo. Pela terceira vez lhe digo que tanto se me dá como se deu, o entrar ou deixar d'entrar... Sei eu lá o que são essas cousas para poder dizer que gosto ou deixo de gostar?! Se lhe sirvo assim, aqui me tem, senão...

— É que o nosso irmão Vigas disse-nos que o sr. Tinoco tinha immensos desejos de se refugiar no nosso seio... Foi pois o seu amigo que nos enganou... Demais não podemos admittir entre nós senão os que de sua livre vontade se votarem á grande obra...

— O sr. Silva sempre é um massador!.. Se a tal loja tem muitos assim, sempre lhe digo que deve ser mais aborrecida que a loja do barbeiro lá da minha aldeia... Só para o não aturar mais—apre que sarna!—darei tudo o que quizer. É de minha livre vontade que desejo entrar para a sua loja... Está satisfeito, sr. Thomé?..

— Muito bem. Vistos os grandes desejos que o sr. Tinoco tem de *sua sponte*...

— Ah! vem outra vez com a sua spo...

— *Sua sponte* é latim; quer dizer «sua vontade».

— Pensei que era outra cousa. Como ainda não passei de *currus, currus*...

— Vistos os desejos que o sr. Tinoco manifesta de entrar para o nossa Sociedade eu como irmão do vigesimo... oitavo grau, e em nome de toda a loja, intimo-o para comparecer, de hoje a 8 dias, no largo da Feira ás 12 horas da noute, acompanhado do nosso irmão e seu padrinho—Antonio Vigas—a fim de ser ini-

ciado, depois das diversas provas — na loja R. (1) como aprendiz (2).

— Posso ir passear?..

— Inda não. Compete-me agora dizer-lhe alguma cousa sobre a origem e fim da maçonaria em geral, para depois lhe explicar qual o pensamento que presidiu á criação da nossa loja.

— Peço-lhe que seja breve.

— Vae tudo em meia duzia de palavras...

— Deus o ouça, que se d'esta me vejo livre, não caio n'outra...

IX

De como José Tinoco — completamente aborrecido da maçonaria — por um triz não quebra a cabeça a Thomé da Silva

— Ouça-me com attenção: começou Thomé.

Em quanto á sua origem — poderia eu ir com muitos outros buscar-a antes do diluvio; limitar-me-hei porém a, o que está provado até á evidencia, ir filiar a maçonaria, entre os pagãos nos mysterios d'Iris e entre o povo escolhido no grande Salomão, que a instituiu pela fundação do templo, dividindo os seus membros em quatro classes e estas em diversas lojas.

A grande ideia foi-se perpetuando entre uns e outros até os nossos dias. Entre os pagãos foram mui celebrados os mysterios Orphicos, d'Eleusis, de Samothracia, Thesmophorias, Coityto e os *collegia* ou *sodalía* dos Romanos — os mysterios Druidicos e outros. Entre Israel os *Essenios* a que dizem pertenceu o proprio Christo (3).

Isto no mundo antigo. No moderno — os Cuidados da Bretanha, a Sancta-Vemhe, muitas outras é no seculo passado a maçonaria propriamente dicta que desde 1721, em que foi introduzida em França, em breve se espalhou por todos os paizes de velho, novo e novissimo mundo.

Segundo os calculos mais rigorosos podiam-se contar no mundo 3:000 lojas maçonicas, isto antes da criação da nossa — agora contar-se-hão 3:001.

São tres os ritos seguidos: — o Escossez, o Francez e o Egyptico. Ha 33 graus — sendo o ultimo, segundo se diz instituido por Frederico II da Prussia. Os tres primeiros graus constituem a maçonaria *symbolica* ou azul, e...

(1) A loja R., inda que do rito Francez, introduzio muitas alterações no seu ceremonial — algumas das quaes nos aqui apontámos. Muitas d'ellas tornaram-as necessarias os costumes Academicos.

(2) Aprendiz é o nome que tem os do 1.º grau.

(3) Leia-se Leroux, e a obra ultimamente lançada no *Index* — Morte da Christo — por Rainée.

— Ainda tem muito que me dizer? interrompeu Tinoco.

— Estou no principio. Falta-me fallar-lhe dos fins da maçonaria e...

— Pois se quer um conselho, digo-lhe que me poupe o resto... Que me importa á mim tudo isso?.. Não lhe percebi uma palavra do que tem dito...

— Então o sr. Tinoco não quer saber quaes os fins da Sociedade para que vae entrar?..

— Eu não quero saber nada... Com mil diabos!.. o que eu quero é que me deixe socegado... Isto é de fazer perder a paciencia!..

— Mas...

— Mas... o que?.. Ora diga-me cá: o que tenho eu com Salomão, com... com... todos esses nomes exquisitos que ahí disse?!. Conheço ou por ventura essa gente?.. Se este foi o remedio que me descobriu Vigas para eu me acabar de curar da minha paixão pela Joanna — ai Joanna! — declaro-lhe que é um pessimo remedio... Antes uma duzia de causticos!..

— O sr. Tinoco tem um genio!.. Modere-se, seja paciente. Como quer *accarretar materiaes para o grande templo da luz* se a paciencia nada lhe soffre?.. A paciencia e resignação são duas das primeiras virtudes maçonicas.

— E elle a dar-lhe...

— Escute... São mais alguns instantes. O fim que nos temos em vista é, em Coimbra agrupar em torno de nós a Academia inteira, de modo que ao primeiro aceno do *Veneravel*, ella se mova como um só homem.. No...

— Com que então os srs. meus irmãos que-rem-me para criadol agora é que eu vou precebendo alguma cousa... E o parvo do Vigas!.. cada vez me conveção mais que elle é tolo da maior marca que eu. Já não quero saber de tal Sociedade.. Criado, eul..

— Olhe que percebeu mal. Attenda-me.

— Adeus, meu amigo. Outra vida!..

E Tinoco levantou-se para sahir. Thomé que já contava com o nosso homem, e tinha o maior empenho em filial-o na sua loja, tentou impedir-lhe a sabida, pondo-se-lhe diante e dizendo:

— Sente-se, sr. José, sente-se... Modere-se um pouco... espere pelo Vigas. O sr. percebeu mal...

— Já não estou para o aturar. Deixe-me sahir senão...

— Pois o sr. Tinoco!.. Só dous minutos... Ouça-me as explicações... ouça, irmão...

É Thomé continuava a tomar a porta ao calouro, esperançado ou em que elle se moderasse, ou na vinda de Vigas.

— Ah! o menino não me quer deixar passar!.. Espere que eu lh'o digo...

Acompanhando as palavras com acções, José lançou as mãos aos punhos de Silva, e

dando-lhe um balanço, fel-o ir cahir d'encontro á parede fronteira, a distancia de dez passos. Por um triz lhe não parte a cabeça. Felizmente o choque soffreram-o os hombros.

Em quanto o irmão vigilante (4) gania com dôres nos ossos, que com o empurrão contra a parede lhe ficaram, como diz o vulgo, n'um feixe, Tinoco desceu as escadas d'um pulo, e tão cego ia que esbarrou em cheio com o Vigas que vinha entrando, a ponto de o fazer quasi tombar.

X

De como José Tinoco resolveu ir ao theatro

— Então que é isso?.. mais a modo, José!.. Iás-me deitando de costas...

Isto disse Vigas apenas restituído ao equilibrio.

— Perdoa, Antonio, tenho a cabeça perdida. Aquelle diabo...

— Então que foi?..

— Vamo-nos d'aqui, que eu t'o contarei... Anda!

E Tinoco tomando o braço do seu amigo, foi-o afastando da casa de Thomé.

Como o silencio se prolongasse, e Vigas desejava saber o que succedêra a José, parando, perguntou-lhe:

Então?.. não fallas... Diz lá agora, homem!.. Que se passou entre ti e Thomé?.. fixaste bem o que elles te disse?..

— Não me falles mais n'esse homem, por Deus t'o peço... Apurou-me tanto a paciencia o tal bruto, que não sei como lhe não parti a cara!.. Olha, Antonio, dei-lhe só um empurrãozinho, e o pato lá ficou a ganir como uma cadella parida...

— Que fizeste, primo! que fizeste! Desgraçado!.. offenderes assim um irmão de grau tão subido... um dos dous vigilantes!..

— Deixa-te de exclamações... para mim não pegam essas labias. O tal sr. Thomé começou por teimar que eu tinha muita vontade de entrar lá para a sua loja... Ora tu sabes que não ha cousa que mais indifferente me seja. Para te fazer a vontade foi que eu te disse que... mas que queres, o parvo, parece, que não sabe portuguez, e quanto mais eu negava o ter taes desejos, tanto mais elle se mostrava abarroadno no seu dizer... Cançado, cedi... Depois fez-me um sermão, um grande sermão, sobre nem em sei o que... todo cousas de nada presta... eram uns nomes tão arrevezados, em que creio entrava latim, que não percebi uma palavra de todo a aranzel... Por fim disse-me, que eu ha-

via de ser um criado d'elles.. Isto foi o que mais me offendeu... Que maroto aquelle!..

— Mas...

— Deixa-te de considerações; que perdes o tempo...

— Desacreditaste-me, primo!.. que hei de eu fazer agora?.. que desculpas darei?..

— Sabes que mais?.. manda-os bugiar. Para que servem relações com aquella canalha que entende que os fidalgos como eu devem ser seus criados d'elles!.. Olha o grande favor que o Sr. Thomé me fazia em me prometter o grau de aprendiz!.. Aprendiz!.. ah! ah!..

— E os juramentos terríveis que me prendem a loja?!

— Já que não queres os meus conselhos lá te avem como poderes... Não me apoquentas mais com taes frioleiras...

Vigas viu que era inutil o teimar, conhecia o genio obstinado do primo, que em dizendo uma cousa era palavra de rei, e calou-se. Havia ainda outro motivo que influiu sobre Antonio para não apertar muito com José na occasião presente. Louco amador do jogo do monte, perdêra, não havia meia hora, até os ultimos dez reis no botequim do *Feno*, e não sabia a quem recorrer em tal estado senão a Tinoco. Para isso era-lhe de necessidade não esquecer o morgado. A esse fim disse Vigas para José:

— Pois bem, visto que assim o queres, não fallemos mais n'isso. Agora responde á proposta que te fiz; queres ir hoje ao Theatro Academico?.. Representa-se o *Trabalho e Honra* e o *Feio no corpo, Bonito n'alma*. Que dizes? — E que se vê lá?..

Tinoco ainda não tinha ido vez alguma ao theatro. A paixão por Joanna tomára-lhe até então todos os momentos.

— O que se vê?.. cousas do arco da velha!.. Fui ainda lá na quarta-feira, e ri-me como um perdido. Vae e verás que é cousa muito divertida.

— Olha lá, Antonio,— apparecem bonecos, como na feira de Celorico?..

— Não, asno; parece que nunca sahiste do mato!.. Ha homens e mulheres, fallam a uns e outros pelos cotovellos, riem-se, choram... é o diabo a quatro... Demais, para os camarotes vão lindas cachopas...

— Que é isso de camarotes?..

— Se queres vir, aprompta-te que são horas de ir comprar os bilhetes... Pelo caminho te explicarei o que são os camarotes.

— Pois vá lá. Sôbe; sempre será bom perguntar ao abbade se elle quer ir.

Haviam chegado a casa de Tinoco, e subiram.

(Continua)

R. V.

(4) Thomé era um dos dous vigilantes, n'aquelle anno.

DA ORIGEM E FORMAÇÃO DAS EPOEIAS NACIONAES

(Traduzido de Emile de Laveleye)

(Continuado do n.º 4)

As diferentes explicações que se tem dado do problema podem reduzir-se a duas principaes, já formuladas, com mais ou menos clareza, na velha Grecia. Segundo uns, deve-se ir buscar a origem da tradição epica, não nos factos reaes, mas nas crenças religiosas, em certas intuições sobre a natureza, intuições que tomaram pouco a pouco a fórma allegorica. Estas allegorias deram origem ás legendas dos deuses e aos contos mythologicos. O lado divino d'estas legendas e d'estes mythos tendo-se pouco a pouco obscurecido o sentido primitivo das antigas crenças deixou de ser comprehendido, em quanto que o lado humano se foi pelo contrario desinvolvendo. Os deuses antigos ter-se-hiam d'este modo tornado heroes, e as epopeias procederiam das theognias. Sabe-se por exemplo, que Anaxagoras intentava já o interpretar os poemas do Homero por meio de explicações allegoricas, e que os stoicos sustentavam que os mythos religiosos não eram senão as representações figuradas, os symbolos dos phenomenos do universo. Esta opinião, que tem o seu que de seductora para a imaginação, e que permite o attribuir a todas as tradições epicas e religiosas um grande alcance philosophico, como o tentaram fazer os neoplatonicos, tem tido igualmente nos tempos modernos partidarios convencidos. Mas se ella dá lugar por vezes a interpretações seductoras e até um certo ponto justificadas, conduz tambem a intuições justas talvez, mas apoiadas sobre provas incertas. E na verdade, para descobrir o sentido escondido sob as figuras e sob as legendas, é-se forçado a remontar a ideias de tal modo geraes, que se tornam abstracções que não tem relação alguma necessaria com as tradições epicas ou mythologicas que se tracta de explicar. D'este modo, é facil encontrar estas abstracções sob o véu das fabulas de todos os paizes, sobretudo quando se põem em relevo as circumstancias favoraveis á theoria que se crê verdadeira e quando se deixam na sombra as que lhe são contrarias, como succede sem que tal se note. Sem duvida é-se levado a ver, por exemplo, em Siegfried, triumphando do dragão Fafnir e dos Nibelungen, o deus do sol ganhando victoria sobre as trevas e purificando a natureza, e pois a identifiçal-o com o Mithra persa e com o Apolo grego trespassando com suas frechas a serpente Python. É mesmo provavel que as ana-

logias que aqui se não podem desconhecer venham d'um mytho solar commum; chegada porém a este grau de generalisação a critica sente o terreno fugir-lhe sob os passos. A discussão dos factos torna-se quasi impossivel, porque só se offerecem figuras impalpaveis, vagas, ligeiras como os nevoeiros da manhã, concepções d'espirito, de que se não pôde affirmar ou negar terem ellas sido ou não entrevistadas pelos povos que crearam a tradição epica.

A outra explicação, que se pôde chamar historica, prende-se na antiguidade ao nome bem conhecido de Evhemero, que opinava, como todos sabem, que os deuses que a Grecia adorava eram sabios, reis ou guerreiros dos tempos primitivos pouco a pouco deificados pela admiração da posteridade. Applicando este modo de ver á epopeia, tem-se buscado mostrar, em nossos dias, que o fundo das tradições epicas era sempre tomado da historia, e que os heroes celebrados pelos antigos poetas da India, da Persia, da Grecia e da Germania eram personagens reaes que tinham ganho grandes victorias ou prestado relevantes serviços, e cujas memorias exaltadas as havia eternizado o reconhecimento popular. Assim pois, se, segundo uns, a poesia epica parte do divino para descer ao humano e, por processos anthorpomorphicos, faz do deus um heroe, segundo outros, esta poesia partiria do humano que ella idealisaria até o divino, e do grande homem faria um heroe ou deus por meio da apotheose. Sem duvida alguma a explicação historica marcha sobre um terreno mais firme que a explicação mythica, e podem-se ao menos verificar as conclusões a que chega. Contudo, como a origem das tradições heroicas remonta quasi sempre aos tempos que precedem a historia, ou ao menos a uma ordem de factos que escapou ás vistas dos historiadores, as investigações inda as melhor dirigidas não conseguem achar senão alguns nomes proprios e as memorias mais ou menos vagas de alguns grandes successos. Muitas vezes o proprio poema de que se quer descobrir a origem é o unico monumento que nos chegou d'essas épocas longinquas, em que as poesias transmittidas oralmente de geração em geração eram os unicos annaes que a humanidade conservava do seu passado. A vista d'isto, para que as investigações feitas segundo o systema historico podessem chegar a alguns resultados satisfactorios, seria preciso, pelo estudo comparado das litteraturas, buscar n'um povo os elementos que faltam n'outro, averiguar na Germania tal periodo do desinvolvimento epico cujos traços desappareceram na Grecia, e achar assim, se fôr possivel, a lei geral que preside á marcha progressiva da tradição, desde a sua origem até o momento em que, fixada em versos

immortaes, se funde emfim na sua expressão definitiva. Dever-se-hiam imitar os processos dos geologos que para completar a historia de um periodo da formação do globo, prestam-se, nos differentes paizes, dos factos contemporaneos que podem servir a explicar os factos inda obscuros.

(Continúa)

CHRONICA

Domingo, como annunciaramos, subiu á scena no theatro da Graça, o drama— *Moedeiro Falso* — do Sr. Antonio Francisco Barata.

Bem que com uma só representação seja quasi impossivel o poder-se assentar juizo seguro sobre um drama qualquer, pareceu-nos que o *Moedeiro Falso*, inda que não isento de faltas, se pôde ter como uma producção linda e prometteadora.

Esperâmos vel-o segunda vez em scena, e então com mais conhecimento de causa, fallaremos mais d'espaco sobre as bellezas e defeitos, que agora só de fugida e relance poderiamos apontar.

O drama correu regular por parte do Sr. Barata que desempenhou o papel de protagonista; de Emilia e Ferraz.

Barata foi applaudidissimo e teve muitas chamadas.

No fim do drama recitou elle abraçando um dos actores, artista como elle, a lindissima, poesia, que pedimos venia para aqui transcrever.

Tomba na encosta o solitario arbusto
Se o norte frio lhe vareja a coma;
'Stala, vacilla e cahe o cedro adusto
Se um raio dos céus o força e doma.

Mas, se o fragil arbusto, á sombra posto
D'outros arbustos, se avigora e medra,
Dá sombra, dá frescura ao sol d'Agosto
Cresce formoso, não carece redra.

Taes somos nós: devemos, pois, — unidos —
Á conquista correr da illustração:
Com mutuo abrigo ditas mil teremos,
Nome, respeito: — d'outra sorte, não!

Portanto, meus amigos, como um laço
Que sempre mais e mais nos deve unir,
Transmitto a todos vós com este abraço
O voto ardente de um melhor porvir.

Depois do drama representou-se a comedia *Bertha de castigo* — em que Emilia andou menos mal.

A enchente foi completa.

¿E aquelles olhos de fogo, negros como a noute, irradiando luz n'um rosto bello, como devia ser o d'Eva no primeiro dia da sua criação!?

Na quarta e na quinta-feira deu Herrmann os seus primeiros espectaculos de prestidigitación, no theatro Academico.

Grande enchente na primeira noute e muitos applausos em ambas. Herrmann foi admiravel em todas as suas sortes, mas mais que n'ellas, na imitação do canto de varias aves, do zunido da vespa, do rasgar da serra e do cainhar do cão.

Nos camarotes, o que n'aquelle theatro é rarissimo, admiravam-se algumas lindas damas, entre as quaes não posso fugir a memorar, as formosas meninas Bacelares, as interessantes e sympathicas Fernandes Thomaz, a bella e joven esposa do Sr. Dr. Luiz Albano, a linda senhora Silva Pereira, a interessante menina Lima, e a elegante e donairosa senhora Ferrão.

Coimbra — 23 de Janeiro de 1864.

Expediente

O ATILA — assigna-se:

Em Coimbra

Na Imprensa Litteraria
Na loja de livros da Viuva Moré
Na Livraria Central
Na loja de livros do Sr. Sanches
E na loja de livros do Sr. Mesquita

Em Lisboa

Na Livraria Central — Rua do Oiro

No Porto

Na loja de livros da Viuva Moré

Preço por trimestre { Coimbra 500
 { Provincias..... 560

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte á Redacção do — ATILA, — Couraça dos Apostolos, n.º 30.

O ATILA

Semanario

N.º 6

PAN

1864

Sabbado 30 de Janeiro

Summario.—*Confederação dos Tamoyos, por Gonçalves de Magalhães.*—*Poesia Mystica Portugueza, por Theophilo Braga.*—*A virtude de dous anjos, por G. F.*—*Scenas Academicas, proezas d'um calouro, por R. V.*—*Dos nossos classicos.*—*Beatrize, poesia por Braga Macahe.*—*Soneto, por Alvares d'Azevedo.*—*Chronica.*—*Expediente.*

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS (1)

Poema por Gonçalves de Magalhães

CANTO PRIMEIRO

Argumento

Invocação ao sol e aos Genios dos bosques do Brazil.— Primazia d'esta parte d'America.— O Amazonas e o Paraná.— Nada é comparavel ás bellezas d'esta natureza virgem.— Seus indigenas.— Perseguição contra elles.— Aimbire, o mais audaz dos chefes Tamoyos, confedera todas aquellas tribus contra os Portuguezes.— Para esse fim vae elle procurar Pindobuçú, e o acha dando sepultura a um filho.— Lança Aimbire uma pedra sobre essa sepultura, que encerra talvez o cadaver de um amigo, e recordando-se do tempo da sua infancia, saúda a terra em que nasceu, e a que volta depois de longa ausencia.— Pindobuçú o reconhece, e lhe diz que o morto é Comorim seu filho.— Lamenta Aimbire a perda do companheiro da sua infancia.— Conta-lhe Pindobuçú como fôra o filho mortalmente ferido defendendo sua irmã Iguassú, atacada por alguns Portuguezes, dos quaes tres ou quatro foram mortos na lucta.— Jura Aimbire vingar a morte do amigo; e aproveita a occasião para ligar aquella tribu contra os Portuguezes.

(1) A *Confederação dos Tamoyos* é um dos primeiros poemas Brasileiros. Por ser pouco conhecido entre nós, e por de todo se achar esgotada a edição, daremos parte d'elle no *Attila*.

Oh sol, astro propicio que abrilhantas
Do creado universo altos prodigios;
Que aos bosques dá verdor, doçura aos fructos,
E os petalos das flores vario esmaltas! (tos,
Oh sol, vital principio, que na terra
O tenro germe da semente aqueces
E o fecundas co'os teus benignos raios:
Euzeiro perennal, nume adorado
Dos innocentes filhos de Natura,
Que mal seu Creador, seu Deus conhecem!
Oh sol, hoje m'imflamma a mente ousada,
Que azas desprende p'ra mais altos vôos.

Vós, solitarios Genios dos desertos
Do meu patrio Brazil, nunca invocados
Té-qui por nenhum vate, a cujas vozes
Doçura deram do Carioca as aguas;
Genios, que outr'ora com choroso accento
Suspiros repetistes lamentosos
De tantas malfadadas tribus de Indios,
Que viram do Europeo n'ávida espada
O sangue gotejar dos caros filhos,
Das esposas, dos paes e dos parentes;
Doces inspirações prestai-me, oh Genios!
Dos Tamoyos o intrepido ardimento,
Tão fatal á colonia portugueza,
Do olvido sorvedor hoje exhumemos:
Na mente bafejae-me imagens que ornem
Dos filhos dos sertões a sorte adversa.

Das Americas plagas venturosas,
Que ás mais plagas do mundo nada invejam,
Ufana-se o Brazil como a primeira.
Formosa é sempre ahí a Natureza,
Eterna a primavera, o outomno eterno.
Em leitios diamantinos pura lymphá
Rega seus campos em caudaeas correntes.
Innumeras, pujantes catadupas,
Voz dando á solidão, em crystaes curvos
De rochedos alpestres precipitam-se,
E de horrendo estridor pejando os ermos,
De valle em valle, entre asperas fraguras,
Onde atroam tambem gritos das feras,
Das serpes os sibillos, e os trinados
Dos passaros, e a voz dos roucos ventos,

Viva orchestra parece a Natureza,
Que a grandeza de Deus sublime exalta !

Balisa natural ao Norte ayulta
O das aguas gigante caudaloso,
Que pela terra alarga-se vastissimo ;
Do Oceano rival, ou rei dos rios,
Si é que o nome de rei o não abate ;
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho.
No solio á multidão em torno curva,
Supera o Amazonas na grandeza
A quantos rios ha grandes no mundo !
O Kiang, o Nilo, o Volga e Mississipe,
Inda que as aguas suas reunissem,
Com elle competir não poderiam.
Ao lado seu direito, e ao esquerdo lado
Mil feudatarios rios vem pagar-lhe
Tributo perennal de suas aguas.
Resupino gigante se afigura,
Qual outro Briarêo, mas verdadeiro,
Que estende os braços p'ra abarcar a terra !
Pujante assim no Atlantico se entranha,
Ante si repellindo o argenteo salso,
Como si elle na terra não coubera,
Ou como de inundal-a receioso
Si mais longo e mais lento a discorresse !
O Amazonas co'o Oceano furioso
Lucta renhida trava interminavel
Para roubar-lhe o leite; e ronca e espuma,
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco,
Feroz sucuriúba horrida ronca
Quando sente mover-se á flôr das aguas
Lontra ligeira, ou anta descuidada,
E inchando as fauces, a cabeça eleva,
Os queixos escancara, a lingua sólta,
Para de uma só vez tragar o amphibio ;
Tal no pleito co'o Oceano o Amazonas
Para sorvel-o a larga foz medonha
Legoas abre setenta ! A ingente lingua
Estende de tres vezes trinta milhas,
Como uma longa espada, que se embebe
Ao travez do Atlantico iracundo,
Que gemendo recúa no arremesso,
E em montes alquebrado o dorso enrugá.
Armas que joga ao mar são grossos troncos
Arrancados na furia, são pedaços
De esbroadas montanhas, que elle mina :
Seus gritos são trovões tão horrosos,
Que alli parece submergir-se o mundo !
Quando se incha seu corpo desmedido,
Equorea, espessa nuvem se levanta
Como uma chuva contra o céu erguida,
Reflectindo do sol os sete raios !
Tal o conquistador, que co'os despojos
Dos reis desthronisados se opulenta,
Ou co'os tributos dos vencidos povos,
Em pé firme no carro do combate,
Envolto n'uma nuvem de poeira,
Na frente vae levando debandada
Ingente alluvião de imigas hostes,

E ante as portas de bronze do castello
Nova victoria alterça porfiosa.

Da opposta parte, não tão magestoso,
Mas grande em si, o Paraná se alonga
Da serra Mantiqueira, e cava, e afunda
Largo sulco nas terras que devassa ;
Como escorregadiça, argentea estrada,
Obra sem par das mãos da Natureza,
Em prol dos filhos seus circumvisinhos,
No trajecto veloz se assenhoreia
De pingues, numerosos affluentes,
Té no Prata perder-se, ou dar-lhe origem.

N'esta vasta extensão do Eden terrestre
Se ostenta o céu tão lindo e tão sereno
Como os olhos da virgem, cuja mente
Erma está de amorosos pensamentos :
Tão crystallino e azul como um zimborio
De inteiriça torquesa, ou de saphira.
O ar é tão nectareo como o aroma
Que no dia nupcial o ardente esposo
Nos puros labios frúe da virgem noiva
Co'as primicias de amor, beijo suave !
E tão leda e garbosa a Natureza
Como as faces de riso salpicadas
De uma mã que se expande entre os filhinhos,
Que innocentes meiguices lhe tributam.
Oh vós da Grecia deleitosos campos,
Onde o Alpheo e o Eurotas serpenteam,
E em cujas margens Dryades habitam !
Montes, que dais abrigo em vossos topes,
De loureiros a sombra, ás castas Musas,
Vós não assoberbais a magestade
D'estes montes brasilios, d'estes bosques !
Desdenha este sumptuoso Paraiso
As sonhadas ficções da mente humana :
Malignos Faunos, pudibundas nymphas
N'estas virgens florestas não vagueam :
Grande como sahü das mãos do Eterno,
A Natureza é tudo, e excede ao homem,
Que ha de bem cedo emparelhar com ella !
Oh placido remanso !.. Aqui a mente
Repousa, e se deleita em contemplal-o ;
E no intimo d'alma, que se espraia,
Resôa de seu Deus a voz cadente,
Como resôa em bosques de palmeiras
Vago sopro das auras matutinas.

Raças mil de homens livres sem cultura,
Cuja origem té hoje ignora o mundo,
Estes sertões outr'ora povoaram,
Antes que a industria e as artes transplantadas
Pelas mãos do Europeo, aqui mudassem
Brutas pedras e troncos em cidades.
Mas quanto, oh Parahyba, quanto sangue
De innocentes indigenas primeiro
Tuas aguas tingiu, regou teus campos !

Tu só, Religião sublime e santa

Do Deus por nosso amor martyrisado,
 Tu só consolador oleo vesteste
 Nos ulcerados corações dos Indios.
 Tu só com mão piedosa as almas cordas
 D'harpa mysteriosa revolvendo
 Milagrosos accentos extrahiste,
 Que os filhos dos desertos encantaram,
 E á tua grei os foram atrahindo.
 Si as maravilhas tuas cantar posso,
 Meu estro fortifica, aquece-o, amima-o
 Co'uma brasa do teu sacro thurib'lo.

Oh! e porque tão frio, tão amargo
 Pranto verteis, meus olhos magoados?
 Tanto dos Indios vos contrista a sorte,
 Ou dos nossos maiores a dureza
 Com que á escravidão os reduziram?
 A escravidão!.. oh céus! Quando do mundo
 Tão grande crime fugirá p'ra sempre?
 Máos, sim, nossos paes foram p'ra com elles.
 Torpe ambição, infame crueldade
 Os esforços mil vezes deslustraram
 Dos primeiros colonos Lusitanos,
 Que o amor do aureo metal e feios crimes
 A estas virgens plagas conduziram.

Não, dos canhões não foi o echo estrondoso
 Que ao Indio impoz terror; nem mesmo a mor-
 Que mortes e trovões terror não causam (te);
 Aos filhos dos sertões, á guerra affeitos,
 Que livres deslisavam vida errante;
 Foi sim o captivoiro, algemas foram,
 Que alguns, ora colonos; de seus pulsos
 Aos pulsos dos indigenas passaram;
 Alguns, ora colonos, mas que outr'ora
 Em Lisia réus infames se opprimiam
 De empestadas prisões nos subterraneos.

Como preza a andorinha a liberdade,
 E por instincto soe cantar errante,
 Errante fabricar ligeiros ninhos;
 E si no aereo carcere encerrada
 Triste pende a cabeça, encolhe as azas,
 Cala o trinado que soltava livre,
 Rejeita tenue grão, suspira e morre:
 Não menos estes filhos das florestas
 Errante vida e liberdade estimam.
 Ora aqui, ora alli erguem choupanas,
 E onde frondosas arvores estendem
 Pejados ramos de gostosos fructos
 Ahi é seu paiz, ahi se abrigam.

«Toda esta terra é nossa, e nunca falta
 Terra para os mortaes. O passarinho
 Que nos ares nasceu, nos ares vóa,
 E nem n'um tronco só seu ninho tece;
 Embora o tronco firme sobre a terra,
 Supporte a chuva, e o sol, e o vento, e o raio;
 Não tem membros o tronco que o transportem.
 Mas nós, homens, a quem Tupan deo tudo,

Nós que livres nascemos n'estes bosques,
 Porque escravos agora nos faremos?»
 D'este geito discorrem os selvagens.

(Continúa)

¿O que é a Sciencia?. Para uns é uma deusa,
 uma imagem celestial; para outros é uma vacca,
 que lhes fornece manteiga.

SCHILLER.

POESIA MYSTICA PORTUGUEZA

I

Frei Agostinho da Cruz

O mystico para exprimir a elevação do espirito, o júbilo interior, a aspiração ardente, materialisa a ideia na imagem, sacrifica a imagem ao symbolo. Assim o lyrisimo, todo subjectivo, expressão do sentimento ainda o mais vago e indefinivel, é ás vezes frio, monotono, obscuro; e quando é suscitado pelo entusiasmo, toma o character da inspiração hymnica, objectiva, onde na essencia permanece a mesma monotonia pelo tropel de imagens semelhantes que fluctuam em volta de uma mesma ideia. Na fórma, apparece a variedade, a novidade, que seduzem o ouvido. S. Francisco de Assis para falar da sua paixão por Jesus, na odesinha inspirada pela vertigem do amor divino, sem poder determinar o ideal de sentimento tão mavioso, descreve uma lucta, em que se mostra vencido, ferido, abrazado. S. João da Cruz, na *Noite Escura*, para exprimir o mesmo amor purissimo, como pôde seutil-o um coração fervoroso, symbolisa a alma que no silencio do ermo se remonta a Deus, na Virgem que desce a escada do lar paterno, na hora mais remota da noite, para vir abraçar o amante que a espera. Nos versos de Sancta Thereza de Jesus, Sapho delirante do christianismo, que se precipita n'um pelago d'amor e morre por não poder morrer, ahi é sublime o delirio d'esse amor do céu; parece ás vezes um amor carnal, insaciavel, que a fatiga. Depois elevase nas azas diaphanas do espiritualismo e paira na serenidade do extasi, para receber a corôa de esposa nas nupeias do Cordeiro.

A poesia mystica portugueza tem um character differente. Quem abrir o livro das poesias do monge austero da Arrabida, ou as encontrar dispersas pelos chronicons da sua ordem, e respirar n'ellas o perfume de melancholia, paracer-lhe-ha sentir a expressão elegiaca de Bernardes; descobre quasi que são irmãos pelo genio e pelo sangue. A um inspira-o a saudade da terra, o outro canta a saudade do céu; um

atira-se ao bulício do mundo fascinado pela gloria, e ella desfaz-se-lhe diante dos olhos como uma vã sombra; e outro embrenha-se na soledade, amortalha-se no burel aspero da penitencia, vae cavar longe a sepultura, e deixa escoar-se a vida entre as dores da maceração e do cilicio, e na vigilia continua, como a luz vívida da alampada nocturna que se vae consumindo lentamente.

Frei Agostinho da Cruz é o poeta da vida monastica. O desgosto do mundo arrasta-o para o ermo, abnega dos louvores do seculo, muda de nome para ser desconhecido.

Os seus canticos escreve-os para consolação dos amigos, como Francisco, o Seraphim de Assis, os cantava ao povo pela Italia. É por elles que fala da sua alma; os seus canticos não tem aquella paixão vertiginosa, e ás vezes quasi sensual das palavras de Sancta Thereza de Jesus, a sua alma não delira como a alma de S. João da Cruz, quando busca pelas selvas o esposo. Estes são os poetas do extasi; Agostinho é o poeta da penitencia, cada verso é um gemido de mortificação. Como todos os poetas mysticos fraternizam com a natureza; elle reprehende a corça que o visita, como Francisco de Assis reprehende os passarinhos, estreita os laços da amizade como os solitarios com as feras do deserto.

É n'estes sentimentos que o christianismo se mostra poetico e sublime, elle mesmo ensinava ao povo os dialogos com que havia dirigir-se ás alimarias da terra, como se vê d'esta formula tirada de um manuscrito de Saint-Gal, para reunir um enxame de abelhas.

É assim que se havia falar á abelha mestra:

« Adjuro te, mater aviorum, per Deum regem
« coelorum et per illum Redemptorem, filium
« Dei, te adjuro, ut non te altius levare, nec
« longe volare, sed quam plus cito potest, ad
« arborem venire; ibi te allocas cum omni tuo
« genere, vel com sociâ tuâ; ibi habeo vaso pa-
« rato, ut vos ibi in Dei nomine laboretis (1). »

Este pantheismo caracteriza toda a poesia mystica. Frei Agostinho da Cruz canta a infancia de Jesus; é o ideal da pobreza, como o não excedêra Lope de Vega no dialogo da Virgem, quando adormece nas palhas o Menino.

Os seus sonetos tendem para aquelle espiritalismo a que os elevára Camões; cada um d'elles é como uma prece fervorosa. A forma classica do *bucolismo* não dá realce algum aos seus dialogos espirituaes; foi o contagio da sua época.

A allegoria da alma e do esposo em S. João da Cruz é toda biblica, eleva-se quasi sobre a pastoral de Sulem.

De todos os poetas portuguezes é Frei Agos-

tinho da Cruz o menos lido; e é nos seus versos, que mais se encontra o esforço da poesia do christianismo para desprender-se das ficções do velho d'Ascra.

THEOPHILO BRAGA

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

(Continuado do n.º 4)

XIII

Quando á tua voz se me abre o paraíso,
E me elevas aos mundos do ideal;
Quando voas ao céu, e te diviso,
Etherea formosura, o alvo sendal
Da belleza de Deus
Rarefaz-se, evoluando-se, entre as sombras
Da natureza humana pobre e triste!
E eu curvo-me ante a força, que me arrastra,
E exclama arrebatada: — a luz me abriste!
Quem sabe onde aspirei o eterno sópro
Do Espirito Supremo! onde gravado
Adivinhei o Verbo sublimado
Ao ultimo céu da ideia?!
Quem me acendeu o nebuloso enigma,
Quem me insuflou a voz do augustó raio?
Quem me banhou nas aguas sacrosanctas,
Quem me acordou do mystico desmaio?
O que vóu no carro da procella
Na escuridão da noute, e vibra a dextra
Sobre a juba do incendio, e a fronte bella
Me coróu das rosas matinaes!
O que levanta o pó á immensidade,
E voando através do negro abysmo
Desentranhou da sua eternidade
A vida e a morte, o amor e o paroxismo!..

Quem póde erguer um throno acima d'esses
[mundos
Sombras no espaço immenso, e abriu o seio á
[luz?

Quem póde devassar da noute os véus profundos
Mostral-o ao mundo absorto?

— A voz que Deus traduz.

O espirito que ascendeu além da plaga estranha
Da Belleza Infinita; as ondas do ideal
Inflammaram-lhe o seio, ungiram-lhe as en-
[tranhas,

Do balsamo perpetuo, a rosa perennal.
Esplende ali da gloria o lume radiante!
Que accende o sacro fogo, e queima o ethereo
[sol.

Altar da vida immensa, hausto da essencia
Depura-nos a alma em fulgido crisol. [eterna

Como o labio esconde o riso
Ao cahir da noite escura,
E a manhã serena e pura

(1) Baluze, Capit. t. II, pag. 663.

Traz do céu o paraíso;
 Como o inverno leva as flores,
 E a avesinha peregrina,
 Que na quadra dos amores
 Solta ainda a voz divina;
 Como a selva perde o aroma
 E a verdura da folhagem,
 E depois meneia a coma
 Ao sopro da branda aragem,
 Como o crepusculo da tarde
 Perde os seus cabelos d'ouro,
 E o lume que no céu arde
 Mostra d'amor o thesouro;
 Como a fonte afoga os lirios
 E a branca rosa o candor,
 E o templo dos altos cirios
 Espl'ende em maior fulgor;
 Como a campina adormece
 Sob o manto pardacento,
 E o pinheiral estremece
 Da solidão ao lamento;
 Como o roble centenário
 Ergue ao céu os braços nús,
 Quando a lua, alvo sudário,
 Vem cobri-lo em doce luz;
 Como o rio muge afflicto,
 Sobre o rochedo do abysmo
 E pede o ceruleo amicto
 No seu torvo paroxismo,
 Como a aza da tempestade
 Voa ao abraço do sol,
 E o nauta na immensidade
 Anceia o patrio pharol,
 Como o mar beija a conchinha,
 E a areia o raio da estrella,
 Como a esperança, que adivicha,
 Beija o céu, a patria d'ella.

Ai leva-me ao esplendido sanctuario,
 Onde o infinito é a luz, e o altar é Deus,
 E arde a columna do sagrado monte!
 Abre, minha alma, a porta do sacrario
 Da formosura peneral dos céus,
 Bebe o sancto maná da eterna fonte.

XIV

—Deixas-me só; breve a noute do abandono.
 A que romagem longinqua vaes, peregrino dos
 meus amores?

Já não desabrocha o teu sorriso ás flores do
 meu coração?

O frio manto do inverno vae descer sobre estas
 collinas; depois as compridas noutes, sem lua,
 nem esperanças: e o profundo eremiterio* da
 minha vida!

O ultimo beijo de minha irmã foi o seu ultimo
 adeus ao mundo: ella—a esposa do Christo, eu
 a esposa da soledade!

—Has de ver-me sempre, anjo do céu, nos mu-
 gidos da floresta, e no bramido dos ventos da

montanha; nas torvas aguas que se despenham
 dos rochedos sobranceiros, e no horrisono fragor
 da tempestade. Quando volverem as doces man-
 nhã da primavera,— eu te abraçarei, com as
 primeiras flores e com os primeiros raios do sol.
 Debaixo das acacias odorantes espera por mim,
 ou á beira do teu lago de crystal. Eu beijarei a
 tua imagem, ainda entre as ruinas de todas as
 minhas illusões... Perdôa, meu amor; tu has de
 ser sempre a verdade das deliciosas imagens do
 meu espirito. Quando desmaiarem os tibios
 raios das tardes do inverno, abre a tua janella
 do oriente, e solta a canção dos teus suspiros;
 hasde ouvir-me lá onde o berço da luz esplende
 sobre a montanha sagrada. A deus!

.....
 —Leva ao meu amado o perfume dos meus cab-
 bellos, viração da noute! A minha vista, des-
 maiada com as lagrimas da saudade não passa
 além d'esse horizonte escuro, como o meu cora-
 ção; estrellas do céu sêde os meus olhos para
 o esposo da minha alma.

E tu piedosa mãe dos amores, que nos escond-
 deste tantas vezes debaixo do teu manto pra-
 teado, que nos levaste do raio da tua formosura
 ao sanctuario de Deus, que nos guiaste na ve-
 reda mysteriosa da floresta, na margem do rio
 suspirante, ao cabêço erguido da florente col-
 lina e á gruta solitaria dos innocentes sorrisos;
 conta ao meu amado os segredos d'esta solidão.
 Dize-lhe que o meu leito é frio, como a sepul-
 tura, que os sonhos da noute são carregados,
 como as nuvens dos rochedos agrestes, que o
 roseo albor da manhã não me abre os ultimos
 suspiros, no seu abraço desmaiado.

—Voa para ella, nuvem doirada do levante;
 aqui n'este deserto infinito, eu só a vejo, como
 o pensamento de Deus. Abre-me os teus braços,
 filha dos valles; a coma da palmeira ondulante
 aos ventos d'esta planicie abrasada segreda-me
 as tuas saudades.

Havemos de encontrar-nos, anjo do céu aci-
 ma d'aquelle horizonte de fogo, que illumina esta
 romagem do exilio.

.....
 — Eu ergui-me com a pallidez da morte na
 face, e com o presentimento das derradeiras
 agonias no coração. As rosas da primavera não
 tinham perfumes no altar da Virgem, amada
 da minha irmã; ninguem descerrára as cortinas
 d'aquelle sanctuario desde que ella o deixou.
 Eu não podia orar com as lagrimas d'ella, nem
 abrir os thesouros da minha alma á piedade in-
 fantil d'out'ora. A manhã formosa esplendia
 com os alvissimos raios do sol; e apenas a nu-
 vem do nascente era o berço das minhas illu-
 sões. Trazia-me memorias e esperanças. Depois
 a nuvem escondeu-se de trás da montanha, e
 eu fugi, como se visse diante de meus olhos a
 mortalha do esquecimento.

Nós passámos— aqui n'este sacrario dos prazeres da infancia os primeiros sonhos de felicidade do mundo. Fugitivas harmonias de nossas almas, adeus!

Voltou o lirio do prado,
E o perfume da balseira,
Mas a voz do meu amado
Não voltou;
Geme a tarde na floresta
Doura o lago o sol abril
E eu escondo a face mesta
À estrella do meu amor!
A lua esconde entre nuvens
O seu pallido fulgor.

Da collina as esmeraldas
Não tem o orvalho do céu
E da montanha as espaldas
Não cobre o pallido véu;
Quando o lume da saudade
Me beija o pranto desfeito
Busco entre sombras o leito
Frio, frio... e durmo só!
Como a noute da jazida
O somno da minha vida.
Voltou o canto maguado,
A harpa da solidão,
Mas a voz do meu amado
Essa não.

.....
Procura o teu perfume, rosa dos valles, no thuribulo da nuvem do poente. Adormece no thalamo dos sonhos, eu te acordarei no céu.

(Continúa)

G. F.

SCENAS ACADENICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

XI

De como José Tinoco entrou pela primeira vez n'um theatro

Era noute cerrada. José pediu um candieiro e á sua luz deram os dous amigos com o abbade na mesma posição em que o haviam deixado, dormindo muito á larga, n'aquelle bem-aventurado, profundo e socegadissimo somno, que desde os Bernardos, raras vezes é dado gozar a um simples mortal.

— Acordal-o-hemos? perguntou José.

— Para que?... dorme tão socegado o pobre velho... e demais não achas que o abbade aprecie mais o gozar um bom somno do que ir ver quatro patuscadas ao theatro?..

— Dizes bem. Creio até que, com as ideias que tem, recusaria... Melhor é assim... Se o abbade fosse, sempre eu seria mais coustrangido. Quanto custa o tal theatro?

— Sete tostões para os não socios, mas talvez que seja possível o arranjar bilhete de socio, e n'esse caso são só cinco tostões...

— Na duvida levarei antes de mais que de menos... Parece-me até que não tenho senão ouro...

José dirigiu-se a meza d'estudo, abriu a gaveta; e tirando algumas libras, continuou:

— Nem uma placa. Desde que o abbade veio é elle que tem feito as despezas...

— Parece-me que tenho comigo alguma prata, disse Vigas mettendo a mão no bolso. — E esta?... não me esquecia eu já de haver perdido até os ultimos dez réis á batota!.. Sempre sou bem tolo! sem ter com que pagar o bilhete e a convidar-te para o theatro!?

— Ó primo! lá por isso não seja a duvida...

A minha bolsa está á tuas ordens. Tenho alli na gaveta umas vinte ou trinta libras, e podes dispôr d'ellas. Para que quero eu agora dinheiro?..

— Obrigado, meu José, obrigado. És um bom amigo... Mas...

Vigas ia representando menos mal o papel a que se déra.

— Mas que!.. Anda, tira d'alli o que quizeres.. Parece que fazes cerimonia com teu primo?!..

— Aceito, visto teimares...

E Antonio pegando em quatro libras, proseseguiu:

— Levo-te desoito mil reis. Pagar-l'os-hei amanhã ou depois..

— Quando quizeres, quando quizeres... Não fallemos mais em tal.

— São talvez horas de irmos. Se queres...

— E a ceia?

— Cearemos lá.

— Pois tambem dão de ceiar?... Tudo por sete tostões, acho barato!..

— Não, primo. Há lá porém um botequim que fornece petisqueiras...

— Bem. Então podemos ir.

Ao descer a escada, Tinoco disse para a velha que lhes vinha alumiar:

— Não ceio hoje cá. Quando o sr. abbade acordar, diga-lhe que fui para o theatro com meu primo.

Pelo caminho Vigas foi explicando ao seu amigo quo o apertava com perguntas, o que eram a plateia, os camarotes e o palco.

— Olha, meu José, a plateia é uma aula como as do pateo; os camarotes são uns casulos que ha em redor da plateia e sobem até o tecto; e o palco é um altar muito grande, em que andam os representantes... Tu verás. Tudo aquillo tem muito que ver! Eu nunca escapo a estas

cousas, sou doudo por pellicas e theatricas... Compraram bilhetes, deram duas voltas pela alameda do theatro, e ás oito horas entraram na plateia.

O morgado ficou embasbacado com o que viu.

Na aldeia patria e mesmo nas villas circumvisinhas, onde nem um palheiro havia com foros de theatro, nunca José vira e admirára senão alguns saltimbancos que com licença do sr. Presidente, faziam as suas sortes na casa da Camara.

Que admira pois que o nosso moço ficasse deslumbrado com o novo espectáculo que se lhe desenrolava ante os olhos?!..

Tinoco, corando, ia a tirar o gorro, quando Vidas acotovelando-o, lhe disse:

— Não tires o gorro e fecha a bocca, e não te mostres admirado de cousa alguma.

Tinoco, apezar d'esta recommendação não se teve que não abrisse a bocca uma duzia de vezes seguidamente, e que não soltasse uma duzia de ah! ah!..

(Continúa)

R. V.

DOS NOSSOS CLASSICOS (1)

Damião de Goes — Chronica de D. Manuel

— *Contem* por entender-se — delimitar-se?..

«Todas do senhorio del-Rei de Quilloa, cujo reino *contem* desno cabo das correntes, até perto da cidade de Mombaça, que são quasi «quatrocentas legoas de costa.»

— *Intopir* — Com os parãos *intopia* os rios de Malabar.

— *Aprovem* por aproveitem?.. «Que trabalhem e *aprovem* a terra para que com o que ganham poderem viver em paz.»

— *Melhor ferida* (peleja) apparece a cada passo, com significação quasi identica a *mal ferida*.

Tiros por peças d'artilheria, — «Mandou desembarcar dous *tiros* de metal que entregou a Pedrafonso.

— *Camara*, por — rendas de certas terras? ou consentimento para saque?.. «Que nunca seria bem servido (El-Rei) se não quando seus capitaens e officiaes não comprassem nem levassem *camara*».

— *Voga surda*. «Embarcada esta gente, foram todos *voga surda* ter...»

— *LadRAR*. «Vindo os Mouros *ladrando* trás

(1) Irei publicar no *Attila* algumas phrases dos nossos classicos, umas notaveis pela sua belleza, outras, cujo sentido aventuramos pois nem os Dicionarios, nem o *Elucidario*, o apontam. Vão pela ordem porque as havemos nos nossos apontamentos.

elle, aos quaes por serem tantos que cobriam a terra não quiz fazer volta».

— *Cabeça d'agua*, por maior maré? — Ao outro dia que era a *cabeça d'agua* dez de Agosto de M.DXI foi o jungo abalroar a ponte.

Beatriz

Dorme, oh anjo de amor!
Nos braços do teu Deus
Acordarás... se a dor
Tem premio lá nos céus..

Desprende o vôo aéreo
Eleva-te ao empyreo!
Na sombra do mysterio...
Foi-te amor martyrio!..

A vida é triste insomnia
De um sonho deleitoso;
Das plagas lá da Jonia
O mar tempestuoso!

Um lento pesadello
Que opprime o coração...
Longo e penoso élo
De eterna maldicção!

Sim, pomba! teu calvario
Quiz Deus que fosse cá:
Depois... negro sudario,
Os céus e Jehovah!..

Ephemera na terra,
Qual tremula miragem,
Sorriste! quem se atterra
Da morte á doce imagem?

O vicio!.. se é verdade
Que a campa humida e fria
Nem tudo encerrar ha de
Depois de uma agonia!..

Mas tu, casta, innocente!
Mais pura do que a luz!
Repousa docemente
Aos pés da tua cruz...

Descansa no teu leito
De flores matisado...
Que flor t'inda era o peito
De amor mesmo illibado.

Dorme, oh anjo de amor,
Nos braços do teu Deus!
Esposa do Senhor
Teu throno é lá nos céus.

BRAGA MACAHE

SONETO

Pallida á luz da lampada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noute embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Era a virgem do mar, na escuma fria
Pela maré das aguas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...
Negros olhos as palpebras abrindo...
Fôrmas nûas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei chorando,
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo!

ALVARES D'AZEVEDO

CHRONICA

Com os tempos que correm, a variedade nas chronicas tornar-se-ha um impossivel. Em Coimbra não ha mudança de scenario—é sempre o mesmo.

Herrmann deu mais quatro espectaculos, dous no theatro Academico e dous em D. Luiz.

Em ambos foi applaudido, sobretudo nas sortes de empalmação e no concerto-monstro. No resto estranhámos o como elle se resolvesse a fazer algumas *advinhações*, que nem são á altura do seu talento, nem dos espectadores. Sortes taes nada as recommenda.

O theatro Academico continuou a ser concorrido pelas lindas damas de Coimbra. Do de D. Luiz nada podêmos dizer, porque lá não fomos.

N'aquelle vimos as meninas B.^{as}, as mais lindas flores d'aquelle jardim de Condeixa—a tentadora menina N.^a, formoso lyrio do norte—a formosa M.^{ella} P.^{ora}, fada do paiz, onde quasi todas as damas o sabem ser—as bellas e interessantes meninas Ant.^{as}, de que um sorriso pagaria a perda do céu—as sympathicas meninas S.^{as}—as lindas F.^{as} Th.^{mas}—as interessantes Ab.^{as}—as donairosas M.^{as}—as bellas senhoras—Ferreão, Dias Ferreira, Almeida Azevedo, Tavares.

No dia 30 sóbe a Fabia á scena. É recita mui promettedora.

Os bailes de mascaras em D. Luiz tem tido larga interrupção. Veremos o que dá o carnaval.

Andam de noute pela cidade, dizem, muitos ratoneiros, que descaradamente tem sabido a algumas pessoas. Pedimos providencias á auctoridade administrativa.

Nada mais.

Coimbra 29 de Fevereiro de 1864.

Expediente

Recebemos pelo correio, para sahir n.º 4 do *Attila* uma poesia de um nosso amigo e assigante (dizia a carta) a que não démos publicidade, porque em verdade a não merecia, apesar de toda a nossa benevolencia. Esta falta rendeu-nos uma interessante descompostura no correio seguinte, descompostura cuja ameaça final era o auctor escrever para a *Chrysalida*. Deus lhe perdoe como nós lhe perdoamos!.

Para que se não dê o mesmo com uma outra poesia, que ante-hontem recebemos—irá aqui a razão da sua não publicação. Assim poupâmos ao seu auctor uma estampilha.

A poesia do sr. D. a Napoleão, é linda, e maravilhosa seria o contrario em face d'aquelle deus—pecca porém muito na fórma, e tanto que quasi não deixa brilhar a ideia. Apontaremos um verso:

« Tal como outr'ora em Roma o fero Nero foi!.. »

Aquelle « fero Nero » não é bonito, e d'estes descuidos ha muitos na poesia.

Se o auctor a quizer refundir, dando-lhe nova fórma, com o maior gosto a daremos no *Attila*, pois nada ha que tanto nos custe como ter de guardar na gaveta o que fóra destinado á luz, á vida...

Toda a correspondencia litteraria do *Attila*, á Couraça dos Apostolos n.º 30, a de Administração á Imprensa Litteraria.

O ATILA — assigna-se:

Em Coimbra

Na Imprensa Litteraria
Na loja de livros da Viuva Moré
Na Livraria Central
Na loja de livros do Sr. Sanches
E na loja de livros do Sr. Mesquita

Preço por trimestre	{ Coimbra	500
	{ Provincias.....	560

Pedimos aos nossos assignantes que não paguem a sua assignatura, sem receberem do entregador o competente recibo.

COIMBRA — IMPENSA LITTERARIA.

O ATILA

Semanario



N.º 7



1864

Sabbado 6 de Fevereiro

Summario. — *As batatas a 320 réis.* — *Poesia Mystica Portugueza, Frei Antonio das Chagas, por Theophilo Braga.* — *A virtude de dous anjos, por G. F.* — *Scenas Academicas, proezas d'um calouro, por R. V.* — *Ambas, poesia por Rodrigo de Menezes.* — *Dos nossos classicos.* — *Chronica.* — *Expediente.*

AOS PAES DE FAMILIA

OS TEMPOS D'HOJE

ou as batatas a 320 réis

De mal a peor!.. continua tudo a encarecer, a encarecer e com tal encarecer, não sei onde estas cousas irão dar?!

As gallinhas estão a 400 reis...

O toucinho a 140 réis...

O azeite a 90 réis...

A carne a 100 réis...

E as batatas, o ultimo refugio do proletario, a 320 réis o alqueire!..

Credite, veteres!..

Providencias, providencias é o que nós pedimos hoje e amanhã e sempre, em quanto para tal tivermos voz... Providencias, em quanto é tempo, que...

Coimbra amanhã será talvez uma cidade de mumias...

O abysmo de dia para dia se abre mais largo e mais fundo.

Que ha de fazer o estudante com os seus 12\$000 ou 14\$400 réis mensaes?!..

Morrer de fome, mendigar, ou enforcar-se no prégo...

Senão vejâmos:

Receita (pelo mais elevado) 14\$400 réis

Despeza necessaria (pelo mais baixo orçamento:)

Comida	10\$000
Lavadeira, engomadeira e alfaiate	1\$500
Servente	600
Sapateiro	900
Estampilhas e papel (entram dissertações)	1\$500
Cigarros	1\$200
Barba (2 vezes por semana).....	320
Café (2 chavenas por semana)....	160
Sebentas (1) (tres aulas).....	1\$800
	<hr/>
	17\$980

Despezas fluctuantes:

Mensalidade de Socio do Club Academico	400
Multas da Camara Municipal.....	?
Bilhar	?
Carceragem Academica	2\$880
Assignaturas de jornaes ou livros.	?
Theatros	?
Subscrições	?
Etc., etc.....	?
	<hr/>
	????

Comparem a receita com a despeza e digam-nos o que fazer...

(1) Os calouros a cada leccionista — 2\$400!..

POESIA MYSTICA PORTUGUEZA

II

Frei Antonio das Chagas

O mysticismo não podia encontrar uma epocha mais adequada para as suas elevações do que o século XVII; n'este tempo tudo escrevia livros de piedade. Os requintes do gongorismo prestavam-se á revelação das finezas do amor divino. O século XVII, foi um século de reacção e de luta; a razão abalára a crença fervorosa, mas, como a agua na labareda, aleou-a mais, a exaggeração foi o quietismo. A doutrina mystica não é do Oriente nem do Occidente, não a creou a impossibilidade de comprehender o absoluto de Parmenides; em todos os tempos a alma se extasiou sempre com o occulto, o remoto, o intangível. As grandes ideias são como as correntes voltaicas, manifestam-se instantaneamente por toda a parte.

Pela descoberta de imprensa os copistas de devoção tornaram-se auctores. A face do mysticismo n'esta epocha foi toda especulativa, como na eschola de Alexandria. Apareceram as palestras e theses dos conventos, os casos, os escrupulos, e tudo quanto o sobre admiravel Pascal redicularisa nas suas *Provinciales*. Ao lerem-se as poesias espirituaes de Frei Antonio das Chagas, que se encontram no, de arrebicção púlbico, livro do padre Manuel Godinho sobre a vida do veneravel religioso, conhece-se o século XVII em crença e poesia. Em lyra nenhoma harmonisa tão bem o impeto gongorico.

O delirio de imagens e sentimentos, ás vezes sublime, que caracteriza a poesia de seiscentos, transparece nas suas elegias. O *conceito* parece ter nascido da especulação mystica; assimilam-se, confundem-se um com o outro. A Península é a terra do Mysticismo: é o genio do Oriente, a exaltação febril da imaginação, que nós ficou, com o aroma de uma urna de alabastru, que guardou essencia finissima. A Alemanha em Tauler, Ruysbrock, Bollán, foi a que mais profundamente o desenvolveu. Profunda e atrevida em suas indagações, excedeu a linha prescripta pela Igreja; em religião tornou-se mystica (1). E' este o modo como Michelet, o poeta da historia, filia essa ideia no mundo germanico. Mas a Península foi mystica pelo sentimento; a poesia era a musica interior do extasi.

A poesia mystica é o grito d'alma absorvida pelo infinito; a poesia espiritual não tem paixão, é mais descriptiva do que lyrica. E' o ca-

cter da poesia religiosa portugueza desde o Pontífice S. Damaso, S. Martinho de Braga, Frei Agostinho da Cruz, até S. Francisco Xavier. Possuido de horror do claustro, para Antonio das Chagas é o habito a mortalha, a casa onde habita a sepultura; deprime-se, compara-se a um guzano, que se esconde no tumulo que vae abrindo. Os desvarios de uma mocidade turbulenta passam-lhe pela imaginação, como uma nevoa que tolda um céu esplendido e aberto. A primeira elegia é uma allusão á sua vida mundana; é o filho prodigo. A sua vida é como o logar commum da de todos os ascetas. O apologista não cessa de tirar-lhe o horoscopo do nome, para fazer o paralelo com Antão solitario. «*Respondent rebus nomina saepe suis*,» disse Ovidio. Pelos nomes do baptismo se descobre a face mystica da familia na idade media. Em todas as edades religiosas existiu este horoscopo, como se vê nas leis de Manou (2); na idade media não podia deixar de ser frequente, porque a criança como nota Michelet, e se lê a cada pagina dos Agiologios estava debaixo do patrocinio de um sancto, era como um modelo que se lhe offerencia, porque a ascese era a imitação. E' o que Dante nos revela n'este terceto:

O padre suo veramente Felice
O madre suo veramente Giovana
Se' interpretata val come si dice! (3)

Como Antão, ficou na adolescencia orfão de pae; o que S. Jeronymo diz do Patriarcha do deserto, o apologista vae applicando a Frei Antonio das Chagas. A sua doutrina mystica acha-se nas cartas a suas irmãs tambem religiosas e nes apophtegmas espirituaes.

Reproduzindo alguns de seus pensamentos, na mesma fórma em que foram concebidos mostramos a verdade da ideia que appresentamos na abertura d'este trabalho, e conjunctamente a direcção dos estudos theologicos no século XVII em Portugal.

Foi um século de luta e actividade intellectual, por isso um século de fé. E' uma antithese. A fé, foi o descanso, o lethargo da fadiga e do esforço; porque ella não é uma actividade do espirito, a razão não a deduz dos seus principios, como a conclusão das premissas de um raciocinio. A fé é o assenso a uma ideia, pelo esforço que a alma faz sobre si para a aceitar. E isto o que lhe dá o caracter de virtude, qualidade que não tem o raciocinio. A fé é anterior a todo o acto do espirito, é o

(2) L. de Manou, p. 32, § 31, 33.

(3) Par. Cant. XII; porque Giovana, significa, cheia de graça, e Felice tem tambem o sentido do adjectivo.

(1) Michelet, Orig. cxvii.

preambulo do extasi, é a contemplação continua.

Eram tres os graus da ascese mystica; a mystica purgativa consistia no desprezo do mundo, o abandono de si, a abnegação de toda a actividade, a apathia da intelligencia, a mortificação; a mystica illuminativa e uniliva pertenciam a contemplação, o extasi, a absorpção em Deus.

Sobre o primeiro passo da ascese mystica, diz o poeta: «os bens d'este mundo falso e enganoso, dita é não chegar-os a possuir mais que para os desprezar: nem ha para que fazer caso mais que d'aquillo que por Deus se deixa, e só para se deixar se estima.»

Aonde a sua linguagem é conceitosa e equívoca, é na descripção, aliás bella e difficil do amor divino, e do estado psychico. O amor divino é o ideal de toda a poesia mystica, é o sentimento como diz Hegel, que só determina o absoluto na fórma.

O amor divino na arte é o bello das creações modernas, é a harmonia do poema de Dante, o murmuro da Fonte de Vaulusa, a elevação das obras de Miguel Angelo, a vida dos typos ideaes de Raphael. Na mystica o amor divino é o ideal de Jesus, é a transfiguração affigurando-se a cada instante ao espirito. Para receber a visita do amante é toda a ascese purgativa.

(Contínua)

THEOPHILO BRAGA

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

SEGUNDA PARTE

O esposo

— Um beijo do teu labio, esposa minha, (1)
É-me suave o aroma dos teus seios,
Perfume d'alvas flores; — o teu nome
Delicia a minha alma, doce nectar,
Que inebria o gostal-o, ouvil-o em arroubo,
Como o nome de Deus! Prende-me o encanto
Juncto de ti, oh bem-amada, leva-me
Aos intimos segredos de tua alma.
Derrama sobre mim aquelles balsamos,
Escondidos no seio, que embriagam,
Como o arfar d'esse gôzo apetecido,
Que o mysterio envolvera em véu profundo,
Mas que eu hei de entreabrir, anjo d'amores.

A esposa

No meu rosto formoso não desmaiam
«Efeitos d'amoroso estio d'alma...»

(1) Do cantico dos canticos.

E como do Cedar o tabernaculo
Eu sou linda, mais linda que os arminhos
De Salomão. O sol beijou-me o rosto
E accendeu-me no olhar o ethereo lume
Das estrellas do céu: rosas da corôa
De Deus na minha fronte luzem sempre;
E os anjos namorados o meu leite
De lirios e d'amores pelo throno
Da visão beatifica trocaram.
E eu abri-lhe as cortinas do sanctuario
D'este gôzo do céu, que os anjos amam.
Mas no meu seio lavra o incendio ainda
Onde está o meu anjo bem-amado?
Dizei-m'o échos do valle; o doce raio
Do seu olhar que pouso no meu seio,
Antes que eu fadigada, e a coma esparsa,
E o peito de cansaço resfolegante,
Pranteie a sua ausencia entre suspiros,
E não possa mostrar-lhe os meus encantos.
Em virginal frescura, em longo beijo.

O esposo

Amada minha, os alvos cordeirinhos
Hão de lambe-te as plantas delicadas;
A perola suavissima do arroio
Invejar-te a frescura e o doce mimo
Do teu rosto; e a celeste formosura
Verás no espelho do crystal das aguas.
Então verás como és formosa, linda
Aos carros de Pharaó na magestade
És semelhante, quando brilha o lume
De teus olhos, que esplendem radiantemente
Para as ancias do amor, que tu inflammas.
Tua face, quando eu beijo o labio doce
Esmoia, como a languida terna
Da rôla se do amor no occulto ninho
Geme, sentindo o suspirado gôzo.
Teu pescôço é um calis de suspiros...

A esposa

Como um ramo de myrrha o meu amado
É para mim! ai quem me déra um beijo
Do seu labio de mel entre os meus peitos.
Como a uva dulcissima de Chypre
Das vinhas de Engaddi! ai quem me déra
Ver os seus olhos, vêl-os duas pombas
Voando até pousar no meu suspiro!
Como tu és formoso no meu leite,
Amado meu, dormindo sobre as flores!
Tu és a flor do campo, ou a açucena
Dos valles; açucena entre os espinhos...
Rasgas-me o coração:

— Eu repousei-me

Á sombra da tua fronde, arvore do Eden,
E adormeci; os sonhos mais-queridos

Desceram em sorrisos ao meu leito;
Velaram-me azas brancas do teu anjo,
Amor do céu! ai vi-te, bem-amado,
Em desmaios d'amor; a tua dextra
Levantou-me a cabeça, e enlaçaste-me
Em delicioso abraço; o labio doce
Collou-se ao labio meu; suspiro tímido
Evolou-se do seio entre os perfumes
Dos meus lírios, que tu beijavas sofrego.

A visão esvaeceu-se, ai d'entro as flores
Eu suspirei por ti, oh bem-amado,
E as rosas do meu leito emurcheceram.

O esposo

Quem é esta que sobe no deserto,
Como linda varinha d'alvo fumo,
Recendendo d'aromas e de myrrha,
De incenso, e de perfumes tão suaves?
Como o vermelho da romã partida
De sua face o nacar esplendece.
Seus lábios como a fita d'escarlate,
E húmidos d'amor voluptuoso
Amimam beijos mil, e mil suspiros.
O seu pescoço á torre de David
É semelhante na alta formosura
Da senhoril, excelsa magestade!
Como o cedro do Libano é seu braço
Afeito a não vergar ao doce pêso
Dos desmaios d'amor, quando eu me inclino
P'ra descansar o labio entre os seus peitos.

A esposa

Amado de minha alma, os meus dois peitos
Parecem-se a dois gêmeos cordeirinhos,
Pascendo entre açucenas; e as delicias,
E os segredos d'amor, que estão fechados
No seu doce sacrário... tu os sabes.
Ardeu-me o coração ao suave lume
Do teu olhar, e suspirei captiva
No laço d'ouro do cabelo esparso
Em aneis d'aureas flores, como estrellas,
Que te cinjam a fronte, bem-amado!
Como o favo, que estilla mel, e balsamos,
São meus lábios abertos n'um sorriso.
Como o aroma das rosas mais suaves
Recendem meus vestidos, se desvendas
Os mysterios d'amor, que elles amimam.
Eu durmo, e por ti vela entre suspiros
Meu coração ancioso; á minha porta
De cedro fabricada o meu amado
Bateu; e quando a lua desmaiando
A collina beijava saudosa
Por ver surgir o anjo d'alvorada,
Soltei do íntimo seio a ultima ancia

Do meu amôr... — Oh bem-amado, apaga
A luz da estrella d'alva, p'ra que a noite
Me escute os meus suspiros amorosos.

O esposo

— Abre-me, pomba minha, amada minha,
Immaculada minha, o orvalho cahe-me
Dos aneis do cabelo, derramando-se
No rosto meu as lagrimas da noute.
Desvenda a face, o véu das sanctas nupcias
Cubra os lírios do teu mimoso leito.
A corôa entretecida pelos anjos
D'essas rosas do altar da luz perpetua,
Da formosura eterna, ao céu eleva-a
N'um suspiro d'amor, n'um teu suspiro.
— Abre-me, pomba minha, amada minha,
Immaculada minha; o orvalho cahe-me
Dos aneis do cabelo, derramando-se
No rosto meu as lagrimas da noute.

A esposa

Abri suavemente, e no meu leito
Os perfumes das flores evolaram-se.
Tremeiram-me as entranhas, e eu ergui-me
Semi-núa, inundada de delicias...
Meus dedos destillaram myrrha e balsamos,
Os meus peitos aromas preciosos...
No meu seio accendeu-se o ethereo lume
Dos desejos do amor... sofregos beijos
Anciavam meus lábios! mas ai triste!
Triste de mim! fugiu-me entre suspiros,
E deixou-me sosinha o meu amado.
Filhas de Jerusalem, perdi o esposo,
O escolhido d'esta alma atribulada.
Sua cabeça d'ouro o mais subido
Era o altar onde ardiam os meus olhos.
Os seus lindos cabelos, como os ramos
Das palmeiras, o laço em que eu prendia
Meu pobre coração. Como alvas pombas,
Que tem o ninho seu ao pé das aguas,
E se banham em leite na corrente,
Era a doçura d'um olhar saudoso,
Que eu perdi! Sua face tão formosa,
Como um jardim de plantas aromaticas;
Seus lábios, como os lírios, destillando —
A myrrha preciosa, e o doce balsamo;
Suas mãos d'ouro, cheias de jacinthos;
Seu ventre de marfim, e guarnecido
De saphiras; suas pernas mais formosas,
Que marmorea columna em bases d'ouro;
Seu pescoço gentil e magestoso,
Como o cedro do Libano! ai perdi-o!
Triste de mim perdi-o para sempre.
Filhas de Jerusalem, trazei-me o esposo
O escolhido d'esta alma atribulada.

O esposo

Quem te fez tão formosa, amiga minha?
Suave, como os gomos delicados
Da vergonhea da vida: magestosa
Como o incendio das nuvens e do abysmo
Alumiando a marcha dos archanjos
Nas campinas do espaço!..

Como és linda!

Aparta o teu olhar do alado beijo,
Que me fazes voar em mil suspiros,
Na aza do amor, a ti, a ti, sacrario
Das lagrimas de Deus, a quem roubaste
A corda do céu. Os teus cabellos
São raios das estrellas, desmaiando
No fundo azul da noute; laço ethereo
Em que se prendem mundos de delicias,
«Como os orbes no abraço da harmonia
Beijando o seio immenso do infinito!
Descahem-te em anneis no collo eburneo,
Como um rebanho de cordeiras gemeas,
Filhas de Galaad sobre açucenas.
Os teus dentes rebrilham, como o cysne
Boiando á flor do lago illuminado
Dos raios purpurinos do sol posto;
Ou como o alvo rebanho das ovelhas
Nos orvalhos da aurora sobre as flores
Banhadas com seus gemeos cordeirinhos:
— Todas mães de dois gemeos alvos filhos,
Nenhuma esteril! Brilha o lirio e a perola,
E a romã, e o vermelho nacarado
Da rosa entreaberta sobre as aguas
Em teu rosto suave... esmaecido
Aos ultimos harpejos da Alma Etherea!

As rainhas que accendem os meus thronos
Da luz da formosura, como os astros
Accendem o throno altissimo, — são pallidos
Reflexos do teu rosto, cujos raios,
Como as azas do Espirito Infinito,
Escurecem a humana formosura,
E brilham soberanos ás torrentes
Da luz, que incendiou os grandes mundos.

Eu só te amo a ti, esposa minha,
Entre todas perfeita; aerea pomba,
Que desceste do seio dos amores,
Formada da alva espuma do oceano,
Cujas ondas o sacro fogo inflamma.

(Continúa)

G. F.



A sociedade, que tantos males causa, assemelha-se áquella serpente da India, cuja morada é a folha de uma planta que cura a sua mordedura; apresenta quasi sempre o remedio juncto do soffrimento que causa.

A. DE MUSSET.

SCENAS ACADEMICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

XII

De como o coração de Tinoco começou
a mexer-se de novo

Depois d'aquelles desabaços, o nosso heroe, seguindo á risca os preceitos do primo, sorriu-se com um sorriso de indiferença alvar, e sarocoteando-se como um dengue, seguiu pela coxia abaixo com todo o desembaraço.

A curiosidade ainda lhe fazia algumas cocegas, o medo porém de mostrar sua crassissima ignorancia e o merecer assim, como outr'ora, as chufas dos outros, o que o levaria a rejogar o sócco, tapava-lhe a bôcca.

Vigas sentou-se n'uma travessa do meio da plateia, e Tinoco tomou lugar n'uma cadeira (1) contigua, da qual em breve o veio desalojar o socio proprietario.

Tinoco sentou-se n'outra, e deu-se novo desalojamento e assim se repeliu a mesma dança até que se deixou cahir, já cansado de passeios, sobre uma travessa.

Tudo isto lhe causava estranheza, e por um nada lhe ia incendiando a ira; contiveram-o a sua insciencia e o julgar que aquelle jogo de lugares era os preludios do espectáculo.

Ia á scena, como dissera Vigas, o drama de Cesar de Lacerda, *Trabalho e honra*, e a comedia drama, *Feio no corpo, bonito n'alma*.

Todos sabem as lagrimas, que qualquer das duas peças arranca aos espectadores, quando desempenhadas por Simões (2) e ninguem ha que deixe de chorar.

Ninguem? e o sr. José Tinoco? — Um morgado parvo não entra em linha de conta.

Tinoco riu-se desde o começo do espectáculo até o fim.

Riu-se e...

Para que desnudar aos leitores todo o trisstissimo papel que José desempenhou n'aquella noute?..

É meu heroe e como tal devo poupar-o o mais possivel.

No fim do 2.º acto do *Trabalho e honra*, Vigas veio convidar o primo para irem cumprimentar uma familia das relações d'ambos, que Ti-

(1) Chamam-lhe cadeiras, como se não foram bancos *qua taes*. É anomalia igual á de chamarem pedras ás taboas das aulas de mathematica. — No theatro Academico todas as cadeiras tem socios.

(2) Qual dos leitores não viu ainda Simões — o immortal actor do Gymnasio — no *Trabalho e honra*, no 29, na *Probidade* ou, o sobretudo, no *Feio no corpo*??

noco de ha muito não vira, e que estava no camarote n.º 44.

José, que completamente esquecera a sua Joanna nas gargalhadas que a peça lhe arrancára, deu o braço a Antonio e acompanhou-o.

Bateram á porta e entraram.

Eram alli duas lindas irmãs, tão bella porém uma d'ellas, bella de uma belleza tão tentadora, que o coração de Tinoco sentiu-se fundir a um só olhar seu.

Uma testa elevada e nobre como de rainha, coroada pela mais bella de todas as corôas, dous mares de cabellos pretos que começando por encapelar-se em ondas iam morrer abraçados em dobradas e magnificas tranças; dous sobrolhos negros arqueando-se, com uma graça e harmonia deliciosas, sobre olhos azues, incendidos de chammas, sombreadas docemente por luxuosos ciliós; um nariz delicado e suave como de grega; uma bócca breve como um primeiro beijo, rásgando a custo dous labios gentis que n'um sorriso deixavam ver dous fios de amorosas perolas; um collo de cysne, e por cima de tudo, uma tez fina, tentadora palpitante, conjuncto suave — consintam a antiga e velha imagem — de leite e rosas!

Quem não deixára alli o coração inda que o não trouxera isento!

Tinoco muitas vezes estivera com aquella menina, mas nunca admirára a sua belleza, tão sem intervallo se lhe havia succedido no coração ao amor por Joaquina o desatino por Joanna; mas agora que a sua ultima paixão muito esfriára, o nosso heroe, conheceu que um fogo devorador lhe queimava o peito.

Foi com uma sessão que José apertou a pequenina mão que Maria lhe estendêra.

— Que tem feito, sr. Tinoco?... já ninguem o vê; parece que esqueceu as familias da sua amizade!.. disse a linda menina com voz doce e meiga como um cicio da brisa.

— Eu!.. eu... tenho por ahí andado... conforme... Deus é louvado. E... e...

— E?..

— E... e... repetiu José titubeante. As palavras faziam-lhe coegas na garganta, e os queixões batiam um contra o outro. Tudo aquillo era amor.

— E?.. interrogou de novo Maria.

— E... se bem que tenho estado doente, agora louvado seja o bemdicto Sancto Antonio, acho-me rijo como um marmelleiro.

Tinoco soltou estas palavras a correr e aos arrepios.

XIII

Onde o nosso José Tinoco colhe uma nova desillusão

— Ignoravamos seus soffrimentos, sr. Tinoco, senão com a melhor vontade uniríamos nossas

supplicas ás suas, não é assim, Anninhas? — e talvez que o bemdicto Sancto Antonio mais cedo restituísse V. Ex.^a á sociedade, em que tão distincto lugar occupa...

Isto, disse-o Maria com um sorriso encantador de innocente malicia.

Anna, a linda irmã, com um leve acêno de cabeça, e com um abrir de labios invejavel, apoiou o dizer de Maria.

— Obrigado, muito obrigado, minhas senhoras...

— Não agradeça tanto, sr. Tinoco, que o fallar muito e com tanta força pôde fazer-lhe mal... O seu rosto ainda está muito pallido... Mas, de pé ainda!.. sente-se, sente-se, e perdoe-me...

— Como V. Ex.^a manda...

E José sentou-se juncto de Maria.

A travessa e formosa joven proseguiu logo:

— Diga-nos agora, sr. José, se lhe não custar muito, qual a doença que padece?

— Tonteiros da cabeça, apertos de coração e...

— Foram sessões, foram sessões: acendi Vidas acotovelando o primo, receioso de que elle dissesse algum disparate ou confessasse a sua mal succedida paixão por Joanna.

— Sessão?... perguntou Tinoco arregalando os olhos para o seu amigo.

— Sim, sessão. Pobre primo!.. nem sequer te lembrás do que soffreste!

E noja e mais expressiva cotovelada de mistura com um beliscão advertiu José de que se calasse.

As duas irmãs trocavam sorrisos durante este entreacto dos dous primos.

— Foram de certo sessões, sr. José, pois V. Ex.^a ainda ha pouco, quando aqui entrou, parecia tremer...

— Foram-o, é verdade; já me não lembrava... Estando juncto de V. Ex.^a esqueço tudo.

— V. Ex.^a está hoje galanteador como nunca?

— Eu, minha senhora, estou bruto como sempre.

— Modestia, sr. Tinoco, accudiu Anna, modestia que muito bem lhe fica... Já reparaste, Mariquinhas, na Ernestina de Sousa?... Olha como ella dirige continuamente o binocolo para aquelle lado da plateia... quem será o feliz?..

— Talvez o Dias Telles... Está lá e não desprende os olhos d'ella...

Esta conversa das duas irmãs deu algum desafogo a Tinoco que até alli estivera sobre brasas. Sentia-se acanhado e vendido diante de Maria. Parecia-lhe, a elle, que nunca havia visto mulher-tão linda, e o coração ia-lhe atrás os olhos.

Pobre moço! de uma natureza assanhada e brutal para tudo e para todos, em face da mulher sentia-se quebrar, e perdia toda a força.

Sansão, dobrava-se ante qualquer Dalila! Su-

blime e mysterioso poder a que nada resiste, porque nada lhe é superior; destronizador de todas as forças que nenhuma ha que não abdique ante elle, o amor é o senhor do mundo. Quando o homem brutal e máu, a peor de todas as feras, se lhe curva e lhe rende homenagem e preito, que poderá ahí, na natureza, reagir-lhe?!

«O gôzo, o sentimento e a acção, eis o circulo da creação» disse Herder; e que é isso tudo senão o amor?!

—Mas que tem, sr. Tinoco?.. perguntou, após largo silencio, Maria ao nosso heroe. — Está hoje tão triste?.. Olhe que isso é pouco lisongeiro para nós...

—Triste! nada, minha senhora. O que estou é cansado. Tenho-me rido como um perdido.

—Rido!.. de que?..

—Ora de que? V. Ex.^a tem perguntas!.. De que me hei de ter rido, senão do entremez.

—Ah!.. o sr. José tem-se rido!..

—Oh! muito, muito, e todos tem feito o mesmo. Houve até alguns que choraram do muito rir... A tanto não cheguei eu, inda que o caso fosse para isso. O tal Simões tem uma graça!..

—Vejo que o sr. Tinoco é muito sabedor e optimo apreciador das cousas do theatrol.. respondeu a linda Maria com uma inflexão de aviltante escarneo.

—Agradeço muito a V. Ex.^a...

—De que?.. está uma enchente real. Nem um só camarote vago!.. isto é raro na nossa Coimbra. Que me diz das damas, sr. José?

—Das damas?!

—Das que estão nos camarotes...

—Ah! agora percebi. Ha ahí algumas que não são más, nenhuma porém...

—Acabe; parece que tem medo...

—Se V. Ex.^a consente?..

—Que tenho eu com isso!..

—E' que..

—Diga, diga...

—Só se me promette o seu perdão...

—Perdão-lhe tudo, inda que não sei o que quer dizer com isso.

—Lá vae. Nenhuma está ahí que chegue aos calcanhares de V. Ex.^a N'esse corpo de *Magalona*, reuniu Deus muita cousa boa. V. Ex.^a! é mais formosa que a *Pastorinha dos Alpes!* mais bonita que a *Imperatriz Porcinda*...

Tinoco animado pelas proprias palavras e vendo esvoaçar nos labios de Maria um sorriso, animou-se a continuar:

—V. Ex.^a é um anjo lindo, muito mais lindo do que os da Senhora da Conceição lá da minha freguezia. Eu quizera ser...

—Um asno, sr. Tinoco?.. Já o é. Escusa de desejal-o.

Dizendo isto, Maria voltou-lhe as costas, im-

paciente por ver a petulancia crescente do morgado.

Este levantou-se sem soltar uma só palavra, apateado, e corrido pelo mau successo da sua eloquencia e erudição, e sahiu do camarote pelo braço de Vigas.

(Continua)

R. V.

AMBAS!

Ambas tão lindas! os meus olhos buscam
A mais formosa discernir d'entre ellas;
Debalde. Unidas fulgurantes bellas,
Duas estrellas uma d'outra a par;
Ambas co'o brilho minha vista offuscam,
Ambas minh'alma no prazer inflammam,
Ambas o fogo da paixão derramam,
Estrellas ambas dardejando o mar!

Dous sóes raiando na mansão celeste
Ambos espargem seus ardentes lumes;
Rosas unidas tem eguaes perfumes
Rescendem ambas um mimoso odor;
Pombas que a neve de brancura veste,
Que uma por outra nossa vista toma,
Flores d'uma haste tem o mesmo aroma,
Tem ambas virgens um equal amor.

Nos planos moveis do oceano em prata
Mira-se estrella que no céu fulgura,
Outra nas aguas se desenha pura
Igual no brilho irradiando luz:
E se uma... aquella que no mar retrata
Seu brilho doce nos attrahe a vista,
Tambem estrella que no mar s'avista
Os nossos olhos co' fulgor seduz.

Duas faiscas uma chamma ateiam
Vão duas hastes reunir-se n'uma,
Vão duas vagas desfazer-se em spuma
E vão dous élos a um tão só prender;
E dous amores o meu peito enleiam
Por ambas prezo nos risonhos élos
Captivo d'ellas de seus olhos bellos
Eu amo-as ambas sem qual mais saber.

RODRIGO DE MENEZES

Napoleão despota foi o ultimo clarão da lampada do despotismo; destruiu e paradiou os reis, como Voltaire os livros sanctos. E depois d'elle ouviu-se um grande ruido: era a pedra de Sancta Helena que acabava de cahir sobre o velho mundo. Em seguida levantou-se nos céus o astro glacial da razão, e seus raios, semelhantes aos da fria deusa das noutes, despedindo luz sem calor, involveram o mundo n'um livido sudario

A. DE MUSSET.

DOS NOSSOS CLASSICOS

Damião de Goes — Chronica de D. Manuel

— *Lançar de si* — «Tão forte (náu) que *lançava de si* os pelouros, fazendo-os tornar para irás, como se fóra rocha de pedra viva».

— *Descorrer* por distrahir? — «E porque elle sentiu muito este negocio para se lhe passar a dor, paixão e vergonha que d'isso com razão tinha (dizem que dizia elle que para se *descorrer* com audar algum tempo fóra do reyno) pedia licença a El-Rei para ir a Hierusalem em romaria».

— *Arrancar* por accommetter ou vencer em guerra? — «E lhe matarão um homem de cavallo mas Lopo barriga deu n'elles, e os *arrancou* seguindo-os até os misturar com os que iam adiante».

— *Passo cheo* — «Se sahiram dos inimigos seu *passo cheo* trazendo a cavalgada sem d'ella perderem nada até a cidade de Çafim».

— *Lançar com*, combater, brigar — «Que se vinham *lançar com* os nossos».

— *Dar vento*, por dar ouvidos?.. — «O nam quiz recolher nem dar vento a seus recados».

CHRONICA

A semana passada fechou-se com a *Fabia* representada no theatro Academico pelo curso do 5.º anno de Direito.

Esteve cousa muito para se ver.

Sem desconhecer o merito de todos os actores, consintam que só lembre *Roxanes* no papel de Cesar, *Henrique Ferreira* no de Annibal, *Callado* no de Tarquinio, *Leal* no de *Fabia*, *Freitas Henriques* no de *Lucrecia*, *Camolino* no de *Maricotas*, *Custodio* e *Abranches* nos de dançarinos, *Capella* no de «orador extraordinario». etc. etc.

Os folguédos d'Entrudo já começaram, um pouco mais sembarões que de costume.

Reinam a agua e as laranginhas.

A esperanças que havia de vir até Coimbra a companhia de *Zarzuella* que está no Porto, creio que se podem desvanecer de todo.

Os jornaes da cidade invicta noticiam-nos nova assignatura e recomposição da *Zarzuella*, sob a direcção do sr. *Luccini*.

Emilia das Neves que está a chegar desde Outubro, tambem ninguem póde affirmar se ella virá e quando.

No começo de Março teremos no theatro Academico os sympathicos actores de *D. Maria*, *Emilia Letroublon*, e *Santos*.

Venham elles para isto não morrer de sem-saboria.

Damos hoje na *Attila* a segunda parte dos estudos sobre *Poesia Mystica Portugueza* do nosso amigo e bem conhecido e talentoso escriptor, *Theophilo Braga*. É um mimo que aqui muito lhe agradecemos, e pelo qual damos parabens a nós e aos leitores.

Sahiu deputado pelo circulo da Guarda o *Dr. Fernandes Vaz*. Damos os emboras ao nosso amigo, e á representação nacional de que cremos será um brilhante ornamento.

Coimbra 5 de Fevereiro de 1864.

Expediente

O *Attila* é distribuido aos Domingos. Quando algum dos nossos leitores o não receba n'esse dia, pedimos o favor de o fazer saber, quanto antes, ou na *Imprensa Litteraria*, ou na *Couração dos Apostolos* n.º 30.

Ha alguns assignantes do *Attila*, inda que poucos, que recebendo todos os numeros sahidos, quando é ao pagamento da sua assignatura, dizem não ter assignado.

Nós não impomos o nosso semanario a ninguem, e por isso rogamos a todos aquelles senhores que o não quizerem, avisem d'isso o distribuidor no principio do trimestre, para lhe não ser mandado mais numero algum, poupando d'este modo a nós trabalho, despeza e desperdicio de numeros, e a elles mesmos um porte inqualificavel.

Assignarem para fazer tal é mesquinho e... Inda bem que são poucos.

EMENDAS IMPORTANTES

No n.º 5, pag 34, 2.º col. vers. 47, onde diz :

Onde irá a pobresinha
No dorido esmaecer?

lea-se :

Onde irás cahindo triste
No dorido esmorecer?

Na pag. 35, 1.ª col. vers. 17, onde diz :

Onde repousa a dextra, abençoando as dores

acrescente :

Nas horas do trespasse?
Onde voaste, sal banhado no teu sangue,

O ATILA

Semanario

N.º 8

PAN

1864

Sabbado 13 de Fevereiro

Summario.—A virtude de dous anjos, por G. F. — Scenas Academicas, proezas d'um calouro, por R. V. — De profundis, poesia por Eugenio de Barros. — Ermelinda, poesia por Anthero do Quental. — Elevações, por Cardoso Girão. — Da origem e formação das epopetas nacionaes. — Exotica, por G. F. — Chronica. — Expediente.

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

(Continuado do n.º 7)

A esposa

Que nova aurora abriu o teu sorriso?
Que luz te descerrou o labio doce?
Que sol te coroou a fronte augusta?
Tu brilhas, como a estrella matutina,
Formoso como a lua, e resplendente
Como os raios do sol; oh bem-amado!
Eu descí aos jardins illuminados
Do fogo purpurino do oriente,
Recamada de sões em cada pomo,
Em cada flor coroadá d'aureo lume,
Em cada lirio unguido dos orvalhos,
Que brota o seio da perpetua fonte.
Corri depois aos valles matisados
Dos risos da manhã, fui ver se a vinha
Brotára em flor no tópo da collina.
Rainha d'estas varzeas era bella
Toucada de verduras e de pampanos,
Arrejada de esmeraldas e de perolas
Nas folhas, nos botões semi-velados,
Chorando a alva corda, que perdiam,
Ao passar das azas amorosas
Da brisa matinal, ao doce abraço
Dos raios fecundantes do sol nado.
Lembrei-me da alva corda dos amores,
Dos amores velados em suspiros,
Que me roubaste tu n'um longo beijo.

O esposo

Quando se entornam ondas de harmonia
Sobre minha cabeça, quando eu ouço

Da Sulamite os coros, e os harpejos
Das citharas suaves, e os requebros
D'alma que chama por amor e cala
Em voz sentida o coração ancioso...
Quando me elevo ás melodias vagas
Da noute, quando o perennal concêrto
Do psalterio dos orbes me arrebatá...
Que vejo eu, que sinto eu, que sonho
Todo de rosa e d'ouro resplendente,
Todo de ethereas galas incendiado,
Todo em doces perfumes inundado!..
Que visão de mulher! Airosa descés
Do céu, baixandó o vôo ao meu abraço...
Eu toco os teus vestidos, que formóras
Da nuvem illuminada ao branco raio
Da lua, e elles desfazem-se entre os beijos
Do meu amor! então á doce alvura
Do teu corpo suavissimo suspiro
Me vae do intimo seio ao seio anciado...
As juntas das tuas coxas semelhando
Uns collares de perolas, que prendem
Os desejos, as lagrimas, os risos,
Os calores do amor; o teu embigo
Como a taça torneada, e dos licores
Que embriagam, sempre cheia, sempre aberta,
Para o hausto do prazer, ancía querida;
O teu formoso ventre, como o trigo
Em monte, de açucenas adornado;
Os teus dous peitos suaves como a alvura
Dos gemeos cabritinhos, que nasceram
D'uma cabra monteza; e o teu pescoço,
O teu lindo pescoço, como a torre
De marfim pelos anjos levantada
Para elevar ao céu nossos amores;
Como as piscinas de Hesebon teus olhos
Brotando ardor, e luz, e vida, e tudo
O que velam e mostram, noute e dia,
É amor, amor d'um raio d'outros olhos,
Que se escondam nos teus e os teus inflammem;
Teu nariz tão perfeito; como a cupula
Do templo formosissimo do Libano,
Que aponta p'ra Damasco! essa cabeça
Altar de Deus, banhado d'ouro e purpura
Nos aneis dos cabellos enastrados
De rosas irmãs gemeas d'essa fronte,

Que espande em flor e riso, em luz d'amores
Em abraços do céu; ai tão formosa,
Tão engraçada és, oh bem-amada,
Carissima em delicias, minha esposa.
A palmeira flexivel, ondulante,
Aos ventos da manhã, não é tão linda,
Como a tua estatura; os doces cachos
Das uvas preciosas não se gostam
Como os teus suaves peitos, desvendados
As ancias do amor; eu abracei-me
À palmeira tremente, e a uva doce
No teu seio a comi. Suave aroma
Dimanou tua bôcca humedecida
Pelos beijos, como os pomos ao partil-os
Brotam do seio o intimo perfume.

A esposa

O nectar do teu halito me deixa
Em desmaios d'amor, quando eu o bebo
Da suave garganta, como a rosa
Bebe o orvalho do céu; se do teu labio
Cabe o sorriso no meu labio aberto,
Eu escondo-me em ti, toda me banho
Nas ancias tuas, filho, amor, doçura
Que me inunda té ao intimo dos seios.
Eu sou do meu amado, toda sua.
Quando elle me abre os braços, e se volta
Para mim, suspirando de ternura,
Não sei que intimo enlevo me dôe n'alma,
Me perfuma de delicias inefaveis,
Como os sonhos dos anjos, amimados
Em noute voluptuosa! Vem, saiamos
Para os nossos jardins, A aurora linda
Desmaia o alvor da lua, o anjo da noute
Dá-nos o ultimo abraço; oh bem-amado
Colhâmos a aurea flor da nossa vinha,
Unjamos nossos labios com os aromas
Da myrrha, e aninhados sobre as flores
Lá me darás um beijo nos meus peitos.
Oh vem, amado meu, vôa comigo
Nas azas d'estes ventos perfumados,
Que a doce aurora manda ao nosso leito.

Agora o doce abraço! o eterno lume,
A luz de Deus, a mãe dos meus amores
Accendeu-nos a lampada da noute!
Ali está o altar, e nos meus seios
O sacrario; oh vem, penda o teu labio
Do alvo peito, do lirio d'estes balsamos.—
—Um beijo, hausto de luz, no gozo anciado...
Entremos, desvendando as tenues sombras
Que velam este riso dos amores.
Eu tenho aqui fechadas no meu seio
As delicias que embriagam, como o aronia
Dos vinhos preciosos, e os licores
Da roman pelos anjos distillados.
Em desmaios d'amor a tua dextra

Levante-me a cabeça, e o doce braço
Enlace-me o pescoço; prenda um beijo
Meu labio desmaiado...

— Eu vos imploro,

Auras da noute, ventos da montanha,
Lumes do céu, perfumes, harmonias,
Canticos do infinito; em véus suaves
Sonhos d'amor, descei á minha amada!
Ella dorme; embalae-a nos segredos
Da sua alma, que eu velo suspirando.

Quem é esta que sóbe no deserto
Como o sol sobre o mar, cahindo os raios
Do seu olhar sereno e magestoso
Sobre o rosto do amado, e no seu braço
Firmada, como a rosa em vaso d'ouro?

Eu despertei-te á sombra da arvore do Eden,
A sombra dos amores e suspiros,
Onde tua mãe chorou; urna de balsamos
D'amor e soffrimento ungiu-lhe os peitos
Dando ao filho primeiro o adeus da vida!
A mim me porás tu no intimo d'alma,
Como um sello, que feche o teu gemido
A outro amor, minha esposa bem-amada!
Vela o teu coração co'a minha face,
O teu braço... esconde-o nos desmaios
Da nossa união doce, e a formosura
Brotará de tua alma incendiando
A luz do altar sagrado, o amor eterno.
Porque o amor teme da morte a cruel fouce...
E se tu me esqueceres o atro fogo
Do abysmo queimarás minhas estranhas;
Arderá como em lampada de chammas,
Como em nuvem de fogo, carro ardente
Dos clarões da procella, esta alma anciada.
Oh não ha no Oceano ondas que apaguem
Esta flama do céu; todos os mundos
Da grandeza infinita encobrem sombras
Cujo segredo o amor descobre... em risos.

A nossa formosura ainda virgem
Como o abrir d'um sorriso em moça linda,
Cujos seios não foram desvendados
Para o beijo primeiro dos amores...
Como havemos gostal-a, anjo querido!

Guardemo-nos no intimo dos seios,
Como em muro de bronze; o teu suspiro
Eu vou fechar-o dentro da minha alma
Em baluarte de prata; ninguém ha de
Estorvar nossos gozos escondidos.
Nossas portas de cedro fabricadas
Cerrarão para o mundo o nosso abraço.

Pois sim, eu vou fechar-te, oh bem-amado,
No muro dos abraços, ou na torre
Dos meus peitos, assim ambos dormindo,
No somno suspirado dos amores,
Acharemos a paz de dous amantes,

Que tem o mundo em si, o pleno gozo,
A suprema delicia; Deus...

— Abramós

As cortinas do augusto sanctuario —
D'esse gozo do céu, que os anjos amam!
As vergontes da vida ahí se escondem
Como em leito de flores, vem, minha alma...

Oh vem, amado meu, foge comigo,
Como a cabra monteza, e os veadinhos
Voando sobre o monte dos aromas.

(Continúa)

C. F.

SCENAS ACADEMICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

XIV

*De como os nobres quando não podem
vingar-se, deliberam morrer.*

Tinoco, apenas fóra do camarote teve um
ataque d' nervos, horrivel a ver, impossivel a
descrever.

Os cabellos pozeram-se-lhe de pé na cabeça,
e faiscaram como se carregados de electricidade,
grossas bagas de suor sulcaram-lhe a
testa, o nariz alongou-se-lhe em proporções
medonhas, os olhos revolvendo-se desorien-
tados nas fundas orbitas injectaram-se-lhe de
sangue, a bôcca espumava uma baba sangui-
nea, e o corpo todo tremia como varas verdes
açoutadas do Norte.

O ataque durou alguns momentos e passado,
Tinoco estacou como estatua de bronze fun-
dido.

Era vinda a reacção, pois d'aquella immobi-
lidade passou a um quebramento de corpo do-
lorosissimo.

Duas lagrimas grossas como punhos baila-
ram-lhe por um instante nos immensos cilios,
e despenhando-se como duas avalanchas, vie-
ram pendurar-se-lhe á guisa de lanternas nos
pêllos do magro buço.

Aquellas duas gemeas seguiu-se pranto co-
pioso e soluçado.

Vigas querendo consolar o seu amigo, abra-
çando-o carinhosamente, disse-lhe com mei-
guice:

— Não te afflijas, primo!.. Esquece o que
essa mulher te acaba de dizer... Mulheres, não
faltam... Maria é uma presumida que só gosta
dos assucares e doçuras dos deslambidos e
caquilhos, e por não acostumada, despresou
a tua linguagem chã, mas verdadeira... Se tu
lhe tiveras dicto que ella era a luz dos teus

olhos, o sonho das tuas noites, a estrella da
tua vida, ou cousa semelhante, das muitas que
tenho lido no — *Conselheiro dos Amantes*, livro
preciosissimo — outro gallo te cantára!.. Mas,
não fallemos mais em tal... Enxuga os olhos,
côbra animo e vamos ver o fim do entremez.
Esquecerás na gargalhada o resto de tuas ma-
guas.

Tinoco, em resposta ás consolações de An-
tonio, soluçou como um gigante e gemeu como
um Titan.

— Então José?... É essa a tua coragem?..
Pareces-me um Maricas... Vamos; a musica
já começou a tocar e não tardará que o patinho
se levante.

— Chamou-me asno! asno! asno!

Regougou em resposta ao primo o nosso he-
roe, arrancando uma mancheia de cabellos.

— E que tem isso?... Tolo é-o muita gente
boa... não faças caso de ninharias.

— Não sabes, Antonio, que sou nobre!.. Já
uma vez, quando eu de tal me esquecia, m'o
trouxeste á memoria... Agora, que tu te esque-
ces, lembro-t'o eu...

— Es nobre. Somos nobres. Mas que tem a
roca com o fuso?..

— Que tem?... Queres tu então que um no-
bre offendido fique sem vingar-se, e que não
o podendo fazer, viva sequer mais um dia?..
Ora eu não me posso vingar de uma mulher,
o que me resta pois?..

— Esquecer.

— Esquecer, não. É impossivel. Resta-me a
morte.

— Estás brincando, José!

— Qual! Fallo muito serio. Quero, devo mor-
rer e ninguem se opporá a isso.

— Deliras, pobre amigo!

— Não deliro, não. Estou em meu inteiro
juizo. Que não déra eu para que Maria de Lima
fosse um homem?... Todos os meus castellos,
todo o meu sangue e creio que até a minha
alma... Queria esfarrapal-o com unhas e den-
tes... Mas assim, sendo mulher, o remedio é
matar-me... matar-me... matar-me...

E Tinoco fugindo dos braços ao primo, dei-
tou a correr como um doudo, lançado ao chão
meia duzia de pessoas com que esbarrára, e
entre estas um conselheiro do theatro (1), que
assim desacatado, ficou gemendo e gritando
soccorro aos collegas e ao Silva (2).

Vigas voou na côla de José, que quando fóra
do theatro, enfiou em jouca corrida pela rua

(1) Os directores do theatro académico, esco-
lhidos d'entre os socios e accionistas, tem o titulo
de conselheiros.

(2) Silva é um appenso do theatro. Fiel d'elle,
desde a sua fundação, o seu nome é historico nos
fastos d'aquella casa.

d'Entre-Collegios, cortou á direita, desceu a Travessa da Trindade, meleu-se na Couraça de Lisboa e por ella abaixo continuou correndo como um galgo.

Vigas, apesar das immensas pernas e de medir de cada salto dez metros, ia a grande distancia do primo a quem o desespero dava azas.

Depois, vendo-o tomar em direcção á ponte, adivinhou-lhe o pensamento, e um suor frio correu-lhe por todo o corpo, quebrando-lhe o impeto da corrida o medo do não chegar a tempo de salvar José.

Que seria do nosso heroe a estas horas se...

No capitulo seguinte o leitor verá connosco o que se passou.

(Continua) R. V.

DE PROFUNDIS

PARA USO DE DOUS OU TRES MARIDOS

(Beranger)

Minha mulher é morta,

De profundis! tra! lá!

Do céu a larga porta

Aberta lhe será!

Áquella cara alminha

Sómente o céu convém;

Pois, segundo a avó minha,

Do inferno alguém vem.

Minha mulher é morta,

De profundis! tra! lá!

Etc. etc. etc.

O proprio céu formára

O nosso doce nó.

Gozei ventura rara...

Mas um dia ou dous só.

Minha mulher é morta,

De profundis! tra! lá!

Etc. etc. etc.

Bem que impossível seja,

Um tão mau genio haver,

Foi meiga e bemfaseja...

Se hei de os visinhos crer.

Minha mulher é morta,

De profundis! tra! lá!

Etc. etc. etc.

Jámais nas rôlas se ha de

Achar ternura assim!

Guardou fidelidade...

Ao amante do fim.

Minha mulher é morta,

De profundis! tra! lá!

Etc. etc. etc.

Devo acabar comigo?

Viver sempre a chorar?

Não! não! antes a siga...

Para a ver enterrar.

Minha mulher é morta,

De profundis! tra! lá!

Etc. etc. etc.

EUGENIO DE BARROS

Sr. Redactor — Peço-lhe a publicação dos versos que seguem. É a poesia mais sancta que jamais escrevi, porque se chama *consolação*, e seguramente a mais bella porque é uma boa-acção.

Não sei, nem já agora espero saber-o, para que banda do horizonte fica o céu que Deus nos guarda: mas diante da fatalidade que a terra prende á barra do vestido de certas mulheres, como um lodo pesadissimo, que as pucha para baixo a cada hora e as calca n'estes chafurdos da vida, diante d'esse mysterio, a alma vê claro, dentro em si, o que os olhos da cara não alcançam, e no seu escuro brilha uma luz como nenhum céu de primavera a teve jamais — a luz da primavera das almas, chamada *esperança*.

No meio da impotencia dos sistemas dos philosophos e das religiões dos theologos, a immortalidade apparece, como uma aurora infinita n'uma pequenina góttá d'agoa, n'uma lagrima de mulher!

— Chega-se á crença pelo soffrimento, por que só elle nos póde dar a impressão profunda da *necessidade* d'uma compensação, o sentimento da justiça. E' isto exactamente o que os systemas não dão. Se Christo tivesse *philosophado*, á maneira d'Hegel, em face das dores do seu povo, não passaria o seu nome; hoje, de um d'esses muitos que lemos, ou antes não lemos, nos in-folios que tractam d'archivar as argucias do espirito humano para riso ou pasmo das gerações futuras.

— Chorou, sentiu e soffreu com os mais tristes e os mais mesquinhos: é por isso que foi o Christo. Ha de parecer-lhe extranho, sr. Redactor, que seja eu (que ha tanto tempo perdi o nome de christão!) quem venha falar d'estas cousas em terra aonde os ha tantos e tão bons! Que quer? este seculo é um paradoxo, e até na minha fraca pessoa quer ter mais uma prova d'este seu espirito de contradicção.

E, depois, sr. Redactor, nós outros, os excommungados, quando nos expulsão da Igreja, temos esta consolação, d'encontrarmos á porta o Christianismo, que nos abre o seio para n'elle escondermos a cabeça carregada de duvidas, magoada d'incertezas e dores sem conto. Ficam-se os sacerdotes e os eleitos da Fé com os seus templos, os seus altares, a sua consideração e as suas prebendas—nós, ficamos apenas com Jesus-Christo. Não tendo já direito de ver e amar a Deus na pedra das aras, na lettra gothica dos missaes, ou na penumbra dos confessionarios, soletamos o Evangelho nos olhos dos tristes e palpamos o vasto coração do Nazareno dentro nos peitos que as tristezas da terra encheram de infinitas esperanças do céu.

Isto traz-me ao assumpto d'estas linhas.

Eu ouvi uma manhã d'estas fallar de Christianismo, como um Doutor da Igreja (ou, ao menos, como um Doutor da Universidade) a um homem cuja certidão de felicidade lhe anda estampada, desde as face ao ventre, na sanguinea e chorumenta redondeza d'uma personalidade de Imperador Romano d'outros tempos, ou deputado d'hoje, o que julgo ser tudo um.

Fez-me pasmo aquillo! e admirei, na minha humildade, o seculo em que, os apóstolos do Christo, selada em fim a paz entre corpo e espirito, podem já criar ventre e faces floridas de Pangloss, sem que com isso nada percam de sua seraphica sublimidade!

A noute, esse mesmo apóstolo fazia corar uma mulher publica com a irritante descripção de certos refinados prazeres, que nada deixariam a invejar aos da Roma de Juvenal, se não fossem infinitamente menos grandes e infinitamente mais porcos.

Compreendi então o Christianismo d'estes martyres barrigudos. E, como já disse, é força que em tudo appareça o paradoxo do seculo, entendi eu, impio, que era á minha impiedade que competia ensinar a estes christãos que as azas com que se vóa ao céu tanto as podem ter hombros vestidos de setim, como vestidos de chita de pataco; que fazer chorar os que um destino mau curva até ao chão é, além de dureza, cobardia excessiva; e que, em fim, o respeito devido á mulher tem de se medir na proporção da infelicidade d'ella, e nunca na da consideração que lhe possa dar este estúpido mundo aonde em trevas vamos expiando não sei quaes escuras culpas d'outro passado mysteriosissimo.

Não querem dizer outra cousa os versos que se seguem.

Coimbra 6 de Fevereiro de 1864.

ANTHERO DE QUINTAL

ERMELINDA

Une femme qui tombe...

V. H.

(AO MEU AMIGO J. F.)

Quem te deitou, innocente,
Tremendo de frio e dor,
Sobre o monturo da vida,
Como cousa sem valor;

É essa face dolorida
Te fez empalidecer
Com o olhar da miseria,
Com o beijo do soffrer;

Pôde gelar-te esses membros,
Encher-te de palidez,
Furtar-te o chão da existencia,
Cad'hora, de sob os pés;

Mas o que essa mão não pôde,
Com a gelada pressão,
Foi tirar-te o dom das lagrimas,
Foi secçar-te o coração!

Chora, pois — Deus vê as almas!
O mais é cousa mortal...
Vê-as sós — quer os ais saiam
Do palacio ou do hospital.

Sua mão, se faz estrellas,
É d'almas, que anda a colher...
E, pois o espirito sóbe,
Bem pôde o corpo descer!

Que importa onde os pés se firmem,
Se é por que o olhar se erga á luz?
Bem pôdre é o chão dos mortos,
E mais lá se hasteia a cruz!

Como aos poços mais sombrios
Chega um raio de luar,
Podem tambem nascer lyrios
Á porta d'um lupanar.

E os seios que o mundo compra
No crapuloso leilão
A que preside a miseria...
Podem ter um coração!

Temos todos visto, ás vezes,
Sahir uma luz ideal
De cabeças que se encostam
Na encherça d'um hospital!

Ah! deixa correr teu pranto
Sobre o chão do lupanar,...

É sementeira de dores
Que andas, triste, a semear.

Mas passe o inverno por cima...
Que a Primavera ha de vir!
As dores, que tu semeias,
É no céu que hão de florir!

Oh lá! são contadas as lagrimas
Que aqui se vão a chorar!
Debaixo de nossos olhos
Anda-as Deus sempre a aparar...

Eu creio na Providencia!
O tronco sêcco da Cruz
Rebenta no Paraíso
Para dar flores de luz!

As faces que empallidecem
Ha de as Deus inda corar
Com o reflexo dos cyrios
Que ardem lá no seu altar!

E se os olhos se anuviam,
Escurecendo-se — Deus
Faz dos escuros da terra
A aurora eterna dos Céus!

ANTHERO DE QUENTAL

(A pedido)

ELEVAÇÕES

Fragmentos do — Arrependimento

(NARRAÇÃO Á LUZ DA ALVA)

Era ao escurecer-se o céu pelas sombras do crepúsculo, da nevoeiro, ainda tenue, cobria os valles cavados entre os montes alcantilados da minha patria e lá no alto, na sumidade da collina erguia-se a cruz do presbyterio, que se desenhava no espaço, com a cruz por diademal.

A hora que era do renascimento d'um céu d'amores, o som das Ave-Marias, perdido nos valles, o vapor da noute espalhado por sobre as aguas do Douro, como um manto d'arminho cahido sobre as arvores do campo, o canto melodioso do rouxinol d'entre os ramos da murta, tudo me dizia á alma poesia, ao coração saudade e aos labios silencio!

Parece que na aboboda celeste reflectia para o poeta contemplativo o som de harpa sacrosancta, vibrada pela mão do Senhor!

Procurae um dia o silencio, deixae expandir

vossa alma pelo espaço das esferas e sereis arrebatados ao mais sublime, até cahirdes no bátratho da existencia humana.

É que nosso pensamento, preso com laços de mortalidade á materia bruta é a estrella cadente um momento illuminada, e precipitada depois no abysmo da escuridão!

Foi então que impressões tão doces abalarão minha alma perante a face de Deus, enuviada a meus olhos, apenas por esse véu magico do céu, abraçado pelo fulgor das estrellas!

Que tem que me não vejam entre o povo, que vae curvar-se no altar e ajoelhar aos pés do sacerdote na hora sagrada do sacrificio?

O mundo vae apinhar-se n'esse recinto estreito, esquecido e indifferente ao sacrificio austro que representa o martyrio e o mysterio.

Limita sua religião á cruz no templo, e eu busco a cruz na solidão do cemiterio, Deus na immensidade do céu e a religião no sanctuario da minha alma!

N'aquella hora, em que eu era mudo e immovel perante a mudez do céu e a immobilidade de suas harmonias, apparecia-me a cruz do presbyterio arvorada no altar da immensidade, e parecia ouvir através o infinito, a harmonia longinqua de cantico ideal, que me embriagava em sonhar de delicias!

Foi então nas margens d'este Douro que eu esperava Estella, para diante de Deus, que me fallava na alma, abrir-lhe o peito e dar-lhe a ler a linguagem dos anjos, que os labios não diziam!

O socêgo da noute era mais uma nota, que hos vibrava na alma o céu e a natureza! A lua e as estrellas do firmamento eram para nós tantos romeiros, que vinham sanctificar com sua luz do céu o noivado dos dous amantes!

MANUEL CARDOSO DE GIRÃO

DA ORIGEM E FORMAÇÃO DAS EPOPEIAS NACIONAES

(Continuado do n.º 5)

Dos dous systemas expostos, não se deve, cremos nós, rejeitar completamente nem um nem outro, porque ambos elles patentearam uma parte da verdade. Um resumo rapido dos factos verificados até hoje bastará para mostrar o que em cada um d'elles ha de verdade.

O desejo de guardar memoria dos acontecimentos que o impressionam mostra-se mui patente no homem, mesmo nos tempos barbaros. Ora, na ausencia da escripta, só com o auxilio do rhythmico, do metro e da melodia con-

segue elle fixar na memoria o que deseja lembrar. Segue-se d'aqui que nas épocas primitivas, as tradições, as crenças, as prophcias, as mesmas leis tomam a fórma dos versos, e que os annaes da historia e os textos das legislações são odes ou poemas. Em parte alguma porém o costume de celebrar por meio de cantos as façanhas dos heroes e os successos da vida nacional recebeu tamanho desenvolvimento como entre os povos da raça indo-germanica, todos elles dotados de admiraveis faculdades poeticas. Taes composições heroicas, que recordavam a gloria dos avós, eram cantadas nos dias de festa, quando a tribu marchava contra o inimigo ou quando se reunia em roda das mezas do banquete. Eram para as multidões como cousa sagrada; taes o *péan* entre os Gregos, o *carmen* entre os latinos, o *barditus* entre os Germanos, ou como o hymno nacional para os povos d'hoje. Os que compunham ou recitavam estes cantos, parece, terem gosado sempre de grande consideração. Eram muitas vezes guerreiros que tomavam parte no combate.

Mais de uma vez, sem duvida, sobre as planuras da Asia como nas planices da Germania, estes bardos, ainda excitados da matança e cheios do fogo que accende a victoria, descreveram a lucta cujos perigos acabavam de partilhar em cantos de selvagem energia, que eram reditos pelas gerações seguintes como tradição venerada da gloria nacional.

O mais longe que as partes mais antigas dos Védas nos permitem remontar na historia primitiva do povo ariano, vemos ahi rapsodos encarregados de celebrar as façanhas dos reis reinantes comparando-as aos factos gloriosos dos antigos reis. Estas composições poeticas eram cantadas com uma especie de pompa religiosa nas grandes festas, sobretudo no dia do sacrificio solemne do cavallo, e os auctores que melhor conhecem a historia da litteratura indica não hesitam em reconhecer n'estes hymnos a origem da epopeia sanscrita. (1)

Entre os Persas-Arianos, encontra-se igualmente o costume dos cantos heroicos tendo por objecto as grandes acções dos reis ou dos chefes. Foi com a ajuda d'estas tradições epicas, já compendiadas, affirmam-se, no século sexto, por ordem de Nourschivan, que Firdousi compoz a grande epopeia persa o *Skah-Nameh*. Os tempos primitivos da Grecia são-nos quasi de todo desconhecidos, mas vemos na Odyssêa Démo-

do cantar diante de Ulysses os successos da guerra de Troia, e este facto só, basta para provar que o uso de celebrar os altos feitos da nação remonta a uma alta antiguidade. É além d'isso fóra de duvida, que existiram na Grecia diferentes cyclos de poesias, tendo por objecto as tradições da historia nacional, como por exemplo, o dos Sette diante de Thebas (2). O genio de Roma, na sua origem, é antes o genio serio e laconico do legista que o do poeta. Esta cidade, de povos tão diversos, foi dominada primeiro pela influencia dos taciturnos Etruscos, a quem ella devia a sua civilização. Não é pois alli que se pôde esperar o encontrar um grande desenvolvimento da poesia popular. Sabe-se comtudo que Niebuhr sustentou que os começos da historia de Tito-Livio foram bebidos nas *Heroidas* dos primeiros reis. Abundam testemunhos para provar que as tribus germanicas e celticas tinham conservado em todo o seu brilho juvenil o costume dos cantos heroicos que haviam herdado de seus antepassados. Na Gallia como na Grã-Bretanha, vemos os bardos ou os Skaldos celebrar, acompanhando-as á harpa, as acções gloriosas dos heroes. Cada vez que as legiões, que marchavam silenciosas ao combate, encontravam os exercitos do Norte, eram impressionadas de ouvir os barbaros entoar seus cantos de guerra com um enthusiasmo religioso.

Depois da conquista, os vencedores conservaram por muito tempo o gosto d'estes cantos guerreiros, e o proprio Taillefer, de nome tão guerreiro, que, no dia da batalha de Hastings, precedia o exercito normando cavalgando e cantando «de Carlo-Magno e de Rolando», pertence ainda á familia dos antigos bardos. N'uma época mais recente, as poesias sobre o Cid e sobre Bernardo del Carpio, reunidas no *Romancero* espanhol, as de Robin-Hood em Inglaterra e as poesias populares da Grecia moderna foram compostas em circumstancias quasi analogas ás que inspiraram os cantos heroicos da Gallia e da Germania. Assim pois, pôde-se considerar como demonstrado que a composição das epopeias nacionaes foi por toda a parte precedida e preparada pela dos cantos lyricos destinados a ser repetidos nos dias de festa e de batalha.

(Continúa)

(2) « Os cantos populares da Grecia antiga, diz M. Guignant no *Diccionario dos homerides*, os *Epea*, que celebravam os heroes, suas aventuras e desgraças, tinham-se succedido durante muitas gerações, tinham soffrido muitas transformações, muitas elaborações antes da epopeia se tornar possivel. » Não se pôde negar a existencia de poetas, de Aedes cantando factos reaes e contemporaneos muito antes da época homerica.

(1) Entre outros, M. Albert Weber, admitte até que os fragmentos d'esses cantos primitivos foram conservados no Rig-Véda e nos Brahmanas, commentarios em prosa que acompanham os Védas.

Pôde-se consultar a traducção da obra de M. Weber publicada recentemente, 1859, por M. Alfred Sados, *Hist. de la littér. indienne*, pag. 46. etc.

Exotica

(Continuado do n.º 3)

A resposta áquella philosophica interrogação de Eduardo de Almeida está n'este epitaphio— aqui jáz Virginia Augusta de Medeiros; morreu aos vinte e seis annos para o mundo dos espiritos. A sua prolongada agonia foram innumeraes indigestões, que o seu bom marido lhe obrigou a soffrer, em virtude das copiosas ceias, que ambos comiam em boa paz e harmonia de casadas.

Engordou a final portentosamente, deu á luz sette filhos, travessos como os sette peccados mortaes, e agora aborrece versos e lettra redonda.

Ralha com as creadas, e fustiga a paciencia do Barão com perrices de mulher velha.

Se lhe fallam nos dramas de João José — porque o celebrado engeho tem continuado a rabiscar para o seu theatro — dá uma estrondosa gargalhada, e manda-o rezar.

Eduardo d'Almeida penitenciou-se, fazendo-se redactor do jornal d'aquelle burgo, onde escreveu artigos de fundo a proposito da illuminação da villa, noticiou as entradas e as saídas das pessoas illustres, que por alli passavam, e meteu a sua lã em folhetim humorista.

Gozou assim alguns annos de vida ingloria, mas pacifica: — depois a sua má estrella deu-lhe um assanhado concurrente, um outro jornal de cores negras em politica e litteratura, que se embespinhava por qualquer coisa, e que o não deixava pôr pé em ramo verde. Analsava-lhe tudo desde a epigrapha do artigo de fundo até ás virgulas dos annuncios.

Eduardo d'Almeida viu-se obrigado a dar as boas noites ás questiunculadas do seu collega, como as déra ha muito tempo á deliciosa Virginia.

G. F.

CHRONICA

Lá vae o Carnaval, que em semsaboria excedeu muito os seus antepassados.

Não houve coisa com geito, nem mascara com espirito que não fosse *alheio*.

Até os proprios bailes da feira acabaram! Pois é pena, que não havia coisa mais divertida e engraçada.

As *pepineiras* e *batuques* foram tambem este anno rarissimas.

Isto que succedeu em Coimbra, creio, que se dá pelas outras terras de Portugal. O Entrudo deixou de ter tempo official, e a humanidade cobre a mascara desde o 1.º de Janeiro até 31 de Dezembro.

— Talvez que esta usança não seja peor, pois se escondem muitas cousas feias e até medonhas.

O Governo — passando das cousas burlescas para as sérias — parece prometter ainda larga existencia. Pelas ultimas votações da Camara dos Deputados, vê-se, que tem elle alli maioria de 30 votos.

Deus o conserve largos annos para nossa consolação e alegria.

— Está-se tornando enfadonho o interminavel addiamento da abertura do caminho de ferro do Norte. Se as obras d'arte e de segurança foram julgadas boas, porque esperarão?..

Uma pergunta innocentissima.

Que motivos ponderosos influiriam no animo dos conselheiros do theatro academico, para não consentirem a repetição da *Fabia*?

Estamos entrados na Quaresma. Isto faz-nos ter esperanças de diminuição no preço da carne de vacca. Ha, é verdade, a bula da Sancta Crusada, felizmente porém para os que d'ella se utilizam, existem muitas beatas e beatos que fazem escrupulo de não jejuar. Ora, como as leis economicas em Coimbra são o opposto do que devem ser — diminuindo os consumidores diminuirá o preço dos generos.

Para festejar o reconhecimento do Principe Real, tivemos dous feriados, hontem e hoje. E' pena que taes festas se deem uma só vez na vida...

Envenenou-se o estudante Brasileiro Julio da Gama no dia 11 do corrente, e n'esse mesmo dia morreu. O suicidio, de ha muito, que era n'elle ideia fixa. Ignoramos qual o verdadeiro motivo que a tal fim o levou. Sentimos tão triste e doloroso acontecimento.

Coimbra, 12 de Fevereiro de 1864.

Expediente

Na Imprensa Litteraria vendem-se:

Resumo Encyclopedico de definições e principios geraes da sciencia juridica.

Folhas ao vento — contendo Scenas Academicas; — o Ultramontanismo na instrucção publica em Portugal; — e a Instrucção publica em dous capitulos.

Collecções da *Litteratura Illustrada*, 12 n.ºs com estampas entrecaladas no texto.

Dictas do jornal semanario — *O Phosphoro*.

Dictas do dicto — *Tira-Teimas*.

Cartas precatórias.

Dictas para convite d'enterro.

Arrendamentos para propriedades de terras.

O ATILA

Semanario

N.º 9

PAN

1864

Sabbado 20 de Fevereiro

Summario. — *Confederação dos Tamoyos, poema por Magalhães.* — *Poesia Mystica Portugueza, por Theophilo Braga.* — *No dia de um noivado, poesia por Braga Macahe.* — *A virtude de dous anjos, por G. F.* — *Scenas Academicas, proezas d'um calouero, por R. V.* — *Chronica.* — *Expediente.*

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

(Continuado do n.º 6)

Depois que as praías e os sertões brasilios,
Ribombando o trovão da artilharia
Repetiram taes sons — tudo isto é nosso —
Viram-se os Indios sob o péso curvos
De asperrimos trabalhos, como brutos,
Que os Portuguezes brutos os julgavam;
Cantando ao som do látego incessante,
Mas cantico de dor com voz de escravo.

Não mais, grotas, não mais em voz soára,
O canto do homem livre! — A liberdade
Trocado havia em lucto as brancas vestes
E só tristes gemidos exhalava:
Como o guará, que perde as alvas pennas
E novas porém negras só lhe crescem,
E de tão lindo que era e tão garboso,
Adejando ligeiro á flor do lago,
Co'o rosto ora ferindo-o, e contemplando
Sua imagem no meio de mil orbes,
Que iam delineando as moveis aguas;
Ora curvando a aquatica vergonteia
Co'o péso de seu corpo, qual esbelta
Virgem, que em bamba corda se embalança;
Ora emfim alongando o airoso collo
Como uma flauta eburnea a voz soltava:
De tão lindo qu'elle era, se transforma
Em passaro funéreo, e fugitivo
Geme, como carpindo a perda sua,
E nem ousa mostrar-se envergonhado,
Até que o lucto em purpura se muda
Co'as plumas novas, que lhe crescem rubras.

Assim fugiste, oh cara liberdade,
De lucto envolta; e só com sangue agora
Te é dado o triumphar! — Ai, pobres Indios!
Uns faziam gemer a virgem terra
Co'os repetidos golpes das enxadas;
Outros nos densos matos mutilavam
Arabutans, jacarandás, graúnas,
E os bosques rebramavam co'as pancadas
Resoantes dos machados: — parecia
Que de dor se carpiam, por se verem
Roçados pelas mãos de homens escravos
Pela primeira vez; homens que outr'ora
Livres á sombra sua se acoutavam.
Outros emfim das abas das montanhas,
Sobre os despidos hombros já callosos,
Os lavrados esteios carregavam,
Que deviam erguer nascentes villas,
Para commodo só dos seus senhores.

Inda tudo não é; mesmo no centro
De incognitos sertões o Luso armado,
Como da destruição o infrene genio,
Levava o captivo, o horror, o estrago,
O incendio e a morte ás tabas indianas.
Homens justos, apostolos de Christo,
Anchieta e seus irmãos em vão bradayam
Contra tão fera usança e tuim costume:
Conselhos de dever, de honra, que valem
P'ra as almas encharcadas na cobiça?

Aimbire, o mais audaz entre os Tamoyos,
Meditava projectos de vingança
Contra a Lusa colonia Vicentina,
Donde p'ra seus irmãos o mal sahia.
De sertão em sertão, de taba em taba
Andava elle incansavel incitando
As tribus dos Tamoyos á revolta.
Já tinha percorrido as fertes plagas
Que banha o Pirahy, e o Parahybuna;
Tinha já costeadado a dextra margem
Do longo, caudaloso Parahyba;
E atravessando os campos e as montanhas
Que entre o Guandú e o Macahé se estendem;
Por toda a parte amigos encontrára,
Promptos como elle, para a grande empreza,

E todos de vingança sequiosos;
Que o presente cruel se lhes mostrava,
E o futuro peor; terrível tudo.
O Indio verboso, e de subtil engenho,
Por afanosos trances amestrado,
Inda mais inflammando-lhes o odio,
P'ra vingança commum os colligava.

Só faltava-lhe o braço e a experiencia
Do ancião Pindobucú; a elle corre,
Sóbe ao alto da Gavia, onde elle habita;
E o acha, oh dor, em funebre apparato
Dando o eterno repouso a um caro filho.

Já o cadaver dentro da igaçaba,
Com as guerreiras armas de que usára,
Tinha sido enterrado em funda cova.
De Comorim o irmão e os companheiros
Com lentos passos, e as cabeças curvas,
E os olhos para o chão, em pranto envoltos,
Já para a sepultura vão levando
Toscas pedras p'ra o tosco monumento.
O Cacique, sentado junto á cova,
Pousa a sinistra mão sobre a cabeça
Da filha, que soluça em seus joelhos,
E co'a dextra apertando a propria frente,
P'ra o funereo moimento absorto attenta,
E como que sua alma além vagueia.

Aimbire chega, e pára; olha, examina;
Bate-lhe o coração; fallar não ousa.
Ao ver o velho assim, e ao lado a filha,
Parece advinhar... Toma uma pedra
E a leva á sepultura: «Em paz descança,
(Diz) oh guerreiro, cujo nome ignoro;
Mas és Tamoyo, e amigos meus te choram.
Aqui teus ossos jazerão p'ra sempre
Sobre este monte, que me viu pequeno;
Após meu pae, andar sahís caçando,
Tão lindos qu'eu co'as pennas me enfeitava.
Lá diviso a Tijuca tão saudosa,
Cujas aguas bebi; n'ellas banhei-me.
Alli n'aquelle morro, onde se eleva
O Corcovado pincaro ventoso,
Doce e manso deslisa-se o Carioca,
A cujas margens minha mãe cantava
Tão mestos cantos, qu'eu chorando ouvia,
E ainda choro co'a lembrança d'elles.
Quantas vezes n'aquelle escura varzea,
Onde o Catête saltitante corre,
Ouvindo o sabiá e o gaturamo,
Dormi, sonhei, aromas respirando
Co'aquelles ares puros que dão vida!
Aqui abaixo o Comorim se alarga,
Onde eu pescava tantas vezes, tantas.
Terras em qu'eu nasci, como sois bellas!
Como és formoso, oh céo do Guanabára!
Mais azul do que as pennas d'ararúna!
E a vós eu volto e vos saúdo em frente
De uma recente, pranteada campá,

De quem, não sei; talvez de algum amigo!
Mal a voz — Comorim — soou ao velho
Subito elle estremece; olha, procura
Reconhecer o incognito guerreiro
Que tal nome soltou. A voz lhe escuta,
Mede-o todo; e depois que elle se cala:
— Aimbire! não és tu?

— Sim, sou Aimbire!

E o Cacique, lançando-se em seus braços,
O aperta contra o peito: encara-o e chora,
E de novo o aperta uma e mais vezes.

— Aimbire! tu aqui... Ah, quem te disse,
Como soubeste qu'eu perdi meu filho,
Teu amigo da infancia, o meu querido,
O meu bom Comorim?..

«Que! pois é elle?

Elle?... o meu Comorim!.. é elle o morto
Que alli jaz?... Comorim: como morreste?
Tu tão moço, tão bravo, e tão robusto?
Quem um putumujú te não julgára,
Em força, em duração, como em belleza?
Que raio te feriu antes de tempo?
Eu não sabia, ah, não... Quando cuidava
Poder hoje apertar-te n'estes braços
Contar-te minha vida, meus trabalhos,
Meus longos soffrimentos e desgraças,
Venho pôr uma pedra em teu moimento!
Oh compaubeiro meu nos tenros jogos
D'essa idade feliz, que brilha e acaba,
Como a flor da urumbéba, após deixando
Feio tronco, escabroso, e todo espinhos!
Quantas vezes amigos apostámos
Quem mais certo mandaria a flecha
O passaro ferir, alto pairando!
Quem mais veloz nadando, ou já correndo,
Primeiro chegaria ao dado termo.
Ou quem mais agil pendurado a um galho
Para o galho fronteiro se arrojára.
Como eu gostava de brincar contigo!
E perdi-te! e não mais ver-te-hão meus olhos
Como subindo alegre esta montanha,
Tão cheio de prazer e de esperanças,
Pensando tanto em ti, que vivo eu cria,
Não palpitou-me o coração presago;
Nem ouvi murmurar por entre o bosque
O écho de nenhum Maraguigana
Que este golpe fatal me annunciasse!
Ai! quanto custa a perda de um amigo,
De um bravo como tu!.. E eu inda vivo!»

O pae, o irmão, a irmã, os Indios todos
Enternecidos choram, vendo Aimbire,
E ouvindo-o deplorar do amigo a morte.
Queixas, lamentações longas soaram.
«Mas enfim, disse o velho, é tempo, oh filhos,
De deixar em repouso a quem não vive.
Pois que Aimbire aqui chega afadigado
De bem longe talvez, que se passaram
Tantos sóes sem noticias termos d'elle,

Vamos dar-lhe agasalho e algum repouso.»

«Não, disse Aimbire, não: quero primeiro
Que em torno d'estas pedras assentados
Me conte si em combate, ou de que modo
O bravo Comorim perdeu a vida.»

(Continúa)

POESIA MYSTICA PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 7)

A alma, a esposa precisa vir do deserto para os braços do Cordeiro. *Quae est ista, quae ascendit de deserto deliciis affluens?* pergunta S. Bernardo, applicando o verso dos Cantares á alma elevada pela mystica purgativa. Desoccupada a casa, como diz o nosso poeta, para receber este divino hospede, e em silencio de potencias, em solidão do espirito «os suspiros o chamam, os affectos o convidam, a pureza o provoca, a humildade o manda, a caridade o apressa, as lagrimas o fazem correr, a devoção chegar, a indiferença unir; e depois d'isto a eslimação o detem, a liberdade do espirito o ata, a paz interior o goza, e o continuo e brando amor com elle se fica.»

O religioso poeta em tudo acha imagens para revelar a sua saudade do céu. Vendo o sol, cantava um hymno como a seu irmão Sol modulava o Seraphim de Assis. Vendo a terra e o mar, as sombras e a luz, as fontes, os rios, os canticos das aves, tudo lhe motiva um pensamento de amor divino. As flores, lembram-lhe a brevidade da vida, e ella «que é mais do que uma flor que se murcha! Que é mais do que uma luz que se apaga! E que é mais do que uma sombra que foge, uma figura que desapparece! Como nau que não sente o curso do caminho, que vae fazendo, como setta que em um ponto travessa os pontos a que tira, como ave que um momento penetra os ares que vóa. Assim como entre espinhos nasce a rosa, assim entre as afflições a graça.»

Outras vezes, arrebatado na vehemencia do amor divino, eleva-se na inspiração hymnico-dithyrambica de alguns cantos da igreja; o epitheto converte-se em estrophe, é a ladainha.

Levar-nos-hia longe a exposição de toda a doutrina mystica de Frei Antonio das Chagas; o que ella tem de pueril e até ridiculo, mostra-se já dos titulos de suas obras, tinha um pouco d'aquella faculdade inventiva de Escobar, cuja aberração para o quietismo originou a poesia obscena do seculo XVIII (1).

(1) Parece um paradoxo, não é. Vid o meu estudo sobre a *Poesia erotica portugueza*.

O quadro de maior luta na vida dos mysticos é a tentação, mas a tentação da carne: Francisco, o solitario da Ombria, o Christo da idade-media combatia com o gelo e com brazas, Bento, e S. Ignacio com as alagoas, com as silvas, outros com os mais duros flagicios sobre si. O diabo apparecia-lhe as mais das vezes sob a apparencia de mulheres lindissimas, na soledade, arrebatadoras de fascinação. Nunca a legenda do diabo foi tão ridicula como no seculo XVII. No tempo de Dante e da Philosophia hermetica, era o diabo que vinha descobrir os segredos da alchimia a Basílio Valentino; com os outros discutia pontos de controversia theologica, com uma logica de ferro, que o fazia quasi sempre triumphar. Platão e Aristoteles continuaram o seu antagonismo na Renascença: um é a alma da Scolastica, accende o espirito de polemica que apparece na Igreja e nos livros dos Doutores; Platão torna o amor o *subjectivo*, o ideal da poesia.

A Dyotima do *Banquete* é a Beatriz da *Divina Comedia*, são como irmãs gêmeas, remontam-se no mesmo vôo, unidas como o casal de pombas mansas, a que Dante compara o abraço aéreo de Paulo e a filha de Guido de Polenta. As duas escolhas combattem-se, o gibellino quiz reconciliar-as na *Trilogia*. O diabo, ah! apparece com o seu character aristotelico, ergotista. No episodio profundo e nocturno de Bonifacio VIII, o quadro mais verdadeiro de quantos nos deixou de si a idade-media, S. Francisco, depois da morte do Pontifice, vem buscá-lo; mas um dos negros cherubins, disputa-lhe a posse, retroquindo com uma finura de argumentação, — que se não pôde absolver, o que se não arrepende, e que se não pôde ao mesmo tempo arrepender e querer, porque ha *contradição*. E arrebatou-o consigo dizendo, enfatuado da sua logica penetrante:

Tu non pensavi, ch'io loico fossi (1).

O seculo XIV era assim: retratou-o com a sua cor. O seculo XVII, pela lei eterna dos antitheses, do ridiculo ao que o despenhára o ascetismo, elevava-o ao fastigio da poesia. Milton tornou-o heroico, fez d'elle um Cromwell. O ideal do Diabo, concebido nos mosteiros, como o vemos nos retabulos, e quadros de psychostasia era sobre modo ridiculo: na poesia elegiaca de Frei Antonio das Chagas apparece-nos em um d'esses combates, que elle dava ao espirito do monge:

(1) Tu não pensavas que eu era tão bom logico! Estas palavras são um poema, são toda a idade-media. O ideal do Diabo estudamol-o com mais extensão na minha *Historia — o Grotesco na Arte Moderna*, Cap. IV, ined.

« Bem que me toquem arma o dia inteiro
As memorias do mundo, e n'esse assalto
Os raios chovam do infernal morteiro »

Nunca na fonte da paciencia falto
Por ver, que aqui franqueio e contramino
Quanto ser possa da alma sobresalto.

Mas se no risco d'este horror continuo
Adrede tarda o celestial soccorro
Lá na estrada encoberta do destino ;

Do entendimento á cidadella corro,
Onde, bem, que o combate não declina,
Não logo n'elle me esmoreço e morro.

Antes por defender-me na ruina
Faço arnez o burel, elmo o capello
Malha o cilicio, espada a disciplina.

E val-me tanto d'esta gloria o zêlo
Que logo aquella furia formidavel
Co'o celestes auxilios atropello. » etc.

A leitura de suas elegias, umas vezes sublimes de sentimento, outras, manchadas de equívocos levam-nos a fazer uma ideia nova sobre a poesia d'essa época, tanto tempo desprezada e até escarnecida por esses espiritos pautados pelos canones aristotelicos, e tropeços horacianos (1). A novidade de imagens, o arrôjo das metaphoras denotam sempre uma actividade intellectual. Na poesia mystica, o penitente vae chorar suas magoas nas covas de de seus olhos. *Ubique daemon*, foi o ecco que restringio pelo vacuo do mundo, quando os deuses se foram. Por isso em tudo se achava uma tentação para o poeta religioso, que tem um amor escondido com a natureza e receia, e abnega a final d'esse amor; um ribeiro que desliza por entre flores, compara-o, inspirado pela ideia da tentação, a um *aspide de prata*. « *Anguis in herba*. » É esta a unica differença entre ella e o mysticismo do Oriente, onde o poeta sente em tudo uma alma, Pouroucha, com mil cabeças, mil olhos, mil pés; elle imprime os seus seis dedos na terra, e fez d'ella uma bola, a cima da qual domina (2). Este pantheismo védico é um poema interminavel.

O mysticismo religioso tem uma litteratura extensa. A Peninsula foi a que mais produziu n'estas abstracções subtis que nos foram preparando a *Metaphysica moderna*. A litteratura portugueza, se os livros de religião poderem

(1) No Estudo sobre os *Poetas Heroi-comicos portuguezes*, tinhamos bastantes prejuizos de escola ainda. Vid. Instituto, vol. X, n.º 12, 1862.

(2) Rig-Veda. Sect. VIII, Lect. 4, h. 5, v. 1, t. IV, trad. de Mr. Langlois, p. 340.

formar exclusivamente uma litteratura, tem um elemento mystico predominante, desde as elevações intimas de Heitor Pinto, e Manuel Bernardes até ao *Inferno aberto*, e *Cabo da enganosa esperanza á hora da morte*.

THEOPHILO BRAGA

NO DIA DE UM NOIVADO

Sim! eu te amei e muito! agora o digo,
Agora que és sagrada ante os meus olhos!
Agora que nas trevas busco abrigo,
Qual genio de tormenta entre os abrólhos.

E este peito, volcão, que me queimava,
E o sangue refluído encandecia,
Hoje fria cratera... e já sem lava!
Mas inda a mesma dor que o consumia.

Eu te perdôo as lagrimas de fogo,
Que me fizeres derramar na vida:
Eu te agradeço a minha dor que afogo
Em ancias n'este peito retrahida:

Irei, irei, buscar na soledade
Esquecimento á magoa que me opprime;
Dormirei no regaço da saudade,
Abrindo o seio á inspiração sublime!

Ali rasgando os véus que a noite encerra,
Martyr de amor unguido nos meus prantos...
Esta alma livre das prisões da terra
A Deus sómente elevará seus cantos.

E tu goza, mulher, se ha gôzo eterno...
Tambem nos cança os labios o sorriso
No mesmo gôzo encontrarás o inferno,
Inferno, onde sonhaste o paraíso!

Mas... quando o tedio partilhar teu leito,
Murcha a belleza que te deu vigor,
Vem, minha irmã, dormir sobre o meu peito;
Inda acharás um écho á tua dor!

No peito já sem bonança,
Queimado pelo absinthe,
A dor matou-me a esperanza...
Bem n'ô sintol!

Que a noiva dos meus amores,
Minha querida consorte,
Serás tu, pallida morte,
No leito das minhas dores!

BRAGA MACAHE

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

TERCEIRA PARTE

Violante a Albertina

Minha pobre irmã; como é bemfada esta solidão do claustro!

Às vezes quando eu vago ás horas profundas da noite por entre os restos da vida do espirito humano — levanta-se-me a alvorada da manhã eterna, como um sudario infinito, que vela as minhas lagrimas e os meus suspiros.

O berço da minha infancia, sonho purissimo das rosas da innocencia, desmaia como a luz da estrella d'alva ao avisinhar-se do esplendido fulgor do sol.

E a minha alma vae-se queimando lentamente n'aquelle fogo sagrado, e o desfalecimento me cerra muitas vezes os olhos do corpo para a intuição maravilhosa do espirito devassar os mysterios da minha soledade.

Sinto-me cada vez mais proxima da vida dos meus amores.

A luminosa columna do deserto vae adiante a guiar-me os passos vacillantes, porque eu ás vezes tenho saudades do teu abraço, Albertina. Quantas vezes me não desce o maná do céu, e a desesperança me abre em cada sinuosidade da minha vereda estreita o abysmo da noite!

«Até quando, meu Deus te esquecerás de mim! para sempre? Até quando voará a minha alma para o oceano do teu amor, e cairá nas amarguras do meu coração desfalecido? Até quando o véu tenebroso da incerteza sumirá na dobra mysteriosa da sua escuridão a luz das minhas lagrimas? Olha para mim do throno ardente da tua immensidade, Senhor! Allumia o meu espirito para que elle não durma no seio da perpetua morte. Arranca-me com o teu braço poderoso ao lethargo das sombras d'esta existencia: quero voar na amplidão dos mundos da tua luz, junctar o meu cantico infinito ás harmonias da tua eternidade.» (1)

Ah minha pobre irmã, de que valem estes desejos do coração afflicto? Eu fecho o livro de Deus, e a cabeça cahe-me desfallecida sobre os seios queimados d'esta febre do amor divino!

Como tu és mais feliz nas sanctas delicias do teu amor de mãe!

Dá-me alguns sorrisos da tua felicidade, manda-me esses balsamos de tua alma innocente para o meu conforto n'esta dolorosa peregrinação.

(1) Imitação dos psalms de David.

Mas não, filha; a tua voz acordaria pungentes lamentações na soledade d'estes sepulchros. Deixa-me a sós com as minhas paredes nuas, e com o meu leito de gèlo. O calor da inspiração divina, as linguas de fogo do espirito immenso hão de aquecer-me esta mortalha de neve.

Eu hei de voar ainda ao oceano dos perennes lumes, onde desmaiam as pallidas flores do coração humano, e brotam e florescem as rosas do eterno amor. Ama tu os segredos deliciosos d'esses valles e d'essas florestas. Leva pela mão o teu esposo amado ao thalamo de crystal, onde se retratem os vossos abraços, e os beijos de vossos labios amorosos. Sonha, com as formosuras da tua collina, rosa entreaberta aos orvalhos do céu; quando na sagrada mentanha da nossa infancia desmaiarem aos pés da cruz os raios do sol do teu ultimo dia — o anjo do teu amor, filha, ha de abraçar-me comtigo.

Albertina a Violante

Não me deixa a tua imagem. Vejo-te, quando me reclino, toda banhada das intimas doçuras nos braços d'elle, e quando o hausto do seu coração me sóbe aos labios.

Amo a tua memoria, como as saudades da infancia do meu amor. Lembras-te? aquella gruta escondida na solidão da floresta, e na soledade do mundo, só e mysteriosa, como o vago aspirar de nossas almas, como o desabrochar ignorado de nossos desejos? Alli n'aquelle templozinho da religião da minha esperanza, illuminado dos olhos d'elle como dos raios do crepusculo, embalado pelos murmúrios da tarde, perfumado com as flores dos meus suspiros, toda escondida no abraço do amor, arroubada nas delicias do céu... sonho de momentos no fervoroso beijo de dois corações, alli se me abriu a porta mysteriosa da felicidade divina.

Depois brotou-me dos seios o primeiro pomô do amor, e se tu soubesses, Violante, que deliciosos beijos me davam as entranhas de mãe para os labios de meu filho? Como era suave esconder no intimo de minha alma aquelle sorriso primeiro, imagem do sorriso de Deus, abrir o nectar de meus peitos aos suspiros do innocente, achegar a folha da rosa ao lirio desmaiado... ai, minha irmã, que ineffaveis doçuras encerra o berço, o sacrario do pão celeste do amor!

Depois, eu não sei como podia encontrar em todas as formosuras do mundo dos gemidos o rosto mimoso do meu anjo. Se eu me erguia, acordada pelo abraço do amante, via o labio do filho no beijo d'elle, como no esmaecer da manhã.

No topo da collina
A estrella matutina
Velára a face em languido desmaio;
Anjo de luz fóra esconder o raio
No abraço de Deus:
Brilhava, a espaços, o clarão eterno,
O fogo da montanha, o sacro lume,
A corôa dos céus.
A cruz do meu amor, a sombra do infinito,
Erguia suavemente os braços de granito
Aos raios do nascente;
O sol vinha adoral-a, abrindo os lábios d'ouro
N'um osculo tremente.
O hymno da floresta gemia sussurraute,
Vergando ao péso immenso
Do braço omnipotente.

Era o murmúrio das aguas,
Era o canto da avesinha,
Alegrando as suas maguas,
Acordando os seus amores;
Era o incenso das flores
Era o perfume do val,
Matisado d'aureas cores,
Elevando ao céu o aroma
D'entre as urnas de crystal —
— O lago que estremecia
Aos raios do sol de Maio,
E a nuvem alva de neve,
E a acucena em desmaio, —
— O lirio a rosa; e o gemido
Da selva, do pinheiral
A oração da natureza
Na sua augusta grandeza,
No seu eterno clamor.
Então levantei do berço
O filho do meu amor.
Pedi ao sol um raio, a Deus o abraço, a luz,
E beijei docemente os pés da minha cruz.

Violante a Albertina

Eu não posso levantar a cruz do penitente, e beijar as chagas de Jesus com as lagrimas do meu coração. Nas sombras d'esta noute immensa não me apparece o rosto do meu amante, escondendo os vestigios do martyrio nos raios da gloria, e abraçando-me, e levando-me no rapto do extase ao céu das minhas illusões. Não, minha irmã; quando eu desejo ver a formosura do esposo amado, quando, o procuro nas sombras da minha soledade, e me vejo face a face com as paredes humidas da minha prisão terrena, terrena e fria como o sepulchro, invejo a tua felicidade, e lembro-me do abraço da nossa infancia venturosa.

Bemaventurado aquelle, que vê o sanctuario de Deus, através da escura estancia das suas lagrimas.

.....

I

A dextra do anjo das visões celestes levantou-me acima dos rochedos da minha penitencia. Eu deixei o eremiterio profundo, onde o genio do abysmo prendia a minha alma, e fui como ouvindo ao longe a harpa da solidão, que me chamava com a sua voz maguada e soberana, a voz do mar. Subi a escarpa da montanha, guiada pelo esplendor do astro dos amores, e lembrei-me com saudades do berço das minhas illusões.

Ví-te, anjo do céu, quando o rugido da tormenta passava sobre a minha frente, e queria atar os meus cabellos ás sua juba incendiada.

O leão do mar e o leão do deserto fitavam-se enraivecidos, e as suas garras encontravam-se nas fauces arquejantes.

Os olhos despediam relampagos e raios. A tempestade da terra e a procella do mar casavam-se no ribombo do trovão.

Aquelle combate era o derradeiro esforço d'uma luta gigante.

Foi rapido o ancier dos contendores. Ouviram-se os lamentos do vencido no estertor do trovão moribundo, entre as nuvens negras do occidente. Ao depois o silvar do vento descansou n'um zunido melancolico, estendendo-se na immensidade do deserto e no infinito do oceano. O mar foi descansar tambem no profundo do seu leito. As ondas, que ha pouco se cruzavam encapelladas, se contorciam e se despedaçavam no furor d'um terrivel embate, beijavam-se de manso, levando o osculo da despedida e o abraço da paz. E a paz da minha alma era em ti, no meio da tormenta. Tu és como o pousar do labio do sol na face do oceano. A onda enrubece de amor, quando o primeiro beijo do dia lhe cala no seio a luz e a vida.

Ao marulhar tempestuoso da noute succede o remanso do crepusculo da manhã. O rosto do mar aliza-se, como para se espraia o raio do sol, em cima da sua face desentregada. O velho gigante não carrega a frente, nem morde o labio, nem contrahe os musculos, nem despede a voz da agonia, mas jaz absorto e calmo a contemplar o astro de Deus. Quando o tenue lume da tua pupilla, n'um brilho que não deslumbra, mas encanta, mas amortece de amor, vem queimar o véu, que ensombra a felicidade de minha alma, eu adoro-te assim, anjo do céu.

O viageiro de ignotos mundos só descansa no berço da patria.

Quando abicar ao porto amigo o meu primeiro pensamento mandar-l'ò-hei na aza da viração, que vòs para ti no queixume d'um gemido. E esse gemido é o desabafar extremo de tantas esperanças escondidas, de tantos desejos afagados, de tantas creanças venturosas.

Tu és a minha patria. No lamento da agonia, na oração do deserto, pedi a Deus, por ti.

No rugido do mar, no encapellar da vaga, elevei-me ao Eterno, por ti. Sempre a tua imagem, filho de Deus.

(Continúa)

G. F.

SCENAS ACADENICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

XV

De como, cedendo ás razões do primo, Tinoco addiou o suicidio para o dia seguinte

Abençoada seja a Camara Municipal de Coimbra, que em todas as ruas, largos e passeios, consente entulho, madeira, e monturos!

A um dos toros alongados, por uso e larga posse, na Portagem, devemos a vida do nosso heroe, que sem isso seria a estas horas nos anginhos.

Tão cego ia Tinoco na sua desenfreada corrida, que não deu pelo madeiro que lhe atravessava os passos, e tropeçando tombou uma tal quéda, que para simples mortal seria quasi morte, e para José foi apenas leve abalo.

Vigas, quando, á luz do magnifico luar que n'aquella noute se espelhava nas aguas do Mondego, quebrando-as em mil escamas de prata, viu o primo estendido no chão, fazendo das tripas coração e animando-se na esperança de poder salvar o unico representante dos Tinocos, galgou em dous pulos a distancia e vantagem que José lhe levava, e cahiu sobre o suicida a tempo que elle se levantava e se dispunha para proseguir sua obra nefasta.

— Louvado Deus! cheguei ainda a tempo de te salvar!.. Que ias tu fazer, desgraçado?..

— O que ia e vou fazer, respondeu Tinoco tentando desprender-se das garras do primo — matar-me... Não posso viver deshonorado nem mais um dia...

— Mas isso é uma doudice!.. queres que Maria tendo-te chamado tolo em vida, t'o chame ainda depois de morto?..

— Depois... que m'importa?..

— Queres que a geração dos Tinocos se acabe, e que teu pae, vendo-te morto, morra tambem com risco da patria, de que é um sustentaculo?..

— Os mortos esquecem depressa... Herdeiros... não faltarão...

— Queres que, como, suicida não sejas enterrado em terra sagrada?..

— Toda a terra tem bichos... Tanto vale uma como outra...

— Queres morrer sem te confessar? Não temas a justiça de Deus?..

— Deus é pae de misericordia.

— Queres...

— Quero tudo, mas deixa-me! Não vês que a noute vae arrefecendo, e se me demoro mais, não terei coragem...

— É assim que tu me estimas, José?!.. eu não te merecia isso... Vaes morrer e nem alguns instantes queres dar ao teu amigo, ao teu primo Antonio...

— Perdoa-me, Vigas. perdoa-me... Devo-te muito, mas...

— Acaba, cruel!

— Mas é preciso que eu me mate já, senão...

— Conclue, desapiedado!

— Senão faltar-me-hão forças para o sacrificio, pois...

— Termina, inhumano!

— Pois sinto frio, muito frio...

— Queres tu um conselho, meu primo?..

— Se não fôr um pedido de vida, diz lá...

— Mata-te, já que assim o deliberaste, mas que não seja hoje. Dormirás sobre o caso, consultarás o travesseiro, e amanhã terás encontrado um genero de morte menos frio e mais...

— Porém...

— É só uma noute de demora. Lembra-te, além d'isso, que tão grande como foste na vida, triste seria que tão pequeno fosses na morte. Deves escolher um outro modo de acabar com a existencia... uma morte de que fallem as Gazetas. Olha, por exemplo, deitares-te da torre da Universidade abaixo, de geito a, na queda, levares contigo ao outro mundo algum bedel, archeiro, ou tangedor da *cabra*; ou então o lançares fogo ao Pateo e á Universidade, e morres abrazado com elles e com suas injustiças; ou... cousa identica. D'este modo dará brado no mundo o teu fim, e farás beneficios á humanidade.

— Dizes bem. Aceito o conselho. Vamos depressa que estou constipadissimo... Sempre vae um frio!

— Que faria, se a estas horas estivesses de molho no Mondego.

Quando os dous primos se dispunham para se retirar a casa, desembocaram da ponte, uns trinta estudantes embuçados, e com as caras tapadas com gorros, abertos só nos olhos e bocca.

— Que gente será aquella? perguntou Tinoco.

— São talvez membros da *Sociedade das Sombras*, que vem d'alguma iniciação. Vamos depressa, antes que elles nos vejam.

Tinoco e Vigas apressaram o passo, não porém sem que os *Sombras* os vissem. Então do meio d'elles sahiu uma voz:

— Quem serão aquelles profanos?... talvez alguns espiões da nossa *Sociedade*? Que quatro aprendizes dos mais forçosos corram a agarral-os.

A esta ordem, que pela presteza com que foi executada, bem se viu ser d'alta personagem, lá nas *Sombras* destacaram-se dos outros quatro vultos e correndo atrás do Tinoco e Vigas, breve os alcançaram e fizeram parar.

(Continua)

R. V.

Embora vos accusem, vos condemnem, vos prendam, e vos enforcem; publica sempre os vossos pensamentos. O fazel-o não é um direito, mas um dever; obrigação restricta é, para todos os que teem ideias, o communicar-as aos outros, para o bem commum. A verdade inteira pertence a todos: o que entenderdes que é útil, podeis sem receio publicar-o.

P. L. COURIER

— É a saudade, uma mimosa paixão da alma, e por isso sutil, que equivocadamente se experimenta, deixando-nos indistincta a dor, da satisfação. He um mal, de que se gosta, e hum bem, que se padece.

D. FRANCISCO MANUEL — *Epamaphora* 3.^a

CHRONICA

Chronica de Coimbra noticiosa e succolenta, pelos tempos que correm, é um impossivel. Coimbra 19 de Fevereiro de 1864.

Expediente

De novo rogamos aos nossos assignantes o favor de não pagarem suas assignaturas sem receberem o competente recibo, para d'este modo podermos ordenar a administração do *Attila*.

Pedimos tambem que, não recebendo algum assignante o *Attila* aos domingos, d'isso avise na Redacção — Couraça dos Apostolos n.º 30 ou na Administração, Imprensa Litteraria, com a possivel brevidade —, para a tal falta se dar prompto remedio

Recebemos pelo correio d'hoje uma poesia — assignada pelo pseudonimo — *Ampolheta* — que se torna recommendavel pela fórma e pela ideia, uma e outra altamente elevadas. Por falta d'espaco só publicámos a terceira quadra prometendo dar a poesia inteira no numero seguinte, se o auctor não faltar á promessa de nos dizer, antes do numero'sahir, o seu nome, para nós lhe darmos os agradecimentos pelo favor de tão mimosa producção.

Reza assim a 3.^a quadra da poesia que é dedicada á Erm....

Que Arcanjo é ece tão puro
Que o mundo em ceu ceio recebeu
Que preferio mil dores da terra
As mil delicias do ceu.

19 de Fevereiro.

Pede-se, com empenho, ao Ill.^{mo} Sr. Administrador da fabrica de papel da Abelheira, que empregue toda a vigilancia, quando se conta, e faz a divisão do papel, para que não appareçam faltas sensiveis de folhas, nas resmas. A falta de exactidão, muitas vezes, dá logar ao compromettimento de impressores, e prejuizo da Imprensa e dos Auctores, porque faz com que em uma obra se inutilisem exemplares, e se não possa entregar o devido numero.

Na Imprensa Litteraria vendem-se:

Resumo Encyclopedico de definições e principios geraes da sciencia juridica.

Folhas ao vento — contendo Scenas Academicas; — o Ultramontanismo na instrucção publica em Portugal; — e a instrucção publica em dous capitulos.

Collecções da *Litteratura Illustrada*, 12 n.ºs com estampas entrecaladas no texto.

Dictas do jornal semanario — *O Phosphoro*.

Cartas precatórias.

Dictas para convite d'enterro.

Arrendamentos para propriedades de terras.

Recibos para congruas.

Tabellas de redução pelo systema metrico de medidas antigas ás do actual systema e vice-versa.

Carta de Lei de 12 d'Agosto de 1856, que dispõe o modo como se deverá levar a effeito o melhoramento do rio Mondego e Campos de Coimbra, com o Regulamento de 29 de Julho de 1857, etc.

O ATILA

Semanario

N.º 10

PAN

1864

Sabbado 27 de Fevereiro

Summario. — Ainda a crise alimenticia. — Confederação dos Tamoyos, poema por Magalhães. — A virtude de dous anjos, por G. F. — Poesia por J. B. — Da origem e formação da epopeias. — A Herrmann, poesia por João de Deus. — Chronica.

SECÇÃO ECONOMICA

AINDA A CRISE ALIMENTICIA

Em quanto folêgo de vida nos animar, não cessaremos de pedir providencias, senão misericordia, para nós e para os que depois de nós vierem.

«A Universidade não pôde, não deve continuar em Coimbra» disse mol-o já e dil-o-hemos sempre, em quanto não virmos attendidas nossas reclamações e supplicas, que o são de toda a Academia.

Ha 10 annos que as despezas Academico-alimenticias começaram de crescer, subindo successiva e progressivamente desde os 4\$000 réis sabidos até 7\$000 réis mensaes, preço corrente do passado anno lectivo.

Este crescer, inda que para sentir, lento como era, não tinha causado grande abalo no haveres do estudante, porque lhe fôra compensação a subida das mezadas, no geral, de 12\$000 a 14\$400 réis.

Que ha succedido porém durante cinco mezes, que tantos tem tido já de vida o anno lectivo?! De 7\$000 réis as despezas alimenticias obrigadas, subiram de pulo a 10\$000 réis!!!...

Tracta o nosso Governo, tracta o nosso Conselho d'Instrução Publica, quando por acaso deixam cahir um olhar sobre Coimbra, tractam de difficultar actos e exames, de fazer mil réformas acephalas e esdroxulas, senão chulas, de exigir aos calouros frequencia que não tem nenhuma razão de ser senão no bestunto de nossos legisladores, e ficam aquellas duas cabeças da Instrução inertes e indifferentes

quando Coimbra e a Academia passam por uma crise tão morde-cunhos!!..

Em geral os Governos são surdos para tudo o que necessidades da Nação ou d'uma parte d'ella...

E em quanto ninharias estam occupando as nossas Camaras, vamos nós sendo sovados em Coimbra, sovados até nos deixarem á penuria!..

Hoje nem o *correr a lebre* pôde ahí ter lugar...

A desolação é geral. Tem a ruina entrado inda nas casas mais fornidas de meios, que meios não ha que resistam a tal crise.

Os açouges acham-se desertos, nada porém vale isso para a diminuição do preço da carne que continua a 100 réis!

Os galinheiros estão desertos, porque as galinhas não descem de 400 réis e os franginhos de 200 réis!

As peixeiras estão desertas, pois que a mais pequenina lampreia custa um Brasil!..

As fructeiras estão desertas, porque qualquer maçã combalida não é cedida senão por uma exorbitancia!

A batatas sustentam-se carissimas, carissimo está o azeite, o toucinho, as salchichas, os ovos, a hortaliça,... tudo está pelo amor de Deus! pela hora do morte!..

Providencias! Misericordia!..

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

(Continuado do n.º 9)

— Ai, exclama o Cacique! nenhum homem Morreu ainda por mais nobre causa!
Era meu filho! E como morreria
Senão luctando tão audaz guerreiro!

Apenas ha tres sóes que uns Emboabas,
Dos que talvez na Bertioga habitam,
N'aquella praia em baixo appareceram.
Comorim e Iguassú tambem andavam

Nesse dia fatal por lá caçando :
 Quem podia prever um mal tão grande ?
 Em quanto n'um momento, não cuidadoso,
 Meu filho pelo bosque se entranhára
 Após um caitutú que lhe fugia,
 Sua irmã, que aqui vês, linda e garbosa,
 Que vence o sahixé na gentileza,
 E excede o sabiá no meigo canto,
 Cantando andava só toda entretida
 A colher uns ingás pela restinga :
 P'ra mim ella os colhia : é seu costume
 Sempre que sahe trazer-me alguma cousa.
 Aquelles mãos a viram, tão sosinha,
 E assim que a viram, cobiçando-a logo,
 Quizeram agarral-a : ella, gritando,
 Coitadinha ! como a rôla perseguida,
 Para o matto correu. Correram elles
 Após, como as igáras esfaimadas ;
 Mas ella, pelo irmão chamando sempre,
 Mais ligeira do qu'elles lhes fugia.
 Um mais audaz já quasi a segurava,
 Quando o meu Comorim apparecendo.
 Já co'o arco esticado e a flecha no alvo,
 Com prompta morte atravessou-lhe o peito ;
 Outro, que vinha após, co'o braço alçado
 Para lhe disparar troyante bala,
 Varado o braço, alli cahio bramando.
 Era a ultima flecha, e já meu filho
 D'aquelle inutil braço ia arrancar-a,
 P'ra mandal-a de novo a outro ousado,
 Que vira mais além por entré os ramos,
 Quando dous por detraz o aferraram,
 E seus punhaes nas costas lhe embeberam.
 Comorim, mesmo assim preso e ferido,
 Curva-se um pouco, e subito se erguendo,
 O corpo sacudiu e os fortes braços,
 E por terra atirou os dous contrarios :
 Como ligeiro e forte era meu filho !
 E agarrando-os depois pelos cabellos,
 Deo co'a cabeça de um contra a do outro,
 Que batendo quebraram-se estalando,
 Como estalam batendo as sapucaias !
 Nenhum mais se mostrou : os mais fugiram.
 Entretanto Iguassú vinha gritando,
 Até que ao longe vio alguns Tamoyos,
 Que a seus gritos pungentes acudiram,
 E sabendo do caso logo foram
 O irmão soccorrer. Porem, oh magoa !
 Já longe do logar da feroz lueta
 O acharam quasi exangue e semi-morto.
 Assim o filho aos hombros me trouxeram :
 Assim nos braços o tomei chorando.

Ah meu filho ! parece o estou vendo !
 Que não fiz eu para estancar-lhe o sangue,
 Que das largas feridas se escoava !
 Elle sem exhalar um só suspiro,
 A dôr vencendo, desdenhando a morte,
 Com voz segura, posto que difficil,
 Pôde contar-me o que narrado lenho.

Ninguem o vio gemer : senão que o digam ?
 Calou-se um pouco, e respirou com força ;
 Era a ultima vez que respirava,
 E todo contrahindo-se : — Vingança ! —
 Disse, e morreu... E alli cahi sobre elle !

.....
 Creio que muitos os malvados eram,
 Porque os mortos no bosque não se acharam ;
 E no mar vio-se ao longe uma canôa
 Grande, cheia e veloz, que ia fugindo.
 Em vão alguns dos nossos a acossaram ;
 Tarde foram e a noite protegeo-a. »

Mal que o velho acabou, Aimbire exclama :
 « E p'ra quando guardais essa vingança
 Que Comorim pedio no extremo arranco ?
 Não ouvís sua voz surgir da cova,
 E de novo bradar — Vingança — amigos ? ! »

« Sabes (Parabuçu pergunta irado),
 Sabes tu onde estão os companheiros
 Dos vís, que meu irmão assassinaram ?
 Dize onde elles estão, onde se escondem,
 Que a vingança pedida tirar quero. »

« Onde estão ? Tu perguntas ? Pois não sabes
 Onde estão os feroces Portuguezes,
 Que nos roubam os filhos e as mulheres,
 E matam nossos pais, irmãos e amigos ?
 Não sabes onde estão esses ingratos,
 Que tomam nossa terra e nos perseguem,
 E nos caçam e a escravos nos reduzem ?
 São em Piratininga, em Bertiôga,
 Onde Tibiriçá, opprobrio nosso,
 Os Carijós e os Guayanás os servem.
 Lá são elles tranquilllos, meditando
 Em roubos, guerras, mortes e extermínio ;
 Lá são elles pensando de que modo
 Hão de aqui vir hem cedo p'ra vingar-se ;
 E roubar Iguassú, que lhes fugira.
 Pois hem, eu tambem penso em extinguil-os.
 Serás vingado, Comorim, eu juro
 Por teu sangue innocente derramado ;
 Por minha mai, que os vís assassinaram ;
 Por meu pai, que morreu no captiveiro ;
 Pela linda Iguassú, que defendeste,
 E qu'eu defenderei de hoje em diante
 Como irmão, si quizer, ou como esposo,
 Si ella e Pindobugú me não desprezam !
 Juro por este céu, por estes ares,
 Por tudo quanto vejo, e pela lua
 Que tomo em testemunha, e que me escuta ;
 Juro qu'heide vingar a tua morte,
 Até que a lua voz me grite : — basta !

« Tamoyos, que me ouvís, tudo está prompto ;
 Todos estes sertões estão armados,
 E por vós só esperam. Eia, armai-vos
 Para a grande vingança, de nós digna :
 Não ha prazer que ao da vingança iguale. »

Comorim não quer lagrimas, quer sangue!
 Não quer tristeza, quer furor e guerra!
 Preparai-vos p'ra a guerra sanguinosa,
 Qu'eu aviso vou dar ás tabas todas.
 Que, vós sereis comnosco. Prometteis-mê?
 Quereis ser lívres de uma vez p'ra sempre?

— Sim, promettemos. — N'uma voz bradaram:
 « Vingança e liberdade só queremos. »

« Pois bem: que agora os mortos sós descancem
 Nas suas içaçabas; qu'eu repouso
 Não quero até o dia da vingança. »

CANTO SEGUNDO

Argumento

Usos e costumes do Tamoyos. — Seus principais chefes. Aimbire, Pindobuçú seu filho, Jagoanharo, Araray seu pai e irmão de Tibiriçá, Coaquira. — Conselho dos chefes. — Falla primeiro Jagoanharo como o mais moço. — Discurso de Aimbire. — Feitos mais importantes da sua vida. — Ataque da fortaleza de Villegagnon. — Como allí fóra Aimbire feito prisioneiro, e como escapara da nau de Mem de Sá. — Anima os seus companheiros para a guerra; e manda Jagoanharo pedir a Tibiriçá seu thio que deixe a causa dos Portuguezes, e se ligue aos seus. — Todos applaudem.

P'ra acabar co'os ataques reiterados
 Dos Lusos, confederam-se os Tamoyos.
 Bravos são os Tamoyos, e descendem
 Da raça dos Tupís. Elles não erram
 Sem tabas, nos sertões, como os terríveis
 Ferozes Aimorés, raça Tapuia.
 Natural, inspirada poesia
 De todos os distingue, os ennobrece,
 E tractaveis os torna, inda que altivos:
 Crêm elles qu'esse dom, e as doces vozes,
 As puras aguas devem do Carioca.
 Vasta extensão occupam do terreno
 Que banha o Guanabara. As suas tribus
 Se estendem desde as longas serranias
 Que um orgão fingem, donde o nome tiram,
 Até o Caiuçú, terror dos nautas.
 Um Deos adoram, que dispara o raio,
 E que pelo trovão aos homens falla:
 Tupan se elle nomeia; os seus ministros
 São os Payés, entre elles venerados.
 Leis escriptas não tem; mas não lhes faltam
 As leis da Natureza e as dos costumes,
 Herdadas de seus pais. O mais idoso
 E o mais forte é por chefe respeitado.

Já todos os guerreiros se apêrcêbem
 De tacapes e maças de páo-ferro,
 Arcos robustos, e emplumadas flechas,
 Aimbire, o forte Aimbire, apregoado
 Entre todos os fortes pela audácia
 Com que se arroja ás leras e as suffoca,
 Aqui se mostra á frente dos Tamoyos,
 Pelo voto geral primeiro chefe.
 Aimbire desde a infancia se amestrára
 A certo enviar co'a setta a mortê;
 Nem no rapido pulo lhe escapava
 O jaguar mais ligeiro sobre a rocha;
 Nem mesmo o gavião alto pihando,
 Nem pequenino passaro burlavam
 Da setta alada o infallivel tiro.
 Fraldão tecido de encarnadas penas,
 Matizadas d'azul, que a arára imita,
 A cintura lhe cinge. Do pescoço
 Cabe o collar de dentes arrancados
 Por suas mãos das boccas dos vencidos,
 E tão amplo lhe cahe que o peito cobre.
 Larga, escamosa, verdenegra pelle
 De enorme jacaré, qu'elle malára,
 As espadoas lhe veste. Tem na dextra
 Uma de dentes de onça acha embutida,
 Que de serra lhe serve e mortal arma.
 Croa-lhe a fronte um resplandor de penas
 Da côr do fulvo sol: obra apurada
 De Iguassú, que lh'a deo de amor em prenda,
 Iguassú sua amante, e qu'elle espera
 Tomar, finda esta guerra, por esposa.
 Nem ao lado lhe falta grossa aljava,
 Nem o arco robusto, que dous homens
 Como nós a vergal-o suariam,
 E em suas mãos porém facil se curva.

O ancião Pindobuçú de nobre aspecto
 Sua taba conduz: elle se cobre
 Com negras plumas, que a tristeza exprimem
 Pela morte do filho, qu'inda chora.
 Parabuçú, de porte agigantado,
 De penhas não se cobre; moço ainda
 Quer espanto causar co'o horrído aspecto
 Da figura; manchada, oncina pelle
 Desde a cabeça, que no largo espaço
 Das abertas mandíbulas se enfia,
 Até ao chão se estende: enorme casco
 De tatú lhe defende o peito e o ventre;
 De escudo outro lhe serve. Elle sobraça
 A terrível inúbia, que assignalla
 A hora da investida e retirada.
 Tão médonho trajar mais lhe realça
 O corpo colossal e musculoso.
 Pindobuçú, seu pai, que muito o ama,
 N'elle de Comorim tem viva a imagem,
 E n'elle cifra o orgulho dos seus annos.

O altivo Jagoanharo, que alimenta
 No grande coração nobre desejo
 De vingar dos parentes o opprobrio,

Jagoanharo não falta a esta empreza;
 Que no peito lhe ferve o amor da guerra,
 E na mente um fulgor de arguto engenho.
 A par delle Araray, seu pai, se encosta
 Sobre um feixe ligado de arco e flechas,
 Com triste aspecto, e sobresenho horrivel.
 De sua fronte as rugas denotavam
 Um profundo pezar; a bôcca firme
 Por um-rizo feroz tremia ás vezes.
 Fixos os olhos rubros rutilavam:
 Ressumbrava em seu rosto o horror do inferno,
 Amor ardente de vingár insultos,
 E a dor de ir combater irmão e amigos.
 Era Araray irmão do convertido
 Chefe Tibiriçá, á fé chamado.
 P'ra ser n'estes sertões seu firme apoio:
 Tibiriçá, que as armas empunhando
 Dos Lusos em favor em São-Vicente
 Seu proprio irmão e amigos aguardava.
 Jagoanharo e Araray ambos aos hombros
 Tem de tamanduás rajadas pelles.
 Elles conduzem a guerreira tribu,
 Tão agil e amestrada que se engrimpa
 Pelas mais broncas, ingremes montanhas
 E vence na carreira a veloz ema.

Outros chefes iguaes, de quem a historia
 Os nomes occultou, os campos enchem
 Co'as emplumadas hostes sagittarias.

(Continúa)

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

(Continuado do n.º 9)

II

Foge-me o coração para elle, e tenho de o deixar. O meu companheiro da infancia, e dos primeiros sonhos, e dos primeiros sorrisos. A minha estrella d'alvorada, o meu sol esmaecido da tarde, a minha vaga aspiração da noute luminosa.

Adeus! e para sempre. Em breve a mortalha do esquecimento vae abafar as pulsações ardentes d'este coração dilacerado.

O que é a felicidade para a tua creatura, meu Deus?

Diz-m'ó tu, que vives envolvido na imensidade do teu mysterio infinito, e que vês a lagrima do amor, talvez com o mesmo olhar, com que vês a flor esquecida do valle, ou a nuvem as esvaecer-se no ultimo raio do poente.

Como eu o amava de todos os gemidos d'este coração moribundo! O sorriso de minha irmã, ao levantar as mãos para o céu, amimou também a oração ao esposo de minha alma.

E eu ergui-lhe um altar no intimo de meus

seios, onde a imagem d'elle me apparecia sempre, radiante d'aquella formosura, que se confunde com a eterna formosura da ideia.

O amor de minha irmã, e o amor do céu.

A Virgem Dolorosa não chorou mais lagrimas, quando reclinou a fronte suavissima no seio do Discipulo Amado, do que eu tenho chorado ao esconder-me no tumulto da minha penitencia eterna.

Para que queres tu este sacrificio immenso de minha alma, oh Christo? Quando nós te beijavamos o sangue das tuas feridas, rasgadas pelas urzes da sagrada montanha, porque nos sorrias do alto da tua cruz, e nos abrias os braços, e nos elevavas ao céu, no teu verbo do amor?

Lembras-te do que eu te dizia, filho de Deus?

— O senhor das felicidades do meu coração te guiou para juncto de mim, ethereo balsamo que derramas tão doces esperanças no mais intimo do meu pensamento. Como eu te amo!

Olha como esta noute se illumia de todas as formosuras; que suavidade triste, que mesto adormecer de duas almas, que se adoram?

Escuta a voz de minha alma. Vem, primeiro sorriso das minhas dulcissimas affeições. Desejo saciar-me de ver-te a este raio pallido da lua, de ver as estrellas do céu a reflectir-se nos teus olhos desmaiados. Esta lagrima do meu primeiro amor... que vaticinio!

A saudade, o infinito, Deus, ... o que valerão estes gemidos do espirito humano?

Não havemos nós de vagar por cima d'aquelles mundos, coroados da eterna luz, que mana da eterna fonte, essencia de luz?

Porque choro eu, quando te vejo assim triste, esmaçando-te para o abraço do meu coração?

Quem accendeu esta chamma, que illumia o pensamento, aquece-o, queima-o, devora-o, não deve querer para nós a eterna noute, a morte sem vida, nem esperanças.

O amor é o presagio da immortalidade.

Quando eu te vir coroado de estrellas, abrindo o teu seio ás ineffaveis harmonias de Deus, não te amarei mais do que te amo, pregado na cruz da tua gloria, não te adorarei com um fervor mais profundo, não te afagarei no mais intimo de minha alma com tamanho ardor, não te abraçarei com tanto alvoroço d'entranháveis doçuras.

III

— Lembras-te, como eu lia na Biblia sancta a formosura do meu esposo?

É-me suave o aroma do teu seio,
 Perfume d'alvas flores; o teu nome
 Delicia a minha alma, doce nectar,
 Que inebria o gostal-o, ouvil-o em arroubo,
 Como o nome de Deus! Prende-me o encanto

Juncto de ti, oh bem amado; leva-me
Aos intimos segredos de tua alma;
Derrama sobre mim aquelles balsamos,
Escondidos no seio, que embriagam,
Como o arfar d'esse gôzo appetecido;
Que o mysterio envolvêra em véu profundo,
Mas que eu hei de entreabrir, anjo d'amores.
.....o sol beijou-te o rosto;
E accendeu-te no olhar o ethereo lume
Das estrellas do céu; rosas da corôa
De Deus na tua fronte brilham sempre;
E os anjos namorados o teu leite
D'espinhos e d'amores pelo throno
Da visão beatifica trocaram.

— Amada minha, os alvos cordeirinhos
Hão de lamber-te as plantas delicados;
A perola suavissima do arroio
Invejar-te a frescura, e o doce mimo
Do teu rosto; e a celeste formosura
Verás no espelho do crystal das aguas.
Então verás como és formosa, linda, ...
Aos carros de Pharáo na magestade
És semelhante, quando brilha o lume
De teus olhos, que esplendem radiantes
Para as ancias do amor, que tu inflammas.
Tua face, quando eu beijo o labio doce,
Esmacia, como a languida ternura
Da rôla, se do amor no occulto ninho
Geme, sentindo o suspirado gôzo.
Teu pescoço é um calix de suspiros.

IV

E como o vejo eu agora nas maguadas reminiscencias da minha desesperança?

Se elle me apparecesse, como outr'ora, ás horas da saudade, surgindo, como a lua d'entre os rochedos, tão bello e tão triste, visão ineffavel d'um amor profundo, que se expandia para o céu, leria mais uma palavra sacrosancta do grande livro da beleza eterna: — Deus e o amor.

Sonhadores de vaga poesia, amantes do maginar languido e suave, em doce extase d'uma soedade, que enche de imagens aereas o espirito alado ao Senhor das bemaventuranças; — vós que haveis afagado a magica verdura dos vinte annos, embalados em tão lindas esperanças; concebei o amor o mais proximo de Deus, erguei-lhe um throno que tenha por base o pensamento divino e por cume a perenne crença d'uma existencia superior no seio d'elle; amae assim, e dir-me-heis depois, se não ha felicidade completa para o desterrado do Eden da innocencia.

Se ha!.. O primeiro sorriso da esperanza do nosso primeiro amor; aquelle desabrochar do coração aos doces prazeres, que se vislumbra-

ahi — n'aquelles labios entreabertos para um primeiro beijo, timido como a sua innocencia; o que se prevê de celestias doçuras n'aquelle seio, unguido das lagrimas de Deus... a atração impetuosa d'um olhar suavissimo, que pede a adoração d'esse amor grande, amor que resume n'um momento as delicias sonhadas para seculos; — não será isto a felicidade?

O amor dos nossos primeiros suspiros!

Quem esqueceu ainda uma vez todo esse mundo de entranhaveis gozos, todo esse periodo de ineffaveis contentamentos, descoberto e passado na infancia virgem do nosso coração.

Deus, a religião do amor, o viço de nossas esperanças e crenças, o mimo de nossos delictes suavissimos, o antegosto do céu, que se nos espria por tudo a que chega o pensamento immaculado!

Amor de Deus! quem o não gostou no intimo de sua alma?

Como os aneis do seu cabello descem airoosamente abaixo ainda do collo desvelado!

Como a sua tunica, o véu do sol no occaso esmaecendo, realça a pallidez do seu rosto soberano!

Os lumes da tarde coroam-lhe a cabeça, que se levanta para o céu, e banham-lhe d'um fulgor purissimo a face esplendente d'amores.

Sentado sobre os rochedos vê estender-se-lhe aos pés a immensidade do mar.

Que pensamentos agitarão aquella alma, tão proxima de Deus por tudo o que ha de grande n'este pequeno mundo do homem — o mar e o céu?

Anjo do crepusculo, ás horas da soledade, quem te não sonhou assim, melancolicamente recostado na crista das montanhas, sobre o oceano imagem do pensamento de Deus absorvendo no teu olhar desmaiado os ultimos raios do sol!

E esta imagem do expirar da luz, do fenecer do dia, da ultima prece do moribundo, das derradeiras illusões da vida, dá mudança do tempo para a eternidade, que é senão a providencia da belleza eterna, que se advinha então, e que se principia a gozar além do tumulo?

Anjo do crepusculo, aurora da eternidade, amor dos primeiros annos... ai redivivo no ultimo lampejo da existencia, luz que ascendes para o céu, ultimo suspiro do coração humano, immortalidade!

Quem te não sonhou, ao menos n'aquellas horas, em que o Espirito do Senhor desce até ao mais profundo das entranhas da vida, e derrama a flux aquelles raios esplendidos da Verdade Celeste, que a sciencia pobrissima de feitura humana jámais vislumbrou nas suas mesquinhas cogitações?

Eu amo-te assim, oh Christo tristemente reclinado no derradeiro marco da minha vida, e

amo-te ainda mais quando tu me chamas d'entre a mysteriosa soledade da tua apparição.

Sombra dos primeiros e ultimos sonhos da felicidade, que me encheste de flores o alvorecer da infancia, e o... desmaiar da vida, ás horas melancolicas da tarde, apparece-me então na crista dos rochedos, sobre a amplidão do mar, coroado dos ultimos fogos do dia banhado no derradeiro lampejo da luz, e eu ascenderei para ti, Verdade, Belleza Eterna.

V

Oh Christo, alma sublime da virtude,

Eterna voz de Deus,

Orgão do coração da humanidade,

Sancto nuncio dos céus!

Quando o mundo abraçaste p'ra volvê-lo

Ao seio da ventura...

Disseste-lhe: ergue a fronte, pobre Lazaro

Da tua sepultura!

E o mundo levantou-se; a face reprobata

Do gigante do crime

Baptisaste-a no sangue da tua alma!

Ave martyr sublime.

.....
A nuvem do poente desmaiavava, como a orla rubida do horizonte, nos primeiros matizes do crepusculo.

A hora da tarde espraiava-se vaga e mysteriosa, envolta no manto da soledade.

E o meu pensamento abraçava-se á cruz da ultima esperança.

Via-te espalhando as flores da tua alma nos plainos gelados das amarguras da terra, e chamava por ti n'um suspiro exhalado do intimo da minha saudade.

A luz desfalleceu pouco e pouco, entreabrindo-se o seio das sombras. Baixou do céu o anjo da tristeza, cingido com a neblina da noute, deixando a corôa d'estrellas na amplidão etherea, e sacudindo das azas a harmonia da solidão.

A harmonia da noute, a mysteriosa oração da natureza, o psalterio da poesia, ouvia-se no vago d'essa toada longinqua, fugindo no vôo d'um zumbido, ciciando n'um murmuro da folhagem, gemendo no longo pio da ave triste, lamentando-se de mil suspiros enternecidos n'um concerto maguado, pousando nas azas da viração, levada n'aquelle sussurro mavioso de mesta suavidade, infindo de magestade solemne, e deixando após de si o desmaio do extase, o sonhar d'uma aspiração immensa.

Para onde vae o pensamento, nas horas da concentração intima, quando a vida se embala n'uma esperança indefinivel, e a alma repousa n'um desalento inefavel?

Ouvi-te, suspiro do coração, sonhei-te, filho de Deus, librado nas azas do amor, a desceres d'entre as harpas do céu, comprimindo no teu seio o Verbo Divino.

O Verbo, que o homem comprehendêra do profundo de sua alma, e amára do intimo de seu peito, o Verbo que tu escreveste com o sangue do sacrificio.

O symbolo do sacrificio era a Cruz, a palavra de Deus o Crucificado.

E tu abateste o vôo, pairando sobre a esposa da montanha, banhada do teu sangue, filho de Deus!

A noute ia solemne, estadeando-se ao longe no véu longo e tenebroso, e os cirios do eterno templo apenas illumiam a tua face da luz do mysterio e do amor.

Os negros cabellos desciam-te ondulantes, afagando o teu hombro ensanguentado; a fronte suave e pallida pendia-te reclinada na palma da mão alvissima; nos olhos reverberava-te um raio de melancolia e saudade, que tremia ao sahir de tua alma para beijar o labio de Deus; o teu sorriso fenecia sereno e triste, quando a lagrima brotava do coração e pousava na corda do teu martyrio.

Passou então pelo meu pensamento a mortalha de dezoito seculos. Escura e fria como a noute das campas gelou-me o coração. A minha alma voou por sobre a cerração d'aquella regura immensa, e contemplou-a.

Viu a Christipara na falda da montanha, na ourela d'esse moimento a sangrentos amores, e beijou-lhe a face amargurada.

Detrás d'aquelle moimento appareceu-lhe o velho mundo, que desabava, e um novo mundo, que se erguia de suas ruinas.

Depois passaram doze mendigos da palavra de Deus sobre os destroços do gigante detrocado, e plantaram em cima d'elles a verdade do coração humano.

Era bello ver como se levantavam os escravos da face da terra, onde os esmagára o pé da tyrannia dos impios; era bello ver como elevavam os olhos ao céu, e como bemdiziam o seu redemptor.

O reino dos poderosos ia ser substituido pelo reino dos pequenos, porque a palavra do Christo chamara-os ao seu regaço.

A civilisação da humanidade começava a alargar-se, a passar por sobre os espinhos dos infelizes, que desciam aos pés da montanha guiados pela estrella da redempção.

Depois vinham as hordas dos impios, e encerravam o pão divino no cofre de ferro do seu egoismo odiento, e só o abriam muitas lagrimas de sangrenta agonia.

Surgiam os martyres do amor, e passavam envoltos na tunica do soffrimento.

Era longo o desfilar d'esses filhos da Cruz, e

eu vi-o perder-se na escuridão dos tempos.—
Quando acabará?

Este quadro, que me appareceu, por entre as
sombras de tantas edades, é a vida do homem:
lucta do egoismo contra o amor, lucta do irmão
contra o irmão.

A Cruz quiz divinizar o coração humano, mas
a soberba reagiu furiosa, e a Cruz sumin-se
entre os diademas dos reis e grayou-se nas es-
padas dos ambiciosos impios.

Ha quantos séculos ella foi coberta com a
purpura da vaidade e esqueceu a tunica do
Apostolo!

— Acalenta-se no teu seio, oh Christo, no
seio da esperanza e do amor, e illumia as tre-
vas do futuro, como a sarça ardente, porque o
reino de Deus não é do pequeno mundo dos
gemidos.

E tu appareces-me, medianeiro entre a vida
e as lagrimas, luz d'uma vida infinita d'além
da morte, crença intima da « alma que aneia
pelo eterno gozo. »

Vejo-te sempre, ou no rugir da tormenta do
oceano, ou na paz da ultima morada.

Deslumbra-me na ardentia do mar, e irra-
dias-me no mesto alvor do marmore á sombra
do cypreste.

Pouso no teu regaço a face incendiada pelo
ardor da intima lucta da realidade contra a es-
perança, e beijo contigo o labio de Deus.

Sonho em ti, formosura velada com as som-
bras da mysteriosa noite do sepulchro; amo-te,
como o antegosto do eterno dia, cujo lume des-
cende á tua face, esplendido foco d'esses raios
do amor supremo, espalhados pelo ambiente
do céu.

Na procella do mar, quando lampeja sobre
minha cabeça o clarão da tormenta, appareces-
me n'aquelle desdobrar do relampago, como
envolto na tua mortalha de sangue; no parame-
do esquecimento entre os cyparissos da morte,
que apontam para o infinito, — vejo-te reclin-
ado sobre a Cruz, filho do céu, estreitando ao
coração o Verbo do amor.

O oceano e o tumulo; o oceano a vida, o tu-
mulo a esperanza.

(Continúa)

G. F.

Amor é gelo e fogo, morte e vida
Trevas e luz!
Raio de Deus, estrella perdida,
Ao céu conduz!

Para o monte é arvore, para o sol planta,
P'ra a planta, flor!

Para a ave que no ar explende e canta
É canto e côr!

Para a fera, onça, tigre ou leão,
É filho, amor;
Só p'ra o homem a quem Deus deu coração
Amor é dor!

J. B.

DA ORIGEM E FORMAÇÃO DAS EPOEIAS NACIONAES

(Continuado do n.º 8)

Agora tentaremos determinar o caracter
d'estas poesias primitivas. Um primeiro ponto,
fóra de toda a duvida, é que eram ellas can-
tadas com acompanhamento de um instru-
mento de cordas. É a lembrança d'este uso an-
tigo que, tornado uma tradição obrigada, faz
dizer aos auctores de epopeias litterarias: « Eu
canto, etc. *arma virumque cano* », posto que
os seus poemas sejam destinados simplesmente
a ser lidos. Primitivamente a poesia e a musica
são estreitamente unidas; a lyra é o symbolo
do verso. Nos nossos tempos ainda, os monta-
nhezes que parecem conservar por toda a parte
sobre as alturas uma eterna mocidade social,
não conhecem senão a poesia cantada.

É nas épochas civilisadas, em que o pensa-
mento prevalece cada vez mais sobre a sensa-
ção, que o verso se separa ordinariamente da
musica, para se lhe não associar senão excep-
cionalmente e em obras de um genero mixto;
todavia o rhythmo, a rima, o metro ou a allit-
eração são ainda vestigios do antigo elemento
melódico. Um segundo ponto parece tambem
ao abrigo de toda a contestação as poesias
heroicas tinham sempre por objecto, na ori-
gem, acontecimentos reaes, as acções glo-
riosas dos reis ou guerreiros que tinham illus-
trado a tribu, ou então alguma grande catastro-
phe que havia ferido vivamente a imaginação
popular. O exemplo temol-o nos rapsodos dos
Arianos primitivos que cantavam as victorias
d'esta raça forte e bellicosa sobre os povos in-
digenas da India; nos aedes gregos, a queda de
Troya; nos bardos celtas e germanos, as façan-
has reaes dos heroes da sua raça (1).

(Continúa)

(1) Não se pôde negar este ultimo facto em pre-
sença dos testemunhos unanimes e claros dos histo-
riadores. Ammiano Marcellino diz, livro XV: « Bardi
quidem fortia virorum facta heroicis composita ver-
sibus, cum dulcibus lyrae modulis cantitarerunt. »
Pôde-se comparar isto com o que dizem sobre o
mesmo objecto, Tacito, Possidono em Athenaeu, Pom-
ponio Festo, etc. — Cassiodoro escreve a Cloris em
nome de Theodorico: « Citharae dum etiam arte sua
doctum pariter destinavimus experitum qui ore ma-
nibusque consoná voce cantando gloriam vestrae

potestatis oblectet.» Jornandes diz, fallando das antigas emigrações dos Godos: «Quem ad modum in priscis eorum carminibus, pené historico ritu, in commune recolitur.» Depois da queda do imperio, os primeiros cantos heroicos da idade media tinham tambem por objecto factos historicos. O prior Jeoffroy escreve ao auctor da *Chronica de Turpin*, a proposito dos altos feitos de Rolando: «Apud nos ista latuerant hactenus nisi quae jaculatores in suis praeferebant cantilenis.» A *Chronica de Turpin*, fallando de Hoel, conde de Nantes, diz: «De hoc canitur in cantilena usque in hodiernum diem.» Em 866, Alberico falla das *Heroicae cantilenaes*, compostas sobre a victoria de Carlos o Calvo sobre Gerardo de Vienna. Seria facil multiplicar taes provas.

A HERRMANN (1)

Por occasião do seu beneficio á Sociedade
Philantropico-Academica em 1858

«A mão conchega ao peito o filho caro;
A pomba estende a aza no seu ninho
Pelos filhinhos seus;
Embala o arbusto agreste o fructo amaro;
Gaia a bussola o nauta em seu caminho,
Como um dedo de Deus:»

«Bebe a nuvem no mar, no rio a féra;
Acha o — tigre — covil na antiga Hircania
— Nas serras de Ghilan —
Renasce o tronco á luz da primavera;
E no labio da flor góttá espontanea
Cae á luz da manhã.»

«Onde ha ramo no mundo, em que não pouse
Avesinha do céu? espinho, palma
Sem um docel azul?
Um peito, que n'um peito não repouse?
Dois olhos, entre os quaes não gyre uma alma,
Como seu norte e sul?»

«Só eu um bem no mundo em vão pretendo!
— Ghebro entre os Persas, entre os Indios paria,
Judeu entre christãos... —
Só eu de balde ao céu as mãos estendo,
Como o naufrago, á praia solitaria
De balde estende as mãos!»

(1) Entre muitas poesias que em nosso poder temos de João de Deus para dar á estampa no *Attila*, achava-se a que acima vae — A Herrmann, publicada no *Instituto*, em 1858. N'esta publicação, que retirariamos se possivel nos fóra ainda, não vae senão o desejo de reunir ao nosso semanario, todas as poesias de João de Deus.

«Tenho no livro onde elle o nome escreve
Nome... que o labio nunca pronuncia
Se a alma consultou,
Tenho mil vezes lido que não deve
Queixar-se mais que a flor; que vive um dia,
Um verme, como eu sou!»

«Ah! mas, chorando, as maguas diminuem!
Custa muito soffrer sem que um gemido
Revele a nossa dor!
E se aos olhos as lagrimas affluem,
É que este allivio nosso é permitido!
Orvalha o céu a flor.»

O orphão diz; e os ais d'alma lhe sahem
Como suspiros d'arpa eolia em ermo;
Ninguem no mundo o ouviu:
Mas se a teus pés as lagrimas lhe cahem,
Tocou a mão de Christo a mão do enfermo!
O Lazaro surgiu!

Herrmann! Herrmann, espantas-mel Não scismo
Nos prodigios da milagrosa vara,
Que o Senhor Deus te deu;
Teu coração, Moysés do Christianismo
Tua alma é que eu admiro, e te invejára,
Se o que é teu fosse teu!

JOÃO DE DEUS

CHRONICA

A semana correu pelo costume — sem saborona como uma sebenta de direito civil, ou theoria de processo.

Tivemos apenas Mr. Herrmann, que por muito visto já pouco tem que ver.

Na quarta feita deu elle um beneficio em favor da *Associação dos Artistas* e na quinta outro em favor do theatro. Isto em D. Luiz.

No primeiro d'aquelles, a que assistimos, foi a concorrência mais que regular. Herrmann foi applaudido em algumas sortes e na imitação do canto de algumas aves, em que é, como já dissemos, inexcédível e inimitavel.

Uma comissão dos Artistas entregou-lhe, depois de um pequeno discurso em francez, o diploma de Socio honorario da sua Associação.

Barata, o artista-poeta recitou no fim do espectáculo uma linda poesia, sua, de agradecimento pelo beneficio dado por Herrmann á Associação de que elle é membro.

Foi applaudido.

Folgámos por ver os artistas de Coimbra assim unidos, e por ver tão prospera já, no começo, a sua Associação. É um signal de progresso.

Coimbra 26 de Fevereiro de 1864.

O ATILA

Semanario

N.º 11

PAN

1864

Sabbado 5 de Março

Summario. — *Confederação dos Tamoyos, poema por Magalhães.* — *A virtude de dous anjos, por G. F.* — *Poesias por J. B.* — *Um litterato-philosopho, fragmento.* — *Da origem e formação das epopeias.* — *Chronica.* — *Descrição do que é uma cidade.* — *Expediente.*

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

(Continuado do n.º 10)

E tu, Coaquira, em cuja fronte ondeam
As cans da longa idade; e em cuja mente,
Dada ás cousas divinas, arde o fogo
Da inspirada poesia; tu, que escutas
Os trovões de Tupan, e os interpreta;
Tu que das serpes o veneno anihilas,
Que das plantas conheces as virtudes,
Mostrado és tu aqui como um amigo
Dos homens e do céu; por tua bócca
Suas ordens supremas se revelam.

Nunca té-li os homens d'estas plagas
Armas tomaram para igual empreza;
Nunca tantas familias se ligaram,
Tantos guerreiros em commum se uniram.
Grande é a empreza, duvidosa a sorte.
Segundo a usança em decisivos casos,
Um concilio propõe o ancião Coaquira,
Em que o plano da guerra se debata,
E o certo meio da victoria se ache.

Approvam todos o dizer do velho,
E inúbias soam, convocando os chefes,
Que em circulo se formam, começando
Desde Coaquira, que mais sóes contava,
Té o mais moço descendendo em annos.
Todos armados como em guerra estavam,
Que inseparaveis são das feras armas
Os barbaros: taes foram sempre os Francos,
Taes dos desertos d'Asia os cavalleiros,
Os Tartaros, que até montados iam
Em seus corceis ao Curultai armados,
Para as leis discutir de paz e guerra.

Rompe o silencio o joven Jagoanharo,
Que entre elles soem fallar primeiro os moços,
Em quem mais luz o ingenho e o enthusiasmo,
Para depois se ouvir com mais proveito,
Frios conselhos dos cabaes em annos.
Ufano por ser esta a vez primeira
Que tem de discorrer em grave assumpto,
Ar decisivo Jagoanharo ostenta:
«Vêde esta pelle, que me cobre os hombros?
É de um tamandoá, animal fraco,
Que não ousa atacar, mas que manhoso
Deitado espera o aggressor incauto,
E abraçando-o, lhe crava as curvas garras.
Quereis vós imital-o na fraqueza?
Humildes receber novos insultos?
Esperar, e lutar como cobardes,
Que jámais se apresentam flecha á flecha,
E com meios de industria só combatem?»

Disse: e com ar altivo olhou em torno,
E na terra cravou a ponta do arco.
De alegria signaes os moços deram;
E seu pai Araray, um pouco alçando
A tenebrosa fronte, parecia
Mais serenado da profunda magoa;
Fugaz sorriso lhe roçou os labios;
Tanto digno de si seu filho achava,
No porte egregio, e no dizer soberbo.

Nenhum joven fallar ousou diverso,
Visos de impaciencia os velhos davam,
Signaes de opposta ideia, receiosos
Que os moços d'esta vez prevalescessem.

O terrivel Aimbire percebia
Dos velhos o receio bem fundado;
E querendo accender n'elles a audacia,
E o furor roberar da juventude,
Começou a fallar d'esta maneira:

«Tupan lá do alto céu me escuta agora:
Elle vio o qu'eu vi, caso inaudito,
E de horror levantou ante seu rosto
Uma montanha enorme de átras nuvens,
Para a seus olhos esconder taes scenas,

Que tenho eu visto, e que soffrido tenho!
De vós, oh moços, o vigor conservo;
De vós, oh anciãos, tenho a experiencia
Colhida á custa de arduos sacrificios.
Porém mais que vós todos reunidos
Segredos aprendi de estrañas gentes:
Com ellas batalhei co'a setta e o raio.
E hoje o mysterio de Tupan conheço!
Tupan que se apresenta, então veremos
Qual de nós dous melhor dispara o raio
Eis o meu, não o escondol «— Isto dizendo
Tira do cinto uma pistola armada,
O braço estende, e para o céu dispara,
E a bala foi ferir uma ave negra,
Que no espaço mil gyros descrevendo,
Cahir veio a seus pés inda guinchando,
Quentes góttas de sangue saedindo
Sobre a assombrada turma estupefacta.
Alvorota-se o campo; e quantos ouvem
O inopinado estrondo p'ra alli correm,
E em torno do concilio se amontoam,
Tendo todos os olhos sobre Aimbire.
Elle, immovel, co'o braço inda estendido,
Com ar vanglorioso a arma empunha
Porque do seu poder não se duvide.
Ninguem ousa fallar até que Aimbire
No cinto a arma guardando, assim prosegue:

«Inda a alma de meu pai, como um colibre
Em fria noite no seu ninho occulto,
Além não tinha das azues montanhas
Descido aos campos de eternas deleites,
Quando o mar arrojou em nossas praias,
Homens de branca pelle e longas barbas,
Que posto filhos d'água parecessem,
Fogo traidor os perfidos traziam.
Nós, innocentes, do prodigio absortos,
Incautos, não prevendo o mal futuro,
Nossas plumas lhes demos, nossos fructos,
Nossas redes, e até arcos e flechas.
Como pagaram elles taes favores?
Bem depressa senhores se fizeram;
Em nossos bosques foram-se estendendo
Sempre de fogo contra nós armados.
Suas victimas fomos, seus escravos!
Nossas mãos dos serlões levaram troncos,
Ergueram seus casaes, e até por elles
Mil vezes contra os nossos combateram!
Oh dura ingratião! Morrer por elles,
Sermos em nossa terra seus-escravos,
E em troco só affrontas recebermos!
Oh dura ingratião! O Aimoré fero,
Que d'agua tem horror, e sangue bebe,
O Aimoré, que co'o tigre rivalisa,
E a quem só praz a guerra e o sangue nosso,
Tanto horror, tanta infamia não practica.
O Aimoré tem a côr dos Emboabas!
Eu mesmo lhes servi na flor da vida,
Minhas mãos calejei, mandando a flecha
Seu sustento buscar no ar, nos bosques.

Meu pai morreu sem honras de guerreiro,
Sem funeral. Eu mesmo abri-lhe a cova
No logar em que ao sol se elle aquecia,
Quando o duro senhor folgas lhe dava.
P'ra não deixar sósinho o triste velho,
Com elle supportei o captivoiro.
Morreu meo pai, e eu livre, abri caminho
Pelo sertão, em busca das cabanas
Dos meus antepassados, resolutio
A vingar de meu pai a morte infame.

«Sem chefe os meus, dispersos vagueavam:
Sobu entre elles: é chegado Aimbire!
E a milhares de bravos vi-me unido.
Contei-lhes tudo; e attentos e chorosos,
Ouvindo de meu pai o triste caso,
Todos quizeram ir buscar seus ossos,
E o sangue derramar do seu tyranno
Sobre o tumulto seu. Porém meu odio
Não se fartava com tão pouco sangue.
Eu queria vingar a minha terra,
E os restos de meu pai, e a mim, e a todos.
Queria de uma vez limpar p'ra sempre
Nossas florestas d'essa raça esputria.
Não me faltava a audacia, mas a empreza
Tão grande, superava as nossas forças.
Que devia eu fazer? Minha vingança
Delongas não soffria... N'esse tempo
No Guanabara estava, n'um rochedo,
A raça branca de cabellos louros,
E de olhos côr do céu, tão nossa amiga
Para a entrada impedir d'essa outra raça
De olhos, e barbas, e cabellos negros.
Em canoas metti-me, e os meus guerreiros,
E fui-lhe offerecer os nossos braços.
Como amigo o seu chefe recebeo-me;
Chamou-me seu irmão; e n'esse instante
Dêo-me uma arma, que fogo de si lança,
E o segredo do raio revelou-me.
E o que cuidais, oh chefes? que este raio
Sempre está prompto? Não; quando lhe falta
Este pó negro, polvora chamado,
Que o fogo accende, e como o raio estronda,
Esta arma inutil fica; (e assim dizendo,
Vai mostrando o que diz). Mas nós podemos
As aljavas pejar de novas settas,
Fabricadas por nós, em quanto o matto
Duras cannas brotar, e as aves pennas;
Porém quando faltar este pó negro,
Que só alguns d'entre elles fazer sabem
Com muito tempo e custo, sem defeza
Nossos tyrannos ficarão vencidos.
Podeis marchar contra elles arrojados:
Os seus trovões não são Tupaçunngas,
Nem os seus raios são Tupaberabas.

«Guerreiros, ante vós tendes Aimbire,
Que taes cousas conhece, e que não teme
O fogo e o raio de traidoras armas.
Aimbire vio do fogo o atroz combate,

E sem temor co'a setta combatia
 Contra os homens de fogo; e mais certo
 Por entre o fumo a morte dardejava,
 Em quanto cegos outros nada viam.
 Valem mais nossas flechas que os seus raios,

«Guerreiros, escutai. Lá do rochedo
 Que banha o Guanabara, onde abrigada
 Estava a raça de celestes olhos,
 Eu vi... como direi?... vi, não qual vemos
 Co'os olhos descobertos; nada eu via,
 Mas fizeram-me ver, oh que prodigiol
 Ao travez d'um canudo, que apontado
 Sobre as longinquas, invisíveis cousas,
 As pôe tão perto e tanto as engrandece,
 Que cuidamos poder co'a mão tocá-las,
 Por este modo eu vi na linha ao longe,
 Onde se abaixa o céu e o mar se perde,
 Uns vultos como passaros boiannes
 De peito escuro, e longas, brancas azas,
 — São portuguezas náos — gritaram todos:
 Lá tremolla a bandeira portugueza?
 Temos hoje combate, Ellas que venham,
 Que não hão de voltar co'o mesmo vento.
 E todos para o combate se aprestavam.

«Entretanto as canoas monstruosas,
 Cujas azas os ventos enfunavam,
 P'ra nós se aproximavam, e nós todos,
 O combate esperavamos contentes.

(Continúa)

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

(Continuado do n.º 10)

VI

Eu amo-te, quando te vejo á noute, ao crepitar da lampada, no teu eremiterio.

Ajoelho então, porque o meu espirito verga ao péso do teu olhar mavioso e triste.

A luz escassa, que bruxoleia perto de ti é o pobre culto, a dadiva do homem; e as harmonias da noute, que te suspiram um gemido — são a voz do mundo, esperando no teu amor.

Adorei-te assim! O céu tremeluzia no vago pallor das estrellas que te coroavam a fronte d'um esplendor bello, semelhando o diadema do céu que tu cingiste na tua corôa de espinhos.

E o meu espirito vergou ao péso do teu olhar mavioso e triste!

Rasgou-se o manto das gerações passadas diante de mim, e eu vi-te, clarão infinito, verdade eterna, a esplendor n'um raio do teu olhar piedoso, oh Christo!

Abria-se o teu grande coração a todos os

suspiros do exilado do céu, e brotavam de teus olhos as lagrimas, que tu choraste no horto da tua agonia.

Fazia-se muito ao longe uma noute escuríssima, onde não clareava o minimo fulgor, nem a afficção do meu espirito bruxoleava estancia onde repousasse o pensamento entenebrecido.

Ouvia-se um ruido confuso e longinquo, bem como o de milhares de clamores, fustigados pela ventania, ou como o bramido das vagas, percebido ao longe nas solidões das serranias.

Uma nevoa densíssima cobria todos os vãos da imaginação, e tolhia todos os arrojões do pensamento.

Era a noute do principio dos tempos, escura e cerrada, como deverá ser a noute da consumação dos seculos.

Mas havia ainda ahí o trabalho mysterioso dos elementos, ou antes o chamamento á vida na voz do Eterno.

Era elle sobre o cahos informe e tenebroso, e o seu espirito era levado sobre a face do abysmo.

Pouco depois um clarão immenso e deslumbrante rasgou a espessidão das trevas, illuminando d'uma luz phantastica e magestosa a voragem, onde surgiam, desordenados os principios do universo, assim como se desdobra um relampago sobre a caligem da procella, clareando entre montanhas d'agua, que arremetem contra o céu.

Era a voz do Eterno, dardejando raios de luz infinita, escondidos no seio d'elle sob a noute do principio dos tempos.

E esses raios de luz evolavam-se em cambiantes de variiegadas formas, avultando todos os seres esparsos na immensidade do espaço, e dando-lhes a existencia, que estava sumida na escuridão da sua eternidade.

Encontravam-se os mundos na sua carreira desordenada, procurando a sua orbita, correndo deslumbrados para o seu centro, aniciando cada um o abraço de sua esposa, levados por aquelle facho laminoso, que era o lume de Deus, guiando-os na sua marcha através do infinito.

Attrahiu-os o ser dos seres ao seu centro, e elles beijaram-lhe as plantas submissos, e entoaram-lhe o hosanna immenso da harmonia dos orbes, do psalterio dos mundos, que tem perpetuado desde todos os tempos a gloria do Omnipotente.

E onde eras tu então, oh Christo?... Onde era o filho de Deus, a ultima palavra do Eterno, o derradeiro lampejo da sua luz? — Na primeira lagrima vertida pela mulher desterrada do Eden da sua innocencia!

Os mundos acharam a paz e o amor no centro do Infinito; e só tu, oh Christo, não descan-

saste nunca, através das agonias do teu supplicio!

Soffrimento e desesperança.

VII

Para mim o sol que brilha esplendido, a natureza que enflorêce de prodigios, o mar que se expande na vastidão do espaço, o céu que se inclina para abraçar-o na orla do horizonte, Deus, cuja imagem se desenha n'aquelle enlace magestoso—não tem o indefinido e o vago, o elevado e o sublime da aspiração á felicidade.

Oh quem foi a horas caladas ao elevado pinacaro do promontorio, e viu d'ahi as ondas do oceano rolar e debater-se contra os rochedos da praia, quem n'essa magestosa epopeia da natureza descobriu o mysterio da vida humana impellida pela mão do Eterno; quem contemplou alguma vez na sua existencia a immensidade do mar, e a immensidade do céu, e sentiu n'alma a cerração da incerteza, e a reflexão melancolica do soffrimento... esse gravou em sua alma aquella imagem do coração porque era verdadeira.

No encrespar da vaga, que se contorce e despedaça entre os braços do ferro do gigante das fragas; n'aquelle rugir de raiva e desespero, que são das entranhas do mar e vem morrer mesquinho á solidão da praia, como um ai do moribundo; n'esse estertor funebre e solemne, por horas desertas, em noute medonha e triste, que lá ao longe se escuta e se apercebe na cerração da tempestade; em tudo isso que constitue a magnificencia e o terror, o assombro e a anciedade, o desalento e a amargura,— resumê-se a linguagem do soffrimento, da angustia, da despestação. Se o coração humano não realisa a semelhança do quadro, é só quando desfeito no pó dos tumulos não sente o embate das paixões, como o rochedo o bramir das vagas.

Ahi, que o mysterio lugubre da incerteza estendeu seu manto de duvidas e afflições — não pôde o orgulho da intelligencia profundar esse abysmo da eternidade, se tem de passar pela ossada do morto, como pela barreira de ferro da ultima ventura.

E esta duvida que esmaga o coração do virtuoso e do impio, este sello eterno, que Deus gravou na sepultura, como na immensidade de seus designios... oh bem amargo é para quem vae, martyr de illusões, esconder-se no pó das suas esperanças.

VIII

« Senhor, pelas dores cruéis, que vos atormentaram no horto da agonia, pelo sangue precioso, que derramastes no pretorio, pela corôa d'espinhos, que vos cingiram, e pela

cruz, que nos transeis do martyrio vos pozeram as culpas do homem, compadecei-vos da infeliz, a quem punge a saudade d'amor.

Se ainda não achei misericordia perante vós, meu Deus, valei-me, e fazei, que a minha alma descance em paz.

Bem sabeis quanto é fragil a creatura mesquinha, que vós formastes do pó da terra; se o crime lhe peza na consciencia, aliviae-a, Senhor, e recebei-a pura e sancta nas vossas mãos. Dae-lhe a felicidade de todos os seculos e o socego do espirito na presença de Deus.

« Meus inimigos indignaram-se contra mim, e entregaram-me ao furor de meus irmãos; mas eu esperei no Senhor, e soffri as suas injurias com animo socegado e pacifico. As provações porque eu passei encheram-me a alma de angustia, e o coração d'arrependimento.

Bemdicto aquelle, que espera em nome do Senhor. »

Violante a Albertina

Minha querida irmã,

Se não fosse a vontade sagrada de meu coração, se não fosse o ultimo preceito d'um *moribundo*, eu já de ha muito teria procurado no sepulchro o repouso esquecido da felicidade.

Mas vivo, porque é mister levar a cruz até o ultimo dia da redempção do crime.

Vivo, porque Deus ainda anima o martyrio da mulher, que se debate aqui entre saudades e remorsos.

Tantas lagrimas, tenho chorado, que se me vae enfraquecendo a vista, e já me custa muito a orar e a soffrer.

Ainda no verdor dos annos, e a sombra da morte a enlutar-me a existencia. Seja feita a vontade de Deus.

Se me quizer tirar de toda esta luz preciosa e querida, consolar-me-hei. Elle foi que m'a deu, elle m'a pôde tirar.

Mergulhada na escura noute, sem uma esperança a alentar-me entre as agruras d'este martyrio tenaz, não sei se poderia viver. Então o pensamento do meu passado, pobre de venturas, que eu perdi me encheria de... recordações amargas, e me impelliria á desesperação, e eu teria de mentir, á vontade sagrada da minha consciencia.

É esta uma lembrança, que me flagella sempre como o roxeir da cadeia do escravo.

E eu que em toda a minha vida me tenho esforçado por não suffocar as minhas penas, seria obrigada a rebelar-me contra os preceitos do céu?

Passára-me esse crime, envolto nas vestes da natureza corrompida e má, e não me pas-

sára a duvida de ferro, que nem quebra nos degraus do tumulo.

Amor mysterioso, que se escureceu na primeira lagrima do berço.

A voz harmoniosa d'esse amor feliz vibrou-me n'alma uma unica vez. Louca d'esperanças, na ardencia dos prazeres do céu, bebi a harmonia de Deus, como o sequioso a góttá de nectar, que lhe cahira do labio em osculo de ternura.

Foi o veneno, que me lacerou depois as entranhas d'alma, quando a mão negra da desesperação veio derribar o pedestal da minha felicidade, collocando ao pé da cruz o ermo e depois do martyrio — o esquecimento,

Oh meu coração! o que és tu — criminoso ou infeliz?

E eu que pensei no meu dormir de flores que a verdade era o sonho, e que o sonho era a vida!..

(Continúa)

G. F.

Por ter sahido no n.º passado mal revista, damos hoje outra vez a seguinte poesia.

Amor é gèlo e fogo, morte e vida
Treu e luz!

Raio de Deus, estrella perdida,
Ao céu conduz!

Para o monte é arvore, para o valle planta,
P'ra a planta, flor!

Para a ave que no ar explende e canta
É canto e côr!

Para a fera, onça, tigre ou leão,
É filho, amor;

Só p'ra o homem a quem Deus deu coração
Amor é dor!

J. B.

NO ALBUM D'UMA SENHORA

O poeta a si proprio revê em seus hymnos;
O cysne em seu lago; o rouxinol em seu canto.
A lua, as estrellas, o sol em seus raios;
A alegria no riso; a tristeza no prauto.
O carvalho em seus ramos de folhas vestidos;
O mar em suas ondas d'espuma c'roadas;
A primavera nas varzeas de flores matysadas;
O outomno nos bosques de folhas despídos.

A ave em seu ninho, que os ovos esconde;
O soldado na fita, que no campo ganhou.

O rico no ouro, que ostenta orgulhoso;
A actriz nos louros, que na scena alcançou.
O pae em seu filho, que alegre surri;
O barco nas vellas, que o vento entumesce;
O deserto na areia, que o sol enbranquece;
Os reis no sceptro; e Deus... revê-se em ti!

J. B.

(A pedido)

FRAGMENTO

UM LITTERATO-PHILOSOPHO NA CIDADE
DAS MINERVAS DE PEDRA (1)

Fragmento d'uma obra em 20 volumes in folio
com commentarios, notas e considerações
altamente philosophicas

I

Transformação d'um peralta

Vetera odere, nova exoptant.
Salustii Bellum Catilinarium.

Aborreçam o antigo, appetecem cousas novas.
Tradução de Barreto Feio.

Quem ha ahí que não conhecesse Antonio de Sousa?

Ninguem por certo entre esta geração Academica.

Tambem não é para ella que eu escrevo. Ao futuro mira a minha penna, dizendo algo da vida do insigne litterato-philosopho.

A este fim eis-me desde já entrado em materia.

Antonio de Sousa foi até 185 * um dos den-gues, que mais brilhou na alta roda (2) de Lisboa.

(1) Allusão inoffensiva á Minerva de pedra que campea altanada á cidade de Coimbra, sobre uma das entradas da Universidade.

(2) Esta *alta roda* — está mesmo pedindo uma nota, e que nota ella seria, se me não minguasse paciencia e tempo!.. *Alta roda!*.. São as nove rodas do inferno do Dante, com todos os seus vicios, cifradas n'uma só roda... Ah! que se não fora... mas que querem?... hoje em dia quanto mais baixo, mais alto se está... Modos de ver dos tempos!..

Moço, rico, bello, e um tanto poeta (3)... não encontrou em toda a sua mocidade, isto é até aos vinte annos (4) barreira alguma aos seus menores desejos.

As Evas modernas, deslumbradas pelas graças que se reuniam em Antonio, mas mais ainda que pelas graças pela sua riqueza, no que nada differem das Evas antigas, endoeceram aos centos pelo nosso heroe. Consta de suas memorias intimas (5).

A *Revolução de Setembro* abriu-lhe os seus folhetins, e n'elles teve Sousa a gloria de campear por collega de Julio Cesar Machado. Foi este gosto não pequeno para a familia de Antonio. Eram então os dias aureos do grande Julio (6).

(3) *Um tanto poeta*... Poeta como o são os que os noticiarios dos jornaes de Lisboa diariamente apregoam a todo o Portugal. — Poetas d'agua doce, como os diriam possos avós, ou poetas negativos, como hoje se lhes chama por não terem chamma nem estro, a não ser para a asneira e parvoice.

Antonio de Sousa era poeta como o são... Sancto Deus! que ia eu fazer?!

Que interminavel ladainha se eu quizera dizer todos os maus poetas que ha em Lisboa?!

E ver esses taes-tantos poetastros de flor de sabugueiro a pavonearem-se como se foram Gastinho, Mendes Leal, João de Lemos, Thomaz Ribeiro, Bulhão Pato, Gomes d'Amorim ou qualquer outro dos nossos grandes poetas!.

(4) Vinte annos!.. n'outros tempos era a idade dos amores, do florir da paixão, hoje é o marco onde acaba e expira o viver casquilho, que começa em compensação logo depois do ablactar.

(5) *Memorias intimas!* Não ha ahí rapaz de vinte annos — rapaz ou velho — que não tenha as suas, e memorias taes que a julga-as verdadeiras, no seu nada se somem as aventuras mais falladas dos tempos antigos e modernos. Nunca o immundo de *Sade* sonhou taes requintes lascivos e tantas paixões escandalosas, como as que se leem no capitulo mais somenos das pseudo-memorias intimas de um taçanhissimo Alcibiades dos dias d'agora.

(6) Era o tempo em que Julio Cesar Machado impondo-se ao publico, não sei por que artimanhas, como o successor de Lopes de Mendonça e Silva Tulio, imperava como despota nos baixos da *Revolução de Setembro* e d'alli dava a senha e o sancto a todos, ou quasi todos os sabujissimos folhetinistas de Portugal. A gloria do Julio hoje está mui decahida do seu esplendor passado, e esta baixa a si a deve o pobre rapaz. Quiz como o grande Julio Cesar, passar tambem o seu Rubicon, sem antes se consultar as forças e coitado d'elle, lá

O illustrado Biester abriu um novo lugar na capa da *Revista Contemporanea* para o nome de mais um redactor honorario, e o nome foi o de Antonio de Sousa. E esta honra nem uma linha lhe custou... (7)

O *Gremio* admittiu-o, alegre, no seu seio. O *Marrare* jubilava-se de o ver.

O *Chiado* não contou por muitos annos tamanho papalvo.

O *Passeio Publico* ainda hoje lembra o nosso Antonio como o primeiro dos requestadores.

Sobre o mais, que muito é, que eu poderia dizer das boas fortunas do nosso heroe, consultem-se as bastidores de S. Carlos, onde de certo inda haverá memorias do muito que em seu tempo brilhou Antonio de Sousa, na grande cidade de Lisboa (8).

De uma vida assim toda de triumphos, sem um só obstaculo a vencer, uma só derrota a chorar, pois que o que resistia ao formoso Endymião, era sujeito ao rico Cresco ou ao inspirado Mevio, o famoso casquilho chegou a aborrecer-se e por uma necessidade invencivel de sua natureza, deliberou mudar de tumo, esperando em dar novo fio á sua embotada sensibilidade.

A difficuldade era-lhe apenas na escolha.

Quando Sousa, andava assim vacillante, uma conversa que teve com um estudante de Coimbra, seu antigo companheiro de collegio, veio fixar-lhe as duvidas, e resolveu-o a ir formar-se á illustre Universidade.

Nova phase, e esta a que propriamente faz parte da nossa historia, se abriu na vida de Sousa, com tal resolução.

nafragou nos *Contos ao Luar*, nas *Scenas da minha terra*, nas *Historias para gente moça* e mais livros que ha publicado a aprasimento, nunca desmentido do seu amigo e admirador, o nosso Vieira de Castro, mais conhecido pelo nome de — *José do Ermo* — entidade mui saliente em nossos dias.

(7) Vid. as capas da *Revista contemporaneada*.

Que de nomes alli, no numero dos Redactores, que nem uma linha escreveram ainda!.. Uns figuram como angariadores de assignaturas, os outros, digam-o o Matta e mais pastelarias de Lisboa...

(8) Não ha, sabem-o todos, chronica d'elegante que os bastidores não possam contar. Hajam vista os de D. Luiz, quando ahí esteve, no anno passado a menina Gabriella, e n'este, diga-se, os Florentinos.

Poucos homens discurrem, e todos querem decidir.

FREDERICO II.

DA ORIGEM E FORMAÇÃO DAS EPOEIAS NACIONAES

(Continuado do n.º 10)

Mas se, depois de ter verificado que as antigas poesias heroicas eram cantadas e tinham um fundo historico, nós quizermos estudar de mais perto seus caracteres distinctivos, é em vão que o procuraremos fazer nos monumentos da mais alta antiguidade. Remontando a uma epocha em que a escripta era desconhecida ou fóra do uso, a maior parte de taes cantos foram esquecidos ou perdidos.

Sobreviveram apenas os que serviram de base ás composições epicas posteriores; mas, inteiramente mudados e fundidos nos poemas que vieram até nós, não é possível á critica inda a mais sagaz o descobrir suas fórmulas primitivas. E-se por tanto obrigado a interrogar as composições d'uma epocha mais recente. em que existia, d'uma parte, a simplicidade, o entusiasmo, a ignorancia infantil que favorecem o desinvolvimento da inspiração epica, e em que se encontrava, d'outra parte, uma classe que, mais letrada e já curiosa, podesse recolher as producções fugitivas da musa popular. Nos primeiros tempos que seguiram as grandes invasões, os chefes e seus guerreiros conservaram os costumes heroicos e o gosto dos cantos destinados a celebral-os, em quanto que ao lado d'elles os frades, em seus conventos, unicos refugios dos restos de uma civilização mais avançada, esforçavam-se por guardar a memoria dos acontecimentos a que iam assistindo e por reunir os elementos de suas chronicas. É a estas circumstancias particulares que nós devemos a conservação de alguns fragmentos d'antigos cantos historicos que podem de algum modo offerecer-vos um specimen d'este genero de composições. Entre estas poesias, uma das mais dignas d'attenção é sem duvida um canto em lingua basca descoberto por Latour d'Auvergue, nos fins de seculo passado, n'um convento de Pontarabia. Este canto de que se diz são conservadas ainda versões oraes nos Pyreneos, descreve a impressão produzida pela passagem do exercito de Carlos Magno e pela sua derrota em Roncesvalhes. Rapida, energica, repassada de sentimento patriótico, esta composição, com uma cor simples e verdadeira, pinta ao vivo em algumas palavras os homens e os logares.

Reconhece-se n'ella a verdadeira inspiração epica, como nos cantos dos montanhesez da Grecia. Póde-se ainda citar entre os cantos historicos primitivos da idade média, o que foi composto por occasião da victoria ganha por

Luiz III sobre os Normandos nas margens do Escalda, em 881, e que Mabillon achou na abbadia de Sant-Amand, proximo a Tournay; o canto em latim rimado composto em honra da victoria de Lothario II sobre os Sxões, e que não era, segundo o testemunho de Santo-Hildegario, que d'elle nos conservou o texto, senão a traducção «d'um canto vulgar, o qual, por causa da sua rusticidade, se encontrava em todas as bôccas, e que as mulheres cantavam dançando e batendo palmas;» o canto de Fontenay, composto por um guerreiro germano, Anglebert, que, semelhante aos bardos antigos, combate na primeira fila, *primâ frontis acie*, mas que, para não parecer barbaro, se serve do latim ou manda traduzir os seus versos n'esta lingua por algum frade mais instruido que elle; e enfim o canto composto pelos soldados do imperador Luiz II, prisioneiro em Benevento, para se animarem ao livramento do seu soberano.

(Continúa)

(1) O fragmento de Cassel sobre o combate de Hildebrando e de seu filho Hadubrad aproxima-se, pela fórmula, das antigas poesias heroicas, mas não está demonstrado que se refira a um facto historico. Poder-se-hia citar o canto de guerra armoicano, a *Marcha d'Arthur* (reproduzido por M. de Villemarqué), se melhor se conhecesse a data de sua composição e sua origem. Do mesmo modo que nos commentarios em prosa dos Vedas, se encontram vestigios dos antigos cantos assim nas chronicas da idade média se encontram por vezes canções nacionaes transcriptas quasi palavra por palavra. Para não citar senão um exemplo, a notavel narração da tomada de Pavia por Carlos Magno no monge de S. Gall é evidentemente escripta segundo um canto guerreiro cujo movimento e cor poeticas inda ella conserva. M. Lenormant descobriu tambem um canto em versos latinos sobre Childeberto, introduzido na vida de um abbade de S. Germano por um frade do seculo nono chamado Gislemar, que escreveu a composição versificada, em seguida, como se fóra prosa, ajunctando só algumas palavras aqui e alli a fim de disfarçar o metro.

CHRONICA

Na terça feira abriu o dignissimo Governador Civil, o sr. Caetano de Seixas a sessão ordinaria da Junta Geral e leu á mesma o Relatorio do estado e administração do districto durante o anno de 1863 a 1864.

Não podemos deixar de dizer que o Relatorio faz muita honra ao sr. Caetano de Seixas, e é mais uma prova do muito que vale e póde

como chefe d'um districto tão importante como este.

Taes funcionarios honram o partido historico.

As bexigas continuam a grassar e na Academia já houve dous casos mortaes.

Vão tambem apparecendo doencas com o caracter typhoide.

Na quarta-feira, serração da velha, houve baile de mascaras em D. Luiz. Pouca concurrencia e pouca animação.

Temos finalmente entre nós Emilia das Neves. É hoje a primeira recita, sendo a segunda no domingo e a terceira talvez na terça-feira. Vae á scena a *Dama das Camelias*.

Santos tambem chegou já.

Sejam todos bem-vindos a ver se resgatam Coimbra da pasmeira em que vive.

No domingo passado orou na Sé o sr. Dr. Donato. S. Ex.^a, como sempre, soube prender pelo elevado da ideia e ameno e cultivado da frase, a attenção do seu numeroso auditorio.

Coimbra 5 de Março de 1864.

Descripção do que é uma cidade

Todas estas cousas, que d'aqui divisamos, e outras que ainda obrigam a mais a vontade, são um labyrintho de enleios, uma comedia de enganos, uma eschola de opiniões, um jogo de falsarios, uma ordem confusa, um carcere aprasivel, laços cobertos, redes escondidas, anzões enganosos, canto de serêa; em fim cidade, obra que a malicia inventou para tirar aos homens a idade de ouro; alli entre aquelles muros cingidos andam os vicios mais libertados, que nas nossas campinas e montanhas; triumpho a vaidade, reina a cubiça, priva a mentira, mata a inveja não se ouve a razão, não se conhece a verdade, não se vê a pobreza, não se tracta a justiça, nem se estima a humildade.

RODRIGUES LOBO

Expediente

Acabando o primeiro trimestre do *Attila* com o n.º 12 pedimos áquelles dos nossos assignantes, que não o queiram continuar a ser, o favor de assim o fazer saber n'esta redacção ou de o declarar ao distribuidor á entrega do dicto n.º 12.

Esperamos merecer este favor aos nossos leitores, a quem aqui tributamos nosso reconhecimento e gratidão pelo bem que tem acolhido o nosso semanario.

Do n.º 12 em diante faremos porque sáia em cada n.º uma poesia de João de Deus, algumas das quaes inda não são conhecidas em Coimbra.

Proseguiremos tambem com a *Confederação dos Tamoyos* — no que julgámos fazer um obsequio aos leitores, a quem mui difficil seria poder haver á mão aquelle livro tão raro entre nós e de que se acha exausta a edição.

Procuraremos, n'uma palavra, tornar o *Attila* o mais interessante possivel, para d'este modo corresponder ás attensões dos nossos assignantes e leitores.

Na Imprensa Litteraria vendem-se:

Resumo Encyclopedico de definições e principios geraes da sciencia juridica.

Folhas ao vento — contendo Scenas Academicas; — o Ultramontanismo na instrucção publica em Portugal; — e a instrucção publica em dous capitulos.

Collecções da *Litteratura Illustrada*, 13 n.º com estampas entrecaladas no texto.

Dictas do jornal semanario — *O Phosphoro*.

Cartas precatórias.

Dictas para convite d'enterro.

Arrendamentos para propriedades de terras.

Recibos para congruas.

Tabellas de redução pelo systema metrico de medidas antigas ás do actual systema e vice-versa.

Carta de Lei de 12 d'Agosto de 1856, que dispõe o modo como se deverá levar a effeito o melhoramento do rio Mondego e Campos de Coimbra, com o Regulamento de 29 de Julho de 1857, etc.

O ATILA — assigna-se:

Em Coimbra

Na Imprensa Litteraria

Na loja de livros da Viuva Moré

Na Livraria Central

Na loja de livros do Sr. Sanches

E na loja de livros do Sr. Mesquita

Em Lisboa

Na Livraria Central — Rua do Ouro

No Porto

Na loja de livros da Viuva Moré

Preço por trimestre { Coimbra 500
 { Provincias..... 560

Toda a correspondencia litteraria do *Attila*, á Couraça dos Apostolos n.º 30, e da Administracção á Imprensa Litteraria.

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA.

O ATILA

Semanario

N.º 12

PAN

1864

Sabbado 12 de Março

Summario. — *A Associação dos Artistas — Confederação dos Tamoyos, poema por Magalhães.* — *A virtude de dous anjos, por G. F.* — *D'um manuscrito, poesia por João de Deus.* — *Carta a Benjamim, por C. L.* — *Scenas Academicas, proezas d'um calouro, por R. V.* — *Chronica. — Expediente.*

A Associação dos Artistas

Recebemos e agradecemos os Relatorios da Associação dos Artistas d'esta cidade, de 10 e 29 de Janeiro do corrente anno, e juncto a conta corrente da receita e despeza até 31 de Dezembro do anno passado.

Vê-se dos dous relatorios a marcha progressiva da Associação, os esforços que as suas direcções têm feito em prol da sua prosperidade, esforços nem sempre coroados de bom resultado, devido isto em parte ao desleixo e falta de zelo e interesse de alguns socios, e o numero de seus membros que sóbe já a 181.

Da conta corrente da receita e despeza vê-se que a Associação havia de fundos em Dezembro a quantia de 631\$240 reis, tendo despendido durante o anno 78\$590 réis, quantia aquella proveniente das joias e prestações dos socios.

É a Associação dos Artistas uma corporação digna a todos os respeitos de atenções, e louvores, não só pelo seu fim altamente humanitario, mas porque é testemunho irresponsivel e incontestavel do adiantamento e illustração da nobre classe dos Artistas Conimbricenses.

Com um anno apenas de existencia tem progredido já tanto a nova Associação, que nos dá direito a prognosticar-lhe um futuro brilhante. Para o conseguir não bastam porém os esforços passados, necessario é que não esmoreçam no civilizador commettimento aquelles que até hoje lhe tem dado impulso, e que os socios-todos se interessem na obra redemptora, que para elles só benções poderá chover.

As diversas direcções e sobretudo ao Sr. Olympio Niculau Ruy Fernandes, incansavel

lizador da civilização e progredimento dos Artistas Conimbricenses, dirigimos sinceros elogios, no que nada mais fazemos que unir nossa fraca voz á de muitas dos nossos illustrados collegas.

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

(Continuado do n.º 11)

«Era o tempo em que o sol abrasa tudo,
Em que as sêccas florestas se incendiam,
E se extinguem as aguas das torrentes.

«Tendes ouvido como a serra ás vezes
Roncos medonhos solta do seu seio?
Como convulsos os penedos saltam
Do seu cume, e rolando se abalroam,
Troncos quebrando na arrojada queda?
Assim, oh chefes, foi o atroz combate!

«De ambos os lados raios sobre raios
Disparados, no ar se emmaranhavam;
Trovões sobre trovões tão repetidos
Ribombavam, que o mar todo tremia.
E erriçado em montanhas se elevava
Sobre o penedo, em colera bramando:
Tremia o céu, de fumo só coberto!
E o echo horrendo d'estes duros montes,
Que ia medonho ao longe resoando,
Era igual ao estridor da trovoadá.

«Qual de vós não dissera que esses homens,
Que tanto estrondo e horror alli causavam,
Eram filhos do céu, ou do sol filhos,
Outros tantos Tupans que guerreavam!
E eu os via cahir feitos pedaços!

«Que estrago! oh que não sei como vos contel
Nunca vi tanto sangue derramado!
Todo o rochedo em sangue se inundava,
Mil regatos de sangue ao mar corriam;
E o mar vermelho estava! — Entre cadáveres,
Braços, pernas, cabeças mutiladas,

Tropeçavam os vivos!.. Sobre as aguas
Muitos dos inimigos já feridos
Luctavam p'ra subir sobre as canoas,
Aos remos se agarravam, e uns e outros
Seguros mutua guerra se faziam.
Que confusão! que horror! que gritaria!
Tudo era fogo e fumo, e sangue e raiva!

«Uma chuva de ardentes, grossas balas,
Entre fuzis e turbilhões de fumo,
Do mar erguida, sobre nós cahindo,
As fleiras rompeo dos meus guerreiros;
Muitos corpos rolaram sem cabeças,
Muitos braços voaram pelos ares.
Cuidei alli ficar vivo enterrado
Entre montões de mortos e feridos.

«Duas vezes o sol surgio dos montes,
E com gritos de guerra foi saudado;
Duas vezes nas aguas mergulhou-se,
E incertos nos deixou no atroz conflicto,
Só sangue, e fumo, e fogo respirando.
Appareceu emfim o sol terceiro,
E já sobre o rochedo os Portuguezes
Braço a braço o terreno disputavam.
Ah quão feros são elles! Só Tamoyos
Em copia igual vencel-os poderiam.

«Qual foi o meu espanto ao ver com elles
Tupis e Carijós de setta armados,
E o bravo Cayoby á sua frente!
Cayoby! Cayoby! quem tal diria?
Então cego de colera investi-os,
E a morte semei sobre essa raça,
Que deshonrava assim nossas florestas.
Minhas flechas além já se perdiam,
Tão perto elles estavam: dando um pulo
Que a onça me invejára, puz-me entre elles
E mais veloz que a onça abri caminho
Co'uma pesada maça, derrubando
Quantos se me antepunham: n'um momento
Junquei o chão de mortos e feridos.
Não sei quantos cahiram. Já fugiam,
Quando Tibiraçá, vestido e armado
Á maneira do barbaro inimigo,
E dos nossos irmãos sangue escorrendo,
Oh vergonha e horror! se apresentou-me,
Chamando por meu nome e o seu dizendo,
Só por essa arrogancia conheci-o,
Tão estranho e hediondo se mostrava!
— Oh perfido, bradei: do inimigo as vestes
Não te cobrem da infamia! — Ia matal-o;
Oh desesperação!.. Que não morresse!
Eis que uma grossa bala arrebatou-me,
A maça, que esta mão tanto apertava,
Que um subido tremor tolheo-me o braço.
O corpo vasculou, o pé faltou-me
E n'um lago de sangue revolvi-me.

«Ergui-me, mas fui preso; e como chefe

Não me fizeram mal, talvez cuidando
Qu'inda eu os serviria; e me levaram
Para uma das canoas monstruosas,
Onde depois entrou victorioso
Mem de Sá, cuja voz tudo ordenava.

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

(Continuado do n.º 11)

IX

Entremos n'esses retiros, amimados com os
sonhos de dois amantes, onde desce a luz do
amor em cambiantes formosissimas, onde re-
nascedia a dia a flamma sagrada do fogo do céu,
crescendo em columna de nuvem de incenso
nos dias da felicidade e da esperanza, entre os
suspiros levantados para o ideal, e em columna
de esplendido lume, sarça ardente no deserto
illuminado, nas suaves noutes do devaneo, da
scisma sonhadora, da reverie perfumada de
delicias, do arroubamento dos gemidos e das
lagrimas, do extase supremo do sublimado
gôzo.

Acolá n'aquelle outeirinho ladeado d'arbus-
tos e de flores; abraçado da serpente de crys-
tal, que lhe beija as verdes plantas, colleando
donairosamente; aninhado no meio das cam-
pinas d'esmeralda, que lhe servem de tapete
luxuriante; embalado pelos murmurios da
floresta, e pelos ventos da montanha; esprigui-
çando-se flexuoso na quebrada da serra, que
lhe serve de corôa soberana, com suas flamulas
matizadas, com sua agreste coma de rochedos
nevoentós, urnas cinereas no pincaro sobran-
ceiro, como a levantar o perfume d'um gemido
para Deus; acolá n'aquelle comoro de ignora-
das flores, nascidas ao sopro da manhã embal-
samada, mortas ao derradeiro esto da tarde,
redivivas ao perenne irradiar da luz; na col-
lina esplendente de verduras, de risos, e de
amores — está o ninho de duas almas.

Vêde a branca ermida ao amanhecer da pri-
mavera.

Uma nuvem arminhada, vaporoso diadema
dos rochedos, desce suavemente o pendor da
montanha, para diademar-lhe a escondida
frente. Penetra as altas ramas do arvoredo em
flocos alvissimos, como de alada espuma, e vae
destender-se mansamente sobre ella, embal-
samando-a dos matinaes perfumes, que todo
aquelle monte de aromas lhe manda nas azas
do vento da manhã. Depois dourada corôa posta
alli pelos anjos do amor, apparece fulgurante
d'ouro e rosa aos raios do sol nascente. Como
enfeite delicioso da virgem pallida é a nuvem
illuminada sobre a branca ermida. As aves

saudam a sua irmã da collina, saudam a luz, que desmaia suave ainda sobre as cômas das arvores, e soltam o vôo do escondido ninho para o orvalho do arvoredo, em alegres harmonias da musica do céu. Acorda tudo em festas ao irradiar d'uma face de Deus. Só dentro da casinha solitaria dorme ainda no silencio da noite outra face da formosura divina. Os canticos das aves hão de abrir-lhe o primeiro sorriso. Vê-la que se ergue, como a rosa adormecida ás derradeiras lagrimas da noite na despedida saudosa. Meio corpo gentil levanta o branco sendal da escondida voluptuosidade, e velam-se os alvos peitos com a fina camisa de breianha; depois o apparecer d'uma flor desmaiada sobre um véu de neve, apenas amostrando metade da hestea a flor mimosa — é o descobrir do pé delicioso e nu, e breve como um suspiro, e lindo como um sorriso da formosura, e doce como um beijo do amor: cobre-o ella, amimando-o n'a meia de sêda branca, menos liza, que o alvo setim da pelle transparente de perolas e de lirios, d'alvores suavissimos...; ampla vestidura azul como o mar dormente, recamada de rosas brancas como o vello d'espuma, afaga-lhe todo o corpo, agora escondido, deixando ver só nas mãos e no rosto a côr das montanhas dos Alpes, quando o inverno as cobre do manto soberano; os longos cabellos d'ouro cahem-lhe ainda em gracioso desalinho, descendo as caprichosas espiras pelos hombros deliciosamente arqueados, e afagando-lhe ainda a cintura donosa, que se requebra para equilibrar aquelle formoso meio-corpo, como a tenra vergonzea o pomo nascente ao perpassar do vento amoroso da tarde.

Ella, o anjo d'aquella soledade — corre o transparente da janella, abre-a a todos os perfumes da manhã, a todas as muzicas do doce acordar do dia, a todos os bonitos clarões do arrebol matutino; e as aves esvoaçam-lhe de frente, como a segredar-lhe em melodiosos gorgeios as suas alegrias e os seus innocentes amores.

Depois outro mundo de mais profundas emoções, de mais sanctas delicias a chama a ella, aquecendo-lhe os seios d'alma, alvoroçando-lhe o coração, banhando-a toda de suavissimo leite. É esse o mundo do amor, que tem no centro o fogo do céu, e na superficie a formosura divina; o mundo das alegrias e dos prazeres do espirito, sempre illuminado dos eternos esplendores do ideal, da suprema luz, do augusto e mysterioso raio da belleza infinita.

Como ella abre a porta timidamente, receiando interromper-lhe o somno da madrugada! Está alli dentro o lume de seus olhos, a harmonia de sua alma, o dia da sua felicidade. Pé ante pé, com o sorriso nos labios, o rosto illuminado d'alegria íntima, os seios palpitan-

tes, aproxima-se do leilo do amado, contempla-o um momento toda enlevada nos arroubamentos do coração; e quer abraçá-lo, escondel-o no seio, dar-lhe os suspiros da alma n'um longo e estremeado beijo.

Mas elle dorme, e lá fóra acordam as formosuras de Deus; entreabre-se ao raiar do dia a grande e immensa luz d'aquelle seio dos perennâes fulgores, que banham a alma inteira, quando na primavera dos suspirados amores. Voa para lá o anjo dos devaneios. Alli á borda do lago prateado, ondilante ao brando vento da manhã serena, revê-se aquelle rosto na mimosa alegria da alma, como n'um espelho celeste. O azul do céu retrata-se no crystal das aguas, e os cabellos de Violante, dourados como os raios do sol, reflectem-se á superficie do lago. Ella afaga os aneis compridos com os dedos de neve, e compõe a grinalda de rosas brancas, mirando a sua formosura, inclinándose-se graciosamente, ajustando ao collo alvissimo o vestido azulado, estreitando a cintura em requebros voluptuosos, poizando emfim o rosto na palma da mão deliciosa, sentada á beira do thalamo de crystal.

E fica alli, estatua da scisma sonhadora, na doce reverie dos alados suspiros, flores cabihidas da coroa dos anjos, lagrimas do sacrario do Infinito, que nos chama, que suspira por nós, que nos leva ao seio dos amores n'um perpassar do raio do sol entre as franças do arvoredo, n'um voejar da borbeleta sobre a corolla dos lirios, n'um pipilar da avesinha escondida, n'um zumbido da irmã das flores a abelha e a brisa, n'um evolar-se da nuvem em flocos d'ouro e purpura, aquecida ao eterno lume, rarefazendo-se em cambiantes d'irradiados esplendores, nuvem do incenso para o throno de Deus, clarão do relampago, columna de fogo, coreel da tempestade, mundo da colera infinita, eldorado dos paramos da alma, sonho do vidente altar da immortalidade, abraço das esperanças do poeta, realidade dos crentes, sonho dos infelizes, verbo — verbo de Deus.

E é assim a reverie do espirito exilado, quando quer voar por cima dos esplendores d'este mundo, aureo sonho, enigma brilhante, abysmo entre rosas escondido, que nos attrahe, que nos prende, e nos deixa adivinhar n'estas horas do mysterioso chamamento a ultima felicidade, o abraço de Deus.

A grande formosura vem d'Elle.

O seu braço poderoso espalhou-a assim por todos os mundos da sua belleza infinita.

A nós, ao espirito que é a sua imagem, e espelho, deixa Elle ver-se nas anciadas memorias do primeiro tempo, idade d'ouro, em que nós nos abrigavamos, ou adormeciamos no seio da sua Omnipotencia. Porque desejamos subir para Elle? Porque as nossas lagrimas e suspi-

ros, as nossas alegrias e sorrisos, os grandes desejos do coração e as grandes paixões do espirito, tudo se eleva á imensidade? Que vale todo o afan da immortalidade humana, todo este trabalho do homem através dos seculos, ardua luta contra o nada, esmagado á voz da consciencia, vencido aos clarões deslumbrantes da intelligencia, como a noute carregada da tormenta nas montanhas tenebrosas do mar ao rasgar do incendio da tempestade? Que vale? ai a saudosa recordação, a doce memoria, dos tempos incomputaveis, em que nós viviamos no seio d'Elle. Viemos d'alli, e para lá ascendemos nas maiores aspirações do nosso espirito.

A voz d'Elle escutamol-a sempre no silencio da noute, oceano de fulgores, onde cada astro, onda e mundo de luz, é uma estrophe do seu hymno eterno, cada gemido da alma, que vò áquelle santuario immenso, corda estalada de cilhara dos anjos, cada psalmo carpido n'estas harmonias suspiradas do exilio — oração nos degraus d'um templo, que não tem nome, porque se levanta do coração da humanidade.

A voz d'Elle vibra no acordar d'estas formosuras, ao primeiro irradiar da sua luz, quando tudo se ergue fascinado pelo esplendor da sua face, surgindo das trevas, como um facho eterno, abrindo os thesouros da grandeza infinita, como do sacrario do universo.

A noute e a luz, a imagem da morte passageira e do acordar no seio da perenne vida, a esperança velada n'um manto luminoso, e a sublime realidade no sol do seu throno ardente! Quando o primeiro homem visse o esmaecer da tarde ás horas solemnes do crepusculo, e depois entreabrir-se o seio das sombras, destender-se o grande véu da noute, e cerrar-se-lhe o coração, e desmaiar-lhe o espirito, que profundo gemido lhe sahiria do intimo d'alma! Com ella quererá subir, voar, a algum d'aquelles mundos de luz suspensos na abobada infinita! Erguendo os braços para o céu, pediria o raio da face de Deus, a vida da escurecida formosura, o templo dos seus inspirados amores, e o anciado desalento alongar-se-lhe-hia até ao primeiro sorriso do sol, que lhe viesse beijar a face desmaiada. Então vinha tambem o sonho, o presentimento, a intuição da eternidade do espirito, como da eternidade da luz; a morte, ao depois, seria a breve noute semeada de fulgores, a guiar com um brilho tenue para o sol immenso do seio de Deus.

(Continúa)

G. F.



D'UM MANUSCRIPTO

L

Bem dita sejas tu, victima triste
D'um peito amante e d'um amante ingrato,
Que nunca á mesma loba lançar viste
Inda mamando o cachorrinho ao mato:
Bem dita sejas tu, que o pariste,
Teu fructo imagem tua e teu retrato,
Conservas como espelho onde te vejas;
Bem dita sejas tu, bem dita sejas.

LI

Pára suspensa a pomba no seu vôo,
Ao ver-te contemplando-o ajoelhada;
E dizendo-te, a pomba: Eu te abençoô
Da parte do Pae Nosso, irmã amada:
Abriste o seio ao dia, e fecundou-o
Aquella Luz que o mundo fez de nada,
E deu ao campo a flor á flor semente
Com que a mãe os filhinhos seus sustente.

LII

Bem dita sejas tu. Quando se esconde
Debaixo da tua aza o que criaste,
Abraça e beja os anjos Deus, lá onde
Tem a raiz a flor de que és a haste:
E um dia que não tenhas pão ávonde,
Ou do céu te não chova agua que baste,
Lança-lhe á luz do dia a mão direita,
Mostra-Lh'o; Deus os filhos não engeita.

LIII

Pae não tinha o Filhinho de Maria
E ella o bercinho Lhe arma de mil flores
Deixando entrar em casa a luz do dia
Que em perfume as derreta em seus Amores;
E inda abrindo os olbinhos mal Lhe via
Já os pinceis preparam os pintores;
Que o Pae d'esse Menino... Oh maravilha!
Os que não teem pae, Deus os perfilha.

LIV

Deixa passar de largo a desposada
De cujo filho o pae quem é Deus sabe;
Deixa-a roçar-te os fatos enfadada
Se contigo na praça a par não cabe;
Talvez um dia a casa levantada
Sobre a arêa solta ao chão desabe,
E em ruinas se encontre este letreiro:
Não era o pae dos teus máis verdadeiro.

LV

Quem é que nasce aos pares como a rola,

Oú como a pomba morre em viuando,
Que, pel-a yêr sosinha, em lódo atolla
Fresca vide que está do chão lançando?
Acaso é só dourada e branca estolla
Que liga os corpos em as mãos ligando,
Confunde os corações e faz em summa
Que a Deus se elevem duas almas n'uma?

LVI

AMOR! é a palavra, o brado eterno
Solto por Deus ao vêr já feito o mundo,
Que fez tremer os carceres do inferno,
E o sol ficou da côr d'um muribundo:
A primavera, estio, outomno, inverno,
Terra, céu, alma pura, bicho immundo,
Tudo ahi cabe á larga de tal modo
Que n'essa concha Deus se fecha todo.

LVII

Amor enrolla a nuvem na montanha,
E espalma a onda em praia que não sente;
Até ao riso do sol o fio d'aranha,
E humilha ao conductor o raio ardente:
Quanto na rede immensa a vista apanha,
Tudo que jaz e cresce e vive e sente,
De Deus brotou n'um jorro de bondade,
E pôde amar-se em espirito e verdade.

LVIII

Amo á aurora a luz dourada e clara,
E ao crepusculo as nuvens da tristeza!
A solida montanha; a nuvem rara,
Por invisível fio aos astros preza.
Amo a ancia feroz, a sede avara,
Com que a loba parida engole a preza;
E os crystalinos ais de ave innocente
Que comprimenta o sol ingenuamente.

LIX

Amo o sópro que parte, esmaga, estalla
Esses corvos que aos bandos vem das ondas
N'essas noutes que o impio até se cala
Receando, trovão, que lhe respondas...
E amo o bafo subtil que a flor embala,
Pedindo-te, botão, que dentro o escondas
E as primicias lhe dês, que leve Aquelle,
Que te fez a ti flor, e vento a elle!

LX

Tu só (Que horror!) a ti, oh! não te amo...
Cheiras-me a sangue, tu... Teus olhos baços
Olham, não veem... Tu tens bocca; chamo,
Não me respondes... Teus, como eu, dois bra-
E não me abraças... Brado afflicto, clamo; (ços;
Tens duas pernas, e não dás dois passos...

Ris, mas teu riso é de enrihados dentes...
Metes-me medo... Tu, cadaver—MENTES.

LXI

Ninguém—prohibe-o Deus!—o braço corte
Que lhe roubou o espirito divino;
Deus a Cain apaga sul e norte
E condemna a viver o assassino:
Mas tu, mentira, symbolo da morte,
Hypocrisia, teu sorrir felino
Te deixe arreganhada a bôcca aberta,
Gele-te a morte a mão que a minha aperta...

JOÃO DE DEUS

Meu caro Benjamim,

Foste hontem a D. Luiz?

Que eu te não vi lá, é de fé.

Nanja que tu não podesses lá estar. E porisso
é que eu fiz a pergunta. Não era possível que
tu estivesse enquadrihado aos ratoneiros dos
lenços?

Gostei do Sanctos. No *Pedro*, porventura,
muito bom. Na *Bengala*, optimo.

Que o Sanctos é um artista de muitissimo
merito, é cousa de fé explicita e implicita. Se
os bojudos theologastros se zangarem, pacien-
cia.

E a Emilia?

Chronologicamente, devêra eu fallar, antes,
d'ella. Fallo agora. Lembra-me que Voltaire
chamára á tal «uma bexiga cheia de ventos».
Não é porisso. Não é porque seja assecla ce-
guissimo do Grande Talento, que por ahi janis-
troques aboleimados parodiavam esquerdamente,
que fallo d'ella hoje.

A Chrysalida, em diametral opposição á ety-
mologia, chama-lhe, a ella, «a primeira actriz
da Europa, a primeira actriz do mundo civili-
sado».

É muito por ser de mais.

É sóro d'enthusiasmo ou magma d'arrebata-
mento. Quem admittre que as *neves* descem ao
coração, ai! Infinito, foge que não tens lá que
lavar!

Emilia é muito grande para caber na pala-
vra; Emilia é muito grande para precisar d'um
elogio baço e frivolo. Prende-lhe um sol na
frente, ata-lhe o susurro da esphera á fim-
bria da vestidura, enrosca-lhe aos pés um car-
dume d'estrellas — e ahi tens Emilia!

E isto não é mentira. E a tua pasta já se
despella?

A minha, ha muito. Por entre a cerração
caliginosa já lampeja a aurora da nossa re-
dempção. Que venha nuvem de vulcão a ente-
nebrece-la. Que estoure mazorrall sebenta a

empanar-lhe o brilho tão sem jaça nem cabello. Que esguiche feiíssimo ichor essa bostella sãtanica do quarto anno!

Que venha tudo! Ai! que a luz que nos banha val a metter-nos n'alma vigor de cem martyres! O cepo vòa lascas. A gargalheira converter-se-ha n'um pamphleto.

Estas vestes negras, como seio de reptil, ou alma d'algun leigarrago de direito natural, ai! que nem um pallido lume as estrellas se-quer!

E tudo, em breve, ahi ficará pendente do tugurio d'alguna adelia, ou nos acompanhará para o nosso repatriamento!

E tu tens muita saudade? Eu... *muittissima*. A Academia hodierna faz pasmar. Na sua cabeça de porphiro, com excepções, não ha entrar lá ideia grande. Está dividida em naipes. É porque serve para alguem jogar. Em todas as casas ha um cavaco a derreter gèlos! Que vida! que vinte annos! que saudade!

Tu logras explicar isto? Eu não. É aporo que não desato. Não admira, porque em algebra sou pouco forte. Com isto não se diga que sou forte no resto. Os a contrario sensu pouco valem.

É a primeira carta que te escrevo.

Post coenam placentula. Nas quintas feiras fôlga. Nem sei o que mais te diga. Espera.

Que diabo de negocios levou o mata-carochas (elle que esqueça o minuscuro) a aquella cousa do Conimbricense?

Que o homem é valente, ninguem o contrasta. Talvez prudencia. N'estes tempos, o melhor é dormir ou ser politico.

As maçadas estão prohibidas. E porisso vou desvellejar o estro. Se pilhares algum lenço de linho, seda ou qualquer outro estôfo não te esqueças de mim. O Velloso continua armazenando. Furtar lenços é *partida*. Que um pobre furte um mendrugo de pão é horrivel e digno de cadeia. Quem furta uma côdea pôde furtar uma barjoleta. Amanhã julgo que temos Trony, Trony.

Não sei bem O teu mesmissimo,

C. L.

SCENAS ACADEMICAS

PROEZAS D'UM CALOURO

XVI

Deve o leitor ter notado o amor e sollicitude com que hei acompanhado o meu heroe até o presente, seguindo-o sempre com os olhos, e não o desamparando um só instante, em todas as peripecias da sua atribulada existencia.

Que querem, se não criação minha, que o originnl todos nós o conhecemos ahi, em Coimbra, é José Tinoco um filho adoptivo da minha penna e por ventura aquelle a quem a pobresinha mais tem afeiçoado. São preferencias de paternidade que as mais das vezes não tem razão de ser.

Agora porém, com consentimento e beneplacito dos leitores, desacompanharei por um ou dous capitulos o nosso José. Obrigam-me a fazel-o os successos subsequentes d'esta historia, que ficariam para muitos, inintelligiveis, se eu não lhes completasse aqui o pouco que atrás disse da *Sociedade das Sombras*.

Completar não é o termo proprio, pois que para eu poder usal-o, seria necessario que mais cabaes esclarecimentos houvesse sobre as *Sombras*, quando eu apenas sei, por estranho e quasi sempre inimigo que fui d'aquella sociedade, o pouco que quasi todos ahi conhecem.

Vá porém esse pouco que para os meus leitores será o bastante para a intelligencia da nossa narração.

Foi nas proximidades do Natal do anno lectivo de 1861 para 1862, que a *Sociedade das Sombras*, mais conhecida pelo nome de *Raio* começou d'existir.

Fundaram-a meia duzia de estudantes, que levavam mais em vista um fim litterario, religioso e philosophico, que outra cousa. Loucos admiradores de Michelet e Quinet queriam implantar em Portugal a sua eschola.

Isto, no comêço, foi o *Raio*. *Academia* obscura e ignorada, mas farta de aspirações e orgulho, onde se faziam e desfaziam reputações litterarias, se lavravam diplomas de sabio ou ignorante e se chocavam, no dizer dos seus augustos membros, ideias que n'um proximo porvir, mudariam a face de Portugal.

Mas como raras são as creações que por muito tempo guardem suas primeiras e fundamentaes feições, e como, para uma Sociedade com taes bases e aspirações, limitado devia ser, pela força das cousas, o numero de seus membros, não tardou que o *Raio* degenerasse, vindo, com o volver dos tempos, novos fins dar a mão, se não sumir inteiramente a sua origem; e já ao fechar do anno, novo caracter havia assumido, inda que mui em segredo, a *Sociedade*, tentando formar um nucleo de resistencia ás arbitrariedades do Reitor d'então, pessoa por demais antipathica á Academia.

Com esta mira começou o *Raio* de agrupar em torno de si, uma grande parte de Académicos, e com tanta arte e felicidade se houve, que no comêço do anno de 1862 para 1863 tinha já uma preponderancia bem pronunciada sobre a Academia, como claramente se viu em algumas Assembleias Geraes da mesma.

Convidados com o maior segredo e mysterio,

os neophitos eram levados a horas caladas da noute, com os olhos vendados, ao recinto das sessões, que ora se faziam n'umas cavernas do monte de Sancta Clara, ora n'umas casas afastadas de Sancta Anna, Cellas ou Sancto Antonio dos Olivares.

Alli os iniciados, depois de instruidos pelo Presidente nos fins da Sociedade e nos deveres e obrigações dos Socios, se a uns e outros se sujeitavam, davam juramento de não violarem os segredos da *Ordem* e de em tudo lhe obedecerem.

Como adiante terei talvez occasião de pelo miudo descrever uma sessão do *Raio*, não me demoro aqui mais com tal assumpto.

Até ás Assembleias que no comêço de 1863 para 1864 se deram, corria tudo ainda com tamanho segredo na Sociedade, que ouvindo-se por vezes fallar vagamente no *Raio*, a quem fosse estranho ao seu gremio, impossivel seria o affirmar ou negar sua existencia.

N'uma d'aquellas Assembleias geraes porém, por um descuido de lingua, veio claramente a lume a já vigorosa Sociedade.

Como este assumpto não é inteiramente fallho d'interesse para a historia contemporanea da Academia, aos leitores peço licença para d'elle me occupar no capitulo seguinte.

(Continúa)

R. V.

CHRONICA

Todos me perguntam queixando-se o porque vão as chronicas sempre tão pequenas no *Attila*, ao contrario do que se dava no *Tira-Teimas*!..

Tal pergunta vae só com um ponto de admiração, devendo ir ao menos com meia duzia d'elles, pois a acho sobre estranha, infundada. — Que querem os leitores que eu faça com o tempo que vae?..

Não sei, confesso-o, que cousa mais difficil haja hoje em dia, e já não digo só em Coimbra, mas em qualquer outra terra, do que fazer uma chronica!..

Correm lá tempos para taes frandulages?!.

Tudo se encabeça em politica e só para a politica se vive. Fóra d'isso, nada.

São tendencias, senão desmandos, do seculo e não ha volta a dar-lhe.

Hoje em dia não se pergunta qual a religião, quaes os conhecimentos, qual o talento de fulano ou cicrano. Tudo isso são velharias. João é historico ou regenerador?..

E João é abraçado pela metade de Portugal e amaldiçoado pela outra metade.

Politica e mais politica e só politica, o que equivale a dizer semsaboria.

E á vista d'isto querem chronicas?..

Chegaram es cousas a tal estado que eu não conheço em toda a Academia, senão um homem d'espirito.

Vou dizer-lhe o nome d'elle, leitor, para que se não mate a querer advinhal-o, pois baldadas lhe seriam as tentativas.

O nosso homem é Cerqueira Lobo!..

Não sei, nem quero constestar, se a paixão e cegueira que hei pelo meu amigo, é o motivo de fazer d'elle tão alto juizo, mas o que sei e contesto é que todos os dias me morro de riso ante as graças *picarescas* que elle solta a flux, desaffectedas e naturalmente.

Com que ingenuidade não perguntou elle, n'um dos dias passados a um litterato bibliothecario que por ali passeia: — Oh José! teu avó foi macho?!

Meditem os leitores este specimen e depois dir-me-hão se tenho ou não razão; e se acharem insufficiente tal amostra, Cerqueira Lobo não é homem que na sua officiosidade se negue a ninguem a horas de jantar ou ceia, occasiões em que o espirito mais lhe afflue.

Este espirito não vae sublinhado, porque Lobo nunca, em sua vida, bebeu vinho. N'este ponto é tão inimigo de Baccho como de Venus.

Abra-se aqui um abysmo na chronica, para que eu possa contar uma anedocta que no anno passado se deu com um lente de philosophia n'esta Universidade, e que á saciedade prova o seu cynismo.

G.º excellente estudante, mas pela sua má sina alheio ás graças de seu petreo lente, quando no fim do anno esperava colher o fructo de seus trabalhos e estudos, vê-se com tres *raposas* ás costas, devidas aos officios do seu bondoso mestre.

Que fazer n'estas circumstancias, a victima da mais revoltante e insultante das injustiças?

Embrechar a cabeça monumental do Dr. X. nas paredes do Museu? perfurar-lhe o abdomen com um espeto? empalal-o como um frango? ou..

Tudo isso seria pouco se G.º não houvesse necessidade de umas *cartas* para ganhar o pão quotidiano.

Que! e nem um dasabafo?..

A esse não é superior o mais moderado flegma.

G. encontrou na tarde da sua reprovação o illustre Dr. X. na Calçada, e não se teve que lhe não dissesse:

— O Sr. sempre é um grande maroto!.

— Falla comigo?

— Pois com quem?! ha em Coimbra patife tamanho como o Dr. X., como você?!

— Ora, ora.. o Sr. G. tem cousas!. tem uma graça! é um ratão...

Que me dizem os leitores a tanta impassibilidade cynica reunida a tanta estupidez?!

E X. é lente de philosophia, e o mesmo que n'um dos dias passados assim definia *relação* na aula:

— «Relação é uma cousa relativa que não tem nada relativamente d'absoluto.»

É textual.

Tivemos duas recitas de Emilia das Neves no theatro Academico, no sabbado e domingo passados.

Foi a *Dama das Camélias*. De Emilia nada digo, porque tudo o que dissera seria pouco, e dos outros actores digo nada, porque nada merecem.

A ovação a Emilia foi completa em ambas as noites, e em ambas as noites houve enchente real.

C. L. diz para ahí n'uma carta ao Benjamim que o V. armazena lenços. — Quem o chefe da escola, e o mais ladino dos surripadores? O Benjamim que o diga e *tutti quanti* victimas ou discipulos tem sido, são e serão de Cerqueira Lobo.

O José do Egypto anda por ahí dizendo que o *Attilla* lhe sujára o nome, inscrevendo-o em suas columnas. A isto responde o *Attilla*: «Quer achar senso commum em José do Egypto é o mesmo que querer sondar o mar com uma boia, ou indireitar a sombra de pau torto.»

Noticia importante. — O nosso amigo o Ex.^{mo} Padre Simões, dignissimo procurador á Junta Geral, soltou na ultima sessão um *apoiado*. Damos os parabens ao illustre orador. Esta sua brilhante estreia pôde dar aos seus constituintes as maiores e mais bem fundadas esperanças, de que o futuro deputado lhes advogará com desmedido talento e zélo os seus interesses no parlamento.

José Gallas jacta-se de não sentir a falta de Cerqueira Lobo no proximo anno lectivo.

José não pensa o que diz: fazemos-lhe tal justiça.

Tivemos hontem e ante-hontem em D. Luiz o *Pedro*, de Mendes Leal (José), em que desempenhou o papel de protogonista o distincto Actor Sanctos.

Foi admiravel na execução do seu papel, e applaudissimo em todos os actos, tendo repetidas chamadas. Na *Bençala*, poesia de Garrido, foi Sanctos muito feliz, e colheu bravos e palmas prolongadas e espontaneas.

Recebemos o 1.^o e 2.^o n.^{os} do Seculo XIX — bem redigido periodico, que começou de publicar-se em Penafiel.

Esta chronica já vae longa de semsaboria e por isso fecho-a aqui.

Coimbra 10 de Março de 1864.

Expediente

Com este n.^o finda o 1.^o trimestre do *Attilla*. Rogamos de novo aos nossos assignantes, que o não queiram continuar a ser, que d'isso avisem o entregador, ou a Redacção — Couça dos Apostolos n.^o 30; ou a Administração — na Imprensa Litteraria.

Agradecemos a todos os nossos collaboradores o grande auxilio que nos prestaram, e a todos os nossos assignantes a protecção com que abrigaram o pobre *Attilla*.

Aos collegas da Imprensa, de quem recebemos favoravel acolhimento e troca aqui votamos nossas graças.

São:

Clamor do Povo, Seculo XIX, O Viannense, Aurora do Lima, Vimaranesense, Religião e Patria, Gloria, Jornal da Associação Industrial Portuense, Archivo Juridico, Instituto, Chrysalida, Liberdade, Commercio de Coimbra, Conimbricense, Gazeta Medica, Revista Agronomica, Bem Publico, Boletim do Clero e Professorado, Album Litterario, Monitor Portuguez, Chronica dos Theatros, Portugal Illustrado, Bejense, e Pharol do Alemtejo.

— Do Pharol do Alemtejo, da Chronica dos Theatros, do Monitor Portuguez, da Revista Agronomica, e do Portugal Illustrado tem-nos fallado os últimos n.^{os}, e não sabendo a que attribuir tal falta, que sobre-modo nos é sensivel. Pedimos aos collegas providencias.

O Bejense tem-o tambem recebido com muita irregularidade, o que muito nos peza.

Impressões sahidas dos prelos da Imprensa Litteraria

1860 e 1861

- Grinalda — poesias por Sanches da Gama e Augusto Sarmento; 8v.^o francez, 246 pag.
 Estudos d'Agricultura — por Manuel Adelino de Figueiredo; 8v.^o fr., 323 pag.
 Resumo encyclopedico de definições e principios geraes da Sciencia Juridica — 8v.^o fr., 80 pag.
 Um poeta — romance por M. J. P.; 8v.^o, fr. 119 pag.
 Nobiliarchia Conimbricense — Bosquejo historico da nobreza de Coimbra por A. M. Seabra d'Albuquerque; folio, 14 pag. e um brazão.
 Primicias — por A. L. dos Sanctos Valente; 8v.^o portuguez, 130 pag.
 Sonetos — por Anthero; 8v.^o fr., 32 pag.
 (Continúa)

O ATILA

Semanario

N.º 13

PAN

1864

Sabbado 19 de Março

Summario. — *Confederação dos Tamoyos*, poema por Magalhães. — *Victoria linda*, poesia por J. de Lemos. — *A virtude de dous anjos*, por G. F. — *Ella e Deus*, poesia por J. de Deus. — *Da origem e formação das epopeias nacionaes*. — *O sol Beatriz*, poesia por J. B. — *Chronica*.



Um irmão de menos nas lides Academicas!

Morreu o nosso amigo e condiscipulo, Joaquim Ferraz de Carvalho.

Mancebo de talento, estudante distincto, parente dedicado, era Ferraz as esperanças de sua familia, que por elle se não tinha poupado a sacrificios.

O sentimento de nossa dor pela prematura morte de Ferraz aqui o deixamos exarado... Seja o condoimento de todos em Coimbra consolação, se a póde haver, para sua saudosa familia.

R. V.

O sabio não vae todo á sepultura,
Não morre inteiro o justo, o virtuoso,
Na memoria dos homens brilha e dura;
Em quanto o nescio, o inutil, o ocioso
Vão, ignoradas victimas da morte,
Sumir-se no sepulchro tenebroso.

BOGAGE

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

(Continuado do n.º 12)

«De longe eu vi a ensanguentada rocha,
Que testemunha fóra de meu brio,
E já nenhum dos meus a defendia,
Nem os amigos brancos, que invencíveis
Em seus muros de pedra se julgavam.
E eu chorei vendo-a assim, vendo-me preso.
Apezar da victoria, os Portuguezes
Da lucta porfiosa afadigados,
E irritados co'o sol, que os abrasava,
Repouso procuravam. Veio a noite,
E exceptuando alguns que vigiavam,
De um lado e d'outro armados passeando,
Os mais dormiam. Eu deitado estava,
Co'as mãos atadas para traz com cordas,
E olhando para o mar. Mais do que o corpo
Pesava-me a cabeça. Eu não podia
Por mais que me voltasse achar repouso.
Lavado de suor, tinto de sangue,
Furioso por me ver entre inimigos,
Sem saber qual seria o meu destino,
Resolvi-me a morrer, ou a salvar-me.
O guarda, que a meu lado passeava,
Parecia do somno ameaçado;
Bocejava a miudo, e a cada passo
Olhava para mim, como si eu fosse
Quem vigilante o somno lhe impedisse.
Não movi-me; e elle logo se encostando
N'um grosso tronco, que o trovão vomita,
Depressa adormeceu. De leve ergui-me;
Facil foi-me o passar pr'a diante os braços,
E os fortes laços desatar co'os dentes.
Tomei-lhe esta arma, que a seu lado estava,
Já quasi acordando, ao mar lancei-o;
E eu após, p'ra evitar maior ruido,
Desci por uma corda, cahi n'agua,
E nadei p'ra o rochedo mais visinho.
Fui visto, e inuteis raios dispararam
Contra mim. No rochedo descansado,
De novo pelo mar abri caminho;
De rochedo em rochedo, e já sem forças,

Quando do mar o sol se levantava,
Tambem sahí do mar, e tomei terra.

«Como me achei então? Sem arco e flechas,
Devorado de fome e somnolento,
A meu pezar dormi. Ao despertar-me,
Lembrei-me do passado, e que não 'stava
Salvo de todo. Ergui-me, e caminhando
De fructos da floresta alimentei-me.
E logo quiz Tupan qu'eu me encontrasse
Com alguns escapados do rochedo,
Francezes e Tamoyos. Uns e outros
Com pasmo me abraçaram, perguntando
Como o perigo e o mar tinha eu vencido.
Contei-lhes tudo; e como esta arma inutil
Eu trazia no cinto, um dos Francezes
Da pólvora que tinha um chifre deo-me.

«Alli guerra juramos, guerra eterna
A esses por quem nós tanto soffremos
Sobre o mar, sobre a terra; sangue, sangue;
Guerra, guerra, as florestas repetiram!
De paz não mais se falle! Guerra, guerra,
Comigo repeti, bravos Tamoyos!
Não ouvís os clamores de vingança
De nossos pais e irmãos que elles mataram?
Não ouvís que esta terra está pedindo
Que a livrems dos pés dos Portuguezes?
Quereis que um dia nossos filhos digam:
— Nossos pais foram vis, cobardes foram;
Defender não souberam nossas tabas:
Opprobrio e escravidão d'elles herdamos! —
Não, não; tal não dirão, antes primeiro
Morrámos todos nós; sim, antes morram
Velhos, moços, crianças e mulheres,
E os filhos qu'inda as mãs no ventre aquecem;
Todos morramos, sim, porèm mostremos
Que sabemos morrer como Tamoyos,
Defendendo o que é nosso e a liberdade,
Que antepomos a tudo e á propria vida.

«Eia, Tamoyos meus, antes que as aves
Amanhã se levantem de seus ninhos,
Nós devemos marchar; e ao mesmo tempo
Do inimigo arredar cautos tentemos
O apoio mais terrivel. Jagoanharo
Vá ver Tibiricá; vá declarar-lhe
Que Araray seu irmão, a nós unido,
Em nome de seu pai lhe diz e pede
Que elle não deixe os seus pelos estranhos,
Que a terra e a liberdade nos roubaram.
Vai, Jagoanharo, vai: dize a teu tio
Que se arrependa, e venha honrar os ossos
Da mãi, que tanto o amava, e que chorára
Si o vira contra o irmão entre o inimigo:
Si a tão caras memorias e ao sobrinho
Tibiricá resiste, Jagoanharo,
Dize-lhe emfim que nós nada tememos;
Que te mandamos lá por amor d'elle,
Por amor de Araray, não por fraqueza;

Que p'ra cobrir o mar temos canoas
Tantas, que vendo-as tremerá de espanto;
E tantos homens temos bem armados
Que podemos encher todo o seu campo,
E o ar escurecer co'as nossas flechas,
Como uma cerração pesada e negra».

Calou-se e respirou, vibrando os olhos,
Que dois carvões accessos pareciam:
E todos com mil gritos applaudiram
Tão sabio parecer, tão grandes feitos
Do chefe sem igual, do heroe Tamoyo.
Em sigual da alegria dispararam
Mil settas para o ar; e vozeando,
Os sons interrompiam n'um trinado,
Sobre as bôccas batendo co'as mãos ambas.
Nem mais aos anciãos ouvir quizeram:
Nem elles em contrario votos tinham.
Coaquira, o mais idoso, era o primeiro
Que plena approvação a tudo dava.

Qual nas plagas felizes do Janeiro,
Por entre os corucheos das serranias,
Quando ás vezes o sol mais resplandece,
E os passarinhos lédos esvoaçam,
Se eleva o furacão inesperado,
Que vai comsigo arripiando as nuvens,
E esbarra contra os pincaros, bramando
Co'o medonho estridor da trovoadá;
Tal foi a vozéria dos Tamoyos.
Quando Aimbire poz termo ao seu discurso.

CANTO TERCEIRO

Argumento

Terminado o concilio, occupam-se por mo-
dos varios os moços, as mulheres e as crian-
ças. — Responde Aimbire ás perguntas que lhe
fazem ácerca dos Europeos. — Quem era Ville-
gagnon. — Apparecem alguns Francezes co-
nhecidos de Aimbire. — São bem recebidos. —
Ernesto e Potira se enamoram. — Pede aquelle
a Aimbire que lhe conceda a mão da filha. —
Este o promete para depois da guerra. — Hym-
no guerreiro. — O banquete da despedida. —
Amores de Aimbire e Iguassá. — Dialogo dos
dous amantes.

Terminado o concilio, guerra, guerra
Os Tamoyos unisonos Bradaram,
Como si todos elles não formassem
Senão um homem só, uma só bôcca.

Já dos bosques escuros e dos montes
Projectavam-se as sombras p'ra o oriente,
E a doce viração embalsamada,

Por entre os verdes ramos susurrando,
 Vinha seus frescos sopros espargindo.
 Brilhavam no occidente argenteas nuvens
 Sobre ondas d'ouro e purpurinas faxas,
 E as aves renovavam seus gorgeios
 Em despedida ao sol, que transmontava.
 (Continúa)

Da Revista Academica de 1855, transcrevemos a lindissima poesia de João de Lemos — VICTORIA LINDA — uma das mais bellas produções do nosso primeiro lyrico. Não nos consta que ella haja sido publicada em mais algum jornal litterario, nem vem nos dous volumes de poesias que ha publicado. Foi este o motivo de a copiarmos para o *Attila*.

R. V.

VICTORIA LINDA (1)

A Excellentissima Senhora

D. MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA DE MENEZES

I

Sôpro de morte, em tua aurora ainda,
 Victoria linda, desbotou-te a cor;
 Voz do Senhor a outra vida infanda,
 Victoria linda, te chamou em flor!

Nascida á sombra do formoso cedro,
 Onde D. Pedro meiga Iñez amou,
 Como chorou a morta Iñez D. Pedro,
 Ao pé do cedro tua mãe chorou.

Fonte de lagrimas e amor chamada
 Viu-te emballada na tua infancia ahí;
 Do céu aqui tu vinhas já fadada
 A ser chorada n'este amor por ti.

Vento da tarde te levou sem custo,
 Qual tenro arbusto sem raiz no pé;
 Mas vaes co'a fé enraizar sem susto,
 Do throno Augusto do teu Deus ao pé.

Como arribada d'outra praia á beira,
 Ave estrangeira que por cá gemeu,

(1) Estes versos foram feitos por occasião da morte da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria da Victoria Osorio Pereira de Menezes, que morreu em 15 de Janeiro de 1855, sendo enterrada no dia 16, em que completava 14 annos d'idade. Sua extremosa mãe, a quem os versos foram offercidos, costumava chamar-lhe *Victoria linda*, e d'esta terna expressão de affecto maternal se tomou o titulo da composição.

Do patrio céu a suspirar fagueira
 N'aza ligeira remontaste ao céu.

Anjo da morte a derradeira hora
 Na torre agora que soou já diz,
 O bronze quiz alli chorar... não chora,
 Nem prece implora... só bradou — feliz!

II

Feliz! de certo, e não chóres;
 Dirá tudo á triste mãe;
 Porque a filha, seus amores,
 Melhor mundo agora tem:
 Não chores lhe persuade
 A christã conformidade,
 Não chores... mas a saudade
 Rebenta do coração;
 Se curva a fronte ao tormento,
 Se obedece o pensamento,
 Vem rebelde o sentimento
 E as faces regadas são.

Nem ha crime n'esse pranto,
 Dá Deus prantos para a dor;
 Na amargura tem encanto,
 Que nutre magoado amor;
 As lagrimas são do homem,
 Por privilegio lh'as tomem,
 Que se a luz dos olhos somem,
 Tambem n'ellas brilha luz;
 Quando da Cruz já pendia
 O Filho, que lhe morria,
 Tambem a Virgem Maria
 Foi chorar aos pés da Cruz ho.

Chora, pois, ó mãe saudosa,
 Chora a filha que morreu,
 Folha a folha d'essa rosa
 Recorda o que já foi teu;
 Pinta as graças na memoria,
 Essas graças, dóte gloria,
 Que da formosa Victoria
 N'alma e corpo, podes ter;
 Beija o nome — prophécia
 Da victoria que a devia
 Na vida, e na morte um dia,
 C'roada sempre trazer.

Se vês triste o esposo ao lado,
 Se os mais filhos tristes vês,
 Se o teu anjo é tão chorado,
 Tu mais na dor te revês;
 Mais lembra então que voára,
 Na falta mais se repara,
 Mais viva se retratára
 A pomba que andava alli;
 Era a alegria de tudo,
 Na mesa, no brinco e estado,

E tudo agora vês mudo,
E a saudade cresce em ti.

Oh! não ha, não ha na terra
Outra dor como essa dor,
Que longe cá nos desterra
Da vida do nosso amor;
E' das penas negra pena,
Toda a outra é mais pequena,
E se Deus não a condemna
Deixem a pena penar:
Se nos leva todo o rizo,
Se ás vezes leva o juizo,
Do gozado paraizo
Possa a saudade ficar.

Chora, chora, alma pungida,
Pobre mãe, se allivio é teu;
Intendo-te a dor sentida
Que bem perto a vi já eu;
Tambem de filha formosa
Vi na face melindrosa
Desbotar nascente rosa,
E a morte em torno a rugir:
Da sepultura aos regêlos
Vi-lhe os pés ir a descêl-os,
Quando Deus pelos cabellos
A suspendeu de cahir.

Tu foste mais desgraçada,
Rôla viuva, bem sei;
Choras na campa fechada,
Na campa aberta eu chorei;
Mas n'essa magoa que eu tinha
A tua bem se adivinha,
E por isso aceita a minha
Que contigo chorar vem!
Ah! dize, como eu dissera,
Se é anjo do céu...: podêra,
Vivendo com vivêra,
Ser anjo depois tambem.

III

Mas lá vae...; oh! lá jáz... inda fumegam
Mal extinctos brandões l..
Agora em volta os crepes se despregam...
E das sanctas canções
Nos já desertos muros da capella,
Só resta o écho a suspirar por ella!
Quatorze primaveras! falta um dia...
Dia do seu natal l..
Ai! mas n'esse... infeliz l.. a mãe fazia
Da filha o funeral!
E em vez de festa em honra da donzella,
Só resta o écho a suspirar por ella!

Senhor! Senhor! Não tinhas lá mais anjos?
Tão depressa, Senhor?!

Pois faltam-te no céu céros d'anchanhos
A cantar teu louvor?..

Roubando cá da terra essa voz bella
Só resta o écho a suspirar por ella!

Eterna magoa nunca interrompida
Esta, ao menos, será;
Entre a morte e a memoria, espaço a vida
Alegre não terá,
Que da alegria da apagada estrella
Só resta o écho a suspirar por ella!

J. DE LEMOS.

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

(Continuado do n.º 11)

X

«O que sou eu sobre a terra? Mulher que cahiu na abysmo, e arrojada pelo turbilhão de minhas agonias vou de envolta com ellas pairar lá onde não chega o pensamento entenebrecido. Passo por aqui, meteoro d'um instante, e passo porque sinto o fogo, que me queima o coração, porque me rompe dos seios d'alma nas tristes horas do desalento — o amor.

E eu sinto-o a cavar-me no peito com esta dor intima do abandonado do mundo que só vê na noute da sua existencia uma luz bruxuleante d'um lume desfalecido, mas que depois cresce, brilha, deslumbra, e queima d'um fogo que devora, que extenua.

Deixou-me para sempre, e o coração ficou-me lá, como nas trevas do desamparo. Porque será que o pensamento não basta para crear no intimo d'alma a sua aspiração, e conserval-a depois n'um maginar suave e languido, que embale o sentimento e o esmaie em berço de esperanças?

Porque será que o amor puro e sancto, como o amor de Deus, não vive de si, como o sol da sua luz, o perfume da sua flor, e a noute do seu manto mysterioso?

É porque este coração não é a noute escura a cerrada que se envolve no profundo de suas trevas, e dorme na paz do esquecimento.

É porque esse que chamam Deus arrojou de si o pensamento á amplidão dos mundos, e abriu-lhe depois o seio na mysteriosa estancia da sua eternidade, e disse-lhe: gravitarás para mim, porque eu sou o centro do amor.

E o espirito quer subir n'um raio que lhe desce d'aquelle foco esplendido, e procura-o em si, e perde-o nas trevas de sua anciedade.

Mas se o vê reflectir-se na face do amante, do amigo, do irmão, então não esmaece no

doer da soledade, e ascende e v^oa para Deus n'aquelle enlace de dois suspiros.

Ah o amor é o cyreneu, que sob o p^oso da mesma cruz nos ajuda até ao ultimo dia, o consummatum, a redempção...

O coração desabrochou-me aos raios do sol divino, como a filha do valle nas manhãs da primavera aos calores do astro do seu dia; mas esse perfume, que se exhalou dos seios de minha alma perdeu-se no vago, no desconhecido, no bem mysterioso, e então absorveu-m'o toda a esperança.

A esperança! este voar por cima do abysmo, que dorme debaixo de nossos pés; este irradiar d'um lume esplendido, assombrado logo com a densa nevoa do futuro; este anhelar ofegante d'uma aspiração immensa em busca da felicidade—é a atracção de Deus, é a vida sem fim, é a immortalidade.

Longo tem sido o perpassar de minhas agonias, em frente d'ella, e longo será no coração dos infelizes até á consummação das idades; mas em quanto não emergir de sob as vestes do finito este sopro do Eterno... elle ancilará sempre o abraço do Infinito. É o caminhar do pensamento.

Felicidade! sonho de quem nasceu para viçar com lagrimas algumas flores da sua vida!

A linguagem muda e triste do olhar do Christo; aquelle mesto sorriso de compaixão dolorosa, os meus prantos aos pés d'elle na ultima agonia da minha vida; a toada solemne das melodias do órgão; o mysterioso silencio da solidão do templo á luz esmorecida do crepusculo; a oração intima por entre as sombras, que desciam ao altar do Crucificado, quando a lampada espirava apenas um brilho tremulo; tudo o que ha de sancto e triste na religião do amor humano illuminou-me a face amargurada.»

XI

Vêde-a exorando um alivio ao seu penar de muitas horas.

Juncto d'aquelle estrada de amarguras véla um sacerdote do Christo.

Luz sancta e triste irradiava de seu rosto pallido por onde apenas voejaram breves annos.

A roupeta negra da penitencia envolve-lhe o corpo macerado pelas vigílias da oração, votada sempre ao desconhecido.

Um crucifixo, amor de sua alma, e alma do amor, treme-lhe na mão agitada, e absorve o olhar desfallecido da moribunda.

«Sempre aquella visão dolorosa a seguir-me como a minha sombra, a cobrir-me o coração com um véu mais negro do que esta noute entenebrecida! Eu olhava para ti, mas a tua face era insensivel, e o teu labio era mudo, como

o sepulchro do meu passado, filho de Deus. As paredes do meu eremiterio pesavam sobre mim e apertavam-me, e confrangiam-me; e a cabeça tombava-me sobre o peito, como se o p^oso d'um braço invisivel a opprimisse.

Via-me no ermo de todos os meus affectos, na soledade de todas as minhas esperanças, e sentia que o meu coração não resistiria á mais cruel das provações d'esse martyrio.

E se eu morresse então iria a minha alma envolta no manto d'este amor purissimo, e desceria o meu pensamento do seio do Infinito a chamar por elle.

Porque este coração, depurado nas ancias do apartamento, não podia dizer-lhe um adeus de despedida eterna.

Oh! quem me soprou aqui este divino lume não o apagaria, quando a chamma ascendesse para a vida d'aquelle amor immenso, supremo, mysterioso.

Não; que o seu olhar está escripto alli com traços de fogo, meu Deus!

Aquella visão foi a minha primeira agonia.

Eu ouvi a harmonia da sua voz em noute formosa, e ví-o a conchegar-se a mim, e a levantar o meu seio aos ardores do seu amor. Fui então feliz, e as muitas lagrimas da minha vida preludiaram-se em risos, em afagos, em caricias d'uma doçura ineffavel. Pela primeira e ultima vez senti descer-me ao fundo da alma o balsamo da felicidade.

Como eu caminhava para o altar do sacrificio, hostias sem macula, levada pelo anjo do amor divino!

A minha alma seguiu-o em quanto teve uma luz febricitante, que a illuminasse n'esta espinhosa vereda; seguiu-o em quanto avistou a sua sombra a esvoaçar-lhe por diante como a aza do anjo da esperança.

Depois essa sombra dissipou-se, como se esvaeccem os fulgores da alvorada, quando vapores enegrecidos toldam com o fumo do abysmo aquelle radiar do céu.

Ah! escureceu-se para sempre a luz da antemanhã do meu dia e a noute escura e cerrada pousou-me sobre os hombros o seu manto tenebroso.

Nunca mais o vi; e quando a morte, que me arrastára pelos cabellos me deixou á beira da sepultura, eu volvi os olhos atrás, e alongaram-se-me por solidões immensas, e não enxerguei um ponto da terra, onde pudesse descansar o meu espirito desfallecido.

E corri na ebriedade da loucura ao abraço d'elle, mas encontrei o vacuo immenso da minha soledade.

Triste de mim, que não parei na orla do precipicio, e me abysmei n'aquella voragem infinita.

Infinita?! não que eu achei ainda o termo de minhas agonias aos pés de Deus!

Oh! tu reuniste segunda vez os pedaços do meu coração partido, para os levares com a ultima prece ao teu seio, Immenso Amor.

Mas antes de se me fecharem para sempre os olhos na perpetua escuridão da noite, antes de ser levado pelo mysterio da morte, este mysterio da vida, escuta, anjo de Deus, a minha oração derradeira.

Horas da minha ventura, passae-me ainda uma vez em cortêjo esplendido diante d'esta negrura do soffrimento.

Passae!.. Eu soffro, que não sei o que ha de tormentoso n'este voar d'um mundo para outros, se nos fica abafado pela desesperança um coração que amou muito.

Vel-o-hei ainda, como n'aquelle formoso sonho, em que as nossas almas vagavam, espiritos de luz, sobre as aguas do oceano, nas solidões do mundo, subindo para o throno do céu.

Meu Deus, perdoae-me esta ultima recordação, quo não posso morrer sem ella!

Ao longo da escavada montanha estordia-se a luz serena e triste d'uma noite de luar.

Jazia o oceano no seu leito illuminado, e era doce alongar a vista pela immensidão da sua face adormecida.

Recostada no seu braço olhava eu para o céu, e via-o resplendente de todas as galas da visão beatifica.

O meu espirito previa um não sei que de sancta immortalidade, que lhe dizia que nós haviamos de ir ambos para o seio immenso donde se derramavam aquellas ondas de luz.

Ao depois viamos o mar socegado e tranquillo, e o coração predizia-nos uma vida embalada assim em berço suavissimo.

Ail como foram doces aquelles instantes, hauridos entre os perfumes d'aquelle noute, e as harmonias d'aquelle céu!

Como se casavam os nossos pensamentos com a suavidade inebriante d'aquelle retiro, a deshoras, debaixo d'esse ethereo manto, que se desdobrava em flores sobre nossas cabeças!

Como a languida ternura de duas almas se entornava em balsamos de lagrimas e beijos sobre o ancilar de nossos corações?

Mas aquelles rochedos illuminados d'um alvor pallido, aquelle mar solemne e mudo, aquelle céu, aquelle noute, aquellas harmonias tristes de melancholia intima, que se esmaivavam na amplidão do oceano, tudo me fazia chorar d'auciedade, que a desventura me acenava do mysterio mesmo da minha solidão.

O anjo do martyrio segredava-me no susurro da noute, que eu havia da morrer só e triste, sem que uma palavra sua viesse derramar sobre as minhas agonias a perdida esperança.

Amei-o muito! Mas vasar o sangue do coração no regêlo do marmore, abrir o seio ao

frio da indifferença e do egoismo, dar os suspiros á mudez do eremiterio; cahir de joelhos em lagea fria, tombando do leito nas agruras da desesperação, não valerá tudo isto as lagrimas, que Elle chorou a teus pés, e o balsamo pio com que te ungiu os cabellos meus Deus?

— Poderá esperar o somno do céu a mulher que se perdeu porque se arrojou ao abysmo do amor, e se queimou na eterna labareda dos anjos?

— Poderá amar ainda além da vida aquelle, que lhe pôz sobre a cabeça esta corôa d'espinhos?

— Viverá ainda no seio de Deus, quando os homens caspirem na sua memoria, e fecharem o seu jazigo á piedade d'uma oração?

— Haverá para mim além do passamento esse baptismo do fogo do amor divino que me purifique...

— Purificar-te! Se este corpo é a chrysalida, que vae depurar-se atravez dos seculos, para depois surgir glorioso por cima dos orbes, meu Deus! — se este espirito não é o vão sopro da sciencia dos homens, mas o sopro do Infinito, que se expande para Elle; tu foste sempre a sua religião, — Mysterio do Supremo Bem.

A tua alma subia para lá, quando o manto de chumbo que o peccado lhe pôz sobre os hombros a não deixára elevar-se ao centro do amor de todos os seres.

Tudo vae para Elle, desde o perfume da flor escondida no valle, até ao grande gemido das gerações extinctas.

Se a existencia do pensamento se contasse por annos, como se conta a vida do homem sobre a terra, tão breves são elles, que seria loucura crear esse gigante para o abafar assim, quando elle precisa de se apoderar da immensidade.

— Mulher, se a imagem de quem tu amas ainda vive nos desejos do teu coração—amal-o has sempre, sempre, sempre!

(Continúa)

G. F.

ELLA E DEUS

I

Thuribulo suspenso

inda fluctuo,

Em quanto a alma, em incenso,

restituo.

II

Mas, quando, como fumo

que se esvae,

Minha alma, vás teu rumo,

— sobe e vae.

III

Vae J'estas densas trevas,
d'esta cruz,
Lovar-lhe... quanto levas,
Pobre luz!

IV

Amor, que em mim não cabe,
vae depôr
Em Deus; e Deus bem sabe
se era amor:

V

Se de outra flor o calix
mais libei,
Por esses quantos valles
divaguei.

VI

Se um nome em igneo traço
li no céu,
Nas ondas e no espaço
mais que o seu...

VII

Deus sabe se eu dos montes
vi tambem
Nos vastos horizontes
mais alguem:

VIII

Nos tristes, e risonhos,
dias meus,
Se alguem vi mais em sonhos
que ella e Deus.

IX

Quem é porém que apanha
o aereo véu
Da nuvem da montanha,
se é do céu?

X

Se á terra a nuvem desce,
quando vae
Tocar-se-lhe, desfêz-se
como um ai.

J. D.

DA ORIGEM E FORMAÇÃO DAS EPOPEIAS NACIONAES

(Continuado do n.º 11)

Se julgarmos os contos historicos, que, parece, foram em todos os paizes os primeiros germens da epopeia, pelos cujo texto nos é conhecido, podemos dizer que se distinguem

por uma grande simplicidade e que não tem outro merito litterario senão a energia dos sentimentos que exprimem, e outra pretensão senão a da exactidão dos factos que narram. O maravilhoso ainda não tem parte n'elles; é a realidade pintada em alguns traços abruptos. O plano é pouco complicado, a narração breve; sem descripção nem episodios. O heroe singelamente lançado na scena, o facto principal bem saliente, eis quanto basta a um canto de guerra. Para que estes cantos primitivos possam dar origem á epopeia nacional, torna-se necessaria a reunião de muitas circumstancias. É preciso, em primeiro lugar, que taes poesias não sejam de comêço fixadas pela escripta, pois que d'esse modo não poderiam prestar-se ás transformações successivas que devem preparal-as a servir mais tarde o elemento epico. — Em segundo lugar, é necessario que ellas appareçam n'um tempo em que os guerreiros e os chefes partilhem as crenças singellas, as paixões, os enthusiasmos e até a ignorancia do povo, pois d'outro modo os cantos destinados sómente a encantar o espirito rude do homem preso á gleba não poderiam revestir as côres heroicas que devem vir-lhes do character intrepido e altivo do homem que combate. — E' preciso, emfim, que taes cantos guerreiros possam agrupar-se em redor da memoria de algum grande successo, senão, bem cedo esquecidos, não poderiam ser sem cessar refundidos e embellecidos pela imaginação popular. Quando taes condições se dão ás mãos, quando n'uma época, em que o espirito critico ainda não exauriu o manancial das ficções e em que a historia não desherdou a legenda, um sentimento profundo se apodéra de um povo inteiro e exalta suas faculdades poeticas, só então os cantos historicos transmittidos de geração em geração se reúnem, se fundem uns nos outros e acabam, sob o imperio d'uma commum inspiração, por formar um todo que chama cyclo.

(Continúa)

© SOL BEATRIZ

Lá surge, ei-lo! catadupas de raios,
Vêde, sobre o mundo espalha a flux!
O monte, c'roado de nevoas sombrias,
Desfal-as, e um rizo na rocha transluz!

A flor desabrocha as pétalas humidas,
E aroma derrama, que a abelha seduz!
O roble gigante agita a folhagem;
A ave canta. É o sol! é a luz!

Olha, não vês? A rosa descora!
O lyrio do val a alvura perdeu!
A violeta singella já não tem aroma
Esse aroma suave só d'ella, tão seu!

O corvo perdeu a negrura das azas!
A ave não canta... não brilha a estrella...
Nem é flexivel a haste do vime...
Nem o cysne elegante...nem Venus é bella!

O firmamento perdeu o azul de seu manto...
A borboleta nas azas já não tem matiz!
É que tudo se calla, descora, fenece,
Ao vê-la tão bella — ao ver Beatriz!

J. B.

CHRONICA

Santos que se fizera admirar em D. Luiz na quarta e quinta feira, e na sexta na Graça, deunos o mesmo prazer no theatro Academico nas noutes de sabbado e domingo.

Foi o drama escolhido os — *Amigos intimos*, imitação de *Sardou*, por *Palmeirim*...

Deixando de parte a apreciação do drama em si, que entre muitas flores tem alguns espinhos, diremos de Santos, e dos mais actores o que sentimos.

Santos mostrou mais uma vez o que é e vale como actor, e deixou-nos completamente convencidos de que no drama moderno, difficilmente haverá nos nossos theatros, já não digo quem o exceda, mas quem o iguale.

Nenhum, como elle, dos grandes actores que ahí temos visto, sabe dizer sempre o natural, sem um unico desmando, um só esforço. Santos, em scena, não parece represantar uma imitação da vida real, mas a propria vida real.

Sendo isto assim, que ninguem ha ahí que o conteste, qual seria o motivo de nas duas recitas que elle deu no theatro Academico, não haver enchentes reaes, e pelo contrario, sobretudo na segunda, diminutissima concurrencia?..

A Academia, que em tudo tem degenerado, parece que até o gosto e sentimento do bello vae perdendo. Ah bom Braz Martins!.. tu é que comprehendeste o mundo com o teu Sancto Antonio!..

Os actores Academicos, andaram, no geral, bem, e sobretno Mayer e Parente, se bem que este ultimo excedeu um pouco o que o papel pedia. A Parente, porém, tudo se perdoa, pelo muito que todos o amam, que não ha rosto que se conserve serio, quando elle o não queira.

De *damas* é que o theatro está muito mal.

Nos *Amigos intimos* apenas Miranda e Tavares andaram bem.

No fim do drama, Santos recitou, na primeira noute a — *Bengala* — e na segunda o — *Prego*. Em ambas foi applaudidissimo, e em ambas é inimitavel.

O Conselho do theatro brindou Santos com um rico relógio, e com o diploma de *Socio Honorario*. — Houve-se como de justiça.

Depois de fallar em theatro ha a chronica cumprido sua missão, pois nada mais offereceu a semana de notavel.

Coimbrá, parece, que ficará deserta nas proximas ferias. Os Academicos que não tem fugido ainda, promettem fazel-o o mais breve possivel.

Coimbra, 17 de Março de 1864.

Impressões sahidas dos prelos da Imprensa Litteraria

1861 e 1862

A Filha do Deserto — poesias por Elmano da Cunha; 8v.º fr., 32 pag.

Collecção da Legislação mais importante sobre expropriações por utilidade publica e contracto-Salamanca; 8v.º

Alfredo o Exposto — Romance original por J. R. da Silva Arez; 8v.º fr., 306 pag.

Principios geraes de Chorographia Portugueza, 8v.º fr., 18 pag.

Oração funebre nas exequias de S. M. o Sr. D. Pedro V — por A. Alves Mendes; 8v.º fr., 20 pag.

A Conquista de Coimbra — Drama em quatro actos, por Antonio Francisco Barata; 8v.º fr., 67 pag.

Um quadro escholastico — comedia original n'um acto por F. M. Franco; 8v.º peq., 40 pag.

Amor e ambição — romance por A. M. Pinto d'Almeida; 8v.º peq., 72 pag.

Intermezzo — traducção por Joaquim d'Almeida da Cunha; 8v.º peq., 26 pag.

Antes honra, que honras — novella de costumes populares, traducção de J. d'Almeida da Cunha; 8v.º peq. 107 pag.

Principios de pronúncia ingleza — por J. A. da Cunha; 8v.º fr., 40 pag.

O Phosphoro — publicação quinzenal, litteraria, noticiosa e critica — 12 numeros.

Ensaios Litterarios — jornal quinzenal, noticioso e litterario — 11 numeros.

Tira-Teimas — semanario — 12 numeros.

(Continúa)

O ATILA

Semanario

N.º 14

PAN

1864

Sabbado 26 de Março

Summario. — *Confederação dos Tamoyos*, poema por Magalhães. — *A virtude de dous anjos*, por G. F. — *Exotica*, por G. F. — *Gaspar*, poesia por J. de Deus — *Chronica*.

CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS

(Continuado do n.º 13)

Era o tempo em que o bello cajueiro,
Cujos ramos frondosos o chão tocam,
Se ia tornando avaro de seus fructos,
Que ostentam do carmin e de ouro as mesclas,
E de verdes castanhas se coroam.
Chorava o tronco seu lagrimas de ambar,
Que umas sobre outras em crystaes pendiam;
D'esta resina o pó n'agua solvido
É para os Indios grata medicina
De balsamico aroma; de seus fructos
Fabricam elles precioso nectar;
E quem mais talhas tem d'este aureo vinho,
Mais rico se reputa entre os selvagens.
D'estas formosas arvores copadas
Coberto estava o campo, em que os Tamoyos
Erguiam as cabanas de taquára,
Com tectos de sapê e de palmeiras,
Que vinte a mais pessoas abrigavam.
Dos esteios pendiam largas rêdes
De fio de tucum, que ao linho iguala;
N'estas rêdes repousam, n'ellas dormem,
N'ellas gemendo deitam-se os maridos
Quando as mulheres dão á luz os filhos,
Como se elles p'ra si a dor tomassem;
Em quanto ellas airozas e robustas
Ao serviço domestico se entregam:
Tanto o habito pôde sobre a gente!

Das cabanas nos angulos se viam
Os fructos da estação, e as igaçabas
De licores diversos abundantes.

Em quanto as criancinhas se divertem
Correndo pelo campo, e outras se amestram

A disparar a setta contra os troncos,
Estão as velhas preparando as carnes,
Já expondo-as ao sol, já sobre as brasas,
Já com outros diversos artificios.
Outras cavam o chão, e nos buracos
Lançam a carne ou peixe envolto em folhas,
Depois de terra os cobrem, sobre a terra
Fogo accendem; dest'arte as carnes torram,
E a isto dão de biariby o nome.

Em quanto no domestico exercicio
Se occupam as mulheres, pelos campos
Os fructos da estação os homens colhem
Para o grande banquete; outros apostam,
Resupinos deitados sobre a terra,
Quem mais déstro fará subir ás nuvens
A setta, que vollando traz a presa,
Que nem no ar voando ao tiro escapa.

A um grosso tronco reclinado Aimbire,
E ladeado dos chefes, que o interrogam,
Vai respondendo a quantos lhe perguntam
Sobre os costumes d'essa gente estranha,
E o que mais vira na tomada ilheta,
Que de Villegagnou conserva o nome.

Era Villegagnou manhoso e ousado
Cavalleiro Francez, que de Calvino
Ostentava seguir a nova seita,
P'ra ter de Coligny o certo apoio
Na ambição desmedida que o movia;
Mas com todos traidor cuidava o impio
Poder com vis enganos e perfidias
Novo imperio fundar n'estas devezas,
A que elle — França Antarctica — chamava,
Mas faltava ao francez aventureoso
Constancia igual ao plano agigantado;
Faltava-lhe inda mais a fé sincera
De quem attinge á ideia, não ao lucro.

Por Lery e Richer, com quem tratára,
Tinha sido o Tamoyo iniciado
Nos pontos principaes da lei de Christo
E d'esses dous zelosos calvinistas
Grata lembrança o Indio conservava,

Narrava Aimbire os usos e costumes
 Dos homens do outro pólo: e como adoram
 A um Deus Trino e invisível, que governa
 Tudo o que existe, e que de si tirára
 Só com esta palavra poderosa:
 — Faça-se! — e tudo fez-se ao seu mandado.
 Como vendo esse Deus o mal dos homens,
 Mandou Jesus seu filho p'ra ensinar-lhes
 O caminho do bem e da verdade;
 Mas os homens ingratos o mataram.
 «Esse Filho de Deus, dizia Aimbire,
 Só ensinou aos homens que se amassem,
 Que fossem todos como irmãos e amigos.
 Elles confessam isso, elles o adoram;
 Mas por tudo qu'eu vi, pelo que fazem,
 Creio que de seu Deus as leis aprendem
 P'ra calcal-as melhor, e não cumpril-as.
 Vêde como são más os Emboabas,
 E o que esperar podemos de taes homens!»

N'isto viu-se brilhar por entre a selva
 Um clarão, que nos ates se movia:
 — Quem será? — Todos gritam n'um momento:
 E os esparsos guerreiros acudindo,
 Em ordem de combate se formaram.
 Soou um brado ao longe, e o echo ouviu-se
 De um clarim, instrumento estranho a muitos,
 Que de pavor encheo as almas fracas,
 Cuidando ser algum Maraguigana,
 Que já viesse annunciar-lhes morte.
 Mas o audaz Aimbire, em cujo peito
 Não palpitava o medo, assim lhes brada:
 «Ou sejam Anhangás, ou sejam homens,
 Amigos ou contrarios, aqui firmes
 Esperemos sem medo. Por ventura
 Tão fracos sereis vós como as mulheres,
 Que fogem só co'a sombra do perigo?»
 Soou de novo o lugubre instrumento;
 E o destre Aimbire, já no chão deitado,
 E co'o ouvido applicado sobre a terra,
 Pôde melhor ouvir o som longinquo,
 E logo, dando um pulo, alegre brada:
 «Homens são, pela voz eu os conheço!
 São do rochedo os bravos companheiros;
 Rindo e cantando vem! É gente amiga,
 Que vem unir-se a nós; eu a esperava.»

Gritos de almo prazer soltaram todos,
 E as selvas resoaram de alegria.
 Correndo em confusão receber foram
 Os de Aimbire tão caros companheiros.

Mal se encontram na taba, entre os applausos
 De quantos já por elles esperavam,
 Para Aimbire os Francezes se dirigem;
 E o principal d'entre elles abraçando
 O chefe da cohorte Americanas,
 Na lingua do paiz lhe diz: «Amigos,
 Eis-nos todos aqui para ajudar-vos,
 P'ra vencer ou morrer a vosso lado.

P'ra a guerra estamos promptos, si p'ra guerra
 Hoje vos preparaes. Os nossos braços
 Por vós dardejão ardentes raios
 Contra os vossos insanos inimigos.
 Se vingar pretendes os frios ossos
 De vossos pais e amigos, dos insultos
 Dos feros Portuguezes, concedei-nos
 A gloria de verter o nosso sangue
 Em tão sublime empreza, que adoptamos
 Como si o mesmo céu nascer nos visse.»

Então o bravo chefe dos Tamoyos
 Dest'arte replicou: «Chegais a tempo:
 Ha bem pouco brilhava o sol nos montes,
 E ouviu-me celebrar os grandes feitos
 Do rochedo, em que juntos pelejamos.
 Não sois estranhos, não, a esta gente,
 Que já vos considera como amigos.
 Em vós o coração desmente a pelle,
 Cuja côr nos tem sido tão funesta.
 Os raios vossos nos serão propicios
 Contra os nossos cruéis perseguidores.
 Vinde; nossas cabanas vos esperam;
 Do nosso vinho bebereis comnosco
 No banquete frugal da despedida.
 Si da marcha chegais afadigados
 Nossas rêdes p'ra vós estão suspensas
 E nem vos faltarão gentis mulheres,
 Que alegres velarão a vosso lado,
 A gloria de servir-vos aspirando.»

Agradeceram elles a seu modo
 Tão grato acolhimento, e para o campo
 Entre applausos geraes se encaminharam.
 Alguns mais folgazões e galhofeiros
 Iam garganteando, ou já pulando,
 Com que mais aos Tamoyos alegravam,
 Que mui amantes são do canto e dansa.

Eis chegam: logo um côro de donzellas
 De coma flutuante, e mal cobertas
 Co'um tecido de pennas de tocano,
 Tão esbeltas no talhe que venciam
 As mais bellas palmeiras d'estes bosques,
 Ante elles assomando graciosas
 Lhes offertam em cúias coloridas
 O ardente nanauy, e outros diversos
 Saborosos licores, que ellas mesmas
 De fermentados fructos extrahiram.

«Sejais bem vindos, dizem; para servir-vos
 Aqui nos tendes, bravos estrangeiros.»
 E n'isto os vão das armas despojando,
 E dos pesados mantos embebidos
 De poeira e suor. — «Vinde comnosco,
 Lavai n'esta agua pura as mãos e o rosto,
 E si o corpo vos pede algum descanso,
 Nas nossas rêdes repousai tranquillos.»

«Afadigado foi nossa viagem

Por incultas veredas, disse um d'elles
Que a lingua do paiz melhor fallava:
Mas quem pôde trocar grata vigilia,
No meio do festim dos homens livres,
E á sombra d'estas arvores amigas,
Pelo somno, que irmão do esquecimento,
Vos viria roubar aos nossos olhos?
Olhos cheios de imagens deleitosas,
Só cançados de ver ao somno cedem.
Deixai, gentis meninas, que elles gozem
Das graças naturaes do vosso porte:
Qu'elles nadando em ondas de ternura
Fixados sobre vós se fartem hoje
De um prazer, que talvez bem pouco dure.»

Como apraz o louvor! Quão gratas soam
As meigas expressões! Nem da espessura
As virgens, pouco afeitadas taes mimos,
Desdenhosas se agastam escutando-as!
É feminil instincto o ouvir finezas,
Que, se amor não inspiram, nunca offendem.

— Como te chamas, estrangeiro amavel?
Com terna voz pergunta uma das moças
Em quem mais juventude resplandia,
E que á frente das outras se ostentava
Tal como o chupa-flor entre as mais aves.
(Continúa)

A VIRTUDE DE DOIS ANJOS

A eterna patria...

Oh courage, ó mon coeur, la patrie est en Dieu.

LAMARTINE

Como é feliz o Arabe de cima do rochedo
Voando p'ra o deserto no seu corsel ardido!
Na areia abrasadora mergulha os pés sem medo,
Como o aço ardente n'agua, passando em surdo ruido.

Assim n'oceano árido, qual nauta ousado vóa,
Cortando as séccas ondas com peito de golfinho;
E como a flecha rápida lá n'amplidão se escóia
Ao turbilhão se arroja... aguia d'ethereo ninho.

O meu corsel é negro, como a aza da procella,
Em sua fronte brilha uma estrella, como a aurora;
Ao vento se estadeia com sua clina bella,
Á luz dos seus pés brancos até a luz descora.

Vóa, vóa, meu bravo, com teus pés flamejantes,
Illumina as montanhas, as florestas, o espaço!
Reflectem-se em teus olhos os fogos dardejantes,
De que Deus c'róia a noute com seu potente braço.

Que importa, meu querido, que a sombra da palmeira
Te afague? seu abrigo despreza, e o seu verdor!
E a coma susurrando na brisa derradeira
Sorria tristemente do teu valente ardor...
As rochas de granito, os espectros do deserto,
Que guardam as fronteiras da luz, da claridade,
P'ra ti voltam seu rosto, de negros véus coberto,
Ameaçam estorvar-te no vôo á immensidade.

II

Insensato! onde corres? brada a noute,
Por entre a escuridão e a densa treva!
Vibrando do terror pavidamente,
Envolta em fumo a face negra e seva.

Contra as flechas do sol o doce abrigo—
—Não acharás jámais, sombra serena;
De palmeiras a fronde, oasis amigo,
Nem agua crystallina, ou estancia amera.

No deserto ha dos céus a immensa estancia,
Onde os rochedos pousam a cabeça,
Onde as estrellas dormem, e nem a ancia
De humana dor talvez lá se adormega.

III

Assim bradou a noute, e eu arrojado
Corri, corri, deixando vergonhosa
Atrás de mim 'sconder-se entre os rochedos
A triste escuridão da densa treva,
Ouviu suas ameaças negro abutre,
E julgou, pobre louco, do deserto
Fazer-me escravo a mim, e já rasgando
Os ares furioso me perseguia.
Trez vezes minha fronte destemida
De negra corda cerca.

IV

«Eu sinto, eu sinto o cheiro d'um cadaver!
Cavalleiro insensato, onde te arrojaste
No teu corsel ardido?...
Tu buscas teu caminho entre o deserto?
Tu buscas o teu pasto entre as areias?
Dos ventos o rugido
Só pôde aqui passar, e o arido pasto
Só gostam as serpentes.»
Assim bradava o abutre ameaçando-me
Com as garras luzentes.
Tres vezes nos medimos, e tres vezes
A morte se assentou por sobre os flancos
Do meu corsel ardido.
Mas vóa, meu corsel, avante, avante,
Ao longe o abutre fica, immovevel, no âmbito

Infinito do céu, qual negra mancha
De nuvem precursora da procella.

Vôa, vôa, meu bravo com teus pés flamejantes
Rochedos e abutres, que importam? fende o espaço!
Reflectem-se em teus olhos os fogos dardejantes,
De que Deus c'róa a noute com seu potente braço.

V

Alva nuvem ouviu do abutre as ameaças,
E sob o céu azul desprende as azas lassas,
E envolve o meu corsel!
E quer no ethereo espaço assim correr intrépida,
Voar como elle voa além da areia tépida,
E o céu como docel!
Afflicta descansou, e sobre a sua cabeça
Na voz do vento irado assim se lhe arremeça.

«Onde vaes, insensato, aonde corres?
O calor queimarás teu peito exausto;
Nem rociará o orvalho a tua fronte
D'ardente pó coberta; a lymphá suave
Não gemerá por ti; dóce requiebro
Da viração da tarde maviosa
Não ouvirás no espaço afogueado.
Antes que a tarde cáia o vento iroso
Em lufadas de areia té absorve,
Sustando ao teu corsel o ousado vôo.»

Em vão ameaçou-me; eu corro ávante,
E a nuvem fadigada vacillára
Sob o céu, apoiando a alva cabeça
Contra um rochedo. Então voltei meus olhos
E na triste orladura do horizonte
A nuvem descobri ao longe, ao longe.
Ao seu aspecto vi que aspera lucta
Se travára em sua alma; surda raiva
A coloriu de sangue, após a inveja
Fel-a amarelecer, e a desesperança
Da negra côr da morte escurecendo-a
A sepultou nas sombras dos rochedos.

Vôa, vôa, meu bravo, com teus pés flamejantes;
Abutres, rochas, nuvens, que importam? fende o espaço!
Reflectem-se em teus olhos os fogos dardejantes, [ço
De que Deus c'róa a noute com seu potente braço.

VI

Com meus olhos rodeei todo o horizonte.
Como se eu fôra o sol, ninguém vivia
Na immensidade, e o céu tremeluzia,
Como um sorriso de donzella insonte,
E a natureza eterna alli dormia,
Como o rumorejar de fresca fonte.

Allah! Allah! serei o homem primeiro,
Que rue n'esta solidão? além no areal
Vejo fulgir as resteadas d'um luzeiro...

Será viajante incauto, anjo do mal,
Ou salteador de peito carniceiro,
Que ensaia a folha hervada do punhal?

Ai phantasmas da noute, são brancos cavalleiros,
E seus corseis mais brancos, que da mortalha o alvor!
Quem sois vós, filhos do homem? sereis os caminhei
Do mysterio da noute, do pallido terror?.. [ros

Oh Allah! são cadáveres! antiga caravana,
Que a areia do deserto cobriu d'argenteo pó!
Eu vago entre esqueletos! envolve-me essa flamma
Da maldição dos mortos! Meu Deus! deixas-me só!

Sobre ossadas de camêlos
Pousam esqueletos frios,
Como da campa os regêlos!
Pelas orbitas mirradas
Das maxillas descarnadas
Rubra areia jorra a flos,
Como lagrimas ardentes,
Ou ameaças vehementes,
De profunda maldição!
Oh Allah! teu servo ampara
N'esta funda solidão!

A voz da morte me brada,
Onde corres?.. negra estrada,
Que te leva ao furacão!..
Corre, corre, cavalleiro
Ao alento derradeiro!

Vôa, vôa, meu bravo, com teus pés flamejantes,
A maldição dos mortos, que importa? fende o espaço!
Reflectem-se em teus olhos os fogos dardejantes
De que Deus c'róa a noute com seu potente braço.

VII

O furacão mais negro, a tempestade
D'Africa adusta passeava ousada
Do deserto por sobre a immensidade,
E d'entre a areia ardente rugue e brada:

— Que vento é esse de meus jovens filhos
Com sua pequenissima estatura,
Que ousa seguir os mysteriosos trilhos
Do deserto, do cahos, da noute escura?..

Rugindo sobre mim investe ardido,
E marcha qual pyramide luzente;
Vendo um pobre mortal de horror transido,
Raivoso fere a terra em furia ingente.

Meia Arabia tremeu, e suspendeu-me
O vento do demonio em sua juba!
Então das fundas trevas pareceu-me
Ouvir de mil exercitos a tuba.

Como abutre illaqueou-me em negras azas,

Envolveu-me no immenso turbilhão;
E do deserto nas campinas razas
Eu vi passar o sôpro d'um vulcão.

Saltei, e combati, os nós rompendo
Do gigantesco laço, enea cadeia;
E mordo e despedaço o monstro horrendo,
Calcando-lhe a cabeça de ignea areia.

Como etherea columna, de meus braços
Quer escapar-se, e rue desbaratado!
Os seus membros enormes fogem lassos,
Como a nuvem do pó ao vento irado.

Seu cadaver grandissimo se espalha
Na amplidão do deserto, amortecido,
Como dos mundos a final muralha,
Que por balisa Deus lhes tem erguido.

Vôa, vôa, meu bravo, com teus pés flamejantes,
A aza da tempestade que importa? fende o espaço!
Reflectem-se em teus olhos os fogos dardejantes,
De que Deus crôa a noute com seu potente braço.

VIII

Agora a vida, a luz, aureas estrellas
Eu fito com orgulho, e ellas me fitam
Com seus olhos brilhantes. No deserto
Só vejo o céu e Deus! oh! come é dôce
Respirar livremente em toda a força
Do seu peito, e eu respiro; a liberdade
Inebria-me, o amor queima-me o sangue,
E todo o ar do Arabistan não basta
A meus largos pulmões. Oh como é dôce
Olhar d'aquí o espaço, a immensidade,
Abrir livres os braços!
Ai parece-me que abranjo este universo
Do Oriente ao Occidente, e vou como a aguia,
Como o olho do sol d'um a outro polo.
Meu pensamento vôa como a flecha
Ao céu, a Deus, á gloria, á liberdade!
E como a abelha em si a farpa embebe,
E morre entre alvas flores, a minha alma
Vae atufar-se em Deus, do céu no abysmo.

G. F.

Exotica

(Continuado do n.º 8)

I

Quem conheceu Benjamin Felicio? Quem se lembra ainda d'aquelle pobre rapaz de cabellos compridos, cara de idiota, olhar estúpido e modos abeatados, que andava sempre pelas igrejas, ouvia uma duzia de missas todos os dias, e arranjava jarras de flores em todas as festas de todos os sanctos do calendario?

Benjamin Felicio tinha uma alma de verdadeiro sacristão; não vestia sotaina de panno azul, nem punha na cabeça chapéu de dois bicos, nem azojava os ouvidos do publico, tangendo pelas ruas a enorme campainha da sua igreja; mas era apezar d'isso um devotissimo ajudante do seu padre cura e um infatigavel director de procissões, e outras selemnidades religiosas.

O seu fraco eram funções das freiras. Os maledicentes, os que não sabem avaliar a dedicação do homem, chacoteavam d'elle, accusando-o de guloso, porque gostava de receber á grade alguns cartuchos de dôce, premio dos seus trabalhos de festeiro; mas Benjamin Felicio castigava-os nos outeiros, glosando motes, e fazendo satiras contra os seus detractores, que elle chamava gallicanos, querendo dizer anglicanos, no meio de uma decima á Prioriza ou Abbadessa do seu convento predilecto.

Uma vez Benjamin esqueceu-se do seu credo, e foi profanar-se em certo divertimento mundano, onde havia danças prohibidas, como as de mulheres novas e bonitas com homens de casaca e luva branca.

Tinha sido convidado para aquelle pandemonium para recitar um epithalamio á dona da casa, que se lembrára de provar as delicias do matrimonio, com grave desgosto do poeta, que em todos os anniversarios da bella Maria de Gonzaga fizera um « madrigal lórpa » para lhe exaltar as virtudes.

No meio das suas devoções rotineiras, mesmo quando batia nos peitos, o homem sacristão lembrava-se sempre do rosto feliceiro de Maria, e só pedia ao seu confessor, que lhe desse um remedio para aquella sugestão do diabo.

— Quando lhe vier semelhante tentação, pi-que o braço esquerdo com um alfinete grosso, dizia o bom do padre; e se ella continuar entere-o na carne até á cabeça.

II

Estava Benjamin Felicio no baile. Aquelle mundo era novo para elle. A profusão de luzes e de mulheres formosas entontecia-o. A lampada humilde da sua igreja não lhe deslumbrava tanto os olhos mortiços; e as velhas rezadeiras, que faziam a via-sacra aos domingos, não lhe contendiam tanto com os nervos.

Os seus peccados levaram-no a valsar com a rainha do baile, mulher que já se ria muito dos seus versos, e que queria expôl-o agora á zombaria dos outros.

O homem valsou contrafeito; mas quando o compasso redobrou de ligeireza — perdeu o equilibrio, e cahiu desastradamente. O publico riu a bom a rir, e Maria de Gonzaga estalou os espartilhos com gargalhadas desenvoltas.

Benjamin Felicio levantou-se, como pôde,

encostou-se a uma cadeira, e desatou a chorar, como uma criança.

Um dos seus officiosos amigos quiz consolal-o, lembrando-lhe a vida de Sancta Thereza de Jesus, sua especial devoção.

Elle voltou-lhe as costas, e sahio da sala desorientado. Quando o chamaram para recitar os versos em louvor da sua musa ingrata, veio com passo grave e pausado, deu ao rosto um ar de afflicção melodramatica, e proferiu estas solemnes palavras.

— Eu fiz uma ode em louvor e gloria (aqui havia falta de modestia sem intenção) da sr.^a D. Maria; mas depois do que me aconteceu só pôsso fazer elegias á minha perdida felicidade. Adeus.

As senhoras que o viram assim contristado, e com o rosto affligido, receiaram que a desesperação o levasse ás portas da morte, e correram atrás d'elle, rindo e gritando.

Agarraram-no pelas abas da casaca, e não o deixaram sair. Ao contacto imprevisito de tantas mãos mimosas e bonitas Benjamim deixou-se prender, e mesmo sentiu uns calefrios, que não tinham nada de semelhança com o frio que o tolhêra, quando elle madrugava no inverno para ajudar á missa do seu padre cura.

Aquellas mulheres que se riam, e batiam as palmas, e o rodeavam e o acariciavam, pareciam-lhe pleiadas luminosas, estrellas formosissimas, aos seus olhos encantados de verem que tantos anjos o arrastavam a elle para um céu aberto, que o seu confessor lhe promettia só depois de morto.

— Oh minhas queridas senhoras! eu vou, eu vou, exclamava elle, empuxado por todos os lados, no meio das risadas dos circumstantes.

— Ha de-nos recitar a sua ode, senhor Benjamim, dizia uma.

— Ha de-me improvisar uma decima aos meus olhos azues, gritava outra.

— Ha de fazer-me um acrostico ao meu nome, esta noute, acrescentava ainda outra.

E todas o cercavam, acarinhando-o com sorrisos e afagos, compondo-lhe o cabello, ageitando-lhe o laço da gravata, amimando-o com variadas meiguicês, finalmente fazendo d'elle um verdadeiro Benjamim Felicio.

Acercado de tão doces companheiras, e instado com tão deliciosos pedidos, não resistiu á tentação, nem picou o braço esquerdo o pobre rapaz. Recitou.

Ora diga-se depressa, que os seus versos não eram de todo detestaveis, e as mulheres, que são as melhores apreciadoras de versos, gostaram da ode. Apenas elle acabou de recitar, era ver como todas o applaudiam, dando-lhe ramos e abraços e cordões, e outros mimos feminis, primando todas em louvores e admirações.

Felicio não cabia em si de contente, e até, para cumulo de gloria e felicidade, Maria Gonzaga deu-lhe uma rosa branca, que foi de certo para o feliz poeta o presente mais suave d'aquella noute auspiciosa.

III

Eu conto uma historia verdadeira, e a verdade n'este mundo é quasi sempre o absurdo.

Benjamim Felicio, depois d'aquella noute, não tornou a ouvir doze missas diarias, nem a comer doces ás grades das freiras velhas e rubugentas,

A imagem de Maria de Gonzaga, vestida de branco, enfeitada com a brilhante grinalda d'esposa, formosa como as mulheres de Salomão, internou-se-lhe no espirito.

Incendiou-o o amor culposo da mulher do seu proximo.

A rosa branca, presente da sua amada, collocou-a elle no logar privilegiado, onde tinha o livro da vida de Sancta Thereza de Jesus. Fez-se uma revolução n'aquella alma, bem disposta para o ascetismo, e renegou de todas as visualidades mirificas das bemaventuranças d'além mundo, dispondo-se a rezar uma oração á sua *nova padroeira*.

Assim o effeitouo. Damejou por quinze dias ininterruptos—Maria de Gonzaga; escreveu-lhe quinze cartas com trezentos versos, a razão de vinte por cada carta, e fez-lhe uma duzia de vizitas.

O marido não desconfiava da assiduidade, com que Felicio frequentava a sua casa, porque o homem não era para infundir suspeitas, nem atizar zêlos. Maria de Gonzaga é que se hia aborrecendo dos galanteios do ex-sacristão reformado.

— O senhor Benjamim incomoda-me com as suas declarações d'amor, disse-lhe ella n'um dia de enfado. Não vê que não devo, nem quero, dar-lhe ouvidos?

— V. ex.^a é a vida da minha alma; é hoje a minha unica felicidade, toda a minha ambição. Repilla-me, mas consinta, que lhe falle d'este amor, que eu tenho gravado no amago do meu ser. Se v. ex.^a me expulsar de sua casa, e não tiver pelo menos a caridade de me soffrer algumas vezes na sua presença, eu fujo d'este mundo, como do inferno.

— Eu tenho pena d'essa loucura, dizia D. Maria com um sorriso de compaixão, e disfarçada zombaria, e é por isso que tenho a paciencia milagrosa de lhe tolerar as amorosas confissões; mas será bom que o sr. Benjamim me não persiga tanto com as suas visitas, mesmo porque me podem julgar tão simploria, que lhe aceite a côrte; e n'isto periga a minha reputação de mulher e d'esposa.

Fecha-me por tanto v. ex.^a a porta de sua

casa, não é assim? perguntou o infeliz, dando ao rosto um ar de penitenciado.

— Mas não lhe fecho as portas da minha estima; sacrifico-o ás conveniências, que todos devemos respeitar.

— E não me deixa ao menos uma esperança a este amor, disse titubeando o parvo, e cahindo de joelhos diante de D. Maria.

Ella respondia-lhe com uma gargalhada diabolica, a tempo que o marido entrava na sala, surpreendendo o Benjamim Felicio n'aquella postura beatifica.

— O sr. Felicio enganou-se provavelmente. Imagina-se diante d'algum sancto da sua devoção. Isto não é nenhuma igreja, nem aqui ha altar onde se ajoelhe. Vá ajudar ás missas do padre cura, e não me ponha mais o pé em minha casa, percebeu?

— Amo-a tanto, senhor!

Esta simples confissão d'amor á mulher do proximo presente açulou as iras do bom do marido, que castigou a Benjamim Felicio, levando-o pelas orelhas até á porta da rua.

Depois d'isto começou escurecer-se a vida do pobre rapaz. E' singela e tocante a narração das suas aventuras, a contar d'aquelle dia aziago.

Cifra-se em duas palavras: amar e soffrer.

(Continúa)

G. F.

GASPAR

Ora, se não sei eu quem foi teu pae! Fidalgo; sei perfeitamente bem. O que eu não sei, Gaspar, é o que vem, N'esta vida fazer quem já lá vae.

Já se vê que é aos paes que a gente sabe. Tal pae, tal filho: sim, duvida alguem, Que um pae se é como o teu, homem de bem, Tu és homem de bem como teu pae?

D'isto não ha quem possa duvidar. Mas queres um conselho que eu te dou? Não bulas n'isso... cala-te, Gaspar,

Que eu cá por mim bem sabes como eu sou; Mas é que outro talvez mande tirar Certidão de baptismo a teu avô.

JOÃO DE DEUS

CHRONICA

O chronista é um verdadeiro ciceroni, que toma com toda a ingenuidade o publico por um estrangeiro, e lhe diz com um sangue frio a toda a prova: — *atravessemos, signori, a ci-*

dade que ri, a cidade que chora, a cidade que dorme, a cidade indolente, a cidade das artes, das loucuras, do talento, enfim este mundo microscopico, onde o Dr. Pang oss vive bem, e Gilbert muito mal. Entre os dous medeia um mar infinito, por cujas vagas marulhadas viaja o chronista, correndo sem se afogar como o Apostolo.

Verdadeiro *hidalgo* hispanhol, como um heroe de Chalderon, o chronista acha a vida magnifica envolto na sua capa de farrapos. Sentado sobre o capitel rendilhado d'uma columna partida, é como *lo Dios Termino*, que ás portas d'Alhambra pede esmola ao viajero, cantando um velho romance do Cid.

O chronista encara as cousas sempre pelo melhor lado, envolvido na sua grandeza e dignidade, dá um sorriso de piedade, aos que passam a vida, correndo atrás d'um ideal, d'um sonho, ou illusão que por fim nem mesmo se chega a realisar no rosto de gentil mulher.

Ah! ah! senhores philosophos, diz o chronista dando larga palestra á sua individualidade,—que descobristes com as vossas noutes de insomniã, e o vosso estudo aturado de todos os livros que se publicaram desde Platão até nós? Uma grande verdade, que não sabeis nada.

— É muito pouco, passae...

Vinde, senhores poetas: que cantilena é essa que estaes para ahí a entoar? O céu é azul! bem vejo: a brisa cicia nos salgueiros! póde ser. A dama dos vossos poemas é bella, tem pés de fada, e negros olhos, e... tudo isso é lindo, mas... o mundo chama-vos loucos, e morreis n'um hospital.

— Para ir tão perto, escusaveis de partir de tão longe! passae...

Prosadores, romancieiros, amadores de letras gordas, enfim caminheiros do paiz da imaginação; confessaes francamente, que andaes a illudir moços imberbes, donzellas e thias, com as vossas novellas douradas, que o vosso editor nos impinge em oitavo francez?

— É muito o que fazeis, mas vale muito pouco... passae depressa...

Fica o chronista, o pobre da litteratura, o lazaroni das sciencias; homem que sabe pouco mais que um ciceroni, ingenuo e d'aparencia inoffensiva, que agrada a freiras, thias e alguns amigos de seu pae.

Eis a sua definição. Vejambz agora o que elle faz.

— Ecco il teatro *tragico* de D. Luiz!

— Signori, ecco il teatro Academico.

Isto diz o chroniqueiro, que para em tudo se assemelhar ao ciceroni até *capisca* italiano: depois conta com voz plangente a historia dos dous theatros.

— Signori, n'este sitio existiu outr'ora uma grande igreja, consagrada a um sancto ainda maior, fundada, segundo reza a tradição, por um dos nossos reis, n'um dia em que voltára de renhida batalha á mourama infiel. Infelizmente as cousas profanas, n'este seculo, escurecem as sagradas, do que resultou desaparecer a igreja, e levantar-se o theatro.

— Mas em tudo isso, senhor chronista, não vejo eu historia, que me commova, nem drama, em que entre tyranno: e, ou esta terra é de uma vida burguezissima, ou você d'um engenheiro infeliz.

— Nem uma cousa, nem outra; escute *Excellenza* e pasmará.

Já tinham havido muitas recitas n'este theatro, quando uma noite, no momento, em que os actores se banquetevam lá dentro, appareceu a estatua do sancto, e com um sangue frio de inglez, se sentou á meza dos convivas.

Frijidus horror membra quatit, diria o meu compatriota Virgilio.

Os actores estavam lividos, como D. Juan Tenorio, quando viu a estatua do Commendador: houve porém um mais corajoso, que chegou ao sancto um prato de bifes.

Esta delicadeza não impressionou o sancto: pelo contrario levantando o braço coberto de ferro bateu com o guante sobre a meza. Houve então nma dança diabolica dos copos, que se chocavam, horrorisados; e até aconteceu desmaiar o ponto, e cabir debaixo da meza.

Todo o mundo tractava de fugir, quando o sancto assim fallou:

— Por dous grandes crimes, gente nescia, estaes condemnados ás profundezas do inferno, — primó *porque abusaes da attenção do publico*, secundó *porque fustigaes a minha paciencia*: a minha dignidade não desce a explicações. Disse: e sumiu-se por um alçapão do palco.

Desde então o theatro fechou-se; e o publico passava, e repassava, mas só deparava com um cartaz rasgado, e nunca com o sorriso agradável do bilheteiro. Aconteceu é verdade abrir-se muito depois, mas foi só para nos mostrar alguma celebridade da capital.

Mais podia contar d'este theatro, mas doume pressa em fallar do Academico. Este teve bons principios; mas pelo correr dos tempos metteu-se com *más companhias* e perdeu-se. Não quero n'isto dizer, que o signori Callado, o signori Parente e o signori Miranda sejam menos actores, não *Excellenza*, pela Madona o juro; mas o certo é que *aquelles mulherinhos* que alli apparecem, com pellos na barba como as feiticeiras do Machbeth, illudem-se a si, mas não conseguem illudir o publico.

O theatro Academico é um velho doente que não quer morrer; ás vezes sobre o seu cadáver

ver, vem o Genio lançar flores; então o decrepito, o paralytico da arte, julga-se nos dias da juventude e principia a sorrir, almejando a vida; mas o lampejo passa, e o estertor continúa!

— Vejo senhor chronista, que Vossa Mercê vae *fazendo estylo!*

— E' verdade *Excellenza*: ha tres pontos que demandam estylo.

— Diga o primeiro?

— Quando se falla da morte.

— O segundo?

— Quando se falla da queda do Imperio Romano.

— E o terceiro?

— Quando se escreve ao namoro!

Sirva de exemplo, o sr. Francisco Andraès; que apesar de ter tres barrigas, *fez estylo* gongorico quando escreveu ao namoro (1).

Com tudo isso, dirá agora v. ex.^a, não sei senhor revisteiro onde quer chegar! ainda não falou da *minha ultima toilette?*

Minha senhora eu sou apenas um revisteiro officioso, e não official; o verdadeiro chronista já disse que v. ex.^a era um anjo!

(1) Vide Annos de prosa do Sr. Camillo C. Branco.

L. JARDIM.

Impressões sahidas dos prelos da Imprensa Litteraria

1863 e 1864

Principios elementares de Chorographia Portugueza — por F. M. Perdigão; 2.^a edic. 8v.^o fr., 26 pag.

Cathecismo pequeno de doutrina christã da Diocese de Coimbra, em 32.^o, 48 pag.

Tavora — romance do seculo xvii — por M. S. Alegre; 8v.^o peq., 152 pag.

O Ultramontanismo na Instrucção publica de Portugal — por José Leite Monteiro; 8v.^o fr., 96 pag.

Bosquejo historico da litteratura classica — por A. Cardoso Borges de Figueiredo; 4.^a edic., 8v.^o fr., 265 pag.

Manual de Processo Commercial — por José Ribeiro Rosado; 2.^a edic., 8v.^o fr., 332 pag.

Folhas ao vento — por Rodrigo Velloso; 8v.^o fr., 152 pag.

Estreias — por J. M. da C. Seixas; 8v.^o fr., 104 pag.

Poesias do Padre José Fernandes d'Oliveira Leitão de Gouveia; 2.^a edic. 8v.^o fr., 184 pag.

(Continúa)

UNIVERSIDADE DE COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA

